



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PALMAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO ACADÊMICO EM
COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE – PPGCom

HELAN DE SOUSA

**REDES SOCIAIS E SAÚDE MENTAL:
PROCESSOS SUBJETIVOS NO CAMPUS AVANÇADO LAGOA DA
CONFUSÃO**

Palmas/TO
2022

HELAN DE SOUSA

**REDES SOCIAIS E SAÚDE MENTAL:
PROCESSOS SUBJETIVOS NO CAMPUS AVANÇADO LAGOA DA
CONFUSÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade. Foi avaliada para obtenção do título de Mestre em Comunicação e Sociedade e aprovada em sua forma final pelo orientador e pela Banca Examinadora.

Linha de Pesquisa: Jornalismo, Mídias e Cultura

Orientador: Dr. José Fernando Patino Torres

Palmas/TO
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

S725r Sousa, Helan.

Redes sociais e saúde mental: Processos subjetivos no campus avançado Lagoa da Confusão . / Helan Sousa. – Palmas, TO, 2022.

196 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Palmas - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Comunicação e Sociedade, 2022.

Orientador: José Fernando Patino Torres

1. Redes sociais. 2. Comunicação. 3. Saúde mental. 4. Subjetividade. I. Título

CDD 302.2

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

HELAN DE SOUSA

**REDES SOCIAIS E SAÚDE MENTAL:
PROCESSOS SUBJETIVOS NO CAMPUS AVANÇADO LAGOA DA
CONFUSÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade. Foi avaliada para a obtenção do título de Mestre em Comunicação e Sociedade e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 29 /11/2022

Banca Examinadora:

Prof. Dr. José Fernando Patino Torres (UFT / UNB)
Orientador

Prof. Dra. Liliam Deisy Ghizoni (UFT)
Primeiro Avaliador

Prof. Dr. Daniel Magalhães Goulart (UNB)
Segundo Avaliador

Dr. Jonny Javier Orejuela Gómez
Terceiro Avaliador (EAFIT /Medellin-Colômbia)

Prof. Dra. Liana Vidigal Rocha (UFT)
Suplente

Palmas, 29 de novembro de 2022

AGRADECIMENTOS

Nesse tempo de estudos e pesquisas sobre a temática em questão, quero agradecer, primeiramente, a Deus e à espiritualidade divina que me acompanha em todas as circunstâncias da minha vida;

Agradeço a minha família pelo papel preponderante que exerceu na educação assistemática em plena sociedade capitalista e competitiva, na qual foram postos os fatores intrínsecos e subjetivos da relação parental e do respeito aos valores morais quase que esquecidos em plena sociedade hodierna;

Agradeço, ainda, ao Programa de Mestrado Acadêmico PPGCOM da UFT, por oportunizando-me essa experiência magnífica e enriquecedora que levarei para o doutorado com objetivos claros de sua implementação, a partir dos conhecimentos adquiridos em cada processo iniciado neste Programa;

E, ao excelente e humanitário professor orientador José Fernando Patino Torres, que, em sua maestria, soube conduzir o processo de vivência do mestrado não como sofrimento psíquico, mas como um aprendizado contínuo para pesquisas que elevem o cientificismo acadêmico em prol de melhorias para a sociedade em constante ascensão e repercussão, para o qual se propunha o papel do pesquisador em questão.

Não é possível pensar a internet sem estabelecer uma relação com seu “significado cultural” na vida cotidiana. A tecnologia interessa por que está ligada às práticas e ações das pessoas.

SOUSA, Helan. **Redes sociais e saúde mental: processos subjetivos no campus Avançado Lagoa da Confusão**. 2022. 196 f. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em Comunicação e Sociedade), Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2022.

RESUMO

As redes sociais fazem parte da vida de uma grande maioria dos internautas, por viverem em um mundo marcado implicitamente e explicitamente de informações que chegam rapidamente, viralizando a forma de ser e estar neste multiverso. A presente pesquisa traz uma investigação de como as redes sociais influenciam na saúde mental, em condições subjetivas, a partir de experiências vivenciadas pelos adolescentes no e para além dos muros do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins, Campus Avançado Lagoa da Confusão. Para tanto, fundamenta-se na Teoria da Subjetividade e na Epistemologia Qualitativa de González Rey. A pesquisa foi desenvolvida por meio da metodologia construtivo-interpretativa, com a participação de 04 estudantes do referido Instituto, do Curso Técnico em Agricultura. Os resultados da pesquisa são apresentados em 03 eixos teóricos: (01) Usos das redes sociais por parte dos/as discentes do IFTO; (02) Trajetórias virtuais nas redes sociais: mergulhando na dinâmica juvenil; (03) Aspectos subjetivos na interface entre redes sociais e saúde mental dos/as discentes. As conclusões da pesquisa apontaram para um campo da comunicação no qual os participantes são oriundos da geração “nativos digitais”, cuja representatividade social demonstra como as redes sociais se mostram na vida de cada um, a partir de aspectos subjetivos trazidos durante a utilização dos instrumentos em seus contextos individuais, sociais e culturais, alinhados ao maior desafio de planejamento, execução e conclusão desta pesquisa, com o atravessar da pandemia e do ensino remoto ao retorno presencial. Além disso, traz um olhar sobre o protagonismo juvenil como fonte enriquecedora para a comunicação e educação, repensando o papel discente dentro do ambiente educacional como um sujeito ativo do processo de construção da informação e disseminação desta, pois, com a teoria da subjetividade é possível pensar em uma nova dialética dos quais envolvam os atores da comunidade escolar em seus aspectos intra e extra muros.

Palavras-chave: Redes sociais. Comunicação. Saúde mental. Subjetividade. Orientação educacional.

SOUSA, Helan. **Social networks and mental health**: Subjective processes at the Lagoa da Confusão Advanced Campus. 2022. 190 f. Master's Thesis (Postgraduate Program in Communication and Society), Federal University of Tocantins, Palmas, 2022.

ABSTRACT

Social networks are part of the lives of the vast majority of Internet users, as they live in a world implicitly and explicitly marked by information that arrives quickly, viralizing the way of being in this multiverse. The present research brings an investigation of how social networks influence mental health, in subjective conditions, from experiences lived by adolescents in and beyond the walls of the Federal Institute of Education, Science and Technology of Tocantins, Advanced Campus Lagoa da Confusão. For that, it is based on the Theory of Subjectivity and on the Qualitative Epistemology of González Rey. The research was developed through the constructive-interpretive methodology, with the participation of 04 students from the referred Institute, from the Technical Course in Agriculture. The research results are presented in 03 theoretical axes: (01) Use of social networks by IFTO students; (02) Virtual trajectories in social networks: diving into youth dynamics; (03) Subjective aspects in the interface between social networks and students' mental health. The research conclusions pointed to a field of communication in which the participants come from the "digital natives" generation, whose social representation demonstrates how social networks are shown in each one's life, based on subjective aspects brought during the use of the instruments in their individual, social and cultural contexts, aligned with the biggest challenge of planning, executing and concluding this research, with the passing of the pandemic and remote teaching to face-to-face return. In addition, it brings a look at youth protagonism as an enriching source for communication and education, rethinking the role of students within the educational environment as an active subject in the process of construction of information and dissemination of this, because, with the theory of subjectivity, it is possible to think of a new dialectic that involves the actors of the school community in its intra and extra walls aspects

Keywords: Social networks. Communication. Mental health. Subjectivity. Educational guidance.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Campus Avançado Lagoa da Confusão	64
Figura 2 - Quadra Poliesportiva (Externo)	64
Figura 3 - Quadra Poliesportiva (Interno)	64
Figura 4 - Biblioteca	65
Figura 5 - Laboratório de Química	65
Figura 6 - Laboratório de Informática	66
Figura 7 - Laboratório de Hardware	66
Figura 8 - Refeitório	67
Figura 9 - Rampa de Acesso ao 1º Piso	68
Figura 10 - Corredor do 1º Piso	68
Figura 11 - Corredores das salas do 1º Piso	69
Figura 12 - Espaço Kids	70
Figura 13 - Horta	70
Figura 14 - Desenho metodológico do projeto de pesquisa.....	83
Figura 15 - Fanzine 01 - BJC.....	121
Figura 16 - Fanzine 02 - BJC.....	121
Figura 17 - Fanzine 03 - BJC.....	122
Figura 18 - Jornal Escrito 01 - BJC	123
Figura 19 - Jornal Escrito 02 - BJC	124
Figura 20 - Jornal Escrito 03 - BJC	124
Figura 21 - Jornal Escrito 04 - BJC	125
Figura 22 - Jornal Escrito 05 - BJC	126
Figura 23 - Jornal Escrito 06 - BJC	126
Figura 24 - Jornal Escrito 07 - BJC	127
Figura 25 - Dinâmica 01 - BJC.....	131
Figura 26 - Dinâmica 02 - BJC.....	132
Figura 27 - Dinâmica 03 - BJC.....	132
Figura 28 - Dinâmica 04 - BJC.....	133
Figura 29 - Dinâmica 05 - BJC.....	133
Figura 30 - Dinâmica 06 - BJC.....	134
Figura 31 - Dinâmica 07 - BJC.....	134
Figura 32 - Desenho 01 - BJC	136
Figura 33 - Desenho 02 - BJC	136
Figura 34 - Fanzine 01 - TBP	145
Figura 35 - Fanzine 02 - TBP	145
Figura 36 - Fanzine 03 - TBP	146
Figura 37 - Jornal Escrito 01 - TBP.....	147
Figura 38 - Jornal Escrito 02 - TBP.....	147
Figura 39 - Redações - TBP	151
Figura 40 - Fanzine 01 - APA	156
Figura 41 - Fanzine 02 – APA.....	156
Figura 42 - Fanzine 03 - APA	157

Figura 43 - Fanzine 04 – APA.....	157
Figura 44 - Fanzine 05 – APA.....	157
Figura 45 - Fanzine 06 - APA	158
Figura 46 - Fanzine 07 - APA	158
Figura 47 - Jornal Escrito 01 - APA.....	159
Figura 48 - Jornal Escrito 02 - APA.....	160
Figura 49 - Jornal Escrito 03 - APA.....	160
Figura 50 - Jornal Escrito 04 - APA.....	161
Figura 51 - Jornal Escrito 05 - APA.....	162
Figura 52 - Jornal Escrito 06 - APA.....	162
Figura 53 - Jornal Escrito 07 - APA.....	163
Figura 54 - Jornal Escrito 08 - APA.....	163
Figura 55 - Redação 01 - APA	165
Figura 56 - Redação 02 - APA	166
Figura 57 - Redação 03 - APA	166

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Projeto de Ensino	81
Tabela 2 - Execução Projeto de Ensino	81
Tabela 3 - Projeto de Pesquisa - Organização	81
Tabela 4 - Encontros Virtuais	82
Tabela 5 - Instrumentos	82
Tabela 6 - Encontros	83
Tabela 7- Instrumentos utilizados pelos participantes.....	87

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APL	Armando Paulo Leopoldo
APA	Ana Paula Andrade
BJC	Beatriz Janaina Caldas
CEP	Comitê de ética em pesquisa
CAAE	Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
COVID-19	Coronavírus disease 2019
ENEM	Exame nacional do ensino médio
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
PPGCom	Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade
UNIRG	Universidade de Gurupi
UFT	Universidade Federal do Tocantins
TO	Tocantins
TBP	Thaís Brito Pereira

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 Problema de Pesquisa.....	17
1.2 Delimitação do Escopo	25
1.3 Justificativa	25
1.4 Objetivos.....	30
1.4.1 Objetivo Geral.....	30
1.4.2 Objetivos Específicos	30
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	31
2.1 A Subjetividade nas redes sociais: uma relação entre seus atores	31
2.2 A Dialogicidade do indivíduo em relação às redes sociais	44
2.3 A Instituição educacional como orientadora do uso das redes sociais.....	53
3 METODOLOGIA.....	58
3.1 Marco Epistemológico	58
3.2 Metodologia construtiva-interpretativa.....	60
3.3 Garantias éticas da pesquisa.....	61
3.4 Campo de Pesquisa	62
3.4.1 Fotos do Campus	63
3.5 Cenário social da pesquisa	71
3.6 Participantes da pesquisa.....	73
3.6.1 Caracterização dos participantes	76
3.7 Estratégia de campo e análise das informações	80
3.7.1 Desenho metodológico da dissertação	83
3.8 Instrumentos da pesquisa.....	84
3.8.1 - Instrumentos apoiados em indutores escritos	85
3.8.2 - Instrumentos apoiados em indutores não escritos	86
4 ESTRATÉGIA E ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES.....	97
4.1 Dos participantes da pesquisa.....	99
4.1.1 Eixo 01: Usos das redes sociais por parte dos/as discentes do IFTO	99
4.1.2 Eixo 02: Trajetórias virtuais nas redes sociais: mergulhando na dinâmica juvenil ..	113
4.1.3 Eixo 03: Aspectos subjetivos na interfase entre redes sociais e saúde mental dos/as discentes.....	139

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	173
5.1 Contribuições da dissertação	175
5.2 Trabalhos futuros	176
REFERÊNCIAS	179
APÊNDICE 1 – TCLE (PAIS / RESPONSÁVEL LEGAL).....	190
APÊNDICE 2 – TALE (DISCENTE- MENOR DE IDADE)	192
APÊNDICE 3 – CONSTRUÇÃO DE INFORMAÇÕES – DISCENTES	193
APÊNDICE 4 – PESQUISA I.....	196

1 INTRODUÇÃO

A comunicação se faz presente de várias maneiras em nossas vidas, e a tecnologia contribui, significativamente, para que esse processo de interação dialógica chegue de forma mais célere através de várias plataformas digitais, por meio das quais a informação possa alcançar o indivíduo no instante em que se conecta a alguma mídia digital. Dentre essas plataformas estão as redes sociais, vistas como um meio de propagação da informação, a qual é gerada a partir de uma relação subjetiva entre seus atores e o que buscam na e para além delas. As múltiplas formas de comunicação, surgidas ao longo do tempo, acelerou o processo para todos os que fazem uso constante e quase ininterrupto das redes sociais. Essa é uma das razões pela qual há pesquisas abordando a relação entre o indivíduo e as redes e como elas se configuram nas suas vidas, como, por exemplo, o processo de adoecimento físico e mental no seio social e/ou individual no qual estão inseridos os atores, nessa dinâmica de convivência entre o virtual e o presencial.

Esta pesquisa é o resultado do que se propunha ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade (PPGCom) da Universidade Federal do Tocantins (UFT), em sua linha de pesquisa Jornalismo, Mídia e Cultura, a partir da problemática encontrada no campus Avançado Lagoa da Confusão do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Tocantins (IFTO): os constantes encaminhamentos de alunos ao setor técnico pedagógico do campus devido ao uso das redes sociais e sua relação com a saúde mental (dispersão nas aulas, crises de choro, postagens de suicídio, dentre outros), ensejando, assim, um olhar diferenciado para o que se propõe investigar, tendo por base a Teoria da subjetividade e o método construtivo interpretativo de Fernando González Rey.

Para a utilização da metodologia, segundo o autor, faz-se necessário uma imersão não só na problemática em questão, como na relação entre o pesquisador e os participantes da pesquisa. Dessa forma, foram planejados e executados dois momentos imprescindíveis para a realização e êxito do objeto em questão: o primeiro se concretizou com a realização de um projeto de ensino, no segundo semestre de 2021, a todos os alunos ingressantes do processo seletivo 2021.1. Esse projeto contou com uma carga horária de 60h e acabou gerando uma maior aproximação com os discentes, tendo em vista as visitas e encontros presenciais e virtuais ocorridos. O segundo momento ocorreu após a qualificação do pesquisador junto a banca do respectivo programa de mestrado acadêmico, no primeiro semestre de 2022. Dentre os 16 alunos que participaram do projeto de ensino, 04 aceitaram continuar com a imersão, construindo, em consonância com o pesquisador, um modelo teórico da representatividade

subjetiva na vida de cada um deles, que foram representados em eixos teóricos.

Para a construção do cenário social da pesquisa e atendendo aos princípios metodológicos da primeira experiência com os participantes, foram apresentados muitos instrumentos que se tornaram um leque de possibilidades para a construção das informações de cada participante. A proposta deixava-os livres para escolher como queriam trabalhar o objeto de estudo em cada encontro, sem qualquer rigidez relacionada aos instrumentos.

Com isso, por meio da análise das informações, observa-se que houve uma transposição de uso desses instrumentos. Considerando a dialética e prevalecendo as dinâmicas conversacionais propostas pelo próprio autor da referida metodologia, foi possível atrelar os instrumentos ao princípio criativo estabelecido entre o pesquisador e a subjetividade de escolha de cada participante da pesquisa, ocorrida de uma forma na qual ele se sentiam à vontade para mergulhar nesse processo de encontros e desencontros com o problema de pesquisa em questão.

Para uma melhor compreensão desta dissertação, esta se encontra dividida em cinco seções, tendo sua estrutura composta de: uma introdução, um referencial teórico composto por três capítulos, a parte metodológica, a análise das informações com os eixos teóricos, seguido das considerações finais. Por fim, apresentam-se as referências e os apêndices (1, 2, 3), sendo que estes fizeram parte para a construção e coleta de dados junto ao Comitê de Ética em pesquisa com seres humanos através da Plataforma Brasil.

Na Introdução é apresentado um apanhado das redes sociais e a contextualização em saúde mental para o contexto educacional. A problemática que gerou o presente projeto de pesquisa embasa-se nos constantes encaminhamentos dos discentes, realizados pelos docentes, para o setor técnico pedagógico. Além disso, devido à quantidade demasiada de queixas sobre problemas relacionados às redes sociais, foram realizados encaminhamentos a outros departamentos, como de psicologia e, depois, ao de psiquiatria, ensejando o cenário do projeto de pesquisa do mestrado acadêmico.

A construção do estado da arte da pesquisa foi realizada a partir da base de dados do Google Acadêmico. Tal feito trouxe uma relevância social, científica e acadêmica para o objeto de pesquisa, culminando com isso na utilização da metodologia do psicólogo cubano Fernando González Rey, o qual traz a teoria da subjetiva em sua epistemologia qualitativa com o método construtivo interpretativo, a fim de melhor se trabalhar a problemática da pesquisa, inserida no campo de estudos das mídias e comunicação, dando-lhe um carácter fidedigno cientificista aos seus resultados.

O capítulo 1, intitulado “A Subjetividade nas redes sociais: uma relação entre seus atores”, faz um apanhado da teoria da subjetividade de Fernando González Rey, por meio da relação do sujeito com o sentido subjetivo, configuração subjetiva, subjetividade social, subjetividade individual, sujeito e personalidade intercalada com a metodologia da pesquisa. Em seguida, estabelece-se uma dialética com as redes sociais e suas principais mídias, que são utilizadas pelos discentes no campus e, em especial, pelos participantes da pesquisa. Para tanto, trazemos as contribuições de Martinho (2014), Recuero (2009), Turkle (2020), dentre outros, que fazem da dinamicidade das redes uma relação configurada como sentido de experiência subjetiva para cada indivíduo, na e para a sociedade em que está inserido.

O capítulo 2, intitulado “A Dialogicidade do indivíduo em relação às redes sociais”, traz uma dialética conversacional entre os autores sobre os lados de convivência das redes em níveis emocionais que oscilam de acordo com várias atenuantes, tendo como uma escala de encontros e desencontros dentro das redes sociais, nas palavras de autores como Dias (2020), Griffiths (1999; 2005; 2010), Guedes (2019), King e Guedes (2014) e Young e Abreu (2011). Temos também Boyd (2015), Buffardi e Campbell (2008), Gigli (2004), entre outros, que trazem na dialética um processo subjetivo de como se encontra o indivíduo na e para as redes sociais.

O capítulo 3, intitulado “A Instituição educacional como orientadora do uso das redes sociais”, traz em seu bojo o princípio norteador do objeto de pesquisa atrelado com a presença do orientador educacional, com um papel voltado para uma dialética com os autores que estão na comunidade escolar e como eles se relacionam na e para além das redes sociais, expressa na fala de autores como Fialho e Sousa (2019), Moraes (2015b), Oliveira e Sales (2014), dentre outros, haja vista que problematizar situações vivenciadas pelos indivíduos é um fator preponderante e responsivo da instituição educacional para a formação de seus alunos na e para a vida.

Esta pesquisa ampara-se em contribuições de autores como Baccega e Rocha (2017), Boyd (2014), Castell (2003), Dias (2020), Estanislau e Bressan (2014), Fialho e Sousa (2019), França (2021), González Rey (2016), González Rey e Martínez (2017), Griffiths (2010), King, Valença e Nardi (2010), Marques (2016), Moraes (2015a), Moreno (2010), Oliveira e Sales (2014), Papacharissi (2017), Turkle (2020), dentre outros. Eles apresentam uma relação das redes sociais com suas movimentações pelo mundo através de concepções de carácter reflexivo e metodológico, no qual Fernando González Rey dialoga com o primeiro capítulo do referido projeto até o desenvolvimento de toda a metodologia, bem como com a análise dos dados da pesquisa, em uma contribuição que enaltece a dialética das redes e o papel que o

indivíduo apresenta dentro de cada contexto e ou experiência vivenciada por meio delas.

1.1 Problema de Pesquisa

Dentro do cenário social da presente pesquisa, faz-se necessário um olhar e um refletir sobre o que se preceitua os encaminhamentos constantes ao Setor Técnico Pedagógico pelos docentes, e alguns espontâneos partindo dos próprios discentes, do curso Técnico em Agricultura, do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Tocantins (IFTO), Campus Avançado Lagoa da Confusão¹, e como problematizam a relação das redes sociais dentro de suas vidas, em aspectos intra e extramuros escolares.

Tal elucidação é realizada ao se considerar alguns pontos, como o contexto escolar, os docentes envolvidos no processo ensino-aprendizagem e o papel preponderante do autor do referido projeto de pesquisa, o qual é o responsável direto do Setor Técnico Pedagógico desse campus, local onde ocorreram os atendimentos que nortearam o referido objeto de investigação científica.

Em um Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade, observa-se o caráter dinâmico das relações que se estabelecem com outras ramificações da sociedade. Por isso, como bem salienta França (2021), os problemas vividos pela área da comunicação são explicados – e por vezes, também camuflados – pelo debate sobre sua natureza interdisciplinar. Com base nisso, a referida pesquisa desenvolve um olhar subjetivo dos processos que se trazem e/ou se constroem dentro das relações sociais e/ou individuais.

Por sua interdisciplinaridade, faz-se necessário um entendimento sobre a relação entre comunicação e educação. Conforme salientado por Baccega e Rocha (2017), as transformações implicam, sobretudo às novas gerações, mudanças de sensibilidades - um novo *sensorium* -, disponíveis para os chamados idiomas da tecnologia: a interação com a realidade e a vivência cultural já não passam mais pelas falas animadas dos mercados em discussões sobre os preços ou pelas festas tradicionais de seu grupo, mas pela mediação do conectar-se ou desconectar-se dos aparelhos. Essas mudanças acarretam grande desconfiança por parte dos adultos, afinal, trata-se de uma nova práxis cultural que produz saberes e habilidades fortemente distintos dos anteriormente exigidos. Daí, atribuir à tecnologia a responsabilidade maior para o que é descrito como “decadência de valores intelectuais e morais” da sociedade é um passo muito pequeno e primordial para o que se assevera dentro da

¹ Pesquisa com seres humanos aprovada pelo Comitê de Ética da Plataforma Brasil, em 09/11/2021, parecer n°: 5.091.544.

educação em uma intrínseca relação com uma comunicação de muitas formas e faces. Com isso, nas atividades corriqueiras, observa-se que pode estar havendo controvérsias na separação do processo comunicativo para o proposto de um acelerado ritmo da instrumentalização, despertando nos indivíduos os estímulos para a curiosidade, à capacidade de iniciativa em uma compreensão da realidade chegando a uma recepção participativa.

Na área da comunicação, tem-se Rüdiger (1998), que vem contribuir com os estudos culturais através da escola de Frankfurt, tendo Theodor Adorno e Max Horkheimer como seus percussores. Mais tarde, esse movimento ganhou uma nova configuração, agora com a indústria cultural através das mídias sociais, que coloca a sociedade em um processo mercadológico e o indivíduo assume uma posição passiva frente aos meios de comunicação e informação. Ainda, segundo Castell (2003), a partir da revolução tecnológica, há uma ruptura na mudança de comportamento das pessoas, pois, imersas em um universo de constantes novidades e envolvidas numa teia de maravilhosas categorizações tecnológicas, passam de uma posição de consumidoras para produtoras dos meios de comunicação. É neste momento, portanto, que temos indivíduos participativos e ativos para o processo de construção e problematização das informações. E, nesses meios, a internet ganhou espaço, ampliando os horizontes dos indivíduos por meio das redes sociais, que impactam e abrangem uma quantidade cada vez maior de pessoas.

Dessa forma, uma notícia, que antes era vista apenas em momentos programados, está cada vez mais acessível, prescindindo do levantar-se da cama para que qualquer pessoa tenha uma completa atualização sobre os acontecimentos no país e no mundo. Além disso, sua ação pode contribuir ou propagar essas informações, fazendo com que cheguem a outras pessoas da sua rede de amigos on e off-line.

Das diversas camadas que compõem a sociedade, a instituição escolar atua como agente de formação dos seus educandos, para que, em cada aspecto de suas vidas, sejam desenvolvidas competências e habilidades necessárias para enfrentar os desafios da vida juvenil. E como estão os indivíduos do processo ensino-aprendizagem? Quais posturas e/ou comportamentos apresentam? Será que a instituição educacional vem preparando os seus respectivos alunos para a vida, considerando, dentre muitos outros, os seus aspectos subjetivos? Será que a educação e saúde mental andam juntas? Com tantos aparatos tecnológicos, como o indivíduo é visto nas escolas de hoje? O que está predominando no mercado educacional: Metodologia ou Tecnologia?

Essas são perguntas que trazem à tona uma reflexão aguçada sobre a realidade dos alunos dentro das dependências da instituição, bem como nas salas de aula, e o que trazem

para o processo de desenvolvimento psicoemocional. Pesquisadores, como Estanislau e Bressan (2014), reforçam que os problemas emocionais têm sido destacados no sistema escolar de ensino, no qual os educandos estão sendo afetados por algum tipo de problema mental. Essa temática vem adentrando as pesquisas em educação, multiplicando-se a partir dos debates de educadores em todo mundo sobre o que está acontecendo dentro dos muros das escolas. Muitas situações estão ganhando uma nova roupagem para o que se deve discutir, pesquisar e analisar a partir das configurações que estão presentes cada vez mais na formação dos educandos para além dos muros da escola.

Ainda dentro do cenário da saúde mental no contexto escolar, Estanislau e Bressan (2014) destacam que a demanda de alunos com algum tipo de situação emocional/comportamental vem preocupando educadores, de forma que, nos últimos anos, esses profissionais passaram a demonstrar altos índices de afastamento do trabalho. Nesse contexto, a falta de informações confiáveis e de orientação especializada tem causado insegurança, que, por sua vez, é um fator relevante para a distorção do olhar do professor, que passa a considerar como distúrbio mental o que não é, e vice-versa. O senso de impotência diante dos distúrbios acaba acarretando uma crescente dependência da figura médica, supostamente portadora de soluções rápidas, culminando em grandes controvérsias, como a medicalização.

Para Estanislau e Bressan (2014), é possível que o fenômeno da medicalização tenha como origem a falta de informação confiável. A subjetivação da informação leva ao desenvolvimento da autonomia, ao senso crítico e à democratização do conhecimento sobre saúde sendo benéfico à comunidade, evitando os vários encaminhamentos realizados pelas escolas ao sistema de saúde. Esses, em sua maioria, seriam equivocados, ocasionando sobrecarga desnecessária aos já escassos recursos terapêuticos.

Segundo os mesmos autores, nas últimas décadas, o paradigma da saúde mental evoluiu, extrapolando conceitos puramente biológicos, passando a considerar sintomas como fenômenos resultantes da interação complexa entre fatores genéticos, biológicos (questões estruturais do cérebro, hormônios, etc.), psicológicos, sociais e culturais, cujo processo entre saúde e doença deve ser considerado como um *continuum*. Relacionado a isso, outro aspecto recentemente incorporado a esse paradigma é o enfoque nos estados mentais de risco e na identificação precoce, valioso por possibilitar o aprofundamento da compreensão sobre os transtornos na sua origem e favorecer a elaboração de intervenções em um momento em que os transtornos ainda não estão fortemente instalados, propiciando tratamentos mais bem-sucedidos.

Para Vieira *et al.* (2014), a literatura em saúde mental identifica o sistema escolar como um espaço estratégico para discussões de saúde pública entre os educandos, passando a destacá-lo como principal núcleo de promoção e prevenção de saúde mental em crianças e adolescentes, atuando no desenvolvimento de fatores de proteção e na redução de riscos ligados à promoção de saúde como um todo. Pesa, nesse sentido, o fato de a escola concentrar, em um ambiente único, a maior parte da população jovem do país, por boa parte do dia, desde a primeira infância, desenvolvendo um trabalho sistematizado e contínuo, passível de ser adaptado. Escolas também são mais acessíveis à população que os serviços de saúde e propiciam a realização de intervenções com menos estigma para alunos e familiares. Além disso, como parte atuante nesse processo, o professor encontra-se em posição nobre por diversos motivos, entre eles:

ter experiência com diversas crianças de uma mesma faixa etária (permitindo uma observação mais crítica do comportamento de seus alunos); poder observar os alunos em diversos contextos (em tarefa, socializando, etc.) e por longos períodos de tempo; poder utilizar-se da flexibilidade do currículo para abordar assuntos relacionados à promoção de saúde mental; poder utilizar-se de seu papel de modelo como um “trunfo”, ensinando criatividade e bom senso no dia a dia (VIEIRA *et al.*, 2014).

Segundo Puura *et al.* (1998), o professor estaria na posição ideal para observar sinais como irritabilidade, isolamento social e queda no rendimento escolar, mas precisaria ser capacitado para identificar sinais precoces de problemas específicos, como, por exemplo, os sintomas de depressão, que podem ser facilmente interpretados como sinais de mau humor e preguiça.

Faz-se necessário contextualizar as problemáticas no contexto escolar, do que se discutia antes, somatizando com o surgimento das mais diversas mídias e suas implicações com o contexto hodierno. A partir daí, é possível construir uma dialética de como o indivíduo se coloca em meio a cada experiência vivenciada, como também, realizar um apanhado sobre a dinâmica entre comunicação e sua complexa relação dos indivíduos para além das redes sociais, envolvendo implicações sobre saúde mental e educação que se subjazem por meio delas. Para realizar essa reflexão, nesta pesquisa, recorre-se à teoria da subjetividade e epistemologia qualitativa de González Rey (2013a, 2014, 2016, 2017, 2019). Tem-se, portanto, uma orientação a partir de uma perspectiva que busca um entendimento sobre os processos psíquicos complexos humanos, constituídos como uma produção simbólico-emocional da experiência vivida, a qual não é exclusiva dos indivíduos, mas de todas as conjecturas e relações institucionais envolvidos na atividade humana.

Refletindo sobre o cenário atual, onde a maioria dos usuários da internet está inserida nas redes sociais, e que há uma conexão e cuidado permanentes com os indivíduos de diferentes idades, culturas, religiões dentre outras classificações, destaca-se que as redes sociais se abrem para um uso constante e versátil de possibilidades aos seus usuários, com uma grande variedade de atividades, indo desde um simples clique para ver uma notícia até a navegação nos *likes*, compartilhamento de informações, status dos perfis, seguidores e seguidos por pessoas das mais simples àquelas que se tornam celebridades nas e para além das redes.

Com isso, apresentam-se alguns pontos de observação e pesquisa sobre o uso das redes sociais, não apenas sobre os efeitos negativos, mas voltando-se para uma vertente de socialização dos indivíduos nas principais atividades por eles desempenhadas, bem como para uma reflexão em cunho de orientação sobre o uso das redes, construindo, por meio delas, uma ponte entre o pedagógico e o processo ensino-aprendizagem.

Para a construção das informações dessa pesquisa, recorreu-se às reflexões sobre o objeto de estudo dos indivíduos e sua relação com as redes sociais as quais foram divididas em três capítulos:

- 1) Subjetividade nas redes sociais: uma relação entre seus atores – neste capítulo, trazemos uma dialética sobre os processos subjetivos do indivíduo e sua relação com as redes sociais;
- 2) A Dialogicidade do indivíduo em relação às redes sociais – neste segundo capítulo, trazemos uma ênfase dialógica entre as diversas visões de autores para o papel que as redes assumem na vida dos indivíduos;
- 3) A Instituição educacional como orientadora do uso das redes sociais²- esta última reflexão norteia a necessidade de se pesquisar mais sobre os assuntos, haja vista que, na construção do estado da arte, apenas um artigo abordando o assunto foi encontrado, levando ao ineditismo do problema de pesquisa aqui proposto para a educação.

Contrária à realidade, para Souza, Santos e Freitas (2018), em um mundo volátil, incerto, complexo e ambíguo, coexiste a forte presença das redes sociais em todos os ambientes e espaços de vida dos indivíduos. É possível perceber a quantidade de portas que

² Fontes consultadas (critério de inclusão e exclusão):

https://docs.google.com/document/d/16OgMvTOvk9WV96_qbmp74Epne_VVII9eGJg_mKd1kzg/edit?usp=sharing; e, autores que dialogam com a temática: <https://docs.google.com/document/d/1FrSqEMJh6f4cDb9Ai3rmyd3f13vr bxW6Egs0havx-OY/edit>

são abertas e com elas uma gama de oportunidades oferecidas constantemente, em forma de bens, mercadorias e serviços. Uma dessas portas está relacionada ao sistema educacional de ensino, trazendo um desenvolvimento repentino de evoluções e práticas metodológicas inovadoras, a fim de atender aos anseios dos nativos digitais que prezam pelo imediatismo dos novos saberes da sociedade hodierna.

Mesmo com todas as contribuições que os aparatos tecnológicos trouxeram para a educação, persiste uma grande preocupação dos educadores com relação a sua utilização pelos discentes, a ponto de haver, inclusive, proibições do uso de qualquer aparelho tecnológico dentro das dependências da instituição. Tal realidade foi alterada com a pandemia, a partir de 2020, ou seja, o que antes era fator de preocupação e impedimento do processo ensino-aprendizagem discente passou a ser a mola propulsora para o que se denominou de “ensino remoto”. Contudo, a partir disso, verificou-se outro abismo entre os discentes: de um lado estava uma pequena parcela da população, que dispunha de toda infraestrutura em casa para o acompanhamento das aulas remotas; e do outro, a grande maioria, que, entre outras dificuldades, não dispunha do acesso às tecnologias, visto que o único celular da casa era de uso pessoal do responsável da família, causando com isso uma série de transtornos para a permanência e êxito dos alunos durante todo o processo educacional.

Um estudo recente de Fialho e Sousa (2019), com um público amostral de 15 jovens e 15 pais, mediante uma abordagem qualitativa das narrativas, com entrevistas e categorização dos dados, apontou vários fatores de comprometimento e agravos à saúde mental do grupo amostral da pesquisa. Constatou-se que a falta de acompanhamento dos respectivos pais e/ou responsáveis legais, bem como a falta de orientação educacional adequada de como esses alunos poderiam fazer melhor uso das redes, resultaram num baixo rendimento escolar desse alunado, além de quadros depressivos, ansiedade, angústia e evasão, demonstrando um problema emergente de várias realidades dos ambientes educacionais dentro e fora dos muros da escola.

O princípio norteador do problema de pesquisa se embasa em Oliveira e Sales (2014), com o termo “geração online”, na qual crianças, adolescentes e jovens do Brasil e do mundo nasceram conectados às tecnologias da informação e comunicação. Dessa forma, torna-se inconcebível a proibição do uso dessas tecnologias na instituição educacional, ou que elas sejam tidas como fator de prejuízo ao ambiente educacional, no que diz respeito ao processo ensino-aprendizagem, ou outras situações adversas do educando dentro desse contexto.

Sabendo que a comunicação está presente na vida de todos, e que a maneira como o indivíduo vem interagindo por meio das plataformas digitais está aumentando cada vez mais,

faz-se necessário trazer para estudo algumas conexões que estão diretamente ligadas ao processo ensino-aprendizagem, tanto no ambiente escolar quanto fora dele. Uma delas se pontua nas redes sociais, as quais se fazem mais presentes neste percurso comunicacional entre uma grande parte da população, em especial, entre os nativos digitais³. Contudo, o que não se discute ainda é que elas oferecem lados importantes a serem debatidos por todos que fazem parte do ambiente educacional, a fim de que se perceba quando ela está sendo útil para os atores ali envolvidos ou quando seu uso exagerado pode vir a causar problemas não apenas no contexto escolar, mas em outros momentos da vida de cada um, como se discute a seguir.

Partindo-se de uma problemática geral para o objeto de estudo da pesquisa, pontua-se que, no 1º período do Curso Técnico em Agricultura do Campus Lagoa da Confusão do IFTO, os discentes são encaminhados ao Setor Técnico Pedagógico, cujo responsável direto se configura como o autor do projeto de pesquisa, onde realiza o atendimento dos discentes, com base numa natureza exploratória e uma abordagem mista do serviço de orientação educacional (GIACÁGLIA; PENTEADO, 2010).

Dessa forma, constitui-se a seguinte situação: a partir do mês de fevereiro de 2021, com o início do semestre letivo, foram encaminhados mensalmente mais de 60 casos de atendimento de alunos: 55 estão relacionados às redes sociais e 05 não precisam diretamente de um encaminhamento a outros setores; 50 são direcionados para o departamento de Psicologia e 15, ao de Psiquiatria, independentemente dos direcionamentos dados pelo responsável do setor. Cumpre destacar, que, na instituição educacional, os atores envolvidos nesse processo possuem opiniões adversas, ou seja, na concepção dos docentes, a forma de se resolver o conflito está na proibição do uso de aparelhos celulares dentro do próprio campus, gerando a problemática das redes sociais e suas implicações. Por outro lado, os discentes explicam que vários fatores os fazem querer levar os aparelhos celulares, como a comunicação com os pais ou com amigos na hora no intervalo; a troca de opiniões sobre assuntos relacionados aos próprios trabalhos; e defendem que, embora alguns façam uso de *cyberbullying*⁴ e outros problemas vexatórios, não representam a totalidade dos discentes.

Neste ensejo, para formular as provocações dos problemas de pesquisa é preciso entender o que se apresenta na instituição e com seus atores envolvidos, como: a) dentre as redes sociais mais utilizadas pelos discentes, destacam-se o WhatsApp, Instagram e Facebook; b) os problemas relacionados a situações que estão ligadas aos alunos e atrapalham

³ Para Prensky (2001; 2006), os nativos digitais são aqueles que já nasceram inseridos com as tecnologias da informação e comunicação.

⁴ Nome dado ao processo de *bullying* que ocorre através de instrumentos tecnológicos, sobretudo, por telefones celulares e pela internet (SLONJE; SMITH, 2008).

o contexto escolar (mutilação, depressão oriunda da exposição ou falta das redes sociais, dentre outros); c) a fragilidade subjetiva está em perceber os papéis que as redes sociais assumiram na vida dos indivíduos a ponto de apontarem para o contexto escolar como fator de prejuízo para as aulas e outros vieses; d) sem uma orientação adequada, os discentes estão cada vez mais dependentes das redes e seu uso contínuo e repetitivo está ocasionando problemas tangíveis aos atores sociais envolvidos; e) dentre as queixas docentes, a que mais se prolifera é a questão da dificuldade de concentração discente diante das mais variadas experiências no contexto intra muro escolar. Assim, não se concentrando nos trabalhos das disciplinas, o estudante é encaminhado para o Setor Técnico Pedagógico; f) por outro lado, ouvindo os discentes, esses relatam que não entendem porque os professores não podem aproveitar os recursos tecnológicos, em especial, os celulares, que é de uso comum a todos, para fazerem aulas mais interativas, abrirem leques de grupos de estudos, fóruns de discussões, dentre outros; g) os discentes também relatam que os problemas não necessariamente são oriundos das redes sociais, apesar da culpa recair sobre elas. Existe uma problemática relacionada ao formato em que a sociedade se apresenta para as mídias sociais. h) em um universo amostral de 280 discentes regularmente matriculados, 272 têm aparelhos celulares, o que demonstra um grande potencial de comunicação.

A Instituição de ensino oferece dois cursos, um de nível superior e um técnico. Escolhemos realizar a pesquisa com os alunos do curso técnico, pois fazem parte da educação básica de ensino e representam o maior quantitativo de discentes atendidos mensalmente. O problema detectado em um quantitativo de alunos ocorre por vários fatores, não colocando, portanto, o ambiente educacional como o único e, sim, mais um dos espaços de convivência discente em questão.

Assim, por meio da teoria da subjetividade e junto ao universo educacional discente, pretende-se pesquisar como as redes sociais podem influenciar a saúde mental dos indivíduos analisados. Ao final da pesquisa, espera-se obter uma nova postura reflexiva para a problemática apontada, tendo como hipótese principal que o problema poderá não estar nas redes sociais, e, sim, no caráter subjetivo de cada indivíduo em conformidade com suas peculiaridades e singularidades. Além disso, busca-se problematizar o papel dos indivíduos nas redes e como a comunidade escolar pode ser promotora de orientação para os diversos usos das mídias como algo que se encontra inseparável do participante, no que bem assevera Oliveira e Sales (2014), “geração online”, ou seja, não se pode separar o processo digital daqueles que nasceram no próprio multiverso tecnológico das constantes informações e

comunicações.

1.2 Delimitação do Escopo

Esta pesquisa do mestrado acadêmico do PPGCom da UFT, em Comunicação e Sociedade, cuja linha é Jornalismo, mídias e culturas, busca problematizar a comunicação dos discentes através das redes sociais e como esta se configura na vida dos participantes da pesquisa. Foi utilizada a Teoria da Subjetividade de Fernando González Rey, com base epistemológica qualitativa e método construtivo interpretativo para assim estabelecer uma dialética com os participantes por meio dos instrumentos, os quais se transformaram em indicadores utilizados para estabelecer o modelo teórico de cada eixo. A pesquisa ainda precisa de uma continuidade com o doutorado acadêmico, pois é um campo ainda pouco explorado, havendo a possibilidade de implementar um laboratório de orientação digital no programa a fim de pesquisar mais sobre o assunto.

1.3 Justificativa

Cada vez mais as relações são estabelecidas e mediatizadas pelas tecnologias. Além de utilizá-las para um desenvolvimento eficiente do processo ensino-aprendizagem, cabe à escola a missão de criar um elo seguro entre elas e os indivíduos nesse novo modelo de ensino. Nesse sentido, a relevância social dessa pesquisa se fundamenta na proposta de Barros *et al.* (2021), abordando o caráter reflexivo sobre os obstáculos enfrentados pelos professores e alunos na implementação da tecnologia na prática educativa. Devido às constantes modificações sociais, tal reflexão é tida como algo muito vago e sem muita precisão de cunho científico ao se tratar sobre a proposta da futura funcionalidade.

Klein, Schlemmer e Barbosa (2010) reconhecem que as tecnologias avançam diariamente nos espaços sociais e, em grande parte, nos ambientes de ensino, com a existência das plataformas educacionais amplamente ligadas e conectadas ao uso direcionado das tecnologias ao processo de ensino-aprendizagem. No mesmo sentido, ocorre a inserção das redes sociais como contraponto à absorção de muitos canais de participação, interação e socialização, oferecendo ambientes virtuais de aprendizagens, *chats*, grupos de estudos, redes sociais direcionadas para assuntos específicos, *blogs*, *podcast* e muitas outras atribuições que podem contribuir para a orientação do uso das tecnologias no dia a dia de cada instituição educacional, a depender de como os atores se articulam dentro dela.

Para Bento e Cavalcante (2013), explorar os espaços comunicativos informacionais

das tecnologias midiáticas irá levar as instituições educacionais para um universo no qual medeia um ensino não mais voltado para a teorização de um aparelho ideológico centrado no professor, mas com vistas a tornar os alunos indivíduos ativos da construção do conhecimento, deixando-os coparticipantes de todas as etapas da aprendizagem, capazes de discernir sobre o processo do ensaio e erro ao chegarem aos caracteres avaliativos.

Como campo de relevância científica, os estudos sobre as redes sociais não são recentes. Foi realizado um levantamento na plataforma Google Acadêmico, com a palavra-chave “redes sociais”, sobre as publicações de artigos, teses, dissertações e livros no período de 1997 a 2010, ou seja, 13 anos de pesquisas relacionadas com a temática. A partir do resultado, verificou-se uma mudança na abordagem e estudos sobre as redes sociais, voltadas, cada vez mais, para o teor do adoecimento. Em seguida, um novo levantamento foi realizado, agora com o período de 2011 a 2021 e tendo como palavra-chave “redes sociais e saúde mental”. Observou-se que há muitas publicações relacionadas aos impactos negativos das redes sociais (Síndrome do toque fantasma, Náusea digital, vício de jogos on-line, nomophobia, depressão, Transtorno de dependência de internet, Efeito Google, Cibercondria, Síndrome de Selfie, Síndrome de like, Síndrome do pescoço de texto), porém, poucas pesquisas voltadas para o lado positivo das redes e sua orientação para o âmbito educacional.

Embora as pesquisas sobre as redes sociais tenham nascido da preocupação de sociólogos, antropólogos e psicólogos em comunidades e grupos de afinidades que continuam pertinentes, essas abordagens precisam de mais estudos destas e/ou de outras áreas, haja vista que a realidade da conectividade em redes está presente diariamente na vida da maioria das pessoas. A temática sobre como elas agem, direta ou indiretamente, na saúde mental dos indivíduos é uma preocupação recorrente e que deve se tornar espaço não apenas de pesquisas que relatem o seu lado negativo, mas, também, daquelas que busquem outras vertentes, como saber usar as redes sem se tornar dependente.

No que tange à característica multidisciplinar, nota-se que algumas preocupações atravessam diferentes disciplinas como as relações interpessoais nas práticas cotidianas; o papel das redes sociais identitárias nos processos de educação e saúde; o potencial de intervenção das redes de movimentos sociais em políticas públicas; as articulações sócio-geográficas (do local ao global); o impacto das tecnologias de informação e comunicação nas relações humanas e na produção, organização e uso do conhecimento; e as novas questões geradas pela virtualidade e pela “cultura digital”.

Além disso, algumas temáticas de pesquisas despertam mais interesse do que outras, por contarem com um núcleo abrangente de prospecção metodológica, como é o caso de

pesquisas voltadas para os impactos que as redes sociais causam na saúde mental. Contudo, a maior parte dessas pesquisas menospreza toda uma subjetividade entrelaçada no emaranhado de cada cultura e/ou grupo ali analisados, desconsiderando-se o princípio norteador de que não apenas as redes, mas muitos outros processos dos quais se fazem e constituem o indivíduo resultam num adoecimento mental. Dessa forma, as alternativas de pesquisa não buscam culpabilizar o uso das redes, mas a falta de conhecimento do seu uso e como ela pode afetar a saúde de qualquer indivíduo de forma positiva e/ou negativa, ou seja, seriam alternativas trazendo muitos benefícios para a sociedade, em um viés do qual se está perpetuando um processo de gerações que se entrelaçam em um mesmo espaço de tempo.

Assim, como critério de seleção, tomou-se temas relacionados ao desenvolvimento da abordagem quali-quantitativa de pesquisa ao longo dos anos, resultando a inclusão de 22 artigos, 03 matérias, 03 trabalhos acadêmicos, 05 dissertações, 01 tese, 11 livros e 01 pesquisa, totalizando 47 fontes analisadas. Pelo critério de exclusão, ou seja, trabalhos que não conversam com a temática, constataram-se 07 artigos, 03 teses, 08 livros e uma dissertação, totalizando 21 fontes analisadas.

Para este mapeamento temático⁵, foram considerados todos os trabalhos acadêmicos de inclusão listados na plataforma Google Acadêmico. Deles foram extraídos e listados fragmentos de títulos e enunciados dos projetos de pesquisa contendo pelo menos um dos seguintes termos: redes sociais, redes sociais e saúde mental, redes virtuais, internet, *cyberbullying*. Em seguida, buscaram-se associações de sentido entre esses fragmentos, visando identificar focos temáticos recorrentes em cada um dos grupos de áreas de conhecimento eleitos para esta pesquisa.

Nesse sentido, sobre a temática de estudo analisada (as palavras-chave da consulta realizada – “redes sociais” e “redes sociais e saúde mental”), constam 68 publicações com critérios de exclusão e inclusão, com mais de 20 autores tratando sobre as redes sociais e 105 sobre redes sociais e saúde mental, englobando, assim, um universo de pesquisas voltadas, quase que em sua maioria, para o teor adoecimento mental e poucas para os benefícios e orientação educacional. Com isso, apresenta-se:

- a) O que foi pesquisado até o momento?

Para Buffardi e Campbell (2008), Griffiths (1999), Guedes (2019), King, Nardi e Silva (2014) e King, Valença e Nardi (2010), as redes sociais integram a vida das pessoas de diversas formas; seu uso constante e repetitivo pode ocasionar vários problemas, com

⁵ Os links de consulta foram mencionados anteriormente, na página 21.

diagnósticos de doenças em escalas mundialmente conhecidas e várias patologias originadas a partir da internet e sua expansão, em plena sociedade da informação e comunicação.

b) O que é preciso pesquisar mais?

Para Bitencourt e Sousa (2015), Bordignon e Bonamigo (2017), Corradini e Mizukami (2013), Fialho e Sousa (2019), Fichtner (2001), Lorenzo (2013), Massensini (2011), Monteiro e Osório (2008), Moraes (2015a), Oliveira e Sales (2014), Rosado e Tomé (2015), Reis *et al.* (2012) e Simmel (2006), apesar do evidente crescimento do interesse pelos estudos de redes sociais e saúde mental, e do aumento exponencial da produção acadêmica sobre o tema nos últimos dez anos, ainda são poucos os pesquisadores que realizam estudos empíricos, com base nas teorias e técnicas de análise de redes sociais e saúde mental, voltados para os benefícios, como também para o ambiente educacional, englobando desde a educação básica à superior. Esse tipo de estudo ajudaria a conhecer melhor a variedade de práticas de uso das redes sociais como promotora de saúde e como forte aliada para a educação espalhada pelo país, e, como desdobramento, serviria de apoio ao fomento de outras pesquisas em assuntos específicos para o objeto de estudo em análise.

Ao final dessa análise, percebemos diferenças significativas de abordagens entre elas, conforme sintetizado a seguir:

- a) Ciências Humanas – multidisciplinar, cujo foco está nas relações interpessoais cotidianas, baseadas em subjetividades e processos de construção de identidades; as relações familiares, saúde mental e redes sociais predominam na maioria das pesquisas.
- b) Ciências Sociais Aplicadas – a internet, o ciberespaço e a cibercultura são os grandes focos de interesse. O número de pesquisas concentra-se nas articulações interpessoais com fins coletivos, referidas como “redes de pessoas”, “rede de atores” e de movimentos sociais, que se diferenciam daquelas observadas nas Ciências Humanas por estarem associadas a valores e papéis como confiança, comprometimento, compartilhamento de significados, reciprocidade, cooperação, liderança e protagonismo. As pesquisas discutem os atuais padrões de interações, sociabilidades, colaborações, vínculos e compromissos estabelecidos no “ciberespaço” e os desafios e possibilidades de constituição de uma “cibercidadania”. A rede de redes também aparece nas pesquisas como instrumento de governança, embora o acesso à informação governamental ainda esteja sob investigação, bem como as possibilidades de liberdade e cooperação via tendências de regulação e controle dos seus conteúdos e meios de acesso.

Há pouca relação das perspectivas das redes sociais com a sociabilidade educativa, inserindo o contexto micro e macro dos atores envolvidos no público educacional, ou como eles se articulam com o contexto das redes que fazem parte da sua vida, enquadrando, com isso, em uma forma de conceituação estrutural de necessidade básica do indivíduo.

Do ponto de vista das contribuições teórico-metodológicas abordadas pelas pesquisas consultadas, discute-se o papel da etnografia, a teoria do ator-rede, a teoria do capital social e outras contribuições da Antropologia, da Sociologia Econômica e do “micro-história”. Todavia, ficam de fora algumas reflexões importantes sobre o pensamento relacional, a perspectiva da complexidade, o referencial de escalas (das redes comunitárias às globais), as teorias da proximidade e do contágio (fundamentais para a análise das redes sociais virtuais e saúde mental) e a teoria da redução de incertezas e contingência, entre outras.

Por outro lado, aumentou bastante o interesse pela relação entre as redes sociais e o adoecimento mental com o viés do adoecimento e tratamento entre os diagnósticos das doenças relacionadas ao uso excessivo das redes, seu controle e direcionamentos eficazes. Apesar disso, não há uma preocupação sobre a forma como o indivíduo se relaciona com as redes sociais, tomando para o lado positivo, ou seja, àquilo que faz parte do todo de cada indivíduo em pleno processo de inserção digital.

Em um campo de relevância de autoria, a referida proposta de pesquisa insere-se na perspectiva da comunicação de base ontológica, parte da filosofia que trata da natureza do ser, da realidade e da existência dos entes (MORAES, 2015a). *Ontos*, em grego, significa entes; *Logos*, conhecimento, ciência. Etimologicamente, a palavra ontologia significa a “ciência do ser”. Portanto, volta-se à relação indivíduo/objeto, existência e realidade, no qual os atores estão imbricados em um processo indivisível, interligado cada vez mais pelos diversos meios e em diferentes contextos sociais, culturais e econômicos, fazendo uma nítida relação com a pesquisa em si no que preceitua (PERINELLI NETO, 2018). Tal ontologia é como um conjunto de qualidades mais gerais do ser, escapável aos que pretendem compreender a realidade, tendo como base explicações fragmentadas, portanto, exige uma visão calcada na totalidade, preceituando-se em singularidades para cada processo de subjetivação social.

Destaca-se, também, como base epistemológica, uma relação entre o ser, o conhecer e o fazer, numa retórica que caibam a incerteza, a emergência, a dialogicidade, a recursividade, a retroação, a auto-organização de um indivíduo imerso em teias de configurações subjetivas das quais entrelaçam os participantes com o objeto de estudo a ser analisado nas mais diversas nuances (COLOM, 2004). Como também corrobora para a epistemologia na perspectiva da subjetividade (ROSSATO, 2019), na qual o ser humano se constrói, desconstrói e reconstrói

ao longo da vida orientado por produções subjetivas, sempre singulares, geradas nas ações e relações vividas, ao mesmo tempo em que é gerador de novas ações e relações qualitativamente diferenciadas. Já na base metodológica, Morin (1994) estabelece que as fronteiras do conhecimento estão numa estrutura interdisciplinar, buscando, por meio de vivências e experiências, um convite à exploração de novos territórios. Neles há uma construção entre os campos da comunicação e educação com a metodologia construtiva-interpretativa (González Rey, 1993, 1997, 2000, 2017), e que através dela trará um novo olhar para os processos comunicativos e suas realidades adjacentes.

Ainda, segundo Grinspun (2003), com base na significância dessa proposta de pesquisa, o seu desenvolvimento irá nortear o campo da orientação educacional na Instituição de ensino (objeto de pesquisa), respondendo à problemática e trazendo com isso o ineditismo da pesquisa, haja vista que não foram encontrados autores que trabalhem dentro da orientação educacional com esta ou outra metodologia envolvendo as redes sociais e a saúde mental. Com isso, abre-se um leque com o objetivo de trazer uma nova abordagem de orientação, pautada na construção coletiva entre os participantes do processo ensino-aprendizagem, bem como trazer a temática em questão para o universo educacional, servindo de subsídio para toda a rede federal de educação do Tocantins, bem como para outras instituições onde existe o profissional de orientação educacional.

1.4 Objetivos

1.4.1 Objetivo Geral

Compreender alguns processos subjetivos implicados no uso das redes sociais e sua relação com a saúde mental de discentes do curso Técnico em Agricultura.

1.4.2 Objetivos Específicos

- Caracterizar os usos das redes sociais nos processos subjetivos vivenciados diariamente pelos discentes em curso na instituição de ensino;
- Compreender a trajetória do uso das redes sociais em aspecto subjetivo discente alinhado ao protagonismo juvenil da conectividade digital;
- Analisar os processos subjetivos produzidos no uso de redes sociais e seus intercursos com a saúde mental para os aspectos intra e extra muros escolares.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A Subjetividade nas redes sociais: uma relação entre seus atores

Refletir sobre as relações e os questionamentos que emergem acerca de uma subjetividade dentro das redes, de certa forma, é pensar nas identidades múltiplas, nas quais o cibernauta tem a possibilidade de se constituir e/ou se desenvolver para as mais diversas esferas midiáticas da comunicação e informação. Quando se analisa o processo de comunicação por intermédio dos meios digitais, de certa forma, apresenta-se um incerto carácter subjetivo, tanto em termos de interpessoalidade quanto organizacionais, graças a uma comunicação não linear que engendra uma relação entre o eu e outro que “é rodeada de ambiguidades, geradas pelo potencial para o anonimato, construções múltiplas do eu e identidades nos espaços plurais que a internet propicia” (SANTAELLA, 2007, p. 83).

É necessário pensar: como ocorre a construção da subjetividade? Seria a partir da história pessoal e de acordo com o contexto em que se vivencia? Seria a partir dos dados das redes que circulam através da imprensa falada e/ou escrita e que rapidamente circundam nas pontas dos dedos de cada um, sugerindo uma subjetividade comprada através de uma mercadoria e/ou serviço?

Para se compreender os processos subjetivos que envolvem os atores e sua intrínseca relação com as redes sociais, faz-se necessário um olhar e uma compreensão acerca da Teoria da Subjetividade de Fernando González Rey. A escolha teórica está embasada em uma compreensão mais abrangente, considerando os aspectos subjetivos que se entrelaçam em torno da saúde mental e sua relação com as redes sociais, bem como de que forma os participantes veem uma situação que aos olhos sociais se preceitua de formas tão adversas para o que realmente se pontuam em uma dialética que até antes não se considerava, como é o propósito dessa teoria. Dentre os aspectos subjetivos, essa proposta visa resgatar aquilo que se encontra em cada realidade, contexto e ou circunstâncias por eles (participantes) experienciados, quer no ambiente educacional ou fora dele. Para esta interação das redes com os atores, recorre-se à compreensão dos aspectos históricos, sociais e relacionais dentro de uma dinamicidade na qual se encontra inserido o problema em questão.

Segundo González Rey (2016), a Teoria da Subjetividade é desenvolvida em consonância com uma perspectiva dialética Histórico-Cultural de Vygotsky, seu maior representante. Essas teorias respaldam um olhar para uma subjetividade em uma condição

qualitativamente nova da psique humana, seguindo uma condução diferenciada em que se empregue uma definição do fenômeno psíquico a uma ontologia própria. Dessa forma, a subjetividade apresenta uma nova concepção dos fenômenos humanos, na qual não pode haver uma separação dos processos culturais e sociais.

Para González Rey (2013a), a Teoria Histórico-cultural teve seu embasamento legal com a orientação dominante na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, configurada no materialismo histórico dialético de Marx e Engels com um embasamento significativo para abordagens teóricas. Foi em meio a este contexto que Vygotsky desenvolveu suas ideias, voltadas a uma abordagem histórica cultural do psiquismo humano. Ainda, González Rey (2005b) enfatiza as contribuições da perspectiva histórico-cultural da psique humana como processo subjetivo. Dessa forma, há uma sobreposição dos processos excludentes abordados pela psicologia ao longo do tempo, bem como ocorre a superação da ideia naturalista e essencialista da condição humana inerente ao indivíduo.

O autor ainda assevera que a subjetividade se apresenta como:

Uma produção do sujeito que tem como matéria-prima sua vida social e a cultura, porém, não existe nenhum tipo de relação direta entre o caráter objetivo de uma experiência vivida e a forma em que ela influencia o desenvolvimento psíquico da pessoa. Esse desenvolvimento está sempre metamorfoseado por uma produção de sentidos subjetivos que se definem na configuração subjetiva da experiência vivida (GONZÁLEZ REY, 2012a, p.34).

Para tanto, olhar o indivíduo em seus aspectos subjetivos requer um mapeamento do todo para o processo que o cerceia. Ainda, faz-se necessário trabalhar circunstâncias que atravessam imperceptivelmente os constructos sociais e/ou individuais nos mais diversos momentos da vida e em vários aspectos culturais e/ou sociais que os envolvem, constituindo-se os desmembramentos da subjetividade nos seguintes aspectos: sentido subjetivo, configuração subjetiva, subjetividade social, subjetividade individual, sujeito e personalidade, permitindo, além destas, outras novas zonas de desenvolvimento e inteligibilidade sobre o psiquismo humano (GONZÁLEZ REY, 2014).

Para os sentidos subjetivos, González Rey (2014) partiu da compreensão dos estudos de Vygotsky. Este reflete a conjunção do pensamento e da linguagem, além da soma de todos os fatos psicológicos que a palavra desperta na consciência, estando com isso relacionado àquilo que está expresso por uma determinada palavra (VYGOTSKY, 2007, p. 315).

Segundo González Rey (2012a), o sentido subjetivo associa-se aos processos simbólicos e emocionais emergentes no curso das experiências e ações da pessoa,

desprendendo-se de uma correlação com a palavra e os elementos psicológicos da consciência, trazendo com isso a integração do simbólico-emocional que se organiza de forma simultânea no curso de uma experiência vivida na e para a ação do indivíduo.

González Rey (2007) entende que o sentido subjetivo se apresenta como a unidade inseparável dos processos simbólicos e emocional em um mesmo sistema. Dessa forma, a presença de um desses elementos evoca o outro, formando uma rede subjetiva maleável e em constante fluxo que não expressam uma linearidade com os fatos concretos da vida social e/ou individual de cada pessoa. Pensar nas experiências subjetivas de um indivíduo remete à junção de outras vivências que, somadas ao momento presente, se refletem em processos singulares e complexos de uma vivência experienciada sem um distanciamento de outros aportes que se desenvolvem ao longo do tempo e das circunstâncias pelos quais passam na vida.

Para González Rey e Martínez (2017), os sentidos subjetivos e as configurações subjetivas não são gerados como reflexo ou epifenômeno das realidades discursivas. As diversas construções simbólicas sociais transitam nessas configurações, apresentando-se como um campo de experiência do sujeito e não como um conjunto de elementos constituintes. Nelas, a respectiva configuração pode ter um tipo de organização semelhante para diferentes sujeitos, porém integrada por elementos de sentidos completamente diferentes. Ainda, para os autores, a configuração subjetiva é uma definição teórica que, nas pesquisas, aparece como modelo teórico a ser construído. Em sua construção, articulam-se múltiplas fontes de informação, produzidas em tempos e por vias diferentes, no momento da fundamentação teórica.

Sobre as configurações subjetivas, para González Rey (2012b), elas ainda representam uma produção dominante de sentidos subjetivos em relação a determinado campo da experiência, não emergindo exclusivamente desse campo ou se esgotando nele. Apesar disso, essas configurações permitem estudar uma configuração dominante vinculada aos vínculos afetivos, emocionais e cognitivos de uma determinada pessoa, expressando um valor heurístico para aquilo que se tem como concreto na vida do indivíduo em contra senso aos aspectos ora vivenciados, que não se separam do todo cultural, social e individual.

Dando a margem à subjetividade, para González Rey (2002), tem-se uma distinção em dois planos interdependentes do sujeito: o social e o individual. Nesse caso, a subjetividade social é definida como um complexo sistema de configuração subjetiva dos diferentes espaços da vida social que, em sua expressão, se articulam estritamente entre si. Para González Rey (2007), a subjetividade social permite adquirir uma compreensão dos processos institucionais,

constituintes de um determinado espaço social, a partir da sua complexidade, não seguindo uma lógica linear e pré-determinada, mas entendendo a produção de significados e sentidos subjetivos no âmbito social. Esses significados e sentidos impactam a constituição de diversos fenômenos que ora se mostram como fragmentados e descontextualizados e em outros momentos assumem posições ativas de constructos sociais, assumindo com isso um complexo sistema da subjetividade humana, na qual se organizam os processos subjetivos relativos aos diferentes espaços da vida social.

Ainda segunda González Rey (2005a), a subjetividade social está para além dos fatos aparentes, ou seja, àqueles observáveis e objetivos. Ela coloca em movimento necessidades e formas de organização de entes sociais que ganham vida própria nos diversos cursos dos sentidos subjetivos, ressaltando as formações sociais e as necessidades que ainda não respondem aos preceitos de uma sociedade hodiernamente formatada. Dessa forma, a subjetividade social traz as produções de sentidos subjetivos organizados qualitativamente nos mais diversos níveis em que se encontram os sujeitos nos papéis que estão desempenhando.

Numa subjetividade social, busca-se quebrar a ideia enraizada, nos psicólogos, de que a subjetividade seria um fenômeno individual. Com isso, surge uma forma de um sistema complexo, produzindo simultaneidade no nível social individual, estando as experiências associadas não apenas ao sujeito vigente ou social inserido, mas como ele adquire sentido e significado para si dentro de uma constituição subjetiva histórica de um agente de significação.

Refletindo sobre a subjetividade social, cuja produção está nos espaços sociais constituídos historicamente, inicialmente, tem-se uma subjetividade individual, cujos lugares são compostos de uma subjetividade social, a qual precede a organização do sujeito psicológico. A condição de sujeito individual se determina somente dentro do conjunto social em que o indivíduo vive, no qual alguns processos da subjetividade individual são fragmentos da subjetividade social, constituindo-se de forma recíproca sem que um dissipe o outro, mas sendo entendido como uma dimensão em um processo contínuo. Ela tende a ser definida como um sistema de configuração subjetiva, bastante ampla, nos mais diferentes campos da vida do sujeito que interage entre si “construindo complexas configurações subjetivas na organização social” (GONZALEZ REY, 1998, p. 142). Portanto, uma pessoa pode apresentar costumes, valores familiares ou da cultura ou posição socioeconômica na qual está inserida, os quais se articulam entre si formando a subjetividade social do sujeito.

No que diz respeito à subjetividade individual, González Rey (2005a) traz os processos e formas de organização subjetiva dos indivíduos concretos, nos quais aparece

constituída a história única de cada um dos indivíduos que, à luz de uma cultura, se constitui a partir das relações pessoais individuais. Essas relações organizam-se nos espaços por meio do qual os indivíduos vivem momentos de contradições e sanções sociais. Nesses espaços constituídos historicamente de uma determinada subjetividade social, a subjetividade individual é produzida, antecedendo a organização do sujeito psicológico concreto, que aparece em sua ontogenia como momento de um cenário social constituído no curso de sua própria história.

González Rey (2005a) apresenta dois momentos essenciais da subjetividade individual, os quais são integrados entre si, sendo um deles o sujeito em si e o outro que remete à personalidade, havendo desdobramentos subsequentes. Eles se apresentam como elementos centrais da Teoria da Subjetividade, em que um é constituinte e constituído pelo outro, mas sem perder as suas especificidades.

Dentro dos desmembramentos da subjetividade tem-se, para González Rey (2007), o sujeito enquanto indivíduo capaz de gerar seus próprios espaços de subjetivação e desenvolvimento dentro dos diferentes espaços sociais no decorrer diário de sua vida. Nesse sentido, enfatiza-se a ideia de sujeito na condição individual reflexiva e crítica, capaz de gerar consequências diversas sobre a organização social em diferentes espaços da vida social e/ou individual.

Para esta dinamicidade do sujeito, González Rey (2017) aponta a responsabilidade que esse sujeito adquire com sua capacidade autoral na modificação das tramas sociais com as quais interage pelos mais diversos espaços sociais e/ou individuais, não respondendo linearmente aos fatos do cotidiano e tampouco aos cenários da vida. Ele, o sujeito, reaparece nos espaços de tensão, gerando um caminho alternativo de subjetivação dentro dos espaços normativos institucionais. Com isso, o autor defende que ser sujeito não significa uma condição com a qual nascemos ou adquirimos na trajetória da vida, mas, antes, uma conquista de forma permanente no processo de ações e relações que acompanham os caracteres de subjetivação ao longo da vida.

Ainda para González Rey e Martínez (2017), o sujeito se apresenta como uma pessoa ativa, reflexiva, questionadora, confrontadora, que não se submete às vozes imperativas e ditatoriais representadas por vários ambientes institucionais. Sobre esses ambientes, mesmo que o sujeito apresente, a priori, uma postura passiva diante de determinada situação, apresenta uma produção subjetiva neste ou em outro momento de criticidade e criatividade ou uma forma de ser e agir que ultrapasse os ditames elencados para este ou outro momento do qual se conjectura o papel social desenvolvido neste momento pelo sujeito que embora

pacientemente ali diante daquela situação, aparece arraigado de performances que contradizem todo o sistema a ela imposto diariamente.

Para recorrer a reflexões sobre as perguntas acima, é necessário entender como se forma o “eu” dentro da perspectiva da construção da personalidade do indivíduo, envolvendo os estudos teóricos de diferentes vertentes que perpassam o indivíduo em sua trajetória e/ou história de vida.

As principais teorias que falam da personalidade são classificadas sobre duas tendências: a primeira, a teoria empírica norte-americana, na qual os traços universais suscetíveis de serem medidos por testes psicológicos não consideram o aspecto cultural e social do indivíduo. A personalidade humana é tida como um grupo de elementos que causariam o comportamento humano. A segunda vertente engloba a teoria “psicanalítica”, na qual a personalidade seria “como [um] sistema de elementos que, relacionados entre si, conduzem a verdadeira dinâmica psíquica que estavam na base das diferentes manifestações humanas” (GONZÁLEZ REY, 2003, p. 42). Neste segundo modelo, a personalidade não gera determinados comportamentos, mas é imbuída por forças motivadoras, como a libido ou a linguagem.

Contudo, para a teoria da subjetividade, a personalidade surge como um sistema de configurações subjetivas que, sendo assim, geram sentidos no andamento das atividades do indivíduo. Não podemos caracterizá-la como aparência, mas como uma construção de elementos subjetivos associados às diferentes experiências humanas e que representam uma fonte permanente de emoção (GONZÁLEZ REY, 2003).

A psicologia soviética apresenta uma influência na teoria da subjetividade. Segundo González Rey (2012b), autores como Vygotsky e Rubinstein apresentam uma importante ideia, introduzindo um caráter cultural à psique. Ambos os autores destacam a importância do histórico-social na compreensão do psiquismo humano. Com isso, propõem a superação das dicotomias vigentes, saindo, portanto, do enfoque individual ou social. Esses pensadores entendem os processos cognitivos e afetivos, social e individual de forma dialética, sem a necessidade de se optar por um ou por outro.

Para a teoria da subjetividade, superar as dicotomias é algo de extrema importância. Tomar o ser humano sem uma essência universal ou algo inerente a todos, no qual há a presença da psique como uma construção, como um processo subjetivo que não tem um fim em si mesmo e que se constitui para toda a vida, pode mudar o olhar da psicologia.

Segundo González Rey (2012b), para Vygotsky e Rubinstein, o ser humano concreto não sumiu, ele foi transportado para um nível de concretização da própria ação social, não há

mais algo interno e uma essência inerente à individualidade. Ainda, de acordo com González Rey (2005a), Guattari e Castoriadis foram influentes na teoria da subjetividade, ao questionarem os reducionismos mecanicistas utilizados para se tratar o nível social ou individual. Esses dois autores apresentam um pensamento psicológico com implicações filosóficas, o que seria então um dos aspectos para se construir o psíquico com base em implicações sociais. Eles também fazem uma crítica profunda às “invariantes universais de todo tipo de pensamento, criando uma importante premissa para a compreensão da subjetividade” (GONZÁLEZ REY, 2003, p. 27). Ambos desenvolveram seus estudos dentro de uma perspectiva psicanalítica; contudo, criticando “o universalismo totalizador das construções freudianas e lacanianas” (GONZÁLEZ REY, 2003, p. 73).

Ainda para González Rey (2005a), Guattari e Castoriadis formulam um pensamento crítico que prossegue na compreensão da subjetividade, no que tange à complexidade ou no que concerne às suas inúmeras formas de se apresentar. São pensadores que romperam com a narrativa psicanalítica, permitindo posicionar muitas dificuldades levantadas pela psicanálise em um novo lugar de significação.

Dessa forma, tem-se que as representações sociais definem as formas organizativas do espaço simbólico em que as pessoas se desenvolvem. A realidade aparece para as pessoas por meio de representações sociais e dos diferentes discursos que formam o tecido social, mediante os quais os sujeitos individuais, implicados em um determinado espaço social, configuram o sentido subjetivo das diferentes esferas de suas vidas, e produzem significações em relação a si mesmo e aos outros (GONZALEZ REY, 1998). Assim sendo, percebe-se que as mídias podem influenciar diretamente na forma como essas representações são construídas, ou seja, por meio da experiência pessoal, o indivíduo constrói uma zona de sentido com a apreciação da televisão e adquire um sentido pessoal a partir de uma experiência vivida não por ela mesma, mas por um personagem televisivo. Como a mídia faz parte também do tecido social no qual o indivíduo está inserido, a criança pequena é bombardeada diariamente com anúncios e programas, que influenciam sua maneira de pensar e agir. Assim, desde a infância, a pessoa incorpora valores e crenças apresentados pelo veículo televisivo, ela aprende o certo e o errado.

A subjetividade, que não é estática nem imutável, é um processo contínuo, passível de sofrer constantes influências advindas de um lugar exterior à pessoa, onde se dará bastante importância à relação sujeito-social, pois um influencia e é influenciado pelo outro constantemente. Isso leva a perceber que “as configurações subjetivas são extremamente móveis e dinâmicas, para os quais permite representar a produção de sentidos em um

permanente acontecer que toma formas de organização diferenciadas no curso desse processo” (GONZALEZ REY,1998, p.147).

Para González Rey (2012a), a subjetividade implica a não separação do individual e do social, uma interação constante, em que tanto o indivíduo influencia o seu espaço quanto é influenciado por este, passando a construir um sentido sobre a experiência vivida, de acordo com a própria história de vida.

A relação entre os processos subjetivos e os atores que se constituem nas redes sociais se dá, para Zenicola (2002), com uma centralização da subjetividade na figura do indivíduo, trazendo consigo toda uma preocupação com a preservação de sua interioridade, com respeito à sua privacidade e com uma separação entre um universo público e privado, no qual o indivíduo se configura numa situação longa e contínua, sofrendo modificações intensas até os dias atuais.

Pesquisas relatadas por Buffardi e Campbell (2008) e Summers (2011) indicam que falar de si próprio gera um prazer equivalente a se alimentar, ganhar dinheiro, dormir ou fazer sexo. Numa conversa normal, as pessoas falam de si cerca de 30% do tempo, enquanto nas redes sociais este índice sobe para 90%, com possibilidade de um *feedback* instantâneo. Isso gera inconscientemente uma sensação de prazer imediato, mas que não é duradouro. O perigo é que as redes sociais alteram a percepção de tempo e espaço, podendo facilmente desencadear transtornos de ansiedade e depressão, com relatos de mais de 50% dos usuários ativos do Facebook declarando se sentir mais infelizes do que os seus amigos virtuais.

Para Recuero (2009), o advento da Internet trouxe diversas mudanças para a sociedade. Entre elas está a possibilidade de expressão e sociabilização, realizada através das ferramentas de comunicação, mediadas pelo computador. Essas ferramentas favoreceram a construção, a comunicação e a interação dos indivíduos com outros atores, deixando, na rede de computadores, rastros que permitem o reconhecimento dos padrões de suas conexões e a visualização de suas redes sociais.

Segundo Martinho (2014), as redes sociais podem ser entendidas como um tipo de relação entre seres humanos, pautada pela flexibilidade de sua estrutura e pela dinâmica entre seus participantes. Apesar de relativamente antiga nas ciências humanas, a ideia de rede ganhou mais força quando a tecnologia auxiliou a construção de redes sociais conectadas pela internet, definidas pela interação via mídias digitais. Ainda, para o autor, tal ideia cobre um vasto espectro de agrupamentos sociais on-line dedicados a todo o tipo de atividade.

Para Danah Boyd (2014), é nas redes sociais digitais que os indivíduos encontram um espaço de convivência próprio para fazer sentido no mundo, onde podem complementar ou

suplementar seus encontros face a face. Todavia, mostra ainda que a progressão desse processo, pelo o qual os indivíduos tem se constituído em suas relações sociais virtuais, é complexo e não pode ser reduzido a aspectos superficiais, e, sim sociais, culturais e individuais de cada um.

Neste espaço de convivência, Martinho (2014) estabelece que os vínculos entre os indivíduos tendem a ser fluidos, rápidos, estabelecidos conforme a necessidade em um momento e desmanchado no instante seguinte. A noção de flexibilidade das redes sociais refere-se a essa característica dos laços existentes em uma rede – os vínculos criados podem ser transformados a qualquer momento, de acordo com sua dinâmica e com as características dos participantes.

Para Primo (2013), na medida em que as redes se caracterizam pela existência de laços firmados a partir de interesses comuns, é possível verificar a formação de todo tipo de agrupamento para troca de informações, ideias e materiais, gerando não apenas uma interação entre os participantes no sentido de compartilhar conhecimentos como, também, o engajamento em questões políticas, sociais e culturais. O poder de mobilização exponencial das redes sociais as torna um fator relevante para se pensar elementos da vida fora da internet.

Ainda para o autor, a possibilidade de participar das redes on-line através de dispositivos portáteis, como celulares e outros meios, de alguma maneira permite a transposição contínua das barreiras entre o “mundo físico” e o “mundo online”, em um grau de complementaridade entre as interações nas redes sociais digitais e àquelas desenvolvidas off-line. Na medida em que as ações nas redes sociais on-line e na vida cotidiana se articulam de maneira cada vez mais próxima, os fatores políticos, sociais e econômicos podem ganhar relevância, haja vista que quem participa das redes on-line são seres humanos ligados às redes do mundo desconectado, e as interferências entre os dois ambientes, até certo ponto, são inevitáveis. Assim como o mundo real é levado para as redes sociais digitais, as discussões on-line têm o potencial de gerar atitudes e ações no mundo físico.

Para Ferrary e Granavotter (2017), em uma rede social, o elemento de ligação entre seus membros é o chamado “laço social”. Em linhas gerais, é o motivo pelo qual uma pessoa estabelece contato com outra – laços de trabalho, afetivos, de proximidade, e assim por diante –, sendo possível medir a força de um laço a partir de três principais fatores: a quantidade de tempo que se despende com essa pessoa; a intensidade emocional do vínculo e a intimidade, confiança mútua e reciprocidade.

E de quais redes estamos falando? Como elas se mostram ativas neste projeto de pesquisa? Segundo Marques (2016), as principais plataformas existentes no mercado

são: Youtube, Twitter, Tumblr, Snapchat, Instagram, Wordpress, Google Plus, LinkedIn Periscope, Pinterest , Telegram dentre outras. No entanto, vamos nos ater àquelas que são tipicamente utilizadas pelos participantes da pesquisa de forma contínua, que foram: Facebook, Instagram e o WhatsApp.

O Facebook é uma rede muito acessada por várias pessoas. Pesquisa de Nadkarni e Hofmann (2012) indica que existem mais de 2,2 bilhões de usuários por todo o mundo, apontando o Brasil como o quarto país com maior número de cadastros nessa rede (só perde para Índia, EUA e Indonésia), com mais de 130 milhões de usuários ativos e frequentes (mais da metade dos usuários no Brasil retornam ao *site* diariamente), comprovando a relevância da ferramenta no dia a dia.

Ao mesmo tempo em que o Facebook transformou as relações sociais com inúmeras facilidades aos seus usuários, tem-se observado mudanças comportamentais e psicológicas relativas a sua utilização abusiva (GUEDES *et al.*, 2016; SUMMERS, 2011). Alguns têm utilizado a rede social como fonte de lazer e trabalho e outros vêm se tornando dependentes, com graves prejuízos na vida real, nas relações familiares, profissionais ou sociais, trazendo, com isso, uma desproporção na falta de administração da rede e seus impactos (GUEDES *et al.*, 2016). Relatórios de Guedes *et al.* (2016), de Nadkarni e Hofmann (2012) e de Summers (2011), já publicados, apontam que alguns usuários desenvolveram um relacionamento abusivo, estimulados pela falsa sensação de satisfação ou como uma maneira de se sentir melhor ou mais autoconfiante (aumento do nível de excitação ou fuga) (SUMMERS, 2011; BUFFARDI; CAMPBELL, 2008). Estudos de vários países indicam prevalência diferente, provavelmente devido à falta de consenso e ao uso de diferentes denominações, dando origem à adoção de critérios de diagnóstico diferentes.

Para Marques (2016), o aplicativo Instagram, adquirido em 2012 pelo Facebook por mil milhões de dólares, é um sucesso. É útil para negócios em que a imagem é fundamental para se comunicar, mas também para projetos ou presença pessoal. É um Social Media incontornável para compartilhamento de fotografias, bem como de vídeos. Oferece a possibilidade de criar e partilhar vídeos de até 60 segundos, com ou sem som, podendo adicionar filtros tal como nas fotografias.

Em plena época das tecnologias da comunicação e informação, vive-se uma cultura narcísica, na qual o culto à própria imagem é visto como uma busca quase que incessante pela perfeição da imagem e do espetáculo do eu, em um universo que vem constantemente levando o indivíduo ao uso de máscaras, aparências e felicidade permanente. Para Sibilina (2016), as mídias sociais vêm atuando cada vez mais como um instrumento de captação de aparências e

de culto do belo em todas as suas instâncias, e o aplicativo veio facilitar a divulgação e propagação do espetáculo do show do eu, os fenômenos de exibição da intimidade – ou, mais precisamente, de performance pública da intimidade –, estão se tornando tão habituais entre nós, causando um sentimento de estarmos, o tempo todo, em uma forma de vitrine social de exposição da intimidade para o que de real ela propõe.

Não consumimos individualmente um objeto, mas uma modelização (uma ideia ou sistema) que vem junto com ele. Nesse caso, o consumo não é algo individual, mas uma instituição social, “sistema de valores que assegura a ordenação dos signos e a integração do grupo”, constituindo uma moral e um sistema de comunicação. Não há liberdade no consumo, pois os indivíduos são coagidos inconscientemente pelo sistema de valores e pela estrutura social a consumir. Explicações como o prazer ou a necessidade, ou ainda a utilidade, alicerçados em uma espécie de “ordem natural” são descartados por Baudrillard, que vê o consumo como expressão da ordem social de valores e da hierarquia próprias da esfera cultural, formando um sistema arbitrário e coerente de signos globalmente distribuídos (SANTOS, 2010, p.7).

Como sentido de modelização, tem-se a construção de uma ideia em que o sujeito irá construir um sistema no qual se encaixaria dentro dos padrões impostos pela sociedade. Tais padrões devem ser seguidos com vistas a continuar dentro do que se exigem os meios sociais: pessoas felizes, bonitas, com muitos amigos, um lar harmonioso, em suma uma vida feliz e cheia de glamour para o bem estar exigido pela sociedade do espetáculo midiático.

O sentimento dos corpos perfeitos para ambos os sexos impacta em uma sociedade do consumo que está pautada cada vez mais na padronização do que seja a indústria da perfeição, na qual, em uma propaganda em qualquer veículo de comunicação e interação, há uma predominância da pressão exercida sobre o corpo, sua construção e desconstrução de toda e qualquer imperfeição.

A ideia inicial do aplicativo sempre foi a magia de poder compartilhar momentos especiais, imagens marcantes, o poder de divulgar o que quisesse ao alcance de suas mãos, e inevitavelmente, usado para exibir o cotidiano. Não é difícil de encontrar em meio ao feed fotografias de usuários fazendo coisas corriqueiras. São fotografias feitas para mostrar aspectos do dia-a-dia, como a maquiagem, a roupa utilizada, o famoso look do dia, colocando seu cotidiano em destaque, autorretratos, comidas, animais de estimação (GENUINO, 2013, p. 25).

Com o intuito de o aplicativo servir para compartilhar momentos especiais do dia a dia, foi-se ampliando seu leque de possibilidades para os feed de pessoas fazendo algo corriqueiro, ou seja, desde situações simples, como se maquiar ou fazer a barba, a situações mais complexas, como o caso de produções de séries, produções independentes que começaram a ganhar popularidade e uma busca incessante para conseguir estar sempre no

topo com muitos e muitos seguidores, o que torna a vida real apenas um universo paralelo para o que se preceitua na plataforma digital.

No aplicativo, muitos têm a proposta de se tornar celebridades ou ganhar dinheiro, ao se observar, por exemplo, a quantia paga a um ator ou atriz para divulgar a marca de um produto; ou quando uma série, que está fazendo sucesso no aplicativo, começa a chamar também uma atenção diferenciada para o ganho material, emocional e social em uma rede que se expande a cada dia e que traz números incontáveis de ganhos e perdas em várias situações na sociedade.

Essa busca incessante pela felicidade e perfeição, metaforicamente mostradas pelas fotos que são postadas nas redes sociais seria comum caso não fosse fundamentada em uma fantasia narcísica que está baseada na realização imediata do desejo, fazendo com que o mercado sempre seja a sua solução, uma vez que o indivíduo pode ter o que quiser a qualquer hora, ao menos no plano do desejo. Nessa vontade de possuir, há uma forma de preencher um vazio da vida. O que acontece de maneira ilusória, dando uma sensação imediata de prazer seguida da falta de algo, gerando um ciclo vicioso de estar sempre consumindo. Dessa forma, o sujeito se encontra condenado à crença de que “ser” é “ter” e a angústia se instaura quando este, mesmo tendo, não consegue ser o que quer e o que é. Imerso numa delicada condição de inserção em uma cultura que aprisiona e podendo seu pensamento visando o imediatismo (GENUINO, 2013, p. 3).

Para Genuino (2013), no Instagram, muitas pessoas têm uma falsa felicidade para o viés de possuir muitos seguidores, chamados de “amigos”, ou pelo fato de estar seguindo alguém famoso, o qual sequer tem tempo para lhe dar um bom dia, ou que simplesmente não sabe da sua existência. Em análise feita na rede, observa-se o quanto as pessoas estão presas em um movimento circular de *likes*, curtidas, postagens, comentários, visualizações e demais opções de atualizações tornando-se quase que constante. No entanto, não há mal em fazer parte da rede, ou em ter um milhão de seguidores, em postar fotos e vídeos que são comentados e compartilhados por todos os seus “ditos amigos”, o que não se pode deixar de analisar é o potencial efeito que isso causa em sua vida real, e como os impactos estão lhe direcionando para uma completa dependência ou bem estar emocional. Ainda, se fora da rede consegue ter uma relação direta e interdependente com 10% dos amigos na vida real cotidiana para assim ter uma linha tênue entre o que se preceitua na rede e o que se vive no real.

Ainda para o autor, em plena sociedade hodierna, muito é consumo, e nela estão presentes: a imagem perfeita, o sucesso, a felicidade, amigos e tudo o que completa o sujeito em toda sua subjetividade. Contudo, certas situações podem provocar um mal estar com sentimentos relacionados à insegurança e ao medo de ser diminuído e sair de cena ou deixar

de estar em evidência, como quando se tem uma insatisfação ou quando o egocentrismo de não estar no controle de tudo e estar sempre em evidência ocorrem.

Para Marques (2016), o aplicativo de mensagens mais utilizado, disponível em 32 idiomas, é muito simples de se utilizar e não tem anúncios. What's Up? WhatsApp? Sim, o nome desta Rede Social, nascida no coração de Silicon Valey, foi inspirado nesta conhecida expressão, amplamente utilizada em todo o mundo. Foi adquirido em 2014 pelo Facebook por 19 mil milhões de Euros; tem cerca de mil milhões de utilizadores ativos; pode ser utilizado no dia a dia para conversar com os amigos, com a família, ou para fins profissionais; surgiu como uma alternativa aos SMS e às chamadas de voz – mas é muito mais do que isso.

Assim, segundo Alves e Torres (2017), o WhatsApp é um aplicativo multiplataforma que permite a troca de mensagens de forma gratuita. Utiliza o mesmo plano de dados móveis de que cada utilizador dispõe para o envio de e-mails e navegação na web, não existindo um custo extra associado ao envio das mensagens. Desde junho de 2016, está disponível também através da web (WhatsApp web) para que possa entrar em contato com quem quiser a qualquer momento e em qualquer lugar. Também é possível instalar o WhatsApp no computador. Além das mensagens escritas, os utilizadores podem criar grupos e enviar mensagens ilimitadas de imagem, de vídeo e de áudio entre si.

Segundo o Comitê Gestor da Internet no Brasil, em 7 de junho de 2017 (às 23h30) foi exibida pela Globonews uma entrevista com Brian Acton, que esteve no Brasil para responder aos questionamentos do Supremo Tribunal Federal sobre o acesso aos dados de determinados usuários do WhatsApp que realizam atividades criminosas. Durante a entrevista, realizada por Murilo Salviano, Acton declarou que o Brasil é o segundo maior mercado que utiliza este *software* de comunicação, tendo 120 milhões de usuários, mais da metade da população do nosso país, estando atrás apenas da Índia. Segundo Acton, as mensagens são criptografadas e apenas quem envia e recebe a mensagem tem acesso ao teor das informações enviadas, pois a empresa protege e preserva a privacidade dos usuários. Essa polêmica que vem surgindo desde 2015, colocando o WhatsApp na mira da justiça, ainda não chegou ao fim, mas constata-se que, a cada dia, esta mídia mudou a forma das pessoas utilizarem seus telefones móveis, especialmente, os *smartphones*.

Para Garcia (2010), os sujeitos, ao criarem seu “personagem virtual”, estão virtualmente conectados o tempo todo, seja em ambiente formais ou informais, onde as relações não se estabelecem mais de forma prática. Com o uso contínuo desse aplicativo, houve a perda da conversação entre os sujeitos por estarem no mesmo ambiente presencial, em uma reunião, com os amigos, na escola, durante uma apresentação e em outros episódios

cotidianos. Dessa forma, a presença do Whatsapp se mostra quase que substituindo o contato físico e as relações entre os pares, com os recursos intermináveis de vídeos, áudios, mensagens instantâneas, grupos e mais grupos dentro de um universo virtual/presencial, onde não se olha ou vivencia a subjetividade do ser, mas o que ele aparenta naquele momento. E, quando se olha em volta, percebe-se que já se passaram minutos, horas com o aplicativo em uma forma intermitente de não esgotar o tempo, e, sim, trabalhar o contexto no qual não se finda.

A propagabilidade, discutida por Jenkins, Green e Ford (2014), vem se intensificando em forma e se diversificando em distintos discursos, numa perspectiva em que os usuários, independentemente de faixa etária ou classe social, socializam cada vez mais mensagens, vídeos, notícias. Tais discursos muitas vezes são analisados com muita veracidade, levando-os a ficarem muito tempo on-line.

Jenkins, Green e Ford (2014) reconhecem a importância das conexões sociais entre os indivíduos, conexões cada vez mais visíveis (e amplificadas) pelas plataformas da mídia social. Essa abordagem pode ainda incluir mensurações quantitativas de frequência e da amplitude dos deslocamentos de conteúdo, mas torna importante ouvir ativamente as maneiras pelas quais os textos de mídia são usados pela audiência e circulam por meio das interações entre as pessoas.

Nesta dialética entre os autores, observa-se que os processos subjetivos e a subjetividade é algo único na vida de cada indivíduo com sua própria constituição, embasada na história de vida e seu percurso cultural por onde se encontra ou pretende ir. A partir disso, abre-se um leque para se pensar em pontos estratégicos de como se estrutura uma teoria que tem por base favorecer aos participantes uma nova forma de se pensar o ser humano, sem se apoiar em estruturas e construtos universais, mas, sim, em algo que não reduz o sujeito apenas a seus conteúdos individuais ou sociais, levando-os para todos os processos pelos quais está inserido.

2.2 A Dialogicidade do indivíduo em relação às redes sociais

Para Dias (2020), os processos de subjetivação tomam forma na vida dos indivíduos a partir da sua participação nas instituições de convivência; das linguagens que aprendem e criam em seus meios sociais; da tecnologia, da ciência e da mídia que usam cada vez mais, enfim, de uma lista vasta de atividades a outras formas de contato social que tem como característica o fato de ser permanentemente posta em circulação na vida social, fazendo das

redes sociais parte desse processo como forma de engendrador de subjetivação. Isso porque articulam elementos que constituem uma nova arquitetura subjetiva em relacionamentos e pensamentos. A própria comunicação contemporânea encontra-se atravessada pelas contingências do mundo on-line, para o qual apresenta formatos de interação e relação dos diversos sujeitos com a realidade em constante evolução.

Sobre o processo de comunicação interpessoal de massa dos atores em rede, o sociólogo francês Pierre Mercklé destaca que as conexões estabelecidas entre indivíduos com seus respectivos conteúdos não se distanciam de uma lógica, apresentando com isso três características específicas para as redes online:

1 Possibilidade de criar um espaço pessoal de apresentação de si mesmo, onde se pode colocar à disposição de todos as imagens e os textos que se escolhe; 2 A possibilidade de acessar os perfis de outras pessoas, segundo as características e possibilidades de cada rede social; 3 Chance de estabelecer relações com outros participantes da rede, na observação de seus perfis, a partir de interesses e afinidades comuns (MERCKLÉ, 2011, p.105).

Para o autor, a expressão “redes sociais online”, nesse sentido, refere-se a um número considerável de formas de interação entre indivíduos a partir da construção de páginas ou de perfis. Cada um desses, assim como cada uma das redes, têm suas próprias características e, por conta disso, permite diferentes tipos de interação. Em redes sociais, nas quais as pessoas compartilham fatos de seu cotidiano, a interação é diferente em termos de quantidade/qualidade das redes digitais dedicadas a reunir pessoas que gostam de “tricotar”. Os tipos de interação variam conforme a possibilidade de pertencer a uma rede e, de fato, interagir com os outros membros. Essa interação entre o online e o presencial fica mais perceptível em espaços como o ambiente de trabalho, as paradas de ônibus, em casa, em restaurantes, dentre outros, onde o indivíduo está sempre conectado com a internet e sem sair dela. São cenas que se veem constantemente em todos os lugares por onde se passa: pessoas apressadas falando ao telefone, rindo para ele; no restaurante, sem tocar uma palavra com o(a) companheiro (a), em casa, com seus familiares, mas cada um vivendo em seu próprio mundo. Tudo isso se remete ao que a pesquisadora norte-americana Sherry Turkle investiga desde o final dos anos de 1970. Um longo trabalho de campo, com mais de dez anos de entrevistas e imersão em *sites*, comunidades e redes, no qual delinea como as relações sociais se definem a partir do uso de mídias digitais.

Assim, para Turkle (2020), as pessoas procuram as redes virtuais como uma forma de preencher a solidão. No entanto, quanto mais elas se conectam, mais ficam solitárias,

preferindo, com isso, continuar procurando algum tipo de relacionamento nas mídias do que no presencial. Isso pode ser explicado em virtude das tecnologias conseguirem suprir algumas de nossas maiores vulnerabilidades e ajuda a lidar com medos contemporâneos – o medo da solidão, mas também o medo de criar vínculos muito próximos com outras pessoas. Na medida em que a tecnologia se torna mais e mais presente, configurando-se como parte da estrutura das relações sociais, a noção de “relacionamento” pode se tornar uma mera “conexão”. Ou, nas palavras da autora, “ciberintimidade se transforma em ciber-solidão”.

Ainda para a autora, nos *sites* confessionais, os indivíduos, protegidos pelo anonimato, expõem fatos delicados de suas vidas pessoais. Para quem escreve, falar de seus problemas pode ser um alívio; no entanto, para quem está ouvindo, as confissões revelam, imediatamente, fatos de uma intimidade que poderia demorar anos para ser atingida em um relacionamento fora do mundo virtual. Apesar dessa intimidade, os laços criados são bastante frágeis: uma vez escrito ou lido o depoimento, o que fazer? O circuito se fecha.

Quando se pensa em limites dentro das redes sociais, qual o primeiro pensamento que se paira sobre o indivíduo? Podemos colocar um limite para as redes sociais ou aquilo que é publicado se torna ilimitado? Para responder sobre a extensão da esfera particular na vida conectada, a pesquisadora Zizi Papacharissi (2017) traz a compreensão do que significa a esfera pública na atualidade. Segundo ela, as mídias digitais estão vinculadas às alterações nas relações entre o “público”, o “social” e o “particular”, estabelecendo perspectivas diferentes para cada um desses elementos, bem como para suas intersecções. A convergência entre esses domínios é uma das principais características da comunicação em rede – mais do que uma separação definida, nota-se uma progressiva confluência de práticas, ações e interações.

Na medida em que um indivíduo publica um *post* em sua página pessoal falando sobre algum acontecimento do seu dia, ou posta as fotos de suas férias em um determinado lugar, torna-se nítida a visão de que se está falando da vida particular. Por outro lado, se alguém revela, em uma rede social, que é vítima de violência através de algo que aconteceu dentro e/ou fora das redes, ainda se está falando da vida privada? Deve-se respeitar esse grau de intimidade da pessoa, ou caberia intervir para modificar essa situação?

Segundo Papacharissi (2017), a exposição voluntária da esfera privada nas redes sociais igualmente amplia os domínios desse espaço, tornando o indivíduo muito mais visível para os outros. Em outras palavras, se as fronteiras entre “público” e “particular” se dissolvem na confluência entre esses espaços, por outro lado desenvolvem-se maneiras diferentes de se articular as tensões entre esses dois campos. A autora classifica 05 elementos fundamentais deste cenário:

(a) O indivíduo conectado (networked self) e a cultura de conectividade remota-o fato de a esfera privada estar ligada primariamente ao domínio do pessoal não significa que essa personalização implica desconexão. (b) O novo narcisismo: blogar- Isto não implica, no entanto, que o espaço da esfera particular seja permeado de uma vasta dose de subjetividade – posts. (c) O renascimento da sátira e da subversão: YouTube - na medida em que o humor tem uma considerável relevância política na desconstrução de discursos que se apresentam como sérios, o YouTube – e outros sites de vídeos. (d) A agregação de notícias nas mídias sociais e a possibilidade de filtros coletivos. (e) O pluralismo agonístico do ativismo online - do grego agon, “luta”, a ideia de conflito entre pontos de vista, afirmações e reafirmações de identidades são uma das características fundamentais do espaço particular ampliado (PAPACHARISSI, 2017, p. 67).

Com isso, tem-se que a esfera particular não deixa de ter igualmente um teor político, na medida em que essa pode ser um espaço privilegiado de resistência, tensão e dissenso, pois a nova esfera política se forma entre os espaços públicos e privados na perspectiva de uma esfera particular ampliada, para um papel no qual mídias sociais e o processo de comunicação em rede concomitantemente agrupam e segmentam indivíduos, possibilitando, ao mesmo tempo, uma exposição quase auto referencial de si mesmo e o engajamento político em questões que ultrapassam, em muito, cenas do cotidiano.

A partir de seu advento, as redes sociais conseguiram revolucionar o mundo, favorecendo o relacionamento de milhões de pessoas ao mesmo tempo. Elas permitem que as pessoas se organizem de forma coletiva a partir de interesses e afinidades em comum, ou simplesmente a partir de uma lista de contatos definida (GUEDES, 2019).

Sabendo que as redes sociais agem na vida dos indivíduos de diversas maneiras, faz-se necessário estabelecer uma dialética subjetiva sobre o resultado das pesquisas relacionadas aos tipos de problemas ocasionados a partir das redes e, por outro lado, ao bem estar físico, social e emocional advindos delas, partindo do princípio de uma existência antagônica em cujo centro se encontra o indivíduo.

A dependência das redes sociais ainda não ocupa lugar de destaque na literatura médica, mas já é objeto de tratamento e pesquisas em nível internacional. Para King, Valença e Nardi (2010), 3 em cada 10 usuários de redes sociais sofrem desse novo tipo de dependência, representando um potencial de mais de 300 milhões de dependentes do Facebook no mundo e 20 milhões, no Brasil. Este número corresponde a uma patologia 3,5 vezes maior do que os 6 milhões de dependentes de álcool no país, conforme o Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (BRASIL, 2006).

Apesar da relevância estatística, a dependência virtual, na maioria das vezes, passa despercebida pelos familiares, ao contrário do alcoolismo, que costuma ser mais facilmente diagnosticado e tratado. No entanto, no mundo e no Brasil, já existem clínicas e estudos

especializados em dependência com a internet e suas tecnologias. De acordo com Oliveira (2016), o primeiro Centro de Reabilitação foi criado em 2013 pela psiquiatra americana Kimberly Young. O centro está localizado na Pensilvânia, como um anexo do Centro Médico Regional de Bradford. No Brasil, segundo Abreu (2015), a partir de pesquisas em colaboração, foi fundado um serviço especializado no tratamento de dependência digital no Hospital das Clínicas em São Paulo. O seu coordenador é o psicólogo Cristiano Nabuco de Abreu. Para King e Guedes (2014), que coordenam o DELETE, o primeiro núcleo especializado em Detox Digital foi institucionalizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no Rio de Janeiro, tendo como responsáveis a psicóloga Anna Lucia Spear King e o comunicador Eduardo Guedes.

Trazemos para esta dialética o pesquisador inglês Mark D. Griffiths, que vem discutindo desde os anos 90 vícios sobre o comportamento humano articulado com a internet e tudo o que provém dela. Griffiths (1999) argumenta que os dependentes da internet se mostram em diferentes aspectos da utilização on-line. Ele diferencia três subtipos de viciados: jogos on-line, sexo e e-mail ou mensagens de texto. Para o autor, as redes sociais são um tipo de atividade on-line em que texto e e-mail têm sido predominantes, embora também seja notada a utilização da ferramenta para a prática de jogos e propósitos sexuais.

Com o avanço de suas pesquisas, agora voltado para as redes sociais, Griffiths (2005) salientou o seu acelerado avanço na vida de uma grande parte da população e como elas têm respondido aos anseios de uma conectividade que exacerba, em cada circunstância ali experienciada, um novo modo de agir e interagir com as tecnologias, a ponto de ocasionar fatores preocupantes para o desenvolvimento e maturação do indivíduo em plena sociedade da informação e comunicação.

Por ironia, como efeito colateral de uma tecnologia que foi criada para unir as pessoas, uma pesquisa, realizada em Harvard por Tamir e Mitchel (2012), indica que mais de 50% dos usuários de redes sociais consideram-se mais infelizes do que seus próprios amigos. “Nas redes sociais, as vidas são editadas segundo o padrão de um falso idealismo que não consegue se cumprir na prática, gerando frustração” (TAMIR; MITCHEL, 2012, p. 06). Ainda, 25% dos entrevistados relataram sintomas de forte depressão ao descobrirem que a vida de seus amigos é “melhor do que a sua”.

A ativação do sistema de recompensa a partir da auto-exposição pode gerar um quadro de dependência pela possibilidade de excessos no uso das mídias sociais e, ainda, de forma analógica, muitos vícios farmacológicos, tais como drogas, podem também recrutar a dopamina no sistema de recompensa, a fim de fornecer os seus efeitos para o indivíduo

(SCHULTZ, 2002).

Dialogando com essa perspectiva, a pesquisadora norte-americana Danah Boyd (2015) vem discutir as práticas de adolescentes e jovens com as mídias sociais em suas relações cotidianas, seus interesses mais recentes e estudar as relações sociais e culturais, focando nas questões relacionadas com a privacidade e publicidade e suas implicações para os direitos civis desses indivíduos, além de analisar as implicações das redes sociais para a formação da identidade na juventude.

A internet transmite uma sensação de controle da situação, pois não é necessário sair de casa para atrair novas oportunidades de comunicação, informação ou entretenimento. Seja com o propósito de conhecer, reconectar ou simplesmente manter contato e se comunicar com as pessoas, as redes sociais estão sempre presentes de alguma forma. Portanto, é necessário reconhecer os benefícios da tecnologia para os relacionamentos atuais.

Entretanto, para Guedes (2019), evidências clínicas apontam relatos de pessoas com problemas e comprometimentos na vida real a partir de seu uso excessivo e abusivo, com prejuízos nas relações familiares, profissionais ou sociais. É preciso refletir sobre os efeitos colaterais das novas tecnologias, não com o propósito de evitá-las (já que não são), mas com a intenção de estabelecer um relacionamento saudável com essas novas mídias.

Em geral, no meio virtual, as pessoas reproduzem uma versão melhorada ou recriada de si mesmas, já que a persona digital pode superar limitações da sua persona real. Por isso, é comum ver pessoas mais decididas, questionadoras, atiradas e assertivas, pois a internet funciona como um escudo que as permitem se proteger socialmente (GUEDES, 2019).

Segundo Guedes (2019), no mundo virtual, as pessoas escolhem as melhores fotos, os melhores ângulos e atividades que nem sempre correspondem à sua rotina ou preferência da vida real. Entretanto, não conseguindo sustentar isso na vida real, acabam sentindo angústia, tristeza, ansiedade e frustração. Além disso, nos encontros virtuais, é mais difícil capturar elementos essenciais da convivência, como tom de voz, expressão facial, humor e traços de personalidade (timidez, extrovertido etc.) comuns no encontro real.

Ainda segundo o mesmo autor, os mecanismos que produzem dependência da internet não são totalmente compreendidos. Contudo, artigos e revisão da literatura indicam que existe uma relação de causa-efeito entre a dependência da internet e outros transtornos primários que poderiam funcionar como gatilho do uso abusivo, como ansiedade, depressão, pânico, transtorno obsessivo-compulsivo. Existe uma linha tênue entre os limites da satisfação e da dependência no uso abusivo das redes sociais. Por outro lado, é preciso definir a palavra “vício” da mesma maneira em que é utilizada em manuais de diagnóstico de distúrbios

mentais por parte da Associação Americana de Psiquiatria e Organização Mundial de Saúde.

O psicólogo inglês Griffiths (2005) salientou que esta dependência pode se transformar em vício partindo de observações do comportamento de um indivíduo e como ele interage sobre as redes sociais, apontando com isso seis critérios que devem ser levados em consideração para diagnósticos futuros, que são:

1 Saliência—Isso ocorre quando a rede social se torna a atividade mais importante na vida de uma pessoa e domina seu pensamento (preocupações e distorções cognitivas), sentimentos (desejos) e comportamento (deterioração do comportamento socializado); 2 Modificação do humor - Refere-se às experiências subjetivas que as pessoas relatam como consequência das redes sociais e podem ser vistas como uma estratégia de enfrentamento (ou seja, elas experimentam um excitante “zumbido” ou um “alto” ou, paradoxalmente, um sentimento tranquilizador de “fuga” ou “entorpecimento”); 3 Tolerância—Este é o processo pelo qual quantidades crescentes de atividade de trabalho em rede social são necessárias para alcançar os efeitos anteriores de modificação do humor. Isso basicamente significa que, para as pessoas envolvidas em redes sociais, elas aumentam gradualmente a quantidade de tempo que passam nelas todos os dias; 4 Sintomas de abstinência—Estes são os estados de sensações desagradáveis e/ou efeitos físicos (por exemplo, tremores, mau humor, irritabilidade) que ocorrem quando as pessoas são incapazes de se envolver em redes sociais porque estão doentes, de férias, etc; 5 Conflito - Refere-se aos conflitos entre uma pessoa e aqueles ao seu redor (conflito interpessoal), conflitos com outras atividades (vida social, hobbies e interesses), ou de dentro do próprio indivíduo (conflito intrapsíquico e/ou sentimentos subjetivos de perda de controle) que se preocupam em passar muito tempo nas redes sociais; 6 Recaída—Esta é a tendência de repetição de reversões para padrões anteriores de redes sociais excessivas e para que mesmo os padrões mais extremos típicos do auge de redes sociais excessivas são rapidamente restauradas após períodos de controle (GRIFFITHS, 2005, p. 193).

Em uma pesquisa mais recente, Griffiths (2010) afirma que o uso excessivo das redes pode não estar associado diretamente a problemas comportamentais e/ou psicológicos, havendo características subjetivas em que o mesmo indivíduo pode ficar exposto até 14 horas por dia e não apresentar nenhuma ou alguma das situações acima, colocando com isso aspectos a serem considerados na situação de vício ou não.

A partir de outra visão e percepção sobre as redes sociais, a autora Gigli (2004, p. 22) traz considerações importantes encontradas na vida dos indivíduos, podendo ser representadas pelo:

Aumento do número de informações, no qual a todo instante são postadas notícias, compartilhado matéria, vídeos, links, tutoriais que rapidamente se espalham pelo mundo e para o mundo; Utilização do meio escolar, onde as Tecnologias da informação e comunicação estão a cada dia inovando a maneira e forma de ministrar aula, o que torna o aprendizado significativo para o sujeito em suas singularidades subjetivas; Grupos de amigos, de forma análoga, contribui muito para o processo de interação entre pessoas que estão no mesmo grupo de amigos e em formar novos grupos, para que possam compartilhar informações no qual estão conectados e juntos a todo o instante.

Dessa forma, o acesso às redes sociais é uma atividade que está atrelada à rotina dos indivíduos, em especial dos “nativos digitais”. O seu uso vem trabalhando o desenvolvimento emocional e social, melhorando as capacidades de comunicação, socialização, liderança e entretenimento, proporcionando com isso o bem estar social e emocional (GIGLI, 2004).

Buffardi e Campbell (2008) identificam alguns indicadores de potencial consumo problemático a partir de semelhança nos traços da personalidade, incluindo características como extroversão, introversão e narcisismo. Introversos tendem a utilizar as redes sociais para compensar a falta de contatos da vida real, enquanto os extroversos passam a usá-las para ampliar suas já extensas redes. A maior utilização está associada com o elevado narcisismo, neuroticismo e baixa consciência. Portanto, as pessoas com estes traços podem estar particularmente em risco de se desenvolver a dependência.

Em consonância, Clandinin e Conelly (1994) avaliaram a propensão à dependência com base em cinco dimensões principais dos fatores da personalidade: extroversão (ser extroverso, falante), socialização (ser simpático e sociável), consciência (nível de organização), neuroticismo (relacionado ao estado de humor, em geral nervosismo e mau humor) e abertura para experimentar (criatividade e intelectualmente orientado).

Para um determinado grupo de pessoas, as redes sociais tornam-se uma barreira na conexão com a vida real, criando uma verdadeira prisão particular, cuja saída é muito difícil de encontrar. A dependência não está relacionada diretamente à quantidade de horas de conexão propriamente dita, mas às emoções geradas e evidências da perda de controle, segundo King, Nardio e Silva (2014, p. 188):

Uma técnica não é boa nem má (isto depende dos contextos, dos usos e dos pontos de vista), tampouco neutra (já que ela é condicionante ou restritiva, já que de um lado abre e do outro fecha o espectro de possibilidades). Não se trata de avaliar seus ‘impactos’, mas de situar as irreversibilidades às quais um de seus usos nos levaria, de formular os projetos que explorariam as virtualidades que ela transporta e de decidir o que fazer com ela.

Para a população jovem, em especial os nativos digitais, essa técnica de se posicionar entre o lado positivo e/ou negativo se assevera para os benefícios relacionados ao meio escolar, para o qual estão diretamente imbricados o aumento do número de informações direcionadas, interpretadas e associadas no ambiente educacional e em grupos de amigos, favorecendo o contato indireto com pessoas e com assuntos de seu interesse, aumentando o número de amigos e, por conseguinte, sua rede de contato e seguidores (FONTE, 2008).

Segundo O'Keeffe e Clarke-Pearson (2011), é nas redes sociais que os adolescentes buscam cumprir tarefas on-line das quais julgam importantes, como manter contato com amigos e estabelecer novas amizades; fazer parte de grupos da família distante e próxima; partilhar fotografias e imagens; trocar informações e combinações sobre vários eventos sociais, incluindo os escolares, estendendo a uma visão de comunidade e de intervenção dos grupos em sociedade.

De acordo com Strasburger, Jordan e Donnerstein (2010), as redes sociais têm buscado trabalhar na percepção de valores relacionados à cidadania e compromisso com a comunidade em espaços escolares e não escolares, através de ações de grupos voluntários de causas beneficentes e solidariedade com outras causas. Ainda segundo Gigli (2004), as plataformas vêm contribuindo para o desenvolvimento de sentimentos como a empatia e tolerância pela diversidade, buscando fundamentar ou estabelecer vínculos de comportamentos pró-sociais, nos quais os jovens começam a se despertar para a liderança através de programas educacionais.

No que diz respeito à criatividade, Moreno (2010) infere que, no desenvolvimento da criatividade individual e coletiva, inúmeros indivíduos, de diversas gerações, compartilham, através de vários tipos de redes, trabalhos artísticos, musicais, youtubers, permitindo o amadurecimento e disseminação de ideias e valores com a utilização de várias atividades digitais: *blogs, podcasts, vídeos, websites*, canal em plataformas de interação e comunicação.

Dâmaso *et al.* (2012) discorrem sobre os benefícios relacionados aos meios acadêmicos, dentre os quais o uso constante, por parte de estudantes de vários lugares, das plataformas de comunicação, grupos de estudos, discussões compartilhadas, séries documentais e demais ferramentas que facilitam o processo de ensino-aprendizagem em todo o seu intercurso, bem como encurtam distâncias para uma maior aproximação com outros alunos de fora da cidade, estado, região ou país. O'Keeffe e Clarke-Pearson (2011) relatam, ainda, sobre a importância de plataformas como Facebook, Instagram e outras, com o objetivo de partilhar ideias, grupos de discussões, grupo de minorias com seus impactos e transformações no país e no mundo, intercalando seus principais problemas e de como as relações se estabelecem no todo para as partes.

Ao se olhar para as relações das redes é preciso problematizá-la quanto aos processos de adoecimento ou como promotora de saúde e bem-estar social e emocional, equivalendo a dizer que pesquisas devem ser mais bem direcionadas para aquilo que de melhor podem ser abstraídas em uma comunidade de redes, o quanto valioso ocorre em meio a escalas pertinentes do fazer, adquirir e repartir, partindo, com isso, do princípio das partes para se

chegar a um todo com apenas um clique, ou um simples compartilhamento do que se subjaz na palma da mão.

Pensar as redes sociais não como um instrumento tecnológico por meios das plataformas virtuais, mas como o uso que o indivíduo assume diante de cada uma delas, visto que as tecnologias não são responsáveis pela postura que o mesmo assume ou se prende nelas. Nenhuma tecnologia, a priori, é boa ou ruim. A questão é a reflexividade e suas aplicações. Em outras palavras, o ponto central são os processos de subjetivação (produção subjetiva) envolvidos na tecnologia, e não a tecnologia como mecanismo.

2.3 A Instituição educacional como orientadora do uso das redes sociais

A princípio, a rede foi utilizada como forma de comunicação, ou seja, um instrumento capaz de fazer a interação entre os indivíduos em um processo de compartilhar conteúdos mútuos. Todavia, no decorrer do tempo, as redes foram alcançando outros espaços, servindo para a socialização de temas pertinente à estrutura social, econômica, política, tanto a nível global como local. Desta forma, não estariam separadas das relações educacionais semelhantes ao contexto que também era discutido nas instituições escolares.

Ao passo que o uso das redes sociais se torna mais corriqueiro, mais relações virtuais são realizadas, e os jovens, realmente, são os mais vulneráveis a muitos riscos, por “não terem uma opinião formada e, com isso, são fáceis de serem influenciados pelo que se deparam no mundo virtual” (REIS *et al.*, 2012, p. 06). Com experimentos reais, adentram-se ao risco de vício de internet, *cyberbullying*, agressão sexual e superexposição, visto que os jovens “vão se tornando mais independentes e passam a acessar as redes via celular e computador pessoal, entrando aos poucos na lógica do multiacesso e da mobilidade e publicando conteúdos próprios com maior frequência” (ROSADO; TOMÉ, 2015, p.22).

No que tange à superexposição, os “nativos digitais” se apropriam da rede social como uma espécie de diário, no qual são relatados as suas rotinas diárias, seus sentimentos, dores, angústias e frustrações. Segundo Moraes (2015b), percebe-se a exposição do eu privado para o público: os indivíduos assumem uma postura compartilhada de exposição de seus pensamentos, atos e atitudes diante de uma plateia em rede, com suas dores claramente visíveis a todos os amigos virtuais que se comprazem em sua rede de seguidores e seguidos, bem como em qualquer outra plataforma virtual. O que para Simmel (2006) é entendido como uma espetacularização da vida pessoal quase em tempo real, sendo visível por todos, é intangível para muitos adultos, incluindo a instituição educação e a família. Nesse sentido, é

oportuno salientar que:

[...] as redes sociais digitais, somadas aos velozes e portáteis instrumentos de comunicação (laptops, smartphones, tablets,) influenciam no abarrotamento dos limites entre a vida pública e a esfera privada [...], uma vez que, estando sempre ao alcance dos jovens, facilitam o compartilhamento imediato de informações do dia a dia a todo instante (MORAES, 2015b, p. 302-303).

Nesse multiverso, percebe-se uma falta de conhecimento dos pais e/ou responsáveis legais, bem como um programa de orientação educacional por parte da escola, o qual poderia ser implementado no currículo para uma disciplina específica “Projeto de Vida” (BRASIL, 2018a, p.17), diante da realidade na qual os alunos vêm compartilhando mutuamente com seu eu na forma de espetacularização da vida privada.

Para Fialho e Sousa (2019), existem constantes riscos que estão entre os muros dos ambientes educacionais como venda de drogas on-line através das redes, relacionamentos amorosos com pessoas desconhecidas, e, por meio de aplicativos de encontros, amizades virtuais com pessoas que são perfis *fakes*, compartilhamento de hackers, golpes através das redes, ensaios fotográficos, estupros e demais situações, cabendo, com isso, o posicionamento da escola em uma escala de valores diferenciada para intervir nesses contextos.

Para Fichtner (2001), é importante que os jovens sejam capazes de avaliar criticamente os conteúdos, reconhecer possíveis perigos e proteger-se deles, haja vista que estão em processo de construção e maturação para o simbólico do processo ensino-aprendizagem. Em consonância, Reis *et al.* (2012) relatam que há inúmeros casos de adolescentes vítimas do mundo virtual, onde são aliciados por integrantes, sem perceber o perigo desta persuasão, inicialmente sem contato presencial. Por outro lado, com o apoio da família e da instituição educacional, esses adolescentes saberão reconhecer os riscos do mundo virtual e evitá-los para um melhor aprimoramento do seu caráter, enquanto indivíduos ativos de construção social.

Em consonância a essa realidade, Oliveira e Sales (2014, p. 102) partilham o conceito do novo indivíduo como aquele que está imerso nas culturas digitais e informacionais, capaz de se relacionar com várias pessoas ao mesmo tempo, através dos recursos tecnológicos, em plena era de uma sociedade informatizada, gerando uma total ou quase autossuficiência na busca e concretização da informação. Para tanto, partem do pressuposto de uma autossuficiência para gerar outra fonte de relação, repercutindo num retrocesso e alienação do indivíduo em si mesmo. Sobre isso, Moraes (2015b, p. 135) ressignifica dizendo que:

A sociedade da ignorância é também aquela que tem toda informação disponível a

um toque no mouse, ou na tela do Ipad, mas que, ao mesmo tempo, não consegue processar esse caudal de dados e informações disponíveis [...] principalmente pela grande dificuldade de processar a informação e construir conhecimento, a partir de uma visão crítica da realidade.

Neste multiverso de recursos tecnológicos, os indivíduos se ocupam, ininterruptamente, com uma infinidade de atividades ou tarefas como falar ao celular, responder e-mail, interagir nas redes sociais (Instagram, Facebook, WhatsApp dentre outras). Todavia, há uma lacuna de ações quando o assunto é proteção dos dados em tempo real, a fim de que não sejam vítimas de ataques cibernéticos, comuns em tempos reais e informacionais. Como apontam Monteiro e Osório (2008, p.7),

[...] do rol de riscos aos quais temos associado ao uso da internet, a questão da dependência tem merecido particular atenção [...] e a imagem que nos parece transmitir é a de que os jovens são máquinas de escrever mensagens, no telemóvel ou no teclado do computador, usurpadores da língua portuguesa, acéfalos devoradores de jogos inúteis, com distorcidas noções de amizade e simplesmente obcecados pelo que a internet tem de pior. [...] Trata-se, sobretudo, de encontrar um equilíbrio saudável entre benefícios e malefícios.

Segundo Bitencourt e Sousa (2015, p. 328), torna-se indiscutível a percepção de que as juventudes são equiparadas como irresponsáveis e imaturas sempre envolvidas em condutas de cunho perigoso. Contudo, elas não devem ser estereotipadas em uma condição consecutiva de imaturidade. Há de se questionar, por outro viés, a omissão de responsabilidade dos adultos (pais e instituição escolar), buscando uma intervenção das vivências no mundo e para a sociedade que os cerceia, colocando a família e escola como protagonistas no sentido de orientar os jovens para uma relação saudável com todos os aparatos tecnológicos de que dispõem os meios de comunicação e informação. Como bem pontuado pelos autores:

Cabe à escola e ao adulto responsável problematizarem criticamente as experiências de seus adolescentes e jovens no ciberespaço. Não um nem outro, pois essa é uma responsabilidade compartilhada dentro dos limites de cada esfera. Está claro que navegar no ciberespaço é uma das práticas mais recorrentes para as juventudes e que tem influência direta em sua vida. Logo, assim como tantas outras instâncias que devem ser acompanhadas de perto pelos pais e professores, a internet também apresenta riscos que podem submeter os jovens a situações que demandem cuidado, proteção, monitoramento (BITENCOURT; SOUSA, 2015, p. 329).

Segundo Fialho e Sousa (2019), as instituições escolares não têm ofertado aos seus respectivos alunos experiências positivas com a conectividade das redes sociais. Esse grau de responsabilidade se coaduna com a família, que não tem feito inferência às respectivas temáticas, faltando com isso um maior estímulo para que esses alunos repensem atitudes,

condutas e ações, a fim de que, quando adentrarem nos ambientes virtuais, saibam melhor se posicionar, referenciar e proteger-se de possíveis situações desfavoráveis ao seu convívio diário.

Ainda segundo os autores, a internet e, implicitamente, as redes sociais são mecanismos bastante utilizados nas relações no ciberespaço, tendo como objetivo a inserção de uma vivência em experiências voltadas à vida social, pessoal e familiar, contribuindo para a formação do indivíduo, com sua identidade, costumes, símbolos e significados. Dessa forma, torna-se pertinente e urgente que a família e os educadores auxiliem os indivíduos aprendentes a manter uma relação saudável em espaços virtuais. Isso exige princípios de orientação educacional dialógica, contextualizada e simétrica para o contexto no qual o indivíduo está inserido.

O manuseio contínuo das tecnologias de informação e comunicação reforça outras propostas para enxergar os indivíduos com suas respectivas ferramentas digitais, não lhes rogando o carácter de submissão, de vício ou de fuga da realidade, o que geralmente lhes são colocados quando se sentem incapazes diante de determinadas situações, aparentemente incompreensíveis. Mas, pelo contrário, que possam ver o grau de pertencimento, da conquista de uma autonomia com o afastamento dos vínculos familiares, tornando-se adultos responsáveis por seus atos e atitudes (MOREIRA, 2015, p. 35-36).

Moreira (2015) realça que a aprendizagem e a sociabilidade dos indivíduos estão vinculadas ao modo que as tecnologias da informação e comunicação se expandem em todos os campos sociais, do digital para o pessoal. Destaca ainda que a internet está totalmente interligada a todos os âmbitos da vida, no sentido de que as redes sociais têm lados opostos que conversam e dialogam entre si, trazendo benefícios para uma aprendizagem significativa em uma construção coletiva e subjetiva do sujeito, por meio da qual,

[...] os usos das tecnologias de informação e comunicação reivindicam outros modos de ver os jovens e suas pequenas máquinas, não apenas os de submissão, de vício e fuga da realidade, normalmente empregados quando estamos indefesos diante de uma ameaça incompreensível. A questão do pertencimento, da conquista da autonomia e afastamento dos pais para se tornar adulto parece acompanhar o jovem em suas andanças nas redes (MOREIRA, 2015, p. 35-36).

Para Corradini e Mizukami (2013), o uso das tecnologias da informação e comunicação opera em lados opostos, conectando-se para a formação do sujeito nos mais variados contextos subjetivos, com propósitos basilares voltados à formação de uma cidadania que lhe configure o carácter, com seu pleno gozo social, emocional e pessoal. Com esse propósito, seria preciso que as tecnologias fossem usadas de modo a desenvolver um

pensamento crítico do sujeito (MASSENSINI, 2011), um uso responsivo e consciente para o favorecimento de uma autonomia com o reforço positivo da criticidade, enquanto sujeito ativo do processo de construção do conhecimento.

Para o cenário educacional, essas redes deveriam gerar novas estruturas entre os membros de uma instituição educacional, buscando facilitar o compartilhamento de informações envolvendo temas estudados em sala de aula, o estudo em grupo, a divulgação dos mais diversos conteúdos informativos, o compartilhamento de recursos (documentos compartilhados, *links* de estudos, vídeos educativos), como também o fortalecimento de projetos que envolvam alunos e professores, criando um canal de comunicação entre eles e as demais instituições de ensino (FIALHO; SOUSA, 2019).

Segundo Lorenzo (2013), em um espaço colaborativo em redes sociais, o professor terá a oportunidade de verificar aspectos muitas vezes difíceis de serem identificados em uma sala de aula, como a capacidade de elaborar textos, melhoria do desenvolvimento na escrita, a pesquisa sobre um assunto, a apresentação de uma opinião e o debate entre os alunos.

Dessa forma, compreende-se que a orientação educacional dos indivíduos tem uma relação com o uso das redes sociais, tomadas como responsáveis diretas e indiretas pela caracterização do indivíduo em seus mais diversos aspectos que caracterizam sua formação ao longo da vida. Bordignon e Bonamigo (2017) corroboram que as redes sociais representam espaços imprescindíveis para a caracterização do sujeito, enquanto espaços de convivência e socialização para o protagonismo responsivo de uma vida na qual irá agir e refletir sobre ela. Isso porque, no decorrer de sua história de vida, a construção de uma subjetividade da cidadania está atrelada às interações dos pares de forma colaborativa e participativa, com um viés de acompanhamento pelos atores que subjazem a formação (família e escola), a fim de que, no futuro, se construa um sujeito em formação ativa do processo de domínio dos meios tecnológicos e não de escravizados por esses mesmos.

2 METODOLOGIA

Para González Rey e Martínez (2017), a compreensão da pesquisa como produção teórica exige partir de uma teoria e usar seus conceitos como instrumentos da construção sobre o assunto pesquisado, o que permite avançar, de modo diferenciado, em questões sobre as quais outras teorias não permitem. O pesquisador deve ser capaz de encontrar na pesquisa a oportunidade criativa para produzir construções que exijam dele o uso criativo do referencial teórico assumido. Para isso, os conceitos da teoria tornam-se também recursos de valor epistemológico e ferramentas metodológicas.

Nesse sentido, para que os objetivos da pesquisa fossem alcançados, foi utilizada a Epistemologia Qualitativa proposta por González Rey (2013b, 2014, 2016, 2017, 2019), na qual se apoia o método construtivo-interpretativo que norteou os procedimentos do objeto a ser investigado.

A seguir, são apresentados também os elementos epistemológicos e metodológicos que serviram de orientação para a presente pesquisa, dentre eles estão o cenário social da pesquisa, os instrumentos e os participantes.

3.1 Marco Epistemológico

Desde o início do século XX, houve modelos experimentais e estudos homogêneos de base empírica que marcaram uma grande parte das produções na Psicologia e na Educação.

A Epistemologia Qualitativa nasce em meio a um contexto no qual a maioria das formas de produção de conhecimento respondia a um paradigma positivista, responsável por direcionar as formas das legitimações científicas. Em meio à necessidade de se abrirem novos caminhos epistemológicos para a pesquisa qualitativa, buscou-se ultrapassar o instrumental, o controle sistemático e a rigidez metodológica nas produções de conhecimentos.

Como consequência das características pertencentes aos modelos tradicionais, surgiu o estudo dos fenômenos de maneira isolada, sem conexão com a realidade, de modo que uma indefinição ontológica foi perpetuando-se e impedindo a produção do saber relacionados aos processos complexos e dinâmicos da vida humana (GONZÁLEZ REY, 2005a).

González Rey (2005a, 2017) compreende que a Epistemologia Qualitativa desenvolve uma reflexão aberta e sem âncoras apriorísticas em relação às exigências e às necessidades de produzir conhecimento em uma perspectiva qualitativa. Com isso, adquire-se uma postura que esteja ligada a novas perguntas e respostas, que ao acoplarem-se a respostas anteriores não se

tinha um modelo coerente com o que se propunha aos novos paradigmas dos indivíduos em pleno processo de constructos sociais e/ou individuais.

Para González Rey (2019), a Epistemologia Qualitativa aparece unida de forma inseparável ao tema da subjetividade, em um momento histórico de profunda crítica à psicologia empírico-instrumental mais tradicional, por meio de propostas que expressam um momento progressista no desenvolvimento da psicologia. Fizeram parte desse movimento a psicologia crítica alemã, as diversas formas que o legado da psicologia soviética tomou no ocidente (psicologia cultura, sociocultural, cultural-histórica e da atividade), o construcionismo social e a psicologia social crítica latino-americana.

Ainda para o autor, a Epistemologia Qualitativa e a Teoria da Subjetividade nasciam, assim, na contramão dos movimentos que hegemonizaram a época, representando um espaço alternativo dentro da psicologia. A tríade Teoria da Subjetividade, Epistemologia Qualitativa e Método Construtivo-Interpretativo ofereceu uma opção também crítica para o desenvolvimento da pesquisa e da prática psicológica que vem se consolidando, visto que subjetividade, sujeito, subjetividade social e a riqueza imaginativa emocional dos indivíduos eram aspectos totalmente ausentes no construcionismo social tão enfatizado.

Para González Rey e Martínez (2017), a epistemologia se apresenta com base em três princípios orientadores para se compreender o objeto de estudo. O primeiro princípio é o resgate do sujeito como categoria epistemológica no processo de produção do conhecimento. Isso exige o reconhecimento da singularidade que por tanto tempo fora excluída da pesquisa na psicologia, representando um empecilho para a generalização indutiva como via de legitimação dos resultados; o segundo princípio é a ênfase no caráter construtivo-interpretativo do conhecimento sobre a subjetividade e está estreitamente associado com o tipo de problema que o estudo da subjetividade nos coloca; e o terceiro se apresenta como processo de comunicação dialógica, marcando diferenças não apenas na relação pesquisador-participante, mas na própria representação da pesquisa, que passa a ser compreendida como espaço social, no qual múltiplos e inesperados processos de comunicação emergem de maneira espontânea, colocando o pesquisador e os participantes como agentes ou sujeitos de um processo rico em novidades e opções imprevistas, podendo ganhar importante relevância para a pesquisa.

Com esse enfoque, a Epistemologia Qualitativa foi introduzida como alternativa às propostas existentes que limitavam uma aproximação concreta e estabeleciam um padrão frente ao rigor do que estava sendo investigado, propondo nova reflexão epistemológica que compreendesse as dimensões histórica, cultural e subjetiva dos fenômenos humanos e que este

processo está intercalado à dialogicidade com o objeto de pesquisa do referido projeto.

3.2 Metodologia construtiva-interpretativa

Além de trabalhar com a necessidade de um aporte metodológico diferenciado, que favorecesse o conhecimento aprofundado do objeto em estudo, com o modo de compreendê-lo em suas especificidades e complexidades, possibilitando avançar na subjetividade como sistema, a Epistemologia Qualitativa (GONZÁLEZ REY, 1997) nasce como possibilidade de se estudar os processos subjetivos humanos, com relação aos aspectos individuais e ou sociais.

Para González Rey e Martínez (2017), a proposta de pesquisa construtiva-interpretativa identifica a pesquisa como criação. Nessa, a criatividade vem à tona quando o pesquisador se torna sujeito do processo de pesquisa para a produção de ideias que vão se configurando no decorrer do processo, o qual integra os participantes ao objeto de estudo da pesquisa.

Ainda para os autores, os sentidos subjetivos e as configurações subjetivas precisam ser construídos na pesquisa e são legitimados por informações que não aparecem de forma direta nas expressões dos participantes, mas que são essenciais para se gerar novas inteligibilidades teóricas sobre o problema estudado.

O modelo teórico vai sendo desenvolvido no curso do trabalho de pesquisa, partindo de hipóteses que, inclusive, podem ser contestadas em um mesmo momento por outras que vão surgindo no percurso (GONZÁLEZ REY, 2012a). Nesse processo, aparece o resultado da construção da informação, na qual o empírico não é subordinado ao teórico, que por sua vez constitui-se enquanto produção intelectual do pesquisador, responsável pela construção e interpretação do que está sendo estudado.

Na pesquisa construtiva-interpretativa, a linguagem e o discurso não atuam como sistemas que estão fora do contexto do indivíduo, seja em suas relações pessoais e/ou interpessoais, mas como forma de trazer a subjetividades dos sujeitos, objeto de estudo da pesquisa. Para tanto,

A linguagem é trabalhada pela sua qualidade, forma de organização do relato, experiências associadas com os que aparecem como protagonistas, cronologia de aparição dos eventos etc., os quais são atributos que identificam o sujeito ou agente da fala e que estão além da intenção da fala ou da escrita, mas que aparecem na organização não consciente destas na qualidade do processo de construção em que essas expressões faladas, escritas ou simplesmente sentidas se manifestam

(GONZÁLEZ REY; MARTÍNEZ, 2017, p. 110).

A linguagem propicia a compreensão dos processos subjetivos dos participantes, o seu histórico de vida, sua percepção do objeto de estudo e como se vê numa relação dialética com os pontos culminantes de sua cultura; todos refletidos sobre o viés da sua fala e sua expressão e/ou sentimentos no decorrer dos processos que intercalam os instrumentos que servirão de subsídio para a análise reflexiva proposta para se entender o problema de pesquisa.

Para González Rey (2019), a pesquisa qualitativa construtiva-interpretativa, que se apoia nos princípios da Epistemologia Qualitativa, é teórica, pois o próprio trabalho de campo avança através de indicadores que são significados criados pelo pesquisador, ou seja, atos teóricos. Esses indicadores são produções do pesquisador que só se legitimam mediante emergência de outros indicadores que o próprio pesquisador irá construir no curso da pesquisa, os quais precisam ser integrados ao significado aberto pelo primeiro indicador. Com base nesse conjunto de indicadores, uma hipótese é formulada como primeiro momento de um modelo teórico no qual outras hipóteses e ideias do pesquisador irão se integrando num processo que deverá levar à construção das questões que orientarão a pesquisa.

A pesquisa é um processo teórico pelos seguintes argumentos:

1 O pesquisador usa as categorias da Teoria da Subjetividade como referenciais que orientam a construção teórica no processo da pesquisa, mas as categorias dessa proposta sempre se configuram de forma singular e diferenciada, pois elas emergem na explicação e compreensão do problema estudado no curso da pesquisa. 2 O objetivo das pesquisas desenvolvidas a partir da Epistemologia Qualitativa é o desenvolvimento de um modelo teórico capaz de gerar inteligibilidade sobre o problema estudado tendo por base a Teoria da Subjetividade e a explicação da forma como se organiza a questão estudada dentro de um contexto específico em relação a questões específicas formuladas nesse contexto. 3 O caráter teórico dessa proposta tem como desdobramento que nenhum “fato” em si, fora do modelo teórico em desenvolvimento no curso da pesquisa, ganha um significado. 4 O valor do singular e a legitimidade do conhecimento a partir dessa definição epistemológica são processos essencialmente teóricos (GONZÁLEZ REY, 2019, p. 37-38).

Para González Rey e Martínez (2017), os indicadores atuam na linguagem como forma de levantamento qualitativo feito pelo pesquisador, considerando as variáveis dos sujeitos em cada processo de participação na pesquisa, demonstrando os aspectos subjetivos que estão intercalados dentro da experiência e vivência de cada um.

3.3 Garantias éticas da pesquisa

Por se tratar de uma pesquisa com seres humanos e que envolve o nome da instituição

em questão, é pertinente que o pesquisador se atente às medidas que resguardem a identidade e o bem-estar dos indivíduos e todos os processos que serão desencadeados desde o início da pesquisa até o seu fim.

Com o objetivo de assegurar aos participantes, bem como à instituição, os cuidados éticos em pesquisas, o projeto de pesquisa foi submetido à Plataforma Brasil, que teve parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Tocantins (UFT), tendo sido aprovado no dia 09 de novembro de 2021 sob o CAAE: 51556021.0.0000.5519, parecer nº 5.091.544, no qual foram avaliados aspectos metodológicos e a viabilidade de execução da referida pesquisa.

Os participantes da pesquisa tiveram conhecimento legal da integridade, sigilo e confidencialidade dos dados obtidos antes, durante e após a realização da pesquisa, cujas orientações para procedimentos em pesquisas, em qualquer etapa, em ambiente virtual e/ou presencial, emitido pelo parecer, teve como respaldo legal as seguintes legislações: Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012; Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, artigo 4º; Resolução nº 580, de 22 de março de 2018; Resolução CNS nº 441, de 12 de maio de 2011; Norma Operacional nº 001/2013 e Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018, artigo 5º, das quais foram extraídos os seguintes termos: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 1), Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 2), Instrumento para coleta de dados (Apêndice 3), haja vista que o processo de pesquisa busca, numa visão científica, adotar métodos e técnicas capazes de garantir que os dados coletados sejam fidedignos ao objeto de estudo pesquisado.

3.4 Campo de Pesquisa

A referida pesquisa aconteceu no Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Tocantins (IFTO), no Campus Avançado Lagoa da Confusão, em uma turma do Curso Técnico em Agricultura. O referido Campus nasceu na conjectura da terceira fase de expansão da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, regulamentada em agosto de 2012. Sua implantação partiu das considerações e reivindicações do setor produtivo e, principalmente, do setor público do município (BRASIL, 2017).

Atualmente, os cursos ofertados pela unidade são de Técnico em Agricultura, modalidade subsequente e concomitante, e superior em Engenharia Agrônoma. Eles representam os interesses da comunidade pela verticalização dos estudos e à demanda dos arranjos produtivos locais ligados à área das Ciências Agrárias. No curso Técnico, o processo

seletivo ocorre semestralmente com entrada de até 40 alunos, enquanto que no curso superior as entradas ocorrem uma vez ao ano, em igual quantidade.

Lagoa da Confusão é um município brasileiro do estado do Tocantins, localizado a 220 km da capital, Palmas. É o portal de entrada da maior ilha fluvial do mundo, a Ilha do Bananal, e do Parque Nacional do Araguaia, primeiro parque ambiental a ser criado no Brasil. Possui belezas e ecossistemas incomparáveis envolvendo o ecótono Cerrado, Mata e Pantanal.

Segundo o IBGE (2015), a região da Lagoa da Confusão está situada ao lado direito do rio Araguaia, a sudoeste do estado do Tocantins, na divisa com o estado do Mato Grosso, fazendo limite com os municípios de Santa Rita do Tocantins, Cristalândia, Dueré, São Félix do Araguaia (MT), Luciara (MT), e possui uma população estimada de 12.501 habitantes.

A principal estrada de acesso ao município de Lagoa da Confusão é a rodovia estadual TO-255, interligando-o com os municípios de Cristalândia e Nova Rosalândia, município este ligado à BR – 153, uma das principais vias do país que tem um percurso de Brasília a Belém. O percurso a Palmas pode ser feito pela BR-153 até a cidade de Paraíso do Tocantins, seguindo pela TO-080 com destino à capital. Há também outra via que pode ser usada, a TO-164 que liga a região à TO-354, passando pelo município de Pium até Pugmil.

O Campus fica localizado na Rua 02, Quadra 05 A, Lote 01, Setor Lagoa da Ilha, CEP 77.493-000, Lagoa da Confusão/TO e dispõe de dois espaços: no térreo estão localizados 01 laboratório de hardware, 01 laboratório de software, 02 laboratórios técnicos de experimentos agrícolas, 01 biblioteca, 01 sala de direção, 01 sala de reuniões, a secretaria da escola, 01 sala de Tecnologia da informação, 02 refeitórios e uma quadra poliesportiva; e no primeiro andar localizam-se 12 salas de aula, 01 Espaço Kids, 01 sala da gerência de ensino, 06 salas de professores e uma sala de reuniões.

3.4.1 Fotos do Campus

Nesta seção, apresentamos algumas fotos do espaço de pesquisa em destaque.

Figura 1 - Campus Avançado Lagoa da Confusão



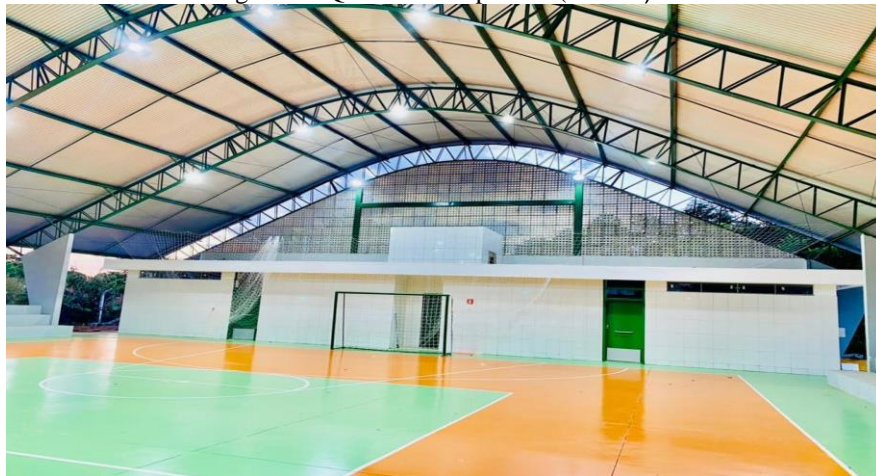
Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Figura 2 - Quadra Poliesportiva (Externo)



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Figura 3 - Quadra Poliesportiva (Interno)



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Figura 4 - Biblioteca



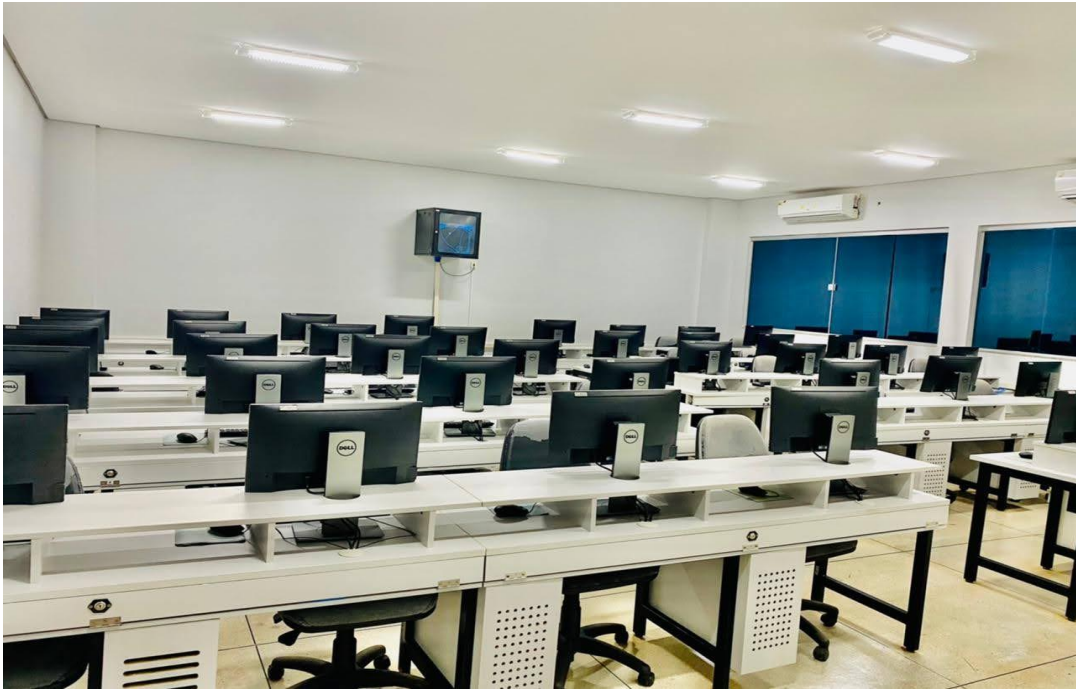
Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Figura 5 - Laboratório de Química



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Figura 6 - Laboratório de Informática



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Figura 7 - Laboratório de Hardware



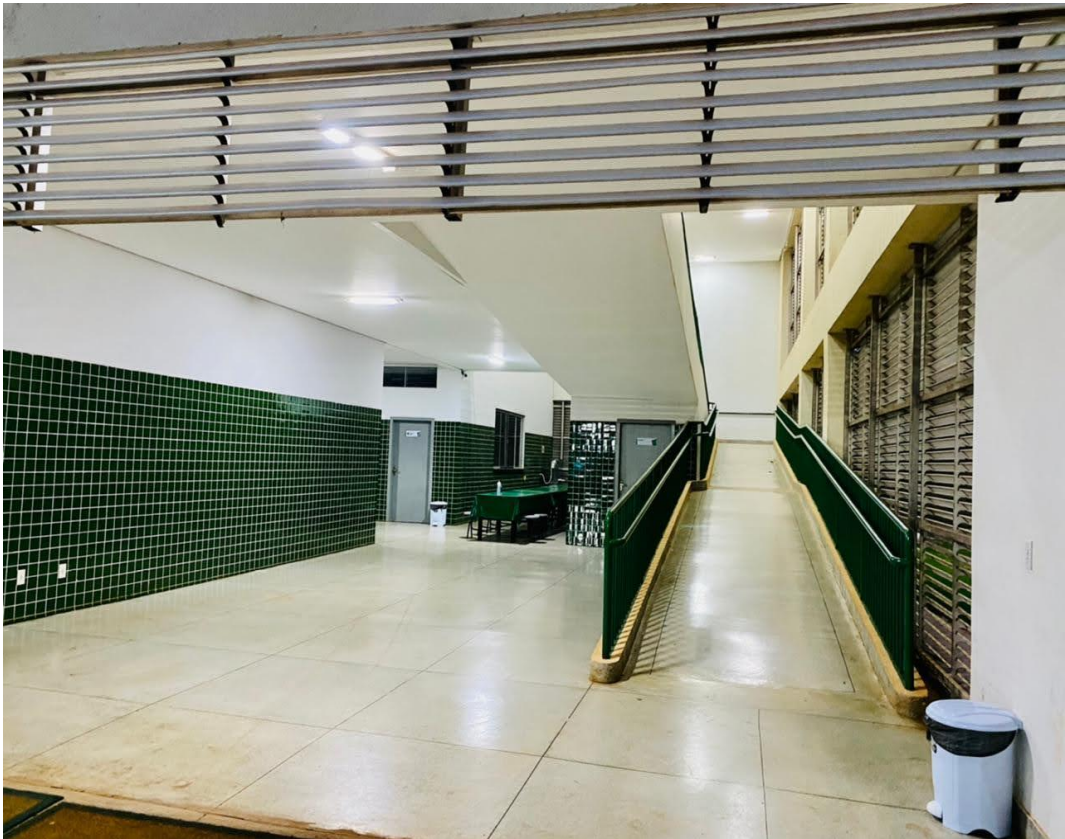
Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Figura 8 - Refeitório



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Figura 9 - Rampa de Acesso ao 1º Piso



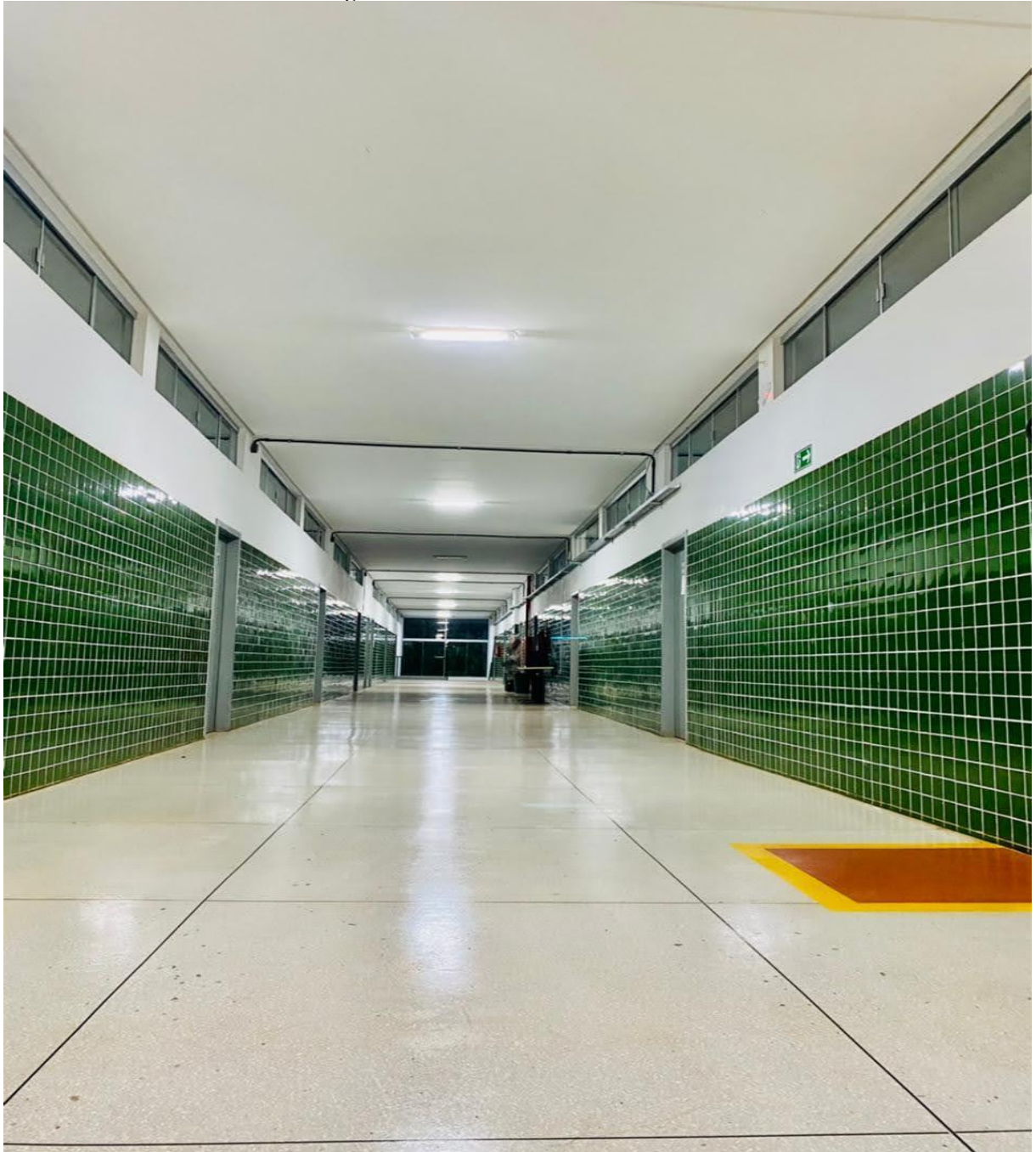
Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Figura 10 - Corredor do 1º Piso



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Figura 11 - Corredores das salas do 1º Piso



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Figura 12 - Espaço Kids



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Figura 13 - Horta



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

3.5 Cenário social da pesquisa

A criação do cenário social da pesquisa não é um recurso informativo-organizativo desse processo, mas um momento criativo do pesquisador. Quando bem-feito, esse cenário contribui significativamente com a qualidade da pesquisa como configuração subjetiva social em movimento (GONZÁLEZ REY, 2005a; MARTÍNEZ, 2014).

O interesse dos possíveis participantes da pesquisa é gerado a partir da criação desse cenário social, representando o primeiro momento de engajamento deles. Isso porque esse tipo de pesquisa procura o envolvimento de seus integrantes desde o início, colocando neles a decisão de participar ou não.

Para a construção do cenário social da pesquisa do presente projeto de pesquisa do Mestrado Acadêmico PPGCom/UFT, o pesquisador o submeteu ao Comitê de Ética da Plataforma Brasil, obtendo aprovação junto ao Comitê de Ética da Universidade Federal do Tocantins, sob o número do Parecer: 5.091.544. A partir disso, começou-se a executar a 1ª fase da pesquisa, cujo objetivo foi o de apresentar aos alunos uma forma geral do que seria, a princípio, as redes sociais e como elas estão conectadas ao processo ensino-aprendizagem, dentro de uma perspectiva construtivo-interpretativa. Esse primeiro contato subsidiou o desenvolvimento da proposta da pesquisa, enquanto continuidade do que se propunha para o primeiro semestre de 2022, sendo executado em concomitância com o término do referido curso.

Dessa forma, como imersão do cenário social da pesquisa, foi elaborado um projeto de ensino que contemplasse os alunos do curso Técnico em Agricultura, ofertando-se 40 vagas e uma carga horária de 60 horas. Como critério de seleção, houve a divulgação da primeira fase do projeto aos 40 alunos do curso Técnico em Agricultura, do primeiro período do ano letivo de 2021. Dentre esses alunos, 16 aceitaram participar desta primeira fase, sendo que 07 deles são indígenas. Isso tornou o objeto de pesquisa mais criativo, haja vista que, em meio aos instrumentos para se trabalhar com os grupos, foram colocados o histórico de vida cultural e sua realidade.

O tema da primeira fase do projeto de pesquisa foi “Redes Sociais: uma subjetividade no processo ensino-aprendizagem”, que teve como objetivo preponderante estabelecer um cenário social com os participantes da pesquisa, por meio da exposição da temática e trabalhos divididos em 02 grupos de 08 alunos cada. Todos os encontros foram realizados de

maneira remota, em virtude do momento pandêmico que assolava o país e o mundo⁶. Cada encontro durou quatro horas, ocorrendo no período noturno, de segunda a sexta-feira, com uma carga horária de 20h/ semanais.

Como instrumento para a construção do primeiro cenário social, o pesquisador propôs as dinâmicas conversacionais, com base em González Rey (1999, 2005a), cuja proposta traz uma própria analogia de uma dialética com os participantes, a fim de estabelecer um novo entendimento sobre o assunto ou a partir dele, constituindo com isso um contato com os participantes e uma apresentação do que se propõe pesquisar. Em seguida, na subdivisão dos grupos, intercalaram-se os processos da realidade dos indígenas para os não indígenas, o que culminou na produção coletiva de uma cartilha no final desta primeira fase. Isso, com certeza, favoreceu uma maior aproximação da realidade dos participantes, bem como o conhecimento do projeto de pesquisa que foi desenvolvido no primeiro semestre letivo de 2022. Além disso, permitiu o compartilhamento das dinâmicas, ocorridas de forma remota para a maior segurança do participante, considerando os protocolos de vigilância sanitária do COVID-19.

Ainda sobre o cenário social da pesquisa, foi estabelecido um vínculo com os participantes desta primeira etapa, e, por meio das dinâmicas conversacionais (GONZÁLEZ REY, 1999, 2005a), configurou-se, para o grupo e à Instituição de ensino como um todo, a submissão de um projeto de ensino via edital para ser aprovado e ministrado após a aprovação na Plataforma Brasil, tendo como objetivo preponderante, apresentar a temática da pesquisa para os discentes, estabelecer os vínculos interativos entre eles e o pesquisador e uma preparação para o segundo momento, cuja proposta seria em forma de pesquisa do Mestrado Acadêmico do PPGCom, voltada a um grupo menor de participantes. Assim, realizaram-se visitas institucionais presenciais em aldeias indígenas, a fim de se conhecer a realidade local e seus aspectos intrínsecos. Já com os não indígenas, houve vários momentos de encontros remotos, buscando construir os principais problemas propostos pelos participantes.

Cumprir destacar que a relação entre o autor do projeto e os participantes ocorreu no início do ano de 2021, no qual todos os alunos são oriundos do processo seletivo remoto 2020/2, com entrada remota e uma vivência ainda mais desafiadora para perpassar diversas situações que os acometeram durante todo esse tempo. Dessa forma, houve acompanhamento individual com encontros semanais previamente agendados, o que contribuiu ainda mais para

⁶ De acordo com Palmer e Cardoso (2020), em dezembro de 2019, as autoridades de saúde de Wuhan, China, identificaram um conjunto de casos de pneumonia de etiologia ainda desconhecida. No final de fevereiro de 2020, recebemos a notícia de que havia sido diagnosticado no Brasil o primeiro caso de Covid-19. Por se tratar de uma doença infecciosa nova, com descobertas constantes a seu respeito, é importante conhecer bem suas manifestações clínicas, o que contribuiu para o isolamento precoce dos casos e no correto manejo dos pacientes que evoluem com gravidade.

estreitar os laços de convivência entre eles e o pesquisador em questão.

Fazer pesquisa em meio a um cenário mundial da pandemia foi um fator desafiante para o pesquisador e para os participantes, haja vista que estão imersos em um emaranhado de problemas sociais e econômicos. Ainda, considerando a situação de saúde, com os constantes casos de Covid, e os cuidados que o pesquisador precisou ter ao visitar as aldeias indígenas, bem como para estabelecer um vínculo com todos eles. Isso exigiu ainda mais da criatividade, do saber pesquisar e dos recursos digitais, por exemplo, os formulários de autorização como TCLE e o TALE foram disponibilizados de maneira digital para serem impressos e devolvidos com as respectivas assinaturas; todos os encontros e formas de dialéticas foram realizadas com aporte do WhatsApp, Instagram, Facebook e do Google Meet, para se chegar aos objetivos propostos. Tal desafio faz parte das pesquisas com seres humanos, servindo de subsídios para demais momentos, pois, mesmo dentro desse ou de outro contexto, a ciência não para, pelo contrário, mostrou-se bem atuante na pesquisa e criação de vacinas para combater esse vírus, bem como em outros campos também demonstrou que é possível quebrar as barreiras e fazer acontecer os momentos e eventos vivenciados por cada participante nos mais diversos aspectos, em especial, os subjetivos.

3.6 Participantes da pesquisa

Para González Rey (2001), uma das questões historicamente associadas com o conceito de validade científica na pesquisa empírico-instrumental tem sido o valor da amostra para a generalização dos resultados. Consequentemente, com seus princípios de partida, a pesquisa empírico-instrumental, nas Ciências Humanas, procura a legitimação do saber na validação dos instrumentos usados, nas evidências experimentais ou nos resultados quantitativos com base na relação entre instrumentos. Esses resultados são definidos essencialmente por relações entre variáveis suscetíveis de se repetirem em condições semelhantes, usando-se a estatística como recurso de legitimidade para saberes sobre populações grandes.

Para González Rey e Martínez (2017), a pesquisa, quando se constitui numa perspectiva construtivo-interpretativa, que trabalha com indivíduos e grupos, não parte da ideia de que uma amostra significativa do ponto de vista populacional irá permitir a generalização de qualquer resultado. Primeiramente, porque a ideia de resultados empíricos não é a que norteia a pesquisa e, muito relacionado com isso, as expressões dos indivíduos estudados só ganham significado no modelo teórico que o pesquisador elabora sobre a questão

estudada.

Para os autores acima, o que dá unidade à pesquisa construtivo-interpretativa não é o número de participantes, mas as necessidades de construção teórica do problema estudado. Essas necessidades precisam ser avaliadas pelo pesquisador que, no curso da pesquisa, assim como gera novas hipóteses e novos instrumentos diante de desafios novos que surgem, pode também tomar decisões em relação a novos participantes que irão integrar a pesquisa de forma individual ou como grupos que se incorporam ao estudo.

Os participantes da pesquisa se mostram sobre dois pontos:

- a) O autor do referido projeto – no papel de pedagogo do campo, a presença na vida dos discentes é bem frequente, desde o ingresso, com a acolhida, até o encerramento do curso. Por meio disso, os discentes de ambos os cursos e, em especial, do técnico, se fazem presentes na rotina escolar com as demandas espontâneas de atendimento e, com isso, aos poucos, o pesquisador começa a entender alguns pontos que convergem e/ou divergem para o processo ensino-aprendizagem. Em outros casos, os participantes relatam seus sonhos e aspirações para a vida, construindo com isso um elo afetivo que fica até depois da conclusão do curso. Isso é demonstrado pela comissão de egressos do curso, do qual este autor faz parte, e de alunos com seus casos de sucesso ou busca no mercado de trabalho, passando com isso a serem colaboradores do campus. Dessa forma, eles ganham notoriedade não apenas para o Estado do Tocantins, mas para sua vida como um todo;
- b) Participantes da pesquisa – neste processo dinâmico e inovador, observou-se que os participantes se sentiam mais à vontade ao estarem diante de um ambiente virtual, fato esse que não havia presenciado com tanta fluidez enquanto com outros alunos no presencial. Aos poucos, houve imersão na vida de todos os alunos e, mesmo aqueles que não aceitaram participar da pesquisa no segundo semestre, perguntaram se podiam continuar tirando dúvidas e com as demandas espontâneas. Tal fato elucidada ainda mais o vínculo que se faz entre o discente e o pesquisador, para assim conseguir pensar em problematizar as constantes situações que ocorrem dentre e fora dos muros da escola e como elas perpassam para além das experiências nas redes sociais.

Com base nas orientações do professor José Fernando Patino Torres e sobre as leituras da Epistemologia Qualitativa da Fernando González Rey, a pesquisa com seres humanos, nesta metodologia, se principia por uma explanação geral da temática para os possíveis participantes da pesquisa, para assim dar-se o processo de imersão desses dentro do projeto de pesquisa. Com isso o pesquisador submeteu um projeto de ensino com a temática: Redes

Sociais: Uma subjetividade no processo ensino-aprendizagem, para o edital (IFTO, 2021, p. 1-7): Seleção de Projetos de Ensino no âmbito do IFTO, a serem contemplados com apoio financeiro institucional. Dessa forma, no dia 19/07/2021, o pesquisador enviou o referido projeto para submissão, com a divulgação do resultado preliminar no dia 26/08/2021. O referido autor convidou todos os alunos do único curso Técnico em Agricultura e seus respectivos pais e/ou responsáveis legais a se fazerem presente em reunião agendada para as 19h, de forma on-line pelo Google Meet, tendo como pauta os esclarecimentos sobre a relevância do projeto de ensino para o seu desenvolvimento pessoal e profissional. Após, isso apresentou-se a proposta do projeto de ensino, explicando sua relação com uma pesquisa de Mestrado Acadêmico do PPGCom da UFT, cuja continuidade se concretizou no primeiro semestre de 2022. Entre os dias 27/08 a 04/09, houve a divulgação da abertura oficial do projeto de ensino nas redes sociais em todos os canais oficiais de comunicação. Esse contou com a colaboração de 02 monitores, sendo um para atender aos indígenas e outro para atender aos não indígenas, com um quantitativo de 40 vagas distribuídas entre três turmas do curso Técnico em Agricultura, totalizando 115 alunos.

Para o processo de divulgação e conhecimento da realidade local, em especial, a indígena, foram feitas, mediante agendamento, visitas institucionais às respectivas aldeias que ficavam no estado do Tocantins e Mato Grosso, visto que os indígenas matriculados fazem parte da Ilha do Bananal, a qual perpassa o Estado onde se encontra as instalações do campus. Diante disso, constatou-se que a chegada até esses estudantes é de difícil acesso; que eles, em sua maioria, não falam a língua portuguesa, somente a materna. Neste ponto, especificamente, houve a presença de indígenas que faziam a tradução para os demais e junto à presença dos caciques, haja vista que toda e qualquer visitação em aldeia indígena, além da situação pandêmica, tem de ter expressa anuência das autoridades locais junto às entidades parceiras, no caso da FUNAI; já para os não indígenas, houve encontros on-line individuais e em grupos com seus respectivos pais e/ou responsáveis legais.

No período de divulgação do projeto de ensino para os variados públicos, apresentou-se uma nítida conformidade com o problema de pesquisa do Mestrado Acadêmico, pois houve muitos relatos, em especial dos indígenas, de como muitas vezes são vítimas de ações que são acometidas tendo as redes sociais como seu canal de divulgação e, em muitos casos, de encontros e desencontros, chegando com isso ao presencial e afetando a saúde mental.

Após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisas com seres humanos pela Plataforma Brasil, junto ao Comitê de Ética da Universidade Federal do Tocantins, no dia 09/11/2021, deu-se início o projeto de ensino, com um total de 16 alunos matriculados e todos oriundos do

processo seletivo 2020.2 para o ingresso em 2021/1, o que facilitou ainda mais a dinâmica dos trabalhos virtuais com a respectiva interação às plataformas digitais do campus como o Moodle e o Youtube e para uma melhor conectividade utilizamos o Facebook, o Whatsapp e o Instagram.

Dessa forma, considerando o critério de inclusão dos participantes em inserção na referida pesquisa, dos 115 alunos matriculados, apenas 16 alunos, oriundos da turma de 2021/1, participaram da parte contextual e exploratória. Eles também demonstraram disponibilidade, aceitação e interesse em participar dos momentos de encontros síncronos nas plataformas virtuais de comunicação. E, como critério de exclusão, aqueles que por outros motivos não se disponibilizaram ao processo da pesquisa, por fatores elencados por eles mesmos durante o convite de colaboração para o projeto de mestrado acadêmico, não participaram.

Na segunda fase da pesquisa, após a qualificação de mestrado, realizada no dia 19/04/2022 às 17h, todos os 16 alunos que participaram da pesquisa I em forma de projeto de ensino foram convidados a participar, pois já se tinha trabalhado a temática, juntamente com o processo ensino-aprendizagem e a saúde mental alinhado à epistemologia qualitativa de Fernando González Rey. Com o retorno presencial das aulas, em 25 de fevereiro de 2022, os alunos, em especial os indígenas, optaram pela reunião on-line, argumentando se sentirem mais confortáveis por trás das telas. A reunião foi agendada para o dia 20/04/2022, às 19h, e contou com a participação de todos os envolvidos na pesquisa I e seus respectivos pais e/ou responsáveis legais. Depois de esclarecidos os termos sobre o desenvolvimento da pesquisa, do envolvimento e maior imersão ao projeto de pesquisa do Mestrado Acadêmico, atendendo aos princípios norteadores que geraram o problema de pesquisa, dos 16 discentes convidados para participar da referida pesquisa, apenas 04 se comprometeram com o respectivo processo de investigação científica. Para tanto, solicitaram que todos os encontros fossem realizados de forma on-line, justificando que se sentem mais confortáveis para falar do assunto através do Google Meet, visto que, mesmo após o retorno presencial em sala de aula, ainda não se sentiam à vontade com a volta a uma nova normalidade, após dois anos no virtual. Com isso, estabeleceu-se um agendamento dos encontros virtuais para cada participante, os quais foram iniciados na mesma semana da reunião.

3.6.1 Caracterização dos participantes

3.6.1.1 Caracterização de APL – Eixo 01 - Usos das redes sociais por parte dos/as discentes do IFTO

Armando Paulo Leopoldo (APL), nome fictício do participante para os dados da pesquisa, é um adolescente de 17 anos, filho mais velho de três irmãos, oriundo do Estado de Roraima, da Capital de Boa Vista. Devido à situação financeira da família se dispôs a vir para o Estado do Tocantins, onde poderia conciliar o curso técnico em Agricultura com o trabalho de meio período em uma empresa local, visando ajudar tanto na casa no qual reside com sua tia materna quanto com a situação financeira de sua família que ficou em outro estado do Norte do país.

Apresenta-se como um adolescente extrovertido que tem um sonho primordial: terminar o curso técnico, ingressar no superior também na área agrícola, já que o campus oferece todo um suporte para a área no qual está inserido e, com isso, poder desenvolver-se em pleno processo de mudança e transformação de vida. Utiliza as redes sociais como fator de interação e é empolgado com relação a elas. Em alguns momentos, apresenta um nível de segurança no universo virtual que o separa do ambiente presencial.

3.6.1.2 Caracterização de BJC – Eixo 02 - Trajetórias virtuais nas redes sociais: mergulhando na dinâmica juvenil

Beatriz Janaina Caldas (BJC), nome fictício da participante para os dados da pesquisa, é uma adolescente de 16 anos, bastante inteligente e introvertida, natural da cidade de Lagoa da Confusão. Mora com os pais na zona urbana da cidade; tem um irmão de dez anos; estuda em uma escola particular e faz o curso concomitante no Instituto Federal. É uma menina muito tímida presencialmente, no entanto, nas redes sociais, é uma pessoa bem extrovertida que aprendeu a se comunicar e interagir através delas, sendo com isso referência entre as colegas.

Quando iniciei a pesquisa I, por meio do projeto de ensino no segundo semestre do ano passado, preparei um *card* de divulgação, fiz uma reunião on-line com todos os alunos do curso técnico em Agricultura e apresentei uma proposta provocativa de que dois alunos seriam selecionados para ajudarem na divulgação, inscrição e execução do projeto. No processo seletivo, durante a entrevista, a referida aluna mostrou apta com as relações entre o ambiente virtual de aprendizagem, conhecimento do Meet e manuseio do grupo do Whatsapp,

colocando-a em uma posição de destaque para liderar o grupo dos não indígenas. Faz-se necessário salientar que esta dinamicidade toda se perpetua por estar no ambiente virtual, ou seja, atrás das telas de algum dispositivo eletrônico.

Com relação às redes sociais, possui um amplo domínio delas, apresentando, nos dois momentos da pesquisa, como forte indicador “empatia social”, visto que, com apenas 16 anos, ingressou no curso e se propôs a participar da pesquisa para ajudar uma amiga do Instagram. Depois, criou um grupo no Whatsapp, a fim de poder ajudar a mesma amiga que enfrenta vários problemas dentro da escola, muitos deles, pelas redes sociais.

3.6.1.3 Caracterização de TBP/ APA - Eixo 03 - Aspectos subjetivos na interfase entre redes sociais e saúde mental dos/as discentes

Thaís Brito Pereira (TBP), nome fictício da participante para os dados da pesquisa, é uma adolescente de 16 anos de idade; filha única, tem uma mãe professora que é modelo de referência em estudos e dedicação. A participante está se preparando para fazer o vestibular para medicina na Universidade de Gurupi (UNIRG) e o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) em qualquer universidade do país.

A participante é uma menina muito dedicada aos estudos, sabe o que quer e se mostra espontânea e extrovertida com o pesquisador. No entanto, não tem muitos amigos na escola e nenhum amigo efetivo nas redes sociais, pois passa muito tempo olhando as fotos de pessoas que mostram ter uma vida muito boa, que funciona como uma vitrine social, influenciando muitos sobre a perfeição editada nas redes.

Para o objeto de estudo da pesquisa, nas redes sociais, a participante se enxerga como uma possibilidade e/ou certeza do que ela mesma representa para si, em um processo de configuração subjetiva de uma representatividade social de felicidade, para o caso de morar em outro lugar, como a região Sul do país, a qual é bem vista e com ótimas oportunidades de interação, escola e lazer, fazendo com que o ambiente em si, seja objeto de transformação social para a vida da participante.

Ana Paula Andrade (APA), nome fictício da participante para os dados da pesquisa, é uma adolescente de 17 anos, mora na zona urbana da cidade, tem dois irmãos e os pais não têm o ensino fundamental completo. Ela estuda na escola estadual e faz o curso em outro período, procura fazer as atividades e pensa em trabalhar logo que terminar o curso e tentar entrar no vestibular ou Enem para Engenharia Agrônômica na mesma instituição de ensino.

É uma adolescente extrovertida, que tem um sentimento de inferioridade por ser oriunda de família com baixa renda. Quer muito trabalhar para poder ajudar sua família e se tornar independente. Não tem muitas notas boas durante todo o período de escolarização, pois acredita que o fator de notas está associado à baixa renda e falta de escolaridade dos pais.

Com relação às redes sociais, sente-se mais segura no ambiente virtual de aprendizagem, bem como do outro lado das telas de qualquer dispositivo eletrônico, haja vista que os meninos da outra escola fazem *bullying* e *cyberbullying* com uma frequência quase constante, o que constrange a participante, a ponto de não querer o retorno das aulas presenciais, já imaginando o que poderia acontecer com essa volta à presencialidade.

Para melhor entendimento das informações, faz-se necessário discutir alguns pontos que ora se mostram explícitos e ora implícitos no projeto de pesquisa:

- I. A relação entre a linha jornalismo, mídias e culturas do Mestrado em Comunicação e Sociedade do PPGCom/UFT, Campus Palmas, com o objeto de pesquisa nos instrumentos utilizados com os participantes;
- II. A experiência na pandemia para o projeto de pesquisa, desde o momento remoto com o ingresso dos discentes no campus, perpassando para as etapas que culminaram no projeto de pesquisa, finalizando não com o fim da pandemia, uma vez que essa não acabou, mas com a obrigatoriedade do retorno presencial das aulas em fevereiro de 2022 e a conclusão do curso em julho de 2022;
- III. A relação entre as redes sociais e a saúde mental, em uma dialética sobre o entendimento de como elas agiram na vida dos participantes desde esse período até a finalização do curso, cuja formatura ocorreu de forma presencial no campus em setembro de 2022.

Com essa nova roupagem, observa-se que as redes sociais adquirem uma postura dentro do cenário micro e macro dos atores envolvidos, o que torna mais rico os processos subjetivos que se estabeleceram entre o pesquisador e os participantes, razão pela qual o leque de instrumentos ficou disponível para o uso dentro do que eles se sentiriam mais à vontade como processo de imersão no objeto de estudo pesquisado.

Em uma melhor compreensão das informações, González Rey (2005a) traz, nos eixos teóricos, a construção dos sentidos subjetivos da pesquisa. A partir de um processo de imersão entre os participantes e o pesquisador, estabeleceram-se 03 eixos que intercalam diretamente com os objetivos específicos do referido projeto de pesquisa: Eixo 01- Usos das redes sociais por parte dos/as discentes do IFTO; Eixo 02 - Trajetórias virtuais nas redes sociais:

mergulhando na dinâmica juvenil; Eixo 3 - Aspectos subjetivos na interface entre redes sociais e saúde mental dos/as discentes.

O processo de comunicação através das mídias e com suas respectivas culturas também ganhou um novo formato com os alunos, passando por uma celeridade das informações, o lado cômico das histórias do dia a dia, a interação entre os grupos e o processo crescente de utilização dos mais variados aparelhos tecnológicos para se obter o objetivo que se propunha enquanto profissionais da educação na mediação com os discentes e estes na interação com outras culturas por várias regiões do país.

3.7 Estratégia de campo e análise das informações

Para González Rey e Martínez (2017), a pesquisa construtiva-interpretativa define a ação do pesquisador junto aos participantes do objeto de estudo a ser investigado, bem como sua relação acontece mediante a dialogicidade de caracteres subjetivos que vão se constituindo ao longo de todo o percurso da pesquisa, para assim descrever o processo metodológico do caminho a ser percorrido até chegar aos resultados almejados.

Ainda para os autores, na pesquisa construtiva-interpretativa, o problema está dado por um conjunto de ideias, interrogações e curiosidades que o pesquisador irá integrar numa representação inicial sobre o que se pretende pesquisar, e que irá lançar mão de pontos estratégicos para atingir seus objetivos. O pesquisador deverá lançar mão de sua criatividade para alcançar meios de instrumentos que subsidiem todo o processo de construção da pesquisa, até chegar ao modelo teórico de cada participante.

Dessa forma, os procedimentos metodológicos seguiram os seguintes passos para a construção dos resultados da pesquisa:

I. Criação do cenário social da pesquisa

Por se tratar de uma pesquisa com seres humanos e ter como meio de comunicação as plataformas digitais, além de ser necessário atender ao protocolo de distanciamento social imposto pela pandemia do COVID-19, selecionaram-se, como o cenário social, o Google Meet, Youtube, Instagram e o Moodle, que são plataformas executadas para o maior alcance dos alunos.

II. Imersão do pesquisador (Projeto de ensino - Redes Sociais: uma subjetividade no processo ensino aprendizagem)

Tabela 1 - Projeto de Ensino

Data	Ação	Situação
19/07/2021	Projeto de Ensino	Submissão
26/08/2021	Projeto de Ensino	Homologação
27/08 a 04/09/2021	Projeto de Ensino	Divulgação/ Seleção
11/10/2021	Seleção dos participantes	16 alunos (seleção)
09/11/2021	Plataforma na Brasil (Projeto de Pesquisa)	Aprovação
10/11/2021	Reunião com os participantes	19h (Meet) - realizada

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Tabela 2 - Execução Projeto de Ensino

Data	Ação	Situação	Carga Horária Total
11/11/2021 a 21/12/2021	Projeto de Ensino	Execução	56h
22/12/2021	Projeto de Ensino	Encerramento (Cartilha)	4h

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

III. Seleção dos participantes

Para González Rey (2005a), definir os participantes na pesquisa é uma das questões mais imprescindíveis para a validade científica na pesquisa empírico-instrumental, pois o valor da amostra se pontua como um elo muito importante para a fidedignidade dos resultados, haja vista que o objetivo proposto não se volta a uma grande quantidade de indivíduos, mas ao envolvimento e comprometimento com a pesquisa daqueles que aceitaram dela participar.

Tabela 3 - Projeto de Pesquisa - Organização

Datas	Ação
20/04/2022	Reunião online (pais e alunos)

22/04/2022	Reunião online com os alunos (definição dos encontros individuais)
25/04 a 16/07/22	Imersão (pesquisador e participantes)

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Tabela 4 - Encontros Virtuais

Participantes	Link	Dia da semana	Horário
01	meet.google.com/bms-poqh-qxi	Segunda-feira	noturno
02	meet.google.com/uyg-qhpz-cbx	Quarta-feira	noturno
03	meet.google.com/qmm-jwp-xxy	Quinta-feira	noturno
04	meet.google.com/gvi-voio-xmv	Sábado	vespertino

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

IV. Instrumentos

Tabela 5 - Instrumentos

Tipos	Instrumentos					
	Fanzine	Jornal escrito	Redações/	Desenho		
Instrumentos apoiados em indutores escritos						
Instrumentos apoiados em indutores não escritos	Entrevista semiestruturada	Jornal falado	Complemento de frase	Encadeamento de ideias	Dinâmica conversacional	Dinâmicas

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Para González Rey (2000), a escolha dos instrumentos se preceitua como recursos vivos no processo de pesquisa, sendo também uma relação entre o pesquisador e os participantes. Dessa forma, configura-se um processo dialógico que irá problematizar cada situação a partir de um elo afetivo estabelecido desde a imersão do pesquisador na vida dos participantes até o encerramento dos encontros com eles.

Tabela 6 – Encontros

Nº	Participantes	Encontros										
		1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	9º	10º	11º
1	APL	25/04	02/05	09/05	16/05	23/05	30/05	06/06	13/06	20/06	27/06	04/07
2	BJC	26/04	03/05	10/05	17/05	24/05	31/05	07/06	14/06	21/06	28/06	05/07
3	TBP	28/04	05/05	12/05	15/05	19/05	26/05	06/06	09/06	23/06	30/06	07/07
4	APA	30/04	07/05	14/05	21/05	28/05	04/06	11/06	18/06	25/06	09/07	16/07

Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

V. Indicadores (Construção da informação)

De acordo com Rey e Martínez (2017), a pesquisa com os instrumentos leva ao processo de construção da informação, haja vista que as informações relevantes para o problema estudado não aparece diretamente da resposta dos participantes, nem de sua fala explícita, mas de hipóteses que vão ganhando força em uma organização, identificadas pelo pesquisador, ao que se denomina de indicadores, construídos com fundamento nas expressões dos participantes nos mais diversos momentos em que são utilizados os instrumentos.

VI. O Modelo Teórico

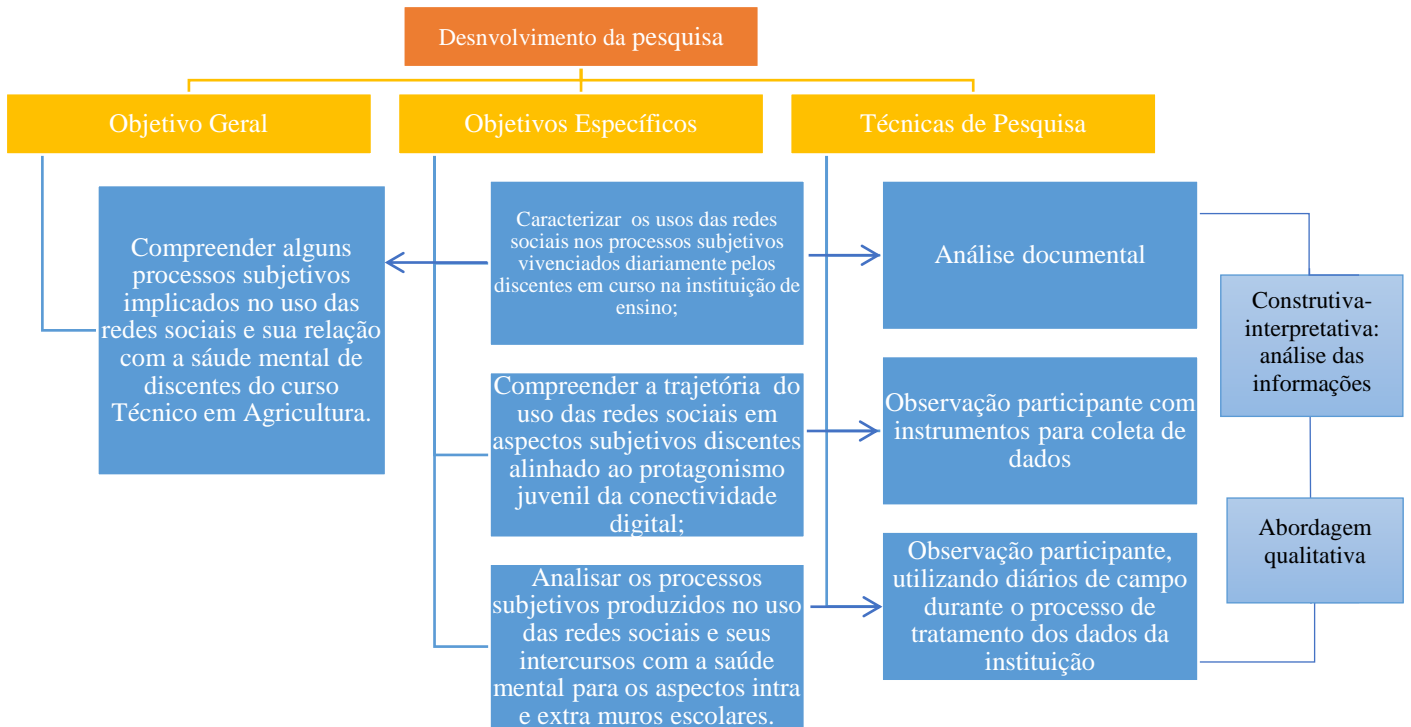
Segundo González Rey e Martínez (2017), o modelo teórico é desenvolvido no curso da pesquisa com as decisões e os posicionamentos do pesquisador, o qual se torna um interlocutor de novas ideias e hipóteses, fortalecidas por meio de novas construções que visem reforçar as hipóteses ou trazer novos modelos que irão caracterizar o objeto de estudo do participante diante do conjunto de indicadores trazidos no decorrer dos instrumentos trabalhados durante todos os momentos da pesquisa.

A presente pesquisa terá como retorno imediato para toda a comunidade escolar e, em especial, aos participantes desta, uma linguagem interativa respeitando a dialética com a comunicação, as mídias e o processo cultural. Será uma dialética própria voltada para o público alvo no formato de uma cartilha ilustrativa sobre os dados da pesquisa, a qual será apresentada no contexto intra e extramuros da instituição de ensino, em um momento híbrido, a fim de basilar os dados com todos que fizeram parte da construção da informação deste projeto de pesquisa do Mestrado Acadêmico em Comunicação e Sociedade (PPGCom/UFT).

3.7.1 Desenho metodológico da dissertação

O desenho metodológico abaixo simplificará a proposta de percurso para a pesquisa. Entende-se a necessidade de esquematizá-lo dessa maneira para que se possa compreender como cada objetivo específico foi abordado.

Figura 14 - Desenho metodológico do projeto de pesquisa



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

3.8 Instrumentos da pesquisa

Segundo González Rey e Martínez (2017), um dos primeiros problemas encontrados no trabalho com a metodologia construtiva-interpretativa é a dificuldade no processo de interpretações das informações e, conseqüentemente, com a elaboração de indicadores. Para isso, são criados instrumentos que permitirão aos participantes da pesquisa expressar-se no contexto que caracteriza o objeto de estudo pesquisado.

Ainda para os autores, os instrumentos possibilitam uma forma de tornar o caminho da pesquisa algo instigante para a exploração dos conceitos adjacentes à teoria da subjetividade, buscando direcionamentos para que o pesquisador e participante possam juntos provocar expressões que os ajudem a refletir e agir sobre sua realidade nas mais variadas expressões subjetivas enquanto processo de categorização social.

Os instrumentos não são uma via de mão única, cabendo, também, a formação do pesquisador para trabalhar, de forma criativa e colaborativa, os meios e recursos que exploram o contexto que se quer pesquisar, partindo de respostas não prontas, mas construídas por meio da imersão da vida e do processo histórico cultural de cada participante do projeto de pesquisa. Por isso, não se trabalha com uma grande quantidade de indivíduos, mas com uma

qualidade desses sujeitos, a fim de que as construções dos indicadores, realizadas por meio dos instrumentos, sejam eficazes para responder aos principais anseios do objeto pesquisado.

Por se tratar do método construtivo-interpretativo de Fernando González Rey, no qual todos os processos de encontros com os participantes acontecem de forma dialógica, e para que o participante não se sinta preso a trabalhar com instrumentos com os quais não se sinta à vontade, foram disponibilizados vários instrumentos que ficaram como possibilidades de opções para os participantes, que poderiam ou não ser utilizados por eles, sem perder o carácter central da dialogicidade e problematização do objeto de estudo por uso ou não de um instrumento específico. Tal fato se mostra na análise das informações, como também elencados nesta metodologia, na qual se observa participantes que preferiram usar poucos instrumentos e, mesmo assim, foi possível criar o modelo teórico dos eixos da pesquisa.

3.8.1 - Instrumentos apoiados em indutores escritos

3.8.1.1 – *Fanzine*

Instrumento que visa transformar algo complexo em uma leitura mais compreensível e de fácil emancipação para os propósitos vislumbrados pelo participante. Torna-se bem didático-informativo, explorando a criatividade com recortes e colagens, unindo frases a contextos por eles vivenciados.

3.8.1.2 - *Jornal Escrito*

Nesse instrumento, são trabalhadas as percepções que ficaram do fanzine, colocando-se em uma folha de papel, no formato de um jornal, todas as expressões do que se falou para o que se conceituou ao sujeito enquanto protagonista de sua própria história.

3.8.1.3 - *Redações*

Neste instrumento, propunha-se ao participante redigir sua opinião sobre o assunto e como se vê atuando nele, bem como suas perspectivas para os problemas que emergem dentro da escola e desta para a sociedade na qual a cerca. Seria um olhar em terceira pessoa sobre a situação no papel de aluno e como indivíduo que faz parte da pesquisa.

3.8.1.4- *Desenho*

Instrumento que possibilita a criação de um espaço de posicionamento dentro da pesquisa, pois agora o participante já é capaz de construir um cenário do antes e do depois, em vias de se posicionar como sujeito ativo dessa formação e construção do pensamento concreto para um nivelamento do que se propunha trabalhar, a partir dessa nova concepção de realidade e entendimento dos papéis de cada ator social não apenas na educação, mas para além dos muros da escola.

3.8.2 - Instrumentos apoiados em indutores não escritos

3.8.2.1 *Entrevista semiestruturada (Apêndice 3)*

Um instrumento que busca utilizar o que se sabe para aquilo que se pretende construir. Não tem como objetivo uma resposta pronta e objetiva, mas instigar o participante a refletir sobre alguns pontos que elevem o processo de construção daquela informação e como ela se aplica para o seu contexto sociocultural.

3.8.2.2 *Jornal Falado*

Instrumento através do qual o pesquisador irá construir junto ao participante o roteiro de um jornal sobre a problemática em questão. A princípio, busca-se observar como o participante se vê nesse emaranhado de situações, no lugar de uma terceira pessoa; para que, num segundo momento da experiência, possa fazer uma relação com o seu contexto e sua amplitude de conhecimento sobre o assunto abordado por ele mesmo.

3.8.2.3 *Complemento de frases*

Instrumento no qual González Rey (2005a) traz os indutores curtos que são preenchidos pelo participante. Este momento é muito importante para o pesquisador e o participante, haja vista que já apresenta um formato mais concreto do que estamos pesquisando para assim haver a formação de frases que garantam a compreensão na construção dos possíveis indicadores.

3.8.2.4 Encadeamento de ideias

Instrumento que busca trazer uma ideia inicial a ser complementada por outras que surjam no decorrer do encontro com o participante. Este instrumento busca elevar o pensamento a um patamar de provocações com aquilo que foi elencado em momentos anteriores.

3.8.2.5 Dinâmica conversacional

Para González Rey e Martínez (2017), este instrumento implica que o outro tenha um espaço de expressão que não seja interrompido pela pergunta, como ela tem sido historicamente usada em entrevistas que privilegiam as respostas como sequência de momentos concretos; seu valor para a pesquisa se define pela relação indutiva dos conteúdos nelas expressos.

3.8.2.6 Dinâmicas

Instrumento no qual se busca trabalhar, através de uma dinâmica motivacional, a problemática existente dentro da escola. Será possível fazer com que o participante instigue o processo existente, propondo simulações de como seria o modelo ideal de escola atrelado às redes sociais. Dessa forma, busca-se enaltecer os processos subjetivos que foram trabalhados no decorrer dos momentos anteriores.

Tabela 7 - Instrumentos apoiados em indutores escritos

Tipos	APL	BJC	TBP	APA
Instrumentos apoiados em indutores escritos				
Fanzine	Não quis utilizar o respectivo instrumento.	Com o fanzine, a participante pode livremente apresentar suas percepções e opiniões em uma produção criativa do tema	Nesse instrumento, a participante irá refletir e problematizar o seu papel nas redes sociais e como ela se	Instigar a criatividade do indivíduo e sua capacidade de externar pontos que ora o pesquisador abstrai dos

		<p>objeto de estudo da pesquisa. Dessa forma, faz-se necessário instigar a construção de um material reflexivo para ser problematizado em um momento posterior pelo pesquisador.</p>	<p>sente diante de cada situação. É uma forma de expressar nitidamente como se configuram as situações subjetivas que são alimentadas no mundo dos sonhos, os quais são oriundos das visualizações de publicações de perfis que o indivíduo considera importante para sua vida nos mais variados aspectos.</p>	<p>encontros com a participante é muito mais do que uma provocação da realidade e/ou do problema em questão, mas, antes, uma forma de problematizar, através de produções e/ou criações, o que pensa a participante, como ela interage aos aspectos subjetivos imersos ao que foi vivido e/ou presenciado.</p>
Jornal escrito	Não quis utilizar o respectivo instrumento.	<p>Um instrumento do qual a participante irá fazer uso da representação escrita para reforçar uma opinião exposta em um meio de</p>	<p>Questionada sobre o processo de produção do conhecimento, a partir de suas experiências nas redes sociais, a participante</p>	<p>Um instrumento no qual a participante age como agente e detentora do conhecimento das redes, vem publicar uma</p>

		<p>comunicação escolar. Este instrumento reforça, com notoriedade, o papel e a responsabilidade que temos em problematizar os acontecimentos oriundos das redes sociais, sendo necessário externar para um posicionamento e uma opinião agora embasados em registros de opinião, oriundos, também, da mesma especialista em redes sociais.</p>	<p>expõe, neste outro instrumento, seu posicionamento como relatora da ação e como ela se aplicaria para o ambiente no qual convive. Quando instigada pelo pesquisador, observa-se a necessidade da participante da pesquisa em elencar fatores que justifiquem seu pensamento como uma exímia conhecedora do assunto ora abordado.</p>	<p>matéria se colocando na posição de especialista do assunto. Nesse ínterim, configuram-se outras situações ainda não trabalhadas e nem questionadas; pode-se ter um novo olhar para problematizar quais aspectos estão elencados direta e/ou indiretamente na vida do indivíduo.</p>
Redações	Não quis utilizar o respectivo instrumento.	<p>Proporcionar um momento de redigir algo a partir de um dado fato e/ou conceito é o</p>	<p>Busca-se, por meio do instrumento, problematizar situações das quais a participante</p>	<p>Instrumento no qual a participante vem expor sua opinião reflexiva sobre assuntos que</p>

		<p>objetivo do respectivo instrumento com a participante, ou seja, neste momento, é importante instigar o que se pensa sobre determinado conceito e como ele se aplica na e para a vida em sociedade, partindo sempre do princípio de que todos eles estão arraigados a caracteres subjetivos que estão envoltos ao processo de construção social.</p>	<p>apresenta outros posicionamentos no que diz respeito a situações que estão ali o tempo todo, mas não fala e nem se discute, em uma posição de expectadora das dinâmicas do dia a dia. Nesse ensejo, observa-se uma possibilidade de ter uma postura mais ativa diante dessas mesmas situações.</p>	<p>estão imbricados no seu cotidiano, podendo ser protagonista em muitos momentos ou espectadora em outros. Leva-se em consideração o sentimento subjetivo que a intercala para o seu processo social e/ou individual</p>
Desenho	Não quis utilizar o respectivo instrumento.	<p>No instrumento do desenho, o pesquisador propõe à participante, mediante a problematização</p>	Não quis utilizar o respectivo instrumento.	Não quis utilizar o respectivo instrumento.

		dos assuntos explanados no decorrer dos instrumentos, uma percepção visual de como se encontra a instituição antes e depois de todos os encontros que foram realizados e qual a contextualização subjetiva da escola após esse percurso de tempo.		
Instrumentos apoiados em indutores não escritos				
Entrevista semiestruturada	A utilização da entrevista semiestruturada parte do princípio norteador que devemos conhecer o participante e estabelecer um vínculo com sua realidade, base fundamental para o objeto de estudo	Nosso primeiro instrumento utilizado tem como princípio orientador conhecer a realidade da participante, sua percepção do projeto de pesquisa, relação que fez com o projeto de	Para começar a pesquisa, faz-se necessário conhecer o perfil da participante, o que pensa, onde estuda, como vê a escola, para, assim, chegar ao objeto de pesquisa do projeto. Fazer	Conhecer a realidade da participante é de extrema necessidade para se estabelecer o vínculo com o problema de pesquisa e o objeto de estudo, problematizando as experiências

	em questão. Busca-se descobrir como são construídos os laços e de que forma eles se emolduram em aspectos subjetivos para cada pessoa de acordo com seu contexto sócio, histórico e cultural, adjacentes ao indivíduo.	ensino e como se preceitua agora como participante do projeto de pesquisa em si. É de suma relevância a imersão do pesquisador em todos os aspectos da vida escolar, social e familiar dos educandos, para que ele possa entender e melhor aplicar os instrumentos que irão ser o direcionador para a construção teórica da pesquisa em questão.	esse mapeamento teórico nos dá respaldo para a utilização dos instrumentos, bem como à aplicação dos indicadores que se encontram presente em cada processo conversacional estabelecidos entre o pesquisador e a participante. Tudo isso por meio da imersão do pesquisador no universo social, cultural do indivíduo em questão.	vivenciadas dentro e fora das redes sociais.
Jornal falado	Problematizar uma situação englobando o pensamento e/ou a opinião do participante é	Expor opinião através de um pensamento atenuante que ressoa da voz da participante.	Problematizando um pensamento da participante por meio da exposição de uma fala	Instrumento que leve a participante a problematizar em uma simulação da

	<p>imprescindível para o alcance de uma representatividade do que se imagina sobre as redes sociais e sua construção em aspectos subjetivos para diversos momentos do dia. Nessa dinamicidade, encontra-se a expressão basilar dos acontecimentos que podem ou não surgir e como as redes atuam dentro de cada um desses, em uma forma de valorizar aspectos que muitas vezes aparecem despercebidos aos olhos do próprio participante.</p>	<p>Importante ressaltar que, nesse momento, ela está na posição de especialista da ação, determinada por vários fatores, dentre eles o fato de fazer parte da geração daqueles que já nasceram conectados às tecnologias digitais.</p>	<p>representacional como convidada especial para um programa, a fim de se posicionar sobre certo assunto de modo que atenda à maioria das pessoas de outras gerações, com vistas a um novo posicionamento do quem vem a ser as redes sociais para o público em geral.</p>	<p>sua participação como entrevistada para um jornal na escola e/ou na cidade. Neste momento, o imaginário toma conta dos posicionamentos que se faz do proposto, como uma voz que deve e merece ser ouvida, a fim de externar para seus amigos o que não consegue e/ou só fica no imaginário e na vontade de executar.</p>
Complemento de frase	Este instrumento vem	Neste instrumento, o	Um instrumento bastante	O instrumento vem

	<p>problematizar questões que já foram discutidas anteriormente e como elas se mostram para o participante, a partir de uma forma reflexiva de sua posição diante de vários aspectos elencados por ele no decorrer de toda a pesquisa. Dessa forma, o participante traz contribuições subjetivas de sua percepção dentro das redes e como elas atuam na vida das pessoas.</p>	<p>pesquisador irá problematizar situações ou outros instrumentos que já foram falados, porém não refletidos. Busca-se instigar da participante outros vieses para o problema de pesquisa em questão, bem como sua dinamicidade ao longo de todo o percurso de estudo no curso e no ensino médio.</p>	<p>utilizado para colher informação, previamente problematiza da pelo pesquisador, buscando ter como resposta uma reflexão sobre situações ora presentes ora ausentes do seu contexto, mas que podem fazer parte de experiências vivenciadas em outros contextos ainda não problematizados ou somatizados, com o que se propunha para a vida nos seus constructos sociais e/ou individuais.</p>	<p>facilitar a problematização de pensamentos que ora não foram expressos e que, nesse momento, vem provocar um nicho de situações, norteando outros horizontes para o problema em questão e como isso irá repercutir para o que se propõe como objetivo da pesquisa em questão.</p>
Encadeamento de ideias	<p>Podemos partir de uma ideia central, problematizar um aspecto que dê</p>	<p>Vem estimular o processo reflexivo da</p>	<p>Um instrumento que busca desencadear, a partir da</p>	<p>Não quis utilizar o respectivo instrumento.</p>

	<p>margem a construções que instiguem o participante aos pontos de reflexão. A partir desses pontos, visualizamos as redes sobre três aspectos, dos quais emanam a comunicabilidade, a criticidade e a dialogicidade do objeto de estudo do presente projeto de pesquisa.</p>	<p>participante, partindo de uma ideia central e tendo como objetivo instigar a problematização dos assuntos em questão, bem como facilitar o intercâmbio do conhecido para o que pode surgir a partir das reflexões expostas.</p>	<p>percepção da participante, o objeto de pesquisa com uma provocação de assuntos que permaneceram nas entrelinhas do processo de construção subjetiva. Nesse ínterim, buscase entender como as ideias pré-concebidas em outros instrumentos foram problematizadas pela participante e, a partir de uma provocação, que ela possa refletir e contextualizar aspectos ainda não pensados.</p>	
<p>Dinâmica conversacional</p>	<p>Neste instrumento em questão, observa-se uma interação com o participante buscando estreitar</p>	<p>Instrumento bastante utilizado e que fez relação com todos os outros, porém, de forma</p>	<p>Não quis utilizar o respectivo instrumento.</p>	<p>Instrumento em que a participante irá refletir sobre os processos subjetivos</p>

	<p>um vínculo imersivo que se construiu no tocante de um ano e meio, que é o período de duração do curso. Neste momento, trabalham-se aspectos subjetivos do indivíduo em uma preponderância para os principais pontos que representam uma subjetividade social latente para si.</p>	<p>direta ou indireta, é preciso ter um olhar e uma problematização dos contextos que trouxeram a percepção subjetiva da participante para a pesquisa e como esse mesmo pensamento se perpetuou em outros momentos, os quais, embora não tenham se colocado de forma objetiva em suas falas, ficaram na subjetividade em outras.</p>		<p>vivenciados em seu constructo social ou individual, bem como sobre sua relação com os atores a ela ligados de forma direta e/ou indireta, ocasionando, com isso, atitudes que são expostas no decorrer das experiências vivenciadas pelos atores inseridos no processo de inserções sociais de formação na e para a sociedade.</p>
Dinâmicas	Não quis utilizar o respectivo instrumento.	<p>Neste instrumento, a participante traz uma riquíssima contribuição dos pontos convergentes</p>	<p>A participante irá usar este instrumento como forma de expressar uma ação de um expectador da</p>	Não quis utilizar o respectivo instrumento.

		<p>para uma maior aplicabilidade das redes sociais dentro do ambiente educacional e com todos os seus atores envolvidos, em uma forma contínua de integração das redes às abordagens vivenciadas pelos alunos no decorrer do período de escolarização.</p>	<p>vida para um articulador, haja vista que, em momentos que você se posiciona para falar de algo ou pensar de quantas formas poderiam ter vivido esta ou outra experiência, faz-se necessário problematizar esse contexto para que os enunciados se complementem para aquilo no qual se dispunha a realizar</p>	
--	--	--	--	--

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

4 ESTRATÉGIA E ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

Para González Rey (2017), a estratégia para análise das informações considera todo o curso da pesquisa como processo de construção da informação, pois a informação que vai sendo relevante para o problema estudado não aparece diretamente da resposta dos participantes, nem de sua fala explícita, mas, sim, nas hipóteses que vão ganhando força, organizadas pelos indicadores que o pesquisador constrói, a partir das expressões dos

participantes, nos mais diversos momentos e contextos da pesquisa. Assim, essas informações tornam-se imprescindíveis para a construção dos direcionamentos propostos ao objeto a ser pesquisado.

Ainda para o autor, o processo da pesquisa construtiva-interpretativa representa um caminho hipotético, no qual o pesquisador vai gerando distintas hipóteses, em ocasiões contraditórias entre si, no decorrer das quais emergem os significados que se desdobram em novos sentidos e ideias do pesquisador que, em sua articulação, definem o modelo teórico da pesquisa. Neste modelo teórico é que se faz o processo de análise das informações que se encontram de forma preponderante em todos os encontros, para os quais se propõe a utilização dos instrumentos pelos respectivos participantes.

Para González Rey e Martínez (2017), os indicadores são construções do pesquisador, apoiadas em múltiplos aspectos qualitativos da expressão dos participantes. A pesquisa construtiva-interpretativa não trabalha com a linguagem nem com o discurso como sistemas que se organizam fora dos indivíduos, da fala e das relações. Desta forma, a linguagem se configura:

[...] pela sua qualidade, forma de organização do relato, experiências associadas com os que aparecem como protagonistas, cronologia de aparição dos eventos etc., os quais são atributos que identificam o sujeito ou agente da fala e que estão além da intenção da fala ou da escrita, mas que aparecem na organização não consciente destas na qualidade do processo de construção em que essas expressões faladas, escritas ou simplesmente sentidas se manifestam (GONZÁLEZ REY; MARTÍNEZ, 2017, p. 110).

Nesse sentido, a linguagem representa um recurso imprescindível na construção das informações, haja vista que no transcurso de cada instrumento aplicado com os participantes, o pesquisador irá configurar novas informações que serão analisadas como hipóteses, buscando construir um pensamento para o qual se propunha o problema de pesquisa. Como também é por meio das análises dos instrumentos e das construções dos indicadores que se é possível ter uma compreensão de como se formam os processos subjetivos das redes sociais para a saúde mental dentro do ambiente educacional, bem como se compreende como esta se aplica para os extramuros escolares, numa vivência que se diferencia não só em realidades circunstanciais, mas como propósito histórico cultural de cada indivíduo para o meio que o cerca.

A referida pesquisa serviu de subsídio para as construções de informações, ora analisadas, e como recurso para o entendimento dos papéis correspondentes a cada ator, tornando a comunicação, educação e saúde mental um novo organograma capaz de

conjecturar saberes díspares para os pontos antes não tangíveis pelos atores da comunidade escolar.

4.1 Dos participantes da pesquisa

A escolha dos participantes se deu pela imersão com o projeto de ensino, depois de conhecer os participantes, fazer visitas e estabelecer um contato com todos e com seus respectivos familiares. Somente após a qualificação é que foi feito o convite, mediante uma reunião previamente agendada com todos e com a apresentação da continuidade de uma dialética. Nesse encontro, foi discutida a problemática das redes sociais com a saúde mental, em seus aspectos subjetivos; dos 16 participantes iniciais, apenas 04 aceitaram o convite para participar da pesquisa, optando por encontros virtuais no mesmo formato que ocorreu com o projeto de ensino. Dessa forma, buscou-se atender dentro do horário de cada um, promovendo um vínculo que tornasse o digital mais próximo do presencial bem como uma melhor forma para atender aos objetivos e processo de construção do modelo teórico da pesquisa.

4.1.1 Eixo 01: Usos das redes sociais por parte dos/as discentes do IFTO

As redes sociais, ora são vistas como inimigas pelo corpo docente do campus, ora como o principal entrave para o processo ensino-aprendizagem e como fator de adoecimento mental. Este último fator culminou no processo de encaminhamento para o setor técnico pedagógico no papel do autor do referido projeto de pesquisa.

Os participantes desta pesquisa são oriundos do processo seletivo remoto 2020.2 com ingresso no período letivo de 2021/1 e término em 2022/1, ou seja, eles atravessaram o foco da pandemia com a dinâmica do virtual e terminaram com a flexibilização do retorno presencial. Isso deixou marcas subjetivas nos participantes, as quais estão expressas nos instrumentos utilizados durante os encontros com o pesquisador e em suas especificidades de como olhar para aquilo que era proibido. Essa realidade passou a ser a mola propulsora para o processo dialético entre os participantes e o que tanto lhes criticavam em momentos antes da pandemia: o uso de celulares no contexto da sala de aula, por exemplo.

As redes sociais utilizadas se tornaram ainda mais significativas para além dos muros da instituição, pois em momentos síncronos e assíncronos em ambas os locais de estudo, começaram a estabelecer vínculos com alunos de outras localidades e regiões do país e o mais interessante, nunca se observou tanta interação entre os indígenas e os não indígenas, visto

que estes, em sua maioria, ficavam segregados ao seu grupo na maior parte do tempo, pois não representam uma etnia apenas e, sim, várias, os quais se juntaram no conglomerado para fazer parte dos processos que foram criados dentro e fora dos muros da Instituição.

Com a imersão dos discentes nos grupos de trabalhos, as portas foram se abrindo cada vez mais para o que se tornava ou se considerava confortável ao mesmo, a ponto de não necessariamente passar por esse período de remoto como sofrimento, mas surgindo as possibilidades de conciliar trabalho e estudo. Isso porque, dentro deste modelo de ensino, não haveria a exigência da frequência durante os momentos síncronos das aulas, haja vista que todas elas eram gravadas no ambiente virtual de aprendizagem da própria intranet do Instituto, sendo com isso cobrado a execução das atividades na plataforma e o reinventar da figura docente e de todos os processos que envolvem a dinâmica relacional do ambiente escolar.

Conhecendo a realidade de APL – **o adolescente veio residir com uma tia e o seu primo de segundo grau na cidade de Lagoa da Confusão**, Estado do Tocantins, vindo de uma família de baixa renda da capital Boa Vista, Estado de Roraima –, o que lhe motivou a ir para a Lagoa da Confusão foi o fato de ver oportunidades de crescimento profissional em virtude de uma propaganda na televisão, que retratava o meio agrário como poder de consumo e produção em larga escala, bem como o fato de ter uma instituição pública federal que ofertasse um curso Técnico em Agricultura e também um curso superior em Engenharia Agrônômica.

O participante apresenta um **comportamento de agente de mudança da sua própria vida**, haja vista que mesmo sendo menor de idade, buscou mudar sua vida, saindo do seio da família e passando a residir em outro estado e cidade, longe da sua terra natal e com parentes não tão próximos a ele. Isso se deve à vontade de ser um protagonista ativo da realização dos sonhos, de ajudar seus pais, de ter um futuro bem direcionado e com perspectivas tangíveis para o sucesso. Todos esses fatos o motivaram a sair de casa, deixando para trás sua cultura, família e amigos para adentrar em um novo conceito de realidade, exigindo de si uma maturidade para o qual mostra uma postura e um potencial de poder vencer na vida à custa do próprio trabalho e estudo.

APL **conseguiu um estágio de meio expediente no qual pudesse conciliar o trabalho com os estudos**. Por razões do trabalho, preferiu que as aulas não tivessem retomado ao presencial, haja vista que estava mais fácil para conciliar a dinâmica de trabalho e estudo, pois sua vida pessoal estava muito restrita às redes sociais.

O IFTO, Campus Avançado Lagoa da Confusão, atende aos arranjos produtivos locais de funcionamento do curso Técnico em Agricultura e do superior, Bacharelado em

Engenharia Agrônômica, e com isso **oportuniza um programa de estágios em empresas locais ligadas ao campus**. Um dos requisitos para participação é, para além do bom nível de acompanhamento pedagógico em notas e frequência, o potencial perfil do ingressante do curso com a dialogicidade para o agronegócio nas empresas locais. Isso torna o referido campus uma porta de entrada para o estágio, trabalho e, depois, possibilidades de carreiras com outras empresas nacionais e multinacionais, razão pela qual **o cursista atendeu às exigências do seletivo para o programa de estágio em uma das empresas locais da cidade**.

Entender a realidade do participante, no ponto estrutural de vir residir em outro Estado e cidade, possibilitou estabelecer uma dialética sobre o papel das redes sociais em sua vida e como elas se mostram para as suas relações intra e extramuros escolares.

APL: Quando fui apresentado às redes sociais, primordialmente não dei muita importância, pois morava com meus pais, amigos e todos os que fazem parte da minha vida, com a minha vinda para o Estado do Tocantins, isso já não se fazia mais presente. (Entrevista semiestruturada)

Neste aspecto, observa-se **nos constantes acontecimentos recentes de moradia, adaptabilidade e envolvimento parental como um indicador** no qual houve um fator preponderante para que o participante pudesse estar concentrado nas redes sociais, pois estava focado no trabalho e estudo e não dispunha de muito tempo para se dedicar às amizades locais ou fazer novas amizades.

Quando se dialoga sobre a relação do Campus com as redes sociais, o participante não encontra um vínculo de representação em sua vida, na escola e na dinamicidade do conjunto, fazendo com que apresente uma relação análoga ao que realmente precisa de entendimento, de inserção ou outro fator preponderante de sua vida no todo.

APL: Para falar a verdade, aquela mulher disse que sou muito apegado ao celular, disse que iria me encaixar no psiquiatra. Eu não sou doido por gostar de usar celular. Nunca mais voltei lá, prefiro ficar aqui com o senhor. (Entrevista semiestruturada)

No que diz respeito ao atendimento no setor técnico pedagógico pelo pesquisador do projeto de pesquisa em questão, observa-se que, no encaminhamento feito ao setor de psicologia do Instituto, o participante não se sentiu à vontade com a profissional, pois, segundo ele, a abordagem utilizada e a nomenclatura de “encaminhamento ao psiquiatra” não ajudaram muito nos aspectos ora apresentados pelo participante. Neste trecho da fala, observa-se um **apego emocional ao aparelho celular** e à não aceitação de que precisa ser

reavaliado o processo de como o uso inadequado pode estar associado a outro problema.

APL, por ser estagiário do campus em parceria com as empresas locais, tem de ter uma postura condizente com o que se espera do aluno estagiário em momentos síncronos das aulas “**habilitar a câmera**” momento em que estava na sala do Google Meet e o docente observou que ele estava muito distraído com o celular, pois estava assistindo a aula com o notebook que havia comprado para o acompanhamento das atividades. Isso se tornou motivo de encaminhamento do discente para atendimento no setor técnico pedagógico. Neste momento, APL pediu para conversar com a psicóloga e, em devolutiva do atendimento para mim, ela relatou que no momento de atendimento **o discente não soltava o celular em nenhum momento** e quando foi sugerir algo sobre o aparelho, ele não quis falar mais nada, tendo como devolutiva um encaminhamento para a psiquiatria com o objetivo de ter outro olhar sobre o assunto.

Considerar os aspectos subjetivos que enlaçam os indivíduos é necessário em uma dialética que envolva o eu, haja vista que, em muitos casos, como o do participante em questão, uma abordagem direta e um possível encaminhamento para outro profissional é pertinente considerar que aspectos estão levando a um possível diagnóstico do problema. Será que realmente há necessidade de uma intervenção com medicamentos a ponto de ser considerado uma doença? Esses e outros aspectos devem ser levados em consideração em um atendimento com um indivíduo.

No que diz respeito à representatividade das redes sociais para a vida das pessoas, nem sempre elas conseguem enxergar os dois lados, haja vista que elas por si só não podem ser consideradas vilãs ou inocentes, pois em tudo que se faz ou se aplica deve-se ter um olhar e uma configuração subjetiva entrelaçada em cada aspecto das pessoas, bem como diz as configurações subjetivas abaixo:

Pesquisador: Você vê as redes sociais como algo bom para sua vida e das pessoas que você convive?

APL: Mais ou menos, pois tem alguns pontos que elas atrapalham, como falo melhor para o senhor? Eu queria que algumas vezes os meninos e as meninas conversassem mais comigo, na hora do intervalo, nos trabalhos em grupo e quando vamos para casa. Sinto falta disso, somos da mesma idade, estudamos no mesmo lugar, mas é como se não nos conhecesse. É muito louco veí, sei lá, deixa pra lá. (Entrevista semiestruturada)

Notamos aqui uma **reflexão relacionada à falta de interações presenciais**, característica que se fortaleceu no mundo hipermoderno com a chegada da pandemia, trazendo aspectos intrínsecos das redes sociais (individualização, solidão, introversão dentre

outros). Apesar disso, o adolescente demonstra sentir falta de algumas ações que lhe deem, no presencial, uma identidade aos pares que estão no virtual, haja vista que compartilham o tempo todo os mesmos locais e ambientes. Apesar disso, não sente que conhece esta ou aquela pessoa, chegando ao ponto de sentir falta de um diálogo, uma interação mais presencial do que virtual, observado na **necessidade de afeto para com os colegas de classe**.

As redes sociais abrem muitas portas para o conhecimento e, dentre elas, muitas podem não abrigar certos anseios buscados pelas pessoas. Nesse momento, torna-se necessária uma orientação de como se aplicam em nossas vidas e de que forma não se tornem um impeditivo de insucesso para pontos nem sempre comentados.

Pesquisador: Você já sofreu ou está sofrendo algum problema relacionado às redes sociais?

APL: Resolvi participar da pesquisa por isso, pois venho passando por alguns problemas relacionados a amigos de onde eu morava e aos amigos daqui, não necessariamente na escola, mas que está me atrapalhando nos estudos, em casa. **O senhor lembra que dá vez que vim procurar o senhor porque estava mexendo no celular, daí o professor mandou vir aqui?** Pois é, naquele dia tinha um meme meu rolando no grupo dos amigos e queriam colocar no Instagram, eu fingi que não me importava, mas de fato me importo, pois se eles põem lá, eu to lascado. Daí estava respondendo que não tava nem aí, mas estava sim. Não sei o que faço com isso. Ando com medo o tempo todo, ando assustado de ver esse meme nas redes e não sei lidar com isso. Sabe um dia eu estava chorando só em pensar que isso nunca poderia acabar se começasse. (Entrevista semiestruturada)

Neste outro momento da fala do participante, há um **indicador de insegurança para com a possibilidade de publicação da sua imagem em aplicativos digitais**, e como iria se sentir com essa propagação nas redes sociais, atrelado a exposição da vida íntima no mundo público do espetáculo ou a viralização de informações falsas. Quando isso envolve o próprio indivíduo, há a preocupação do meme viralizar nas redes e causar angústia e choro. Não saber o término da situação, caracterizada, a princípio, como *cyberbullyings*, pode ter várias consequências para quem está sofrendo a ação e, no caso do indivíduo em questão, a angústia de não deixar claro que isso o incomoda a ponto de se sentir mal, só em pensar na proporção que poderá vir a chegar.

Falar sobre a dinâmica das redes e o que acontece nela é de suma importância para todos os indivíduos, em especial para aqueles que já fazem parte de uma geração que coaduna com este princípio social, ou seja, geração on-line. Por outro lado, o que tem se propagado para essa e outras gerações? Como são apresentadas nas redes sociais e o que elas mostram de interatividade, descontração? E quando olhamos para os memes que viralizam rapidamente nas redes não como espectador, mas como protagonistas, será se o indivíduo sente alegria e

/ou frustração como se mostra na fala do participante acima?

Pesquisador: Em algum momento da sua vida, você teve orientação para o uso das redes sociais por parte de sua família e ou instituição escolar?

APL: Não, nem com a escola e muito pior com a família, seria com isso muito importante, pois não sabia de muitas coisas, dentre elas: os perigos das redes sociais; caralho, elas podem realmente estar ajudando junto com o português através do twitter; Que existem doenças relacionadas com as redes sociais; que nossa geração sabe muito e não somos cobrados por tal feito. Poderia passar a noite inteira aqui com o senhor falando disso, mas o certo é que estou muito feliz por participar dessa pesquisa, queria muito poder ter tido esse acompanhamento de casa, com meus pais, no outro colégio que estudo, mas nunca é tarde né professor?

Pesquisador: Sempre temos aspectos subjetivos a serem explorados a cada dia, nunca se preocupe com isso. (Entrevista semiestruturada)

Neste outro trecho da entrevista, há a forte presença **de indicador voltado para uma falta de dialogicidade entre instituição de ensino e os nativos digitais**, sendo que estes se mostram soltos, aprendendo sobre o uso das redes de forma espontânea, com pares: amigos, namoradas, colegas, irmãos, primos, dentre outros. Os adultos e as instituições estão ausentes dos processos formativos do objeto de estudo em questão. Tendo em vista que as redes sociais representam um cardápio bastante variado de informações e aplicações, fazer parte desse contexto é necessário e condizente para o propósito desta pesquisa ao relatar a priori que o participante apresentou um leque de possibilidades existentes dentro do universo midiático, fazendo uso disso em forma de orientação, discussão e problematização, sendo de suma importância para o todo no qual se encontra o indivíduo.

Pesquisador: Agora teremos alguns momentos em que poderemos trabalhar outros instrumentos e também conversar um pouco mais sobre o nosso primeiro contato, algumas perguntas que acredito em você se sentir à vontade para falar.

APL: Eu gosto muito de conversar com o senhor, sabe aqui eu me sinto mais como se estivesse com meu pai ou minha mãe, pois nunca pensei que na escola pudesse ter profissionais que se importam com a gente, de onde viemos, como nos sentimos, isso tudo é muito doído sabe. Sempre achei que os professores não se importavam com ninguém, só queriam dar o assunto e pronto. Também não achei que tinha pessoas que trabalhavam na função do senhor, de fazer esse curso, e agora essa pesquisa para ajudar a gente a lidar com os problemas que nem mesmo eu sabia que existiam. (Dinâmica conversacional)

Neste trecho da dinâmica, o participante apresenta **um indicador de segurança** ao apresentar um posicionamento que antes não imaginava existir por parte dos profissionais da educação. Há um vínculo estabelecido com a imersão do pesquisador em todo o processo de pesquisa e, em especial, com a implementação do curso “Redes Sociais: uma subjetividade no processo ensino-aprendizagem”, ofertado no segundo semestre de 2021, no qual os participantes puderam ter um maior contato com o objeto de estudo. Desse ponto em diante,

puderam estabelecer um processo subjetivo no qual todos fizeram parte, de acordo com o seu processo histórico e cultural em que se encontravam neste ou em outro momento.

Em meio às várias circunstâncias experienciadas pelo participante, torna-se importante problematizar uma relação entre as redes sociais e a saúde mental. Isso requer um olhar para o que se encontra nas entrelinhas dos espaços subjetivos de construção social. É nesses espaços que vislumbramos o momento e o processo pelo qual cada um perpassa diariamente e como essas configurações se mostram para este ou aquele indivíduo.

Pesquisador: Você já parou para pensar que pode ou não ter uma relação com a saúde mental?

APL: Para mim, sempre que via alguma coisa na própria rede sobre meninos e meninas da nossa idade e até mais novo ou mais velho, achei que eles queriam chamar atenção dos pais, da família, dos amigos e até mesmo para alguém sentir pena e descolar um encontro. Tipo:

- Vou chamar atenção para causar ...
- Estou só, ninguém me nota, todo mundo vai olhar para mim.

Essas coisas, mas depois que o senhor trouxe para a escola esse projeto em forma de discussão, vi que não era realmente para chamar a atenção, mas porque realmente tem algum lance estranho acontecendo, que a pessoa não consegue explicar e que esse lance pode levar ao suicídio e outros problemas de comportamento que pode afastar ou aproximar as pessoas, como é o caso do senhor mesmo:

- Eu acho que o senhor fez esse projeto dos dois casos daqueles alunos que quiseram se matar, não foi?

Pesquisador: A escola sempre deve estar pensando na comunidade escolar no seu todo, o processo ensino aprendizagem é muito importante para a instituição para o aluno e para o progresso ao longo da vida, no entanto enquanto instituição devemos sempre ficar atentos para que aspectos subjetivos na vida de cada um de vocês está acontecendo, este é o princípio orientador do projeto de pesquisa do mestrado acadêmico, haja vista que temos um olhar para as redes sociais e como vocês estão agindo por meio delas e com elas. **Não quer dizer que elas adoecem, ou está para o entretenimento, mas o que devemos olhar no todo? É interessante conversar com vocês sobre as redes, como vocês a enxergam, de que forma elas estão agindo em sua vida? Se você está confortável ou não com essas ou outras situações e acima de tudo, como você se vê como protagonista das redes sociais?** (Dinâmica conversacional)

Neste processo, observamos que o participante vê alguns problemas relacionados às redes sociais como **uma forma de exibicionismo da subjetividade social hipermoderna**, na qual as pessoas buscam chamar atenção para esta ou aquela situação. Por isso, como bem salienta González Rey (2017) sobre o processo de imersão na vida dos participantes, houve a necessidade, como capacidade criativa do pesquisador, em realizar o projeto de ensino sobre a temática de pesquisa em questão a fim de se introduzir o assunto no segundo semestre de 2021/2 para que, no primeiro semestre 2022/1, pudesse assimilar o que já foi discutido antes sobre as redes com o que elas representam na sua vida, desmistificando, assim, alguns pensamentos e/ou sentimentos que o participante tinha a respeito de chamar atenção na e para as redes sociais.

Toda e qualquer experiência que vivenciamos em nossa vida deve e merece ser problematizada. Isso se configura subjetivamente no processo do participante com a experiência do meme, em que relata um receio, medo e ansiedade com relação a tudo o que se move dentro do que se poderia concretizar em vias de fato, caso viralizasse pelos os mais diversos canais de comunicação e entretenimento das redes sociais.

Pesquisador: Trazendo hoje alguns pontos das nossas conversas, como foi para você a experiência do meme?

APL: Professor, foi assim: eu estava tomando umas duas com meus amigos, daí um menino me beijou e o outro gravou, daí eles fizeram desse beijo um meme que fica botando pressão o tempo todo em mim e falam que vão publicar no tik tok como gozação. Eu pareço levar de boa, mas no fundo não e tenho medo do que vem pela frente, pois eu não beijei ninguém ele me beijou e não curti isso, nada contra, mas não curti e foi como uma brincadeira que pode ficar sério. E se o povo começar a me chamar de viado?

Pesquisador: Todos os problemas devem ser conversados e pensados. Vejo que de uma brincadeira no qual seus amigos fizeram com você, esta mesma se tornou séria. Podemos pensar que isso não representasse nada a princípio, vejo que sua exposição para seus amigos de não querer a publicidade do meme, pode se tornar séria, e falar com eles pelo que você falou pode acelerar o processo de publicação e no fundo tens medo do que as pessoas podem vir a falar de você e como irá reagir com isso e por meio disso. Como encaminhamento desse fato, oriento ao setor de psicologia do campus, pois ela saberá com melhor lhe ajudar. (Dinâmica conversacional)

Falando sobre o meme, observa-se um **indicador voltado para um olhar subjetivo de sua imagem enquanto orientação sexual**, sobre o que se pode pensar a respeito da sexualidade do participante, pois tem receio das pessoas o considerarem como homossexual. Segundo o participante, ele não consegue encarar com tanta naturalidade esse fato, causando com isso um grande constrangimento em relação aos colegas da cidade em que morava, como também com os da nova cidade onde reside.

Quando o indivíduo passa por quaisquer situações deve ser dialogado sobre o que aconteceu, pois entender os porquês e conversar sobre eles fazem daquela experiência, ou de outra experiência, algo ruim ou bom, que pode ser atribuído necessariamente ou não às redes ou que provém dela, como no que se segue da dinâmica abaixo:

Pesquisador: E sobre o medo de ficar sem wi-fi, e preferir ficar mais em casa?

APL: Sabe, como eu falei para o senhor, me pego cada vez mais ligado nas redes sociais e vendo as coisas que passam. Ir para a fazenda e no acampamento posso não querer ir e ficar melhor em casa, tenho medo também de se repetir o que aconteceu em Boa Vista e ficar grilado com isso até tentar fazer besteira. (Dinâmica conversacional)

Neste excerto, observam-se duas reflexões do assunto: uma voltada para o sentimento de **segurança ao ficar em casa com o wi-fi** pelos motivos subjetivos (consumo, relação com

outros; comunicação; divertimento; não ficar só, isolado; criar outros laços afetivos) e outra relacionada à **insegurança de se repetir o que aconteceu em Boa Vista**, ou seja, o ambiente confortável no qual se sente seguro, podendo navegar na internet vendo todas as postagens, e passeando por lugares ainda não explorados, como também o medo de fazer uma programação que pode se repetir numa experiência não muito boa, em uma situação similar. No entanto, quando os acontecimentos da vida não são problematizados podem gerar desconfortos e começar a adiar compromissos ou interromper programações que poderiam ser agradáveis, simplesmente pelo receio de vivenciar a experiência negativa e traumática novamente, podendo ocasionar um problema maior e/ou mais complexo.

Os relacionamentos interpessoais nas redes sociais estão ou cada vez mais fáceis ou difíceis, dependendo de quem as utiliza e de como olha ou se sente nelas, cujo leque de possibilidades de encontros e desfazimento desses por algo que os incomode é enorme. Todavia, é necessário ver a real situação que se apresenta junto às circunstâncias ora vivenciadas por uma ou outra experiência e como isso se aplica no dia a dia.

Pesquisador: E outro assunto que está ligado diretamente que você comentou de estar cada vez mais à vontade nas redes e não sentir vontade de sair com pessoas na vida presencial?

APL: É assim professor, nas redes eu conheço uma pessoa se não der certo, eu bloqueio, e pronto, no cara a cara não tem como bloquear, ela vai falar para outro e outro e daí começam a tirar onda da minha cara, outra coisa é que amigos fiéis são encontrados nas redes sociais, os daqui podem lhe trair. (Dinâmica conversacional)

Um indicador que se mostra em evidência é **uma questão de bem estar por trás das telas**, onde uma pessoa pode conhecer outra, conversar e depois deixá-la para outro momento ou até excluir, o que também é importante problematizar quando se fala na **insegurança do presencial**, pois o participante pode não se sentir à vontade com os olhares presenciais, pelo receio de falarem e assim lista uma série de situações que favorecem relacionamentos por meio das redes sociais, fruto também da relação dessa geração e de sua conexão com as redes sociais. Bloquear o outro quando não dá certo é mais difícil na vida presencial. A rede, portanto, torna-se esse espaço em que se divagam com múltiplas interações espontâneas, efêmeras, sem projeção, que fazem parte dos novos sistemas de comunicação humana.

O sentimento de bem estar que muitas pessoas afirmam sentir dentro das redes é notoriamente um fator imprescindível não só para a geração on-line, mas para todos os que convivem com ela, haja vista que muitos falam e até discorrem textos longos dentro de uma tela do computador ou de qualquer dispositivo eletrônico.

Pesquisador: Por que você se sente tão seguro nas redes?

APL: Ora, lá eu posso ser quem eu quiser, falar o que eu quiser e ficar com quem quiser. No presencial não, eu não consigo ser eu mesmo, falar o que queria e até essas conversas com o senhor, eu só estou falando porque é pelo celular se não fosse eu teria vergonha e não falaria. (Dinâmica conversacional)

Um posicionamento a ser observado neste trecho da conversa permite pensar a rede social como **performance, imagem como foco, brincar a ser como se o papel da máscara (teatro) está na representatividade do eu que se mostra em várias situações**, em um pensamento e atitude de que pode falar, se posicionar e relatar qualquer fato que esteja ou não pertencente ao contexto local, e, em outras instâncias, traz um sentimento, a priori, de segurança e de que tudo pode ser propagado através das redes sociais. No entanto, o que deve ser problematizado é como essa propagação acontece e como de fato situações agentes podem ou não afetar a segurança que naquele momento se mostra como inabalável ou intocável.

APL: Acredito que a internet veio facilitar a vida das pessoas. Eu sou de uma nova geração de pessoas que já veio com ela. Neste jornal de hoje gostaria de falar sobre minha experiência com as redes sociais, já que sou especialista nela.

As redes sociais é um mundo mágico onde tudo o que era impossível, torna se possível:

É possível viajar pelo o mundo todo;

Conhecer lugares;

Falar com pessoas de outros lugares;

Ser quem você quiser ser;

Fazer sucesso como um artista;

Ter representatividade;

Fazer uso dos meios como comunicação de massa

Somos de uma geração de conectados, mas também devemos mostrar para as pessoas que somos também responsáveis, e nessa responsabilidade está:

O respeito;

Usar as redes para se aproximar;

Não machucar;

Mostrar que as redes mesmo no presencial não atrapalha o nosso contato, pois assim somos.

Essa foi a fala de seu especialista em redes sociais para a nova geração (APL). (Jornal Falado)

Observam-se, neste instrumento, vários pensamentos do participante que se tornam indicadores de uma **consciência do uso das redes sociais**. Esses indicadores perpassam os vários degraus das vantagens, como uma viagem pelo mundo desconhecido, um uso pouco aproveitado para o processo ensino-aprendizagem, principalmente por parte dos professores; e uma responsabilidade deles, enquanto especialistas da nova geração de conectados, em mostrar que sabem usar as redes e, acima de tudo, problematizar que existem situações como o *cyberbullying* que não deve ser compartilhado, mas extinguido, bem como a consciência do tempo que deve ser dedicado ao processo de interações on-line para não prejudicar sua vida

no todo.

Pesquisador: Com as redes sociais me sinto livre para viajar por caminhos antes não percorrido...

APL: Consigo me comunicar com pessoas a longa distância;

APL: Consigo adquirir conhecimento de outras culturas;

APL: Consigo interagir mais com as pessoas;

APL: Consigo estar por dentro mais do que acontece no dia a dia;

APL: Consigo me agrupar com as pessoas mais próximas;

APL: Está mais presente ao lado de alguém. (Encadeamento de ideias)

Neste processo dialético, observam-se **as fronteiras que quebram com as redes sociais**, o participante se vê em um vasto e diversificado mundo de comunicações, no qual pode atrair uma quantidade considerável de informações, interagir com uma grande quantidade de pessoas, bem como uma maior sensação de aproximação do que está no aqui e agora por trás da tela de um computador e/ou celular, ao mesmo tempo em que se mantêm informado sobre as circunstâncias atenuantes do mundo através do acesso imediato às ferramentas da comunicação e interação por meio das mídias sociais.

Pesquisador: Fico pensativo quando vejo que as pessoas estão deixando de aproveitar belos momentos da vida para ficar preso às redes...

APL: Quando vejo pessoas usando as redes sociais para fazer o mal;

APL: Quando vejo muitas fake news

APL: Descartar você nas redes sociais;

APL: Bloquear de todas as redes sociais;

APL: O vazamento de fotos;

APL: Quando quero achar algo que não considero, muito importante;

APL: Não quer falar pessoalmente;

APL: Quando está reunido com seus grupos e não aproveita;

APL: Mensagens de baixo estima. (Encadeamento de ideias)

Nesta outra provocação, que deixa o participante reflexivo sobre as redes sociais, tem-se **que as informações, quando usadas de forma inadequada, podem provocar situações desagradáveis e até constrangedoras**. Isso fica bem explícito no que se remete aos muitos conteúdos divulgados que não representam uma verdade tangível; à rápida circulação de fotos que podem constranger as pessoas, as quais, a depender do que foi exposto, podem até gerar um conflito maior; à facilidade em se desfazer amizades pelo ato de “bloquear”, perdendo-se a possibilidade de buscar, na conversa, uma melhor forma de resolver a situação em questão.

Pesquisador: Hoje vejo os dois lados da rede e tenho um posicionamento sobre cada um deles.

APL: O lado bom e ruim do Whatsapp;

APL: A escola virtual e presencial;

APL: Nem tudo que se diz amigo nas redes sociais é amigo na vida presencial;

APL: Trabalhar e estudar nas redes de forma concomitante (Encadeamento de ideias)

Nesta terceira provocação ao participante da pesquisa aparece **uma provocação e problematização sobre a subjetividade nas redes sociais**: elas estão numa representatividade social sobre os dois lados de aplicativos das redes sociais, a educação enfatizada em pleno momento de pandemia, contrapondo modelos virtuais para o padrão presencial. Outro ponto de reflexão pertinente relaciona-se à quantidade de amigos que se tem nas redes sociais, se eles existem na vida presencial para conversar e sair, em uma forma dialética de relacionamento interpessoal, e com o fechamento de uma conciliação entre trabalho e estudo que intercale um espaço valorativo do tempo, isso também fruto da experiência do ensino remoto.

Pesquisador: O que me deixa feliz nas redes sociais?

Quando posso conhecer amigos ... **APL:** E poder conversar com eles;

Quando tenho a oportunidade de expandir meus conhecimentos ... **APL:** E eles serem reconhecidos;

Quando vejo que a internet aproxima quem está longe ... **APL:** E permitir a felicidade dos mesmos;

Quando tenho a oportunidade de viajar sem sair de casa ... **APL:** E através das redes sociais ter contato com outras pessoas. (Complemento de frases)

Observa-se que o fator felicidade, para o participante, se mostra no papel **de protagonista e mediador da sua vida**, quando estruturado ao processo de estabelecer uma dialética com as pessoas dentro das redes em todo e qualquer momento, uma forma de aproximar as pessoas que estão longe, em especial sua família, mostrando que seus conhecimentos, ou seja, sua capacidade e seu nível intelectual sobre determinados assuntos, estão sendo vistos e comentados por muitos dos seus amigos das redes, em especial pelas pessoas de sua cidade natal. Ainda, oportuniza a concretude como conexão com pessoas distantes, manutenção de comunicações assíncronas e síncronas, afetividade sem depender do tempo e do espaço, necessariamente.

Pesquisador: O que me deixa triste nas redes sociais?

Quando só tenho amigos online ... **APL:** E eles não estão falando comigo

Quando as pessoas não aproveitam o tempo comigo ... **APL:** Preferem aproveitar com outros;

Quando ninguém curte uma postagem minha ... **APL:** Uma pessoa mais próxima de mim;

Quando minha única opção de divertimento é a internet ... **APL:** Não ter o conteúdo que gostaria de ver. (Complemento de frases)

Em outra provocação e problematização sobre o que o deixa triste nas redes sociais está expresso **a prioridade na vida das pessoas**. Nem sempre as pessoas o fazem sentir importante diante de uma conversa, ou quando não o chamam para sair, ou simplesmente

quando posta algo no Instagram e não vê os comentários de seus amigos ou familiares, causando com isso uma pausa reflexiva do participante para todos que fazem parte do seu ciclo de amizade, quer de forma direta ou indireta.

Pesquisador: Como posso equilibrar minha vida?

Quando entender os dois lados da rede ... **APL:** E poder equilibrar tentando alinhar as coisas boas e ruins

Quando perceber que elas irão permanecer mesmo que eu não goste ... **APL:** tentar me acostumar com isso

Quando souber dar o valor que ela tem ... **APL:** E poder aproveitar

Quando a presença física e virtual tiverem os seus devidos valores ... **APL:** E as pessoas valorizarem ambos

Quando as instituições começarem a ensinar como conviver com elas ... **APL:** E ter a oportunidade de colocar em prática (Complemento de frases)

Nesta terceira provação de reflexão sobre os dois lados da rede, o participante apresenta o **indicador voltado para orientação educacional para as redes sociais**, em um momento do qual as pessoas começassem a refletir e valorizar a importância das redes sociais e de sua permanência, além de sua inovação com o passar do tempo. Nessa inovação, que as pessoas, escolas e, principalmente, a geração on-line comecem a valorizar aspectos subjetivos imbricados nas redes, e que eles possam caminhar juntos com a evolução tecnológica de um mercado que não para em meio ao acelerado ritmo de transformação e configuração dos pensamentos e atitudes para além do que se mostram as tecnologias em toda e qualquer geração.

Desenvolvimento do eixo teórico:

- O adolescente apresenta uma estrutura dialógica bem decidida e focada na concretização de seus objetivos e sonhos, pois se observa muito esforço ao fato de sair de casa com um único propósito de vencer na vida;
- No decorrer dos instrumentos utilizados, é notório que, em Boa Vista, o participante não tinha uma postura de ligação direta e quase unânime com as redes sociais, pois o tempo do qual dispunha era compartilhado com a família e amigos;
- Ao chegar à cidade de Lagoa da Confusão, Estado do Tocantins, observou-se que ele já não se sentia bem com os familiares que o acolheram, nem com os amigos de ambas as escolas, ou do trabalho que conseguiu, preferindo ficar mais em casa, evitando as correções e comentários de seus familiares;
- Com o passar do tempo, veio à tona um fato que não estava resolvido para si, configurado no estopim de um meme, feito em forma de brincadeira, o qual pode ser

considerado como *cyberbullying*, vindo a ponto de passar mal e ser encaminhado para o serviço de orientação educacional via setor técnico pedagógico; e que foi direcionado para o setor de psicologia e, depois, ao de psiquiatria, pois a ansiedade e o medo por algo que pudesse ameaçar sua orientação sexual fosse divulgado, não o deixava confortável;

- Também apresentou uma postura de deixar de participar dos programas presenciais para ficar em casa, por medo ou receio de se repetir o que aconteceu em sua cidade natal; fator também que acentuou muito sua zona de conforto (ficar em casa) por medo de perder a conexão do *wi-fi*;
- Outro fator teórico é que começou a valorizar mais o número de amigos no virtual e não se esforçou para construir relações sólidas no presencial; mesmo em muitos pontos dos instrumentos utilizados, vem mostrando a falta que tem desses momentos e, embora estivesse imerso em vários contextos, não conhecia as pessoas e elas eram como se fossem estranhas a ele;
- As redes sociais e a saúde mental, para o participante, apresentam oscilações de bem estar com a segurança, encontrados dentro do conforto da tela, e no quarto; em outros momentos, apresenta certas inquietações por situações vividas que não se configuraram de modo positivo, procurando evitar que elas se repitam; o participante apresenta um apego às redes e sente falta dos amigos, ou de uma relação presencial afetiva;
- A comunicação entre os adolescentes do campus se apresenta de forma interativa, conseguindo fazer muitos movimentos que perpassam para uma dialética de abreviação de palavras, frases e entendimento de grupo para além das redes, nelas se mostram em vários aspectos que antes só era possível no virtual;
- Culturalmente, os adolescentes, além de desenvolverem uma linguagem própria que ultrapassa as redes sociais, também expõem mais sua intimidade, os modelos de relacionamentos, dentre outros; isso não torna a presencialidade um obstáculo, pois a conectividade nas redes está intrínseca na configuração de todos que fazem dessa geração uma voz que deve e merece ser ouvida para uma dialética que faz da comunicação uma nova cara e forma de ser em um mundo hodiernamente conectado.
- As redes sociais para os adolescentes no qual envolveu o presente projeto de pesquisa, abarca o processo de midiaticização digital, através dos quais não se culpabiliza esta ou outra rede pela propagação das informações e divulgação das mesmas, mas sim como

se configuram os processos subjetivos para cada um, levando em consideração o contexto, histórico, social, cultural e individual adjacentes ao indivíduo.

- Por fazerem parte de uma geração de conectados, o uso das redes sociais quer em ambientes intra e extra muros é imprescindível para que se problematize os processos subjetivos dos quais acompanha o indivíduo em toda sua formação ao longo da vida, afim de que as experiências ocorridas nas plataformas virtuais não se configure de forma negativa e sim como algo que precisa ser discutida pelos autores envolvidos na dinamicidade das conectividades virtuais, trazendo esse veículo de rápida propagação de toda e qualquer informação como subsídios dialéticos para os espaços onde circundam em plena sociedade da informação e comunicação.
- Problematizar as situações ocorridas nos espaços virtuais, em forma de encontros discentes, formação docente, rodas de conversa, com o propósito de aproximar os autores que fazem do ambiente educacional um lugar não só de discussão, mas de reflexão de toda e qualquer ação pelos quais perpassam a subjetividade dos sujeitos em questão.
- Olhar as redes sociais, partindo da perspectiva do discente do qual representa esse eixo, trazendo nos como protagonismo juvenil dessa geração, um olhar diferenciado para as constantes nuances que enaltecem os espaços pelos quais circulam o indivíduo e como enxerga-los em pleno processo de formação midiática de uma sociedade que está cada vez mais conectada em uma relação do virtual imbrica no presencial para aquilo do qual se proponha executar, neste e em outro momento.

4.1.2 Eixo 02: Trajetórias virtuais nas redes sociais: mergulhando na dinâmica juvenil

As redes sociais sempre representaram uma característica dos nativos digitais, em sua preponderância, e como ela se articula com o seu processo de interação com os seus grupos. A informação, que circula pelos mais diversos canais de comunicação para outras gerações, já não se aplica aos alunos em questão, pois toda e qualquer forma de interação se faz a partir de grupos afins por meio das redes sociais. Em questão de segundos, essas informações ganham maior notoriedade e propagação nos vários ambientes em que os indivíduos estão inseridos.

Os processos se configuram mais facilmente para os nativos, pois, em conversas com eles, apontam que conseguem obter informações sobre a vida particular da pessoa interessada, seja para uma simples curtição, ou para fazer amizades e outros laços sociais, pois com as mídias como Instagram, o Facebook e o WhatsApp, podem traçar o perfil e saber se realmente tem alguma afinidade com ela ou não.

Um aspecto relevante é que os nativos digitais se sentem mais confortáveis por trás das telas de qualquer aplicativo digital, porém nem sempre ficam à vontade para mostrar o rosto e/ou habilitar uma câmera durante as conversas através das mídias. Quando o fazem, preferem algo mais ousado, buscam uma relação midiática com as *selfs* nas festas ou qualquer evento do qual participem, semelhante a um diário íntimo de toda a programação do dia a dia, passando com isso uma popularidade na e para além das redes. Buscam, dessa forma, na maior parte, atingir um grande número de seguidores e seguindo, chegando ao ponto de usarem aplicativos como Tinder e Badoo para atrair um maior número de pessoas com as quais possam estabelecer um vínculo que se encontra em evidência nesta e em outras experiências dentro das mídias digitais.

Aplicativos de relacionamento, como Tinder, Badoo, dentre outros, ganharam uma maior notoriedade e expansividade no uso de navegação e acessibilidade durante o período pandêmico “#fique em casa”, pois muitos adolescentes e jovens os utilizaram como uma forma que perpassou o objetivo do relacionamento em si, ou seja, como processos criativos de comunicação e interação através dessas mídias, apresentando com isso mais um formato dialógico dentro dos processos comunicativos dos indivíduos, respeitando a categorização dessa geração que, para além de vivenciarem experiências nas redes sociais, a diversificam e a dominam com um grau de conhecimento e maturidade que perpassa o simples fato de navegar neste ou em outro aplicativo, imerge na criatividade e no desenvolvimento das relações em processos subjetivos que se mostram em evidência na dialogicidade estabelecida entre seus pares no universo virtual, demonstrando que nem sempre há uma necessidade de uma presencialidade para a efetivação dos contatos adquiridos nessas mídias digitais.

Culturalmente, eles se definem por afinidades nas redes e como são os encontros fora delas e no presencial, sem deixar a todo instante de estar interagindo com aqueles que, por algum motivo, faltaram no presencial, fazendo-os presentes até um pouco mais para os registros de cada acontecimento, diferenciando daqueles que estão ali no exato momento.

Os desafios da pandemia para os adolescentes em geral, de acordo com suas falas, a respeito da interação, era não poder estar nos lugares para fazer os registros. Com relação ao ambiente educacional, essa interação surgia nos grupos, no bate papo com os professores, nos exercícios em sala, nas horas de intervalo, gerando um desânimo para o ensino remoto.

Esse novo formato de ensino, agora transmitido pelas plataformas digitais e com acesso através de celulares, notebooks e computadores, implicou na adaptação dos recursos educacionais. Foram disponibilizados, no próprio campus e com prévio agendamento, obedecendo aos protocolos de segurança para o COVID 19, notebooks e celulares àqueles que

não possuíam nenhuma outra forma de acesso, bem como a distribuição de chips com dados móveis ilimitados para navegarem nas plataformas com o acompanhamento das aulas. Todavia, apesar de todo esse investimento feito nas tecnologias para que o conteúdo e as aulas chegassem aos alunos de forma mais célere e com excelente qualidade, houve um desânimo por parte dos discentes diante da metodologia adotada pelos docentes, haja vista que se transferiu do presencial para o virtual com textos e vídeos muito longos e sem nenhuma conectividade com o público alvo para o desenvolvimento de habilidades do que se propunha trabalhar em sala. Esses aspectos já tinham sido notificados pelos alunos durante muitas ações pedagógicas realizadas nas salas de aula antes da pandemia. Para sanar esse problema em questão, o autor da referida pesquisa ofertou aos docentes um curso com carga horária de 120h em formato on-line intitulado “Didática na educação profissional e tecnológica”, a fim de poder melhor alcançar os objetivos propostos para o público alvo em questão.

BJC é uma menina esforçada e estudiosa, que concilia um curso técnico e o ensino médio normal como preparação para o vestibular. Houve um momento na vida da referida adolescente em que se questionou sobre o processo ensino-aprendizagem, pois a pandemia lhe trouxe um novo modelo de aulas.

Pesquisador: Você ficou reprovado (a) em alguma disciplina durante o período de curso?

BJC: Eu sempre ia bem nos estudos, mas quando começou a pandemia eu tive problemas aqui neste colégio, já onde faço o ensino médio eles têm um acompanhamento melhor, não sei se é porque meus pais pagam, mas aqui é mais difícil, principalmente as disciplinas de cálculo. Daí passei pelo conselho de classe para passar. Não sei se é porque já comecei nessas aulas pelo celular e nem conhecia vocês direito, mas na minha escola sempre foi mais fácil. (Entrevista semiestruturada)

As aulas e a dinamicidade do curso apresentaram **um sentimento de insegurança com a instituição e com os professores**, haja vista que foi egressa do processo seletivo remoto. Assim, não estabeleceu um vínculo presencial com a instituição e mostrou-se desnorteada diante do currículo proposto pelo curso, bem como pela linguagem utilizada pelos professores.

O pedagogo do campus, na função de Orientador Educacional, apresenta uma atuação desconhecida pela participante em questão, em especial, por fazer parte da vida acadêmica dos alunos e do professor. Tal papel foi reconhecido pela participante apenas com o retorno presencial das aulas, desejando que tivesse acontecido antes, e não precisamente no final do curso.

Pesquisador: Como você vê o papel do Orientador educacional no Campus?

BJC: O senhor é tipo um conselheiro da escola, sempre que os meninos aprontam ou estão fazendo alguma besteira manda para sua sala. Acho até engraçado que a sala do senhor tem mais gente do que nas outras, o senhor parece que escuta e aconselha todo mundo.

Pesquisador: Meu papel aqui é ajudar no processo ensino-aprendizagem dos alunos, ajudar com os professores sobre a forma como ministram suas aulas, ver outras dinâmicas da instituição e se considerar algo que não está dando certo, procurar resolver o problema junto com vocês e os colegas de trabalho. (Entrevista semiestruturada)

Neste trecho do instrumento, tem-se a presença **de segurança junto ao profissional em exercício**, haja vista que o vínculo estabelecido por meio do projeto de ensino se fez presente nos encontros virtuais, onde foi trabalhado cada instrumento. Em cada encontro desses, a participante se mostrou preocupada em poder questionar todos os pontos ora vistos no projeto de ensino e, agora, no projeto de pesquisa, tendo a oportunidade de indagar, questionar e problematizar, a fim de poder levar respostas para sua amiga, principal motivo de sua participação na pesquisa.

Como processo de imersão, durante a execução do projeto de ensino junto aos discentes, muito se falou sobre os processos subjetivos das redes sociais dentro da dinâmica do ensino e da aprendizagem, como também sobre o papel que as redes tomam na vida de cada um, levando-se em consideração os aspectos sociais, individuais e culturais, o mapeamento das primeiras pesquisas relacionado com as redes sociais e saúde mental e como enxergar o indivíduo dentro desse multiverso tecnológico de muita informação e uma comunicabilidade que perpassa os muros da escola. Com isso, gerou-se um encontro profundo e problematizado entre os dois momentos vivenciados junto aos participantes, no qual o primeiro foi colocado em grupos para discussão e interação com todos, e no segundo momento, esses pontos vieram à tona em um formato individual que se configurou nas dinâmicas conversacionais entre o pesquisador e a participante da pesquisa.

As redes sociais estão cada vez mais presentes na vida dos indivíduos, especialmente entre os nativos digitais, cabendo às instituições de ensino e toda a sociedade civil problematizar as experiências que ocorrem diariamente nesses espaços, a fim de se buscar resgatar aspectos subjetivos que estejam entrelaçados para o contexto local, histórico e social de cada um. E nesse papel está a comunicação, onde ela atua como aspecto preponderante para o estabelecimento de afetos, aprendizagens, sexualidade, entretenimento, dentre outras funcionalidades que vem adquirindo junto a essa geração que, a cada atualização e/ou lançamento de um novo aplicativo, sabe administrar com maestria seu papel preponderante na e para além do que se propunha no desenvolvimento do aplicativo.

Pesquisador: Sabendo que as redes sociais são um local onde as pessoas se comunicam diariamente e de forma instantânea em tempo real. Elas vão das mais diversas (WhatsApp, Instagram, Facebook dentre outras). Desta para você o que representam as redes sociais em sua vida?

BJC: Gosto muito das redes sociais, e o que acho engraçado é que todo mundo diz que é errado. Aqui eu consigo fazer mais amigos, conversar sobre estilos de roupa, maquiagem, me soltar mais. Problemas têm em todo o lugar, o que tomo cuidado é para não postar uma foto ou um comentário que pode me deixar triste ou deixar outra pessoa triste. (Entrevista semiestruturada)

Neste trecho do instrumento em questão, vemos a presença **de uma conectividade dos nativos digitais relacionada ao uso das redes sociais**, salientada pela participante ao comentar sobre a existência dos espaços para a dialogicidade e interatividade com outras pessoas, bem como sobre o aprendizado adquirido com outros povos e culturas a respeito de assuntos específicos, os quais enaltecem sua personalidade. Também destaca certa conscientização dos cuidados que deve ter ao postar conteúdos que serão vistos e compartilhados por todos, haja vista que as redes sociais, para os que nasceram conectadas a elas, fazem parte do que são, pois não tiveram que aprender como utilizá-las, mas como desenvolver algo que é propriamente fruto do seu meio.

Navegar nas redes sociais faz parte do cotidiano de uma grande parte dos jovens que estão constantemente conectados, e a escolha da referida rede é outro ponto dentre os quais eles conseguem atrair o maior número de pessoas para que possam compartilhar sua vida e sua dialogicidade semelhante a um diário digital dos tempos modernos.

Pesquisador: Que tipo de rede social você mais usa?

BJC: Instagram e WhatsApp. O senhor acredita que consegui fazer grupos nos dois. Conheci pessoas no Instagram e hoje temos um grupo no WhatsApp de 25 amigas do insta e só tem duas daqui da cidade e o resto é de outros estados. Achei super legal. (Entrevista semiestruturada)

Uma questão relevante deste trecho da fala da participante relaciona-se **ao aspecto de liderança e conectividade com demais pessoas de mesma faixa etária e realidades sociais distintas**. Nesse trecho, a participante conseguiu, junto com suas habilidades de interatividade nas redes, unir um grupo específico de pessoas do Instagram e levá-lo para o WhatsApp. Neste, podem discutir sobre os principais pontos em comum, estabelecendo um vínculo maior entre elas, a ponto de se reunirem constantemente através do próprio Meet para falar sobre assuntos específicos de particularidades de cada uma.

Problematizar o espaço que as redes sociais tomam na vida dos indivíduos é um aspecto preponderante para o processo de construção de aspectos subjetivos ao sujeito, haja

vista que muitas pessoas as consideram como um impeditivo para a execução de algumas atividades. Por outro lado, elas ganham midiatização e popularidade com uma quantidade quase que infinita de transformações na vida das pessoas, demonstrando, assim, as potencialidades delas não como aspectos negativos e/ou trágicos, mas como verdadeiros potenciais de desenvolvimento em prol do indivíduo.

Pesquisador: Você acredita que as redes sociais estão te ajudando ou atrapalhando sua vida?

BJC: Professor, tem muita coisa boa nas redes sociais, o que falta é saber usar sabe. No curso do ano passado eu falei para as minhas amigas e elas acharam legal. Toda semana eu dizia para elas o que teve e o que fizemos no curso. Aprendi muitas coisas no curso e estou aprendendo muita coisa com o senhor, só falta a escola ter um papo mais aberto com a gente, pois não sabia do tanto de coisa que poderia acontecer nas redes e como não sabemos ficamos mais fácil de ser uma pessoa a ser sofrida. (Entrevista semiestruturada)

Neste trecho da entrevista, vemos como as redes sociais **poderiam estar auxiliando nesse processo de aprendizagem**, haja vista que já faz parte de um grupo criado a partir do Instagram, onde levou os conteúdos e as dinâmicas discutidas durante o curso, a fim de serem debatidos também pelo grupo do WhatsApp. Durante o curso, uma das provocações iniciais aos alunos foi sobre o papel que elas exerciam na vida: Entretenimento apenas? Funcionalidades? É possível aprender para além das redes? E com isso foi se construindo situações em que elas poderiam estar alinhadas aos conteúdos expostos em sala de aula, bem como na problematização dos acontecimentos e das informações do Brasil e do mundo pelos canais de comunicação e informação, e sua relação com aspectos subjetivos ao processo ensino-aprendizagem. Para isso, foi posto um desafio em forma de exercício ou oficina com o Twitter e o Facebook. Foi uma realização exitosa, cujo propósito era trabalhar aspectos linguísticos, de grupos, contedísticos sempre atrelados ao protagonismo juvenil nas redes e para além delas, onde os assuntos passariam a ser mais dinâmicos e diversificados para o entendimento e o desenvolvimento de uma relação com os atores envolvidos no ambiente educacional no seu todo.

Nesta conjectura, estão as configurações subjetivas que as redes se aplicam para determinados grupos de pessoas ou para um grande contingente populacional, haja vista que problematizar os lados que se mostram em cada circunstância atrela-se ao processo de construções que os indivíduos fazem dos contextos em que estão inseridos.

Pesquisador: Você vê as redes sociais como algo bom para sua vida e das pessoas que você convive?

BJC: Vejo como uma forma boa de comunicação e entretenimento. Depois que o

senhor explicou no curso do ano passado sobre as redes sociais, eu fiquei triste comigo mesma, o senhor lembra daqueles casos dos alunos que tentaram se matar, eu achei que era para chamar a atenção, só isso o senhor acredita, mas depois de tudo isso, vi que muitos realmente podem estar sofrendo de verdade e com isso aumentar muito mais os casos de meninos e meninas que sofrem algum problema vindo das redes sociais. (Entrevista semiestruturada)

No que diz respeito a esse trecho do instrumento, observa-se **um posicionamento sobre o “chamar a atenção”, presente na fala da participante**, com relação aos casos de pessoas do seu convívio que acreditava que era apenas para atrair os olhares alheios. Até o momento não se tinha problematizado ainda outros aspectos subjetivos, trazendo um desfecho que foi exibido e compartilhado pelas redes sociais e não que elas tinham gerado isso. Nesse ínterim é que se preceitua o processo dialógico da orientação educacional para as redes sociais, quer seja aos nativos digitais quer seja para outras gerações, pois toda e qualquer experiência vivenciada nas redes se não problematizada pode ter uma visão distorcida do que se é propagado por elas, a ponto de muitos a considerarem como vilãs e/ou outros adjetivos que se acoplam à falta de acompanhamento para determinadas situações. Estas, vistas de outro ângulo e com questionamentos aprofundados, podem ter desfechos positivos para a compreensão dos atores que ali estão, seja como observadores, seja como agentes do processo de construção da experiência.

Na vida dos indivíduos, muitos problemas podem ter uma ligação direta com as redes, haja vista que, em plena sociedade hodierna, proliferam-se ainda preconceitos arraigados dos tempos tradicionais, com características diferenciadas e que atendam ainda ao mesmo público de forma que possam depreciar o ser humano em seus mais diversos aspectos. Problematizar o papel das redes sociais é de suma importância para a sociedade da informação e comunicação, entendendo que os acontecimentos, ora divulgados pelos mais diversos canais da imprensa falada ou escrita, inferem na situação já pré-existente. Com as mídias, as informações se propagam mais rapidamente devido ao fácil acesso, disponível na palma da mão, não se fazendo mais necessário estar conectado há um programa específico para que esta ou aquela informação chegue até o indivíduo. Dessa forma, problematiza-se não o meio pelo qual as informações chegam, mas como o bombardeamento delas pode estar conectado aos processos subjetivos do indivíduo ao longo da vida.

Pesquisador: Você já sofreu ou está sofrendo algum problema relacionado às redes sociais?

BJC: Eu não sofri, mas tem uma menina amiga minha no grupo que está sofrendo, o povo da sala de aula dela fica apelidando ela de menina lobo e faz uuuuuuuu, quando ela vem para a escola ou sai para qualquer lugar. Eu tento ajudar ela, mas não sei falar que nem o senhor, gostaria muito que o senhor fosse lá para fazer isso.

Sabe, mas não sei como.

Pesquisador: fale mais dela.

Ela tem 15 anos, mora em Rio Branco no Acre e está fazendo o segundo ano do ensino médio. Ela é índia, mas tem raiva de ser índia porque todo mundo fica apanhando ela. Ela veio da aldeia tem dois anos, mora com uns parentes e quer vencer na vida, ela é como se fosse alguém que me dá sentido pra vida sabe. Ela estuda na escola particular assim que nem eu, mas o pessoal não deixa ela enturmar. Aí ela tem rede social e tudo, mas não se sente bem com a turma e com a vida. Falei para todos no grupo do projeto que eu estava e daí ela se interessou mais para conversar comigo, e é por isso que resolvi participar da pesquisa, para ajudar minha amiga. Já que o senhor não está lá e ela não estuda aqui, posso tentar entender e ajudar ela.

Pesquisador: Se você puder me passar o contato da escola que ela estuda para que entre em contato com a direção, quem sabe conseguimos ajudar sua amiga.

BJC: Está certo. obrigado professor. (Entrevista semiestruturada)

Neste trecho mais longo da conversa, emerge uma informação que nos possibilita pensar que BJC produz **um sentimento de empatia ao compartilhar com o pesquisador seus reais motivos que a fizeram participar do projeto de pesquisa**. Há uma presença nítida do *bullying* e *cyberbullyings*, com uma adolescente vítima de preconceitos pela sua etnia indígena, a ponto de caracterizá-la como menina lobo e demais apelidos que a fazem sofrer sem ter uma resposta ou ajuda de outras pessoas. O que deve ser problematizado é que, muitas vezes, a quebra do silêncio é um processo difícil, sendo mais fácil compartilhar com um total desconhecido, como é o caso da adolescente em questão.

Muitos alunos perpassam pela vida sem uma orientação ou uma problematização dos problemas vivenciados durante algumas etapas de sua vida, especialmente, para os nativos digitais. Com isso, essas experiências devem ser consideradas a partir de um princípio basilar que configura os indivíduos nos mais diversos aspectos e que fazem a construção do indivíduo para os diversos espaços de sua formação.

Pesquisador: Em algum momento da sua vida, você teve orientação para o uso das redes sociais por parte de sua família e/ou instituição escolar?

BJC: Nunca, e aquela cartilha que fizemos do curso do ano passado eu mandei no grupo. Todo mundo gostou professor e minha amiga índia ficou muito feliz. Eu queria que as escolas falassem mais das redes sociais, o que elas são, é como se nós jovens não soubessem de nada e não é assim, aprendi muita coisa com o senhor e a turma, conheci os colegas da aldeia daqui, passei o contato deles para minha amiga, quem sabe eles também possam ajudar, já que é tudo índio. (Entrevista semiestruturada)

Neste trecho do instrumento, observa-se o **indicador de empatia com relação à situação vivenciada pela indígena** a fim de poder ajudar sua amiga, pois a forma como era instigada nas discussões de grupo com os indígenas e como ela se posicionava bem participativa, mostrava que o interesse ia além do conteúdo proposto no e durante o curso. Seu

interesse era poder socorrer sua amiga e trazia um grau de afinidade: por serem indígenas, poderiam compartilhar experiências que iriam ajudá-la a sobrepor muitos dos difíceis momentos relatados.

Figura 15 - Fanzine 01 - BJC



Fonte: BJC (2022).

Figura 16 - Fanzine 02 - BJC

Como me sinto nas redes sociais:

1



2



1. Me sinto bem pois e uma forma de entretenimento, diversão.

2. Acho bem legal, pois, além de ser uma forma de diversão, ela e uma forma de conhecimento.

Fonte: BJC (2022).

Figura 17 - Fanzine 03 - BJC



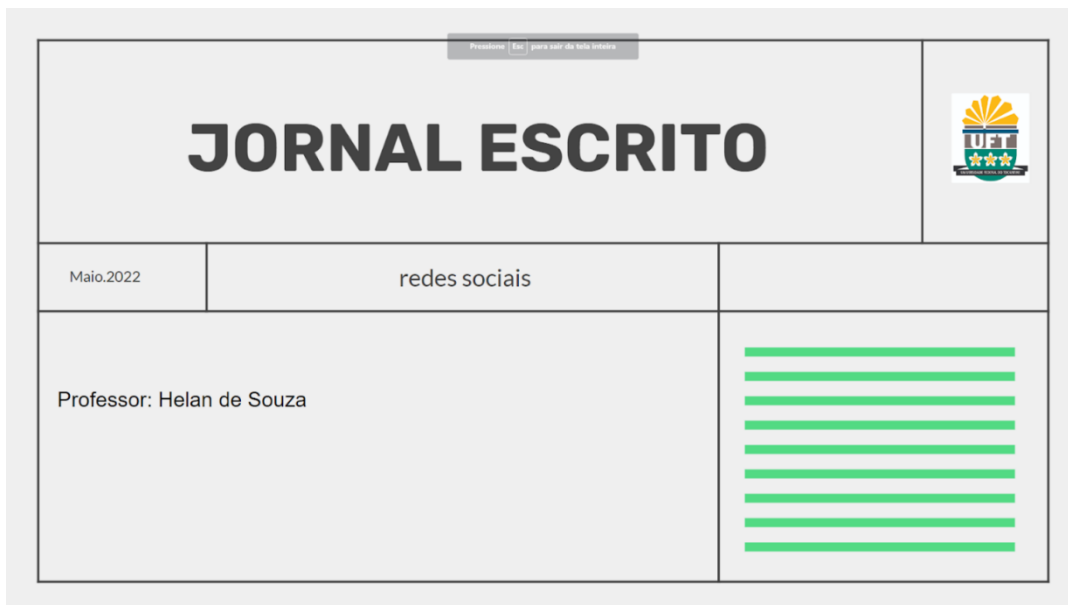
Fonte: BJC (2022).

Problematizando o instrumento, **temos como indicador o protagonismo juvenil**, que surge por meio de uma comunicação eficiente, na qual a participante apresenta os constantes pontos que convergem para os encontros das redes sociais e suas inúmeras vantagens, demonstrando uma maturação juvenil, pela facilidade apresentada ao manusear várias ferramentas dentro dos aplicativos, bem como a própria capacidade de liderar as discussões para assuntos variados.

BJC: O uso das redes sociais em nossas escolas é de grande importância para a nossa convivência. Devemos saber respeitar a todos, tentar ajudar as pessoas que são diferentes e mostrar que os bons exemplos das redes sociais refletem o nosso modo de ser e de estar nesse mundo virtual em contato com o presencial. (Jornal falado)

Neste trecho, podemos perceber que a participante assume **o uso consciente e responsivo das redes sociais na escola**. De alguma forma, BJC manifesta uma forma de alerta às instituições educacionais, em especial sobre a situação da amiga, refletindo sobre as formas depreciativas do desrespeito ao ser humano, por vir de um lugar, de um povo e de uma etnia que não seja a sua. Mesmo em plena sociedade hodierna e com muitas leis vigentes, ainda há situações degradantes no nosso país, principalmente, relacionadas às minorias que ainda continuam sendo as vítimas do passado, agora, porém, com outra forma de violência, uma mais silenciosa e um tanto destrutiva e/ou agressiva, como é o caso do *cyberbullying* que se propaga de uma forma mais célere entre os envolvidos com o assunto.

Figura 18 - Jornal Escrito 01 - BJC





Fonte: BJC (2022).

Neste primeiro trecho do jornal escrito (Figura 19, abaixo), tem-se **a conscientização dos dois lados em que se mostra o celular dentro da instituição**. Nesse olhar diversificado, observa-se que a participante atua de forma responsiva para os meios que a cercam e da melhor forma, sem perder com isso o direito pelo uso do aparelho celular. Uma visão investigativa dos docentes e de toda a comunidade escolar é pertinente para os processos de subjetivação discente enquanto protagonista da preparação na e para a sociedade onde se vive. Sendo oriundos da geração dos nativos digitais e atrelados ao processo de comunicação e informação que subjaz na palma da mão, é imprescindível que os constructos subjetivos estejam alinhados para uma formação que perpassse os muros da escola, dando notoriedade a uma formação junto aos meios no qual estão inseridos desde o nascimento e os quais atravessam outras fases do desenvolvimento e maturação até sua formação na e para a sociedade onde está inserido.

Figura 19 - Jornal Escrito 02 – BJC

O Uso dos celulares na escola:

- Para o uso de celulares nas escolas temos as vantagens e desvantagens:
- Vantagens: Pesquisar conhecimentos fora do alcance, inovação, praticidade, compartilhar conhecimentos com os colegas.
- Desvantagens: Dependência. Menos concentração.
- Mas mesmo assim temos que encontrar maneiras de conseguir ter os dois em mesmo ambiente pois, as tecnologias ajudam muito no ensinamento.


Fonte: BJC (2022).

Figura 20 - Jornal Escrito 03 - BJC

Pressione Esc para sair da tela inteira

O celular em sala de aula:

- O Uso de celular na sala de aula pode ser aceito, mas, para certos casos como: pesquisa, Fotografar momentos e imagens que queremos guardar na memória, Lembrar de tomar um ou mais medicamentos, Utilização de procedimentos bancários em aplicativos, fazer pedidos de comidas para pronta entrega. Mas deve ter uma tolerância de como usar, para evitar atrapalhar as aulas.



Fonte: BJC (2022).

Já para o uso na sala de aula (Figura 20), a participante apresenta **possíveis usos do celular relacionados ao processo ensino-aprendizagem** e como eles se articulam para o ambiente educativo em prol de melhor atender aos anseios da geração on-line em

compartilhamento com o que se preceitua o conteúdo e o currículo para a sala de aula.

Figura 21 - Jornal Escrito 04 - BJC



Fonte: BJC (2022).

Para a aplicabilidade da popularidade de redes sociais na escola (Figura 21, acima), a participante apresenta uma **separação do contexto educacional da vida pessoal**, visto que essa problemática está sendo o foco de muitas tensões na escola. Assim, surge a possibilidade de sanar tal situação com os indivíduos buscando utilizar as redes sociais somente a conhecimentos escolares, quando dentro do espaço escolar; dessa forma, para a vida pessoal, ficariam realmente os aspectos extramuros escolares.

Sobre o trecho do *cyberbullying* (Figura 22, a seguir), **o cuidado perante a situação que sua amiga indígena sofre na escola** está presente. Demonstra que, assim como isso acontece com ela, também pode estar acontecendo com outros discentes em outras instituições de ensino, razão pela qual não se pode deixar de problematizar isso em forma de palestras, oficinas e outros pontos que discutam e erradiquem essa realidade tão presente nos ambientes escolares.

Figura 22 - Jornal Escrito 05 - BJC

Pressione **Esc** para sair da tela inteira

Cyberbully

- *Cyberbullying* é o *bullying* realizado por meio das tecnologias digitais. Pode ocorrer nas mídias sociais, plataformas de mensagens, plataformas de jogos e celulares. É o comportamento repetido, com intuito de assustar, enfurecer ou envergonhar aqueles que são vítimas.
- É algo maldoso e que não deve ocorrer de maneira nenhuma, pois, pode prejudicar as pessoas



Fonte: BJC (2022).

Figura 23 - Jornal Escrito 06 - BJC

Desafios online nas escolas

- Os desafios online seriam os cyberbullying, os vícios nas redes, mas, as pessoas devem ter consciência e não fazer Bully com ninguém e os que tiverem vícios procurarem ajuda, e seriam bom que nas escolas tivesse pessoas responsáveis por ajudar os alunos nessas situações.



Fonte: BJC (2022).


Nessa informação (Figuras 23, acima e 24, a seguir), podemos apreciar **o aluno como protagonista da midiatização tecnológica**. Tal protagonismo, ao ser mais bem explorado, pode desenvolver capacidades criativas e diretivas desse aluno, melhorando o processo de ensino-aprendizagem. Sobre a concepção de proibição do uso das redes sociais dentro das

dependências da escola, o encaminhamento mais apropriado seria o de se alinhar os conceitos do currículo ao que se propõe como característica nata dos alunos em sala de aula. Dentro desse contexto, as aulas promoveriam uma dinamicidade que envolveria as redes sociais e a participação ativa dos alunos, no mesmo ensejo em que para outros momentos, o profissional docente iria trabalhar aspectos intrínsecos e extrínsecos às redes, alinhados ao orientador educacional do campus, em uma disciplina como “Projeto de vida”, que se embasa em todo o período de escolarização do educando no decorrer do novo ensino médio.

Figura 24 - Jornal Escrito 07 - BJC

Problemas da geração online nas escolas

- O uso da tecnologia na educação, com recursos em sala de aula, pode estimular a criatividade, o raciocínio lógico, a colaboração, a capacidade de pesquisa e outras competências importantes para o mundo contemporâneo, para entender as tendências e desenvolver as habilidades para o futuro.
- E os problemas devem ser evitados para uma melhor convivência nas escolas



Fonte: BJC (2022).

Pesquisador: Com as redes sociais me sinto livre para viajar por caminhos antes não percorrido;

BJC: Com as redes sociais tenho mais conhecimento;

BJC: Com as redes sociais me sinto mais perto de pessoas;

BJC: Com as redes sociais registro momentos;

BJC: Com as redes sociais conheço pessoas novas;

BJC: Com as redes sociais aprendo coisas;

BJC: Com as redes sociais posso ajudar o próximo;

BJC: Com as redes sociais mato saudades;

BJC: Com as redes sociais dou risadas;

BJC: Com as redes sociais compartilho momentos. (Encadeamento de ideias)

Este momento apresenta **uma somatória não de algo novo, mas do que já existe para a participante**, buscando experimentar situações confortáveis e edificantes que irão enaltecer o grau de pertencimento há um determinado grupo, bem como criar e expandir outros campos de interesse para outros campos do conhecimento, cujas fantásticas

experiências serão, a posteriori, compartilhadas com seus amigos e amigas.

Pesquisador: Fico pensativo quando vejo que as pessoas estão deixando de aproveitar belos momentos da vida para ficar preso às redes;

BJC: Penso que as pessoas têm que saber usar as redes sociais de maneira correta

BJC: As pessoas não devem ficar só nas redes

BJC: As pessoas devem viver a vida de uma maneira que não seja o tempo todo nas redes

BJC: Tem que aproveitar momentos

BJC: Registrar momentos

BJC: Ensinar aos outros o que pode e não pode nas redes

BJC: Evitar o uso de celular em momentos em família

BJC: Quando tiver entre amigos, preferir conversar

BJC: Saber conciliar vida real com redes sociais (Encadeamento de ideias)

Para este outro momento, apresenta-se **uma maturidade do que seja as redes sociais e como elas devem ser aproveitadas em momentos distintos**, sem deixar de ficar com os amigos no momento presente e estar presente em momentos virtuais com aqueles que fazem parte apenas do grupo de amigos on-line, ou seja, os que estão realmente fora de alcance geograficamente. Dessa forma, quando sair com os amigos, saber rir e aproveitar a companhia um do outro. Em outras palavras, o problema não é a materialidade da rede, mas os posicionamentos subjetivos dos indivíduos que as usam.

Pesquisador: Hoje vejo os dois lados da rede e tenho um posicionamento sobre cada um deles.

BJC: Sei que tem pessoas que usar só para prejudicar o próximo e é errado;

BJC: Sei que tem pessoas que usam para ajudar, dando conselhos para pessoas, e é bom;

BJC: Pessoas usam como uma forma de serviço, bem legal

BJC: Pessoas usam para compartilhar momentos, é bom

BJC: Usam como uma forma de estudo, é muito bom

BJC: Usam para compartilhar conhecimentos, é uma ideia excelente

BJC: Usam para se comunicarem (Encadeamento de ideias)

A participante apresenta como **indicador o grau de responsabilidade que o nativo digital adquire nas redes sociais e como ele se mostra dentro delas e para elas**, ou seja, ter a responsabilidade e a consciência de não usar os meios digitais para propagar fotos e/ou comentários infundados; saber aproveitar e compartilhar os belos momentos da vida com as pessoas que estão ao seu lado e com o maior meio de comunicação do mundo, sendo este o ponto modal do projeto de pesquisa, no qual os indivíduos articulam na e para as comunicações, passando a assumir um papel de agente e sujeito na rede, com aspectos subjetivos de uma responsabilidade em formação na e para além das mídias de comunicação e informação.

Pesquisador: O que me deixa feliz nas redes sociais?

Pesquisador: Quando posso conhecer amigos ... **BJC:** e compartilhar com eles as fotos e brincadeiras do dia a dia.

Pesquisador: Quando tenho a oportunidade de expandir meus conhecimentos ...

BJC: Converso com pessoas de outros lugares e turmas.

Pesquisador: Quando vejo que a internet aproxima quem está longe ... **BJC:** fico feliz em fazer novas amizades.

Pesquisador: Quando tenho a oportunidade de viajar sem sair de casa ... **BJC:** vejo o quanto as redes sociais me oportunizam momentos antes não vividos.

Pesquisador: Quando tenho uma série de novidades para que deixe meu fim de semana agradável ... **BJC:** tento compartilhar com todos. (Complemento de frases)

Neste complemento de frases está presente **a sociabilidade interativa**, na qual a participante explora cada momento do seu dia, utilizando como interação e compartilhamento com todos os seus amigos nas redes sociais, para os mais diversos grupos virtuais e/ou presenciais que ela possa estar experienciando.

Pesquisador: O que me deixa triste nas redes sociais?

Pesquisador: Quando só tenho amigos online ... **BJC:** e talvez nunca encontre com eles.

Pesquisador: Quando as pessoas não aproveitam o tempo comigo ... **BJC:** e preferem ficar zutando no tik tok.

Pesquisador: Quando ninguém curte uma postagem minha ... **BJC:** e parece que não foi legal o que fizeram.

Pesquisador: Quando minha única opção de divertimento é a internet ... **BJC:** e apenas os momentos que estou nela. (Complemento de frases)

Neste outro momento do instrumento, **tem-se a separação geográfica dos amigos**, ou seja, a participante sabe, inclusive no tom de voz fica nítido, que talvez não irá se encontrar presencialmente com aquelas pessoas que estão separadas dela por quilômetros de distância. Isso se somatiza a alguns momentos nos quais visualizam e valorizam os aplicativos em detrimento de sua companhia, como é o caso do Tik-tok; e que esses aplicativos representam uma forma momentânea de entretenimento e convívio da vida real, no entanto o seu uso em demasia pode vir a atrapalhar situações do dia a dia. No que diz respeito às postagens em qualquer rede social, cria-se uma expectativa que uma grande maioria dos amigos ali presentes irá comentar, curtir e/ou perguntar e quando isso não acontece, gera um sentimento contrário ao que se propunha quando da divulgação a ponto de questionar alguns sobre o porquê não comentaram. Para o fato de os momentos de divertimento estarem associados à internet e ao tempo que se fica nela, apresenta uma postura característica dos nativos digitais, com a necessidade de se manter conectado a todo instante, não apenas para tirar fotos e visualizações, mas para compartilhar informações do Brasil e do mundo sobre as maiores novidades que surgiram de acordo com o grau de interesse de cada um.

Pesquisador: Como posso equilibrar minha vida?

Pesquisador: Quando entender os dois lados da rede ... discutindo isso na escola.

Pesquisador: Quando perceber que elas irão permanecer mesmo que eu não goste ...

BJC: e trazer para dentro de casa com meus pais.

Pesquisador: Quando souber dar o valor que ela tem ... **BJC:** e o que nos tornamos com ela.

Pesquisador: Quando a presença física e virtual tiverem os seus devidos valores ...

BJC: e nenhuma fica melhor que a outra.

Pesquisador: Quando as instituições começarem a ensinar como conviver com elas

BJC: ... e fazer parte da dinâmica das escolas. (Complemento de frases)

Neste momento do instrumento, observa-se, **como indicador, a maturidade discursiva das redes em ambiente intra e extramuros**, o que muitas vezes não se aplica ao sofrimento psíquico que as pessoas vêm enfrentando, à dinamicidade do dia a dia, bem como à falta de uma representatividade nas escolas de uma orientação que enalteça esse paradoxo das redes e como elas atuam na vida de cada pessoa. Nessa maturidade, está o olhar de uma orientação por parte do uso das redes e de como agir nelas, haja vista que os nativos digitais já nasceram conectados aos mais variados meios de comunicação e interação tecnológicos, e aos poucos vão se ampliando o manuseio de um ou outro meio. Contudo, parar para discutir o que eles realmente representam em sua vida nos mais variados aspectos subjetivos, como se veem como protagonistas e principais mediadores dessas redes e, acima de tudo, como isso se preceitua sem que pare para pensar e conversar sobre o que tem e o que passa nas redes, expresso, muitas vezes, na forma de diário íntimo, torna a maturidade encontrada neste indicador como uma forma expressiva de ver e se posicionar diante das várias circunstâncias adjacentes a cada indivíduo.

Pesquisador: O que sei da escola hoje com relação às redes sociais?

BJC: Sei que temos que saber conciliar uma com a outra, pois na escola aprendemos várias coisas e nas redes pode complementar informações que não vimos na escola como as possibilidades de exploração do espaço virtual enquanto extensão da sala de aula e o desenvolvimento de competências tecnológicas. (Redações)

Neste excerto, observa-se a **complementaridade dos assuntos que estão no ambiente educacional e que também se encontram nas redes sociais**, o que, a partir da junção dos dois, permite trabalhar aspectos relevantes configurados com sua subjetividade social e/ou individual para os espaços nos quais se preceituam.

Pesquisador: Que ações as escolas tem feito para trabalhar problemas relacionados às redes sociais e saúde mental?

BJC: As escolas vêm procurando palestras sobre o assunto para os alunos, os cursos como esse para que o aluno fique ciente sobre as redes. (Redações)

Neste outro momento do instrumento, observa-se a **formação e complementação do instrumento a ser pesquisado pelas instituições educacionais**, com o objetivo de atender aos alunos no contexto intra e extramuros. A partir dessa nova conjectura, os discentes começarão a discutir, não apenas por meio da escola, mas pelos próprios grupos de estudo e/ou de discussão formados nas redes sociais, sobre suas experiências e vivências dentro das redes. Neste aspecto, cabe às instituições de ensino fazer uma nítida relação do papel das mídias na comunicação e informação e como esta é problematizada junto aos indivíduos que são os protagonistas de formação para a sociedade em crescente ascensão.

Pesquisador: O que você proporia para que esse assunto fosse melhor trabalhado dentro da escola?

BJC: Eu proporia que tivesse um momento na escola para falar sobre o assunto, para que os alunos tenham o conhecimento necessário. (Redações)

É relevante destacar o **indicador de responsabilidade social da escola, enquanto agente de mudança e interação com os indivíduos ali presentes**, não apenas como forma de representação, mas como uma responsabilidade social, adquirida no decorrer de toda a vida, pois trabalha com a formação de indivíduos para além dos muros escolares.

Figura 25 - Dinâmica 01 - BJC



Fonte: BJC (2022).

Figura 26 - Dinâmica 02 - BJC

Pressione **Esc** para sair da tela inteira

E Hora de acordar

Daria conselhos para os alunos, deixarem o vício nas redes e focarem em estudos também.



Se eu fosse diretora

Fonte: BJC (2022).

Figura 27 - Dinâmica 03 - BJC

Papel em branco

Iria incentivar as alunos realizarem todas suas atividades, para que consigam aprender



Se eu fosse diretora

3

Fonte: BJC (2022).

Figura 28 - Dinâmica 04 - BJC



Mostraria e conversaria com alunos para que decidam sobre sua profissão, ou seja, o que querem para o futuro



Se eu fosse diretora

4

Fonte: BJC (2022).

Figura 29 - Dinâmica 05 - BJC



Falaria para aproveitar a vida real, usar menos as redes sociais e estudar bastante para terem um futuro brilhante.



Se eu fosse diretora

5

Fonte: BJC (2022).

Figura 30 - Dinâmica 06 - BJC

Descobrimo o outro

Mostraria formas de compartilhar seu conhecimento por meio das redes sociais.



Se eu fosse diretora

6

Fonte: BJC (2022).

Figura 31 - Dinâmica 07 - BJC

Pressione para sair da tela inicial

Projeções de vida

Daria conselhos para que eles saberiam conciliar os estudos, redes sociais, vida pessoal para que consigam tudo o que querem d uma maneira correta



Se eu fosse diretora

Fonte: BJC (2022).

No instrumento da dinâmica (Figuras 25 a 31, acima), **observa-se um indicador de capacidade e motivação para pensar junto aqueles que fazem a “ geração online”,**

buscando estabelecer os princípios conteudísticos alinhados ao mundo do trabalho e como ocorre a relação dos conteúdos com as redes sociais, em um ambiente onde irá acontecer uma dialética e problematização das redes para a vida dos educandos, tendo em vista um processo de escolarização que se construa concomitante aos conhecimentos e projeções vindos do próprio público que integram a geração dos ambientes educacionais hodiernos.

Pesquisador: Como você se sente hoje?

BJC: Hoje estou triste , porque minha amiga do Acre está sofrendo muito e não sei ao certo como ajudar, queria muito que essa dor fosse embora e que ela ficasse mais feliz. choro...

Pesquisador: As pessoas podem ajudar estando do lado delas, e acima de tudo olhando para elas onde pode segurar a mão. Você já tomou uma atitude muito boa ao vir para cá e participar da pesquisa para ajudar a sua amiga. Sei que muitas coisas foram úteis para você também, mas que acima de tudo soube colher muitas coisas boas da vida e o que ela representa para você.

BJC: Muitas coisas que conversamos ficou melhor para mim, aprendi muito e com certeza irei compartilhar com todos do grupo e com minha outra escola. (Dinâmica conversacional)

Neste trecho de informação, junto aos anteriores, podemos propor **o indicador do sentimento de uma conectividade social atrelada ao fator digital no qual BJC estabelece por sua amiga**, bem como o querer poder estar perto para ajudar. Isso foi perceptível quando a participante apresentou um grau de maturidade para sua idade ao participar do projeto de pesquisa na imersão I e II, a fim de poder entender a problemática das redes e seus atores para ajudar sua amiga. Diante do atual cenário colocado pela participante, entrei em contato com a instituição na qual a amiga estudava, a fim de poder ajudar. Depois da intervenção que realizei de forma híbrida, ficamos de voltar em outro momento para trabalhar esta e outras temáticas para a realidade não só da aluna, mas também de outros que porventura estejam passando por algum problema.

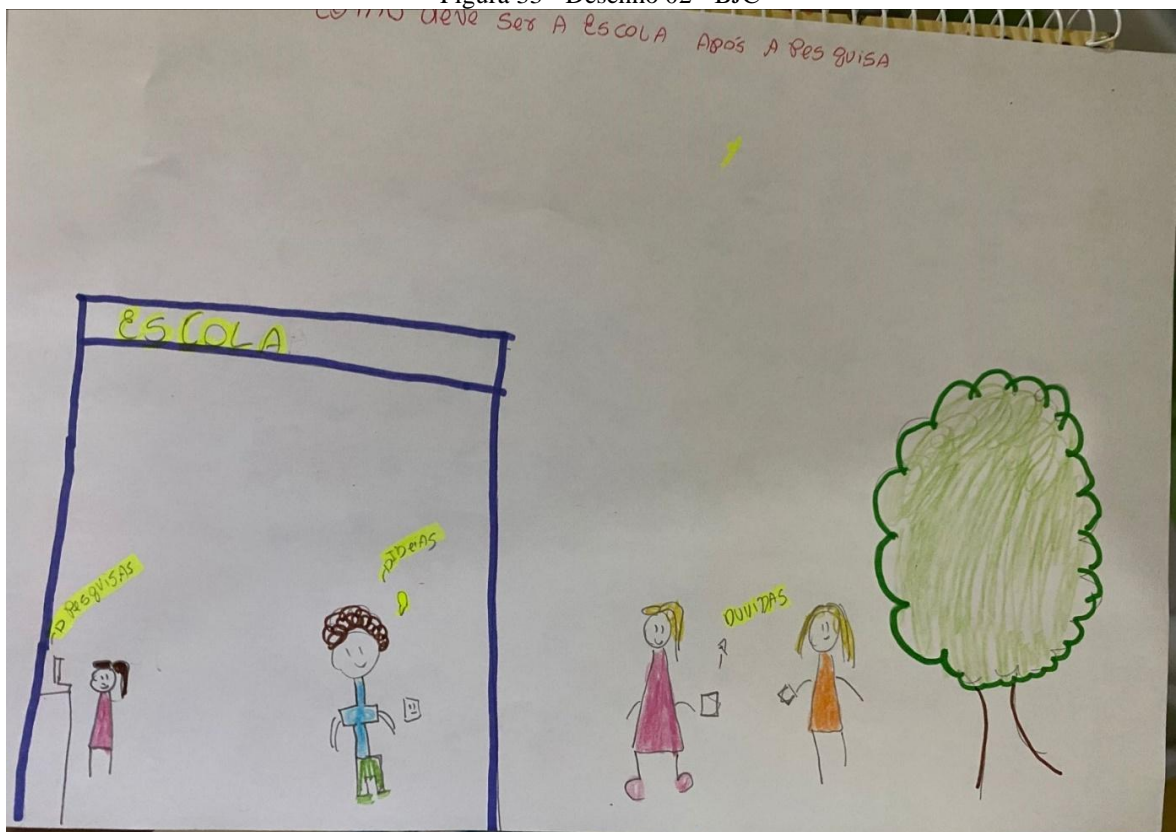
No instrumento (Figura 32 e Figura 33, abaixo), observa-se como **indicador preponderante o protagonismo da participante junto ao orientador educacional e à instituição como um todo**. Para aquela que, antes, pelo seu grau de introspecção, sequer imaginava entrar na sala para tirar uma dúvida com algum profissional em exercício, ao final da pesquisa, já se permitia uma nova postura, chegando a discutir com o profissional sobre alguns pontos relacionados às redes sociais e como elas se aplicam em diferentes circunstâncias vivenciadas dentro e fora dos muros escolares; com o objetivo de problematizar questões antes não comentadas por achar que era apenas para chamar atenção, agora se vê uma seriedade de ajuda mútua e empatia para aqueles que porventura venham passar por algum problema divulgado e propagado nas redes sociais.

Figura 32 - Desenho 01 - BJC



Fonte: BJC (2022).

Figura 33 - Desenho 02 - BJC



Fonte: BJC (2022).

Desenvolvimento do eixo teórico:

- A adolescente é uma menina introvertida no presencial, que tem muitos amigos em ambas as escolas e também amigos nas redes sociais. Ela segue os conselhos da mãe em querer passar de ano, passar no Enem e fazer um curso que lhe dê um retorno financeiro e lhe garanta uma vida confortável no futuro;
- Encontrou um pouco de conflito nos estudos com a instituição da pesquisa, por ser uma pessoa introvertida e iniciar o ano no formato remoto de ensino, modelo proposto pela pandemia que assolou o mundo. Passou pelo conselho de classe e, depois, se adaptou ao ritmo das duas escolas para a prospecção de futuro;
- Tem muita habilidade com as redes sociais e dispõe de uma grande maturidade e capacidade de iniciativa, a ponto de propor participar do projeto de pesquisa para ajudar sua amiga indígena, que há algum tempo vem sofrendo com situações constrangedoras dentro e fora das redes sociais;
- Mostrou-se muito proativa e com uma dinamicidade dialética para a conversação por meio das redes sociais. No entanto, para o momento presencial e com as pessoas no dia a dia, não apresenta a mesma segurança que se predispõe nas redes, perfil característico de muitos adolescentes e jovens da geração on-line: se expressam melhor através das redes, pois a distância entre a tela e as pessoas transmite uma segurança não encontrada no presencial;
- A participante mostrou, como maior fator teórico, a capacidade de não ter uma problemática com relação às redes sociais, mas uma falta de informação do que muitas pessoas sofrem diariamente. Isso levou-a para um posicionamento diferente, a ponto de querer fazer parte da pesquisa para poder entender e ajudar a todos que passam por algum problema, quer de forma direta ou indireta;
- No contexto das redes sociais, mostra-se agente e sujeito, perpassando pelo campo da comunicação com várias informações previamente dominadas, as quais eram colocadas em prática durante todos os encontros com o autor da pesquisa, motivo no qual embasou os aspectos subjetivos que são inerentes a cada um e como eles agem e/ou repercutem em contextos históricos, sociais, individuais e culturais;

- Concernente à responsabilização do que se veicula nos meios de comunicação, quer impressos e/ou falados, os quais todos têm acesso na palma da mão, observa-se um grau de responsabilidade e domínio para sua idade, haja vista que, em todos os campus, há sempre uma necessidade de orientação, razão esta que vem norteando todo o projeto de pesquisa do mestrado acadêmico;
- O conhecimento de aplicativos e da forma de interação, bem como sua aplicabilidade para o campo do conhecimento da academia, do processo ensino-aprendizagem, do entretenimento, ocorreu em uma dialética responsiva para além dos meios tecnológicos disponíveis, pois se observa certo grau de maturidade ao utilizar aplicativos, como Tinder e Badoo, não para encontros em si, mas para fazer uma rede de relacionamentos interativos, como forma de envolvimento para além da proposta original desses aplicativos, moldado de acordo com o contexto pandêmico do “#fique em casa”;
- O processo de comunicação se reinventa para a trajetória nas redes sociais na dinâmica juvenil, embasada nos princípios interativos que fazem parte do universo midiático dos nativos digitais, com suas expressões abreviadas, seus jargões populares e sua dinamicidade no célere processo de mediação da comunicação e informação com características definidas para um determinado grupo e/ou formas de se posicionar, tendo sempre alinhado há um comportamento adquirido em concomitância com a rede social experimentada por esta ou outra geração;
- A participante que compõem o respectivo eixo traz em sua trajetória aspectos dos nativos digitais que não são valorizados ainda no ambiente educacional, em vários momentos dos quais perpassa os encontros, a dinamicidade que é próprio de uma geração talvez de incompreendidos digitalmente e que por isso não se coadunam para um formato no qual se espera dos atores envolvidos, não apenas no processo ensino-aprendizagem, mas em contextos dos quais perpassam os muros da escola, e com isso tem-se como princípio norteador um conhecimento que deve ser problematizado com a junção das gerações e principalmente com o maior de todos os avanços “a pandemia”, onde trouxe a supervalorização do digital dentro de aspectos adjacentes e por conseguintes subjetivos na vida de cada indivíduo que compõem esse célere processo dos conectados digitalmente em uma sociedade hipermoderna.
- Como fechamento do eixo, para o mergulhar juvenil, observa-se uma trajetória de conhecimento e domínio desde as redes digitais a plataformas educacionais das quais se propõem a participar. Utiliza o Meet para fazer, também, reuniões com seus amigos

de outros lugares, perpassando para o campo da comunicação e das várias formas de interagirem nesse multiverso tecnológico, nos quais as mídias vêm a todo o momento reforçar a ideia de sujeito como agente ativo de transformação e formação para a vida em sociedade de uma geração de conectados. Esses buscam garantir, além de um espaço, o pleno direito de serem ouvidos como os detentores do protagonismo juvenil na e para além das redes sociais.

4.1.3 Eixo 03: Aspectos subjetivos na interfase entre redes sociais e saúde mental dos/as discentes

Com a pandemia, vieram à tona muitos problemas relatados nas dinâmicas de grupos, como, por exemplo, solidão, falta de interação, saudade, querer que esse período do “#fique em casa” acabe logo para voltar ao presencial, dentre outros. No entanto, foi um momento importante para se conversar com o pesquisador sobre todos esses problemas e como poderiam ajudar a si enquanto participantes da pesquisa, como também servir de subsídios para outros que poderiam estar vivendo a mesma realidade.

A comunicação nunca esteve tanto em evidência como neste período, no qual foi mostrado que sem as redes sociais, talvez, o período de quarentena e /ou isolamento social com as famosas frases de efeito “#fiqueemcasa” deixou um lado mais do que positivo, com a interação on-line dos grupos com outras pessoas de cursos e demais regiões do Brasil, ou seja, um evento que era pensando apenas para o Estado do Tocantins, como “Identidade”, perpassou as barreiras de fronteiras regionais e alcançou outros lugares, com os trabalhos desenvolvidos pelos professores em suas respectivas temáticas de estudo.

Nesse emaranhado, a rede de conectados ampliou-se com grupos de indivíduos formados em diversos lugares do Brasil bem como do mundo, quebrando com isso todas as barreiras geográficas, fazendo da solidão e do fique em casa, um movimento compartilhado com reuniões diárias em grupos; em que todos os eventos, promovidos de forma virtual nas mais diversas plataformas pela Instituição, foi tendo a interação com mais e mais pessoas e nessa interação compartilhavam tudo, desde o amanhecer, ao anoitecer. Percebe-se, com isso, como o processo comunicacional foi transportado de um canto a outro do país e como, aos poucos, esse assunto ficou bem diversificado e interativo com os alunos em geral, a ponto de convidarem alunos externos de outras regiões a conversarem com o pesquisador para falar de problemas que estavam passando dentro das redes sociais, sendo que elas não representavam a problemática em si, mas o meio de divulgação por onde aconteciam algumas situações.

Foi observada uma maturidade, solidariedade, compromisso social, responsabilidade para si e com os outros participantes da pesquisa e do projeto de ensino. A instituição IFTO Campus Avançando Lagoa da Confusão apresenta em sua conjectura uma experiência de vida para além dos muros da escola e nesse sentimento, mesmo aqueles que não participarem da pesquisa de forma direta se envolveram indiretamente, o que trouxe um sentimento de acolhimento dentro desse espaço, após o retorno presencial das aulas, mesmo ainda imerso na pandemia.

Para apresentação desse eixo, foram utilizados os encontros virtuais com duas participantes, as quais dialogam com a respectiva temática em questão. A primeira, TBP, estuda em uma escola particular e faz o curso no Instituto em outro momento; apresenta metas bem definidas para a sua vida acadêmica e profissional; tem ótimas notas e uma vida cheia de tarefas escolares, o que é usado como justificativa da falta de tempo para a interação com pessoas, não precisamente fazer amizades em si, mas para não atrapalhar os estudos. A segunda, APA, estuda em uma escola estadual e também no Instituto; apresenta objetivos definidos para o mercado de trabalho e possibilidades de continuação de estudos; não tem boas notas e culpa a família por esse desempenho por ela já esperado. O que unifica as duas alunas são os processos subjetivos que vivenciam em suas vidas, comunicando-se com as redes sociais, trazendo para isso um olhar sobre cada uma a partir dos instrumentos utilizados a seguir:

Pesquisador: O que te levou a fazer esse curso?

TBP: Minha mãe é professora sabe, ela sempre diz que devemos aproveitar a oportunidade de estudar o que tem de melhor na cidade. Aqui é uma cidade muito pequena e tem um Instituto desse que oferece o curso de graça, é uma oportunidade para que possa fazer carreira, caso não consiga passar em medicina. (Entrevista semiestruturada)

Sobre a escolha do curso, observa-se **um envolvimento subjetivo da relação com a mãe**, colocando que, segundo o modelo de mãe e profissional que tem em casa, deve-se aproveitar as oportunidades que a vida oferece e os ambientes educacionais como uma forma de explorar outros momentos da vida profissional, caso o primeiro não se concretize de fato.

Partindo para a premissa sobre a relação das redes sociais na vida da participante é imprescindível levantar alguns questionamentos: O que representa as redes sociais para o indivíduo? Como se sente diante das adversidades da vida? Que pontos devem ser trabalhados e/ou, em que momento disposto em cada circunstância da vida, esses mesmos pontos são problematizados pelos atores que fazem parte dos mais diversos ambientes educacionais, em

especial, do institucional?

Pesquisador: Sabendo que as redes sociais é um local onde as pessoas se comunicam diariamente e de forma instantânea em tempo real. Elas vão das mais diversas (WhatsApp, Instagram, Facebook dentre outras). Desta forma para você o que representam as redes sociais em sua vida?

TBP: Professor, eu não sei viver sem elas, como disse para o senhor, não tenho muito amigos presenciais, nem na escola nem na rua, tenho uma vida muito corrida e cheia de tarefas das duas escolas, mas quando estou em casa e termino tudo, fico mexendo no instagram e às vezes fico triste por ver que as pessoas são mais felizes que eu, tem mais amigos e eu quase não tenho nem amigo virtuais, não posto quase nada, pois tenho esse negócio de medicina e meus pais disse que o meu tempo é para isso.

Pesquisador: Você lembra do plano que fiz de estudo para você no início do ano, olha lá como ficou seu momento de folga e como poderia ir trabalhando isso, para se interagir mais com as pessoas e viver mais esse momento de sua vida, sem perder ou distanciar se dos seus objetivos.

TBP: Sim, lembro, e tento seguir ele, mas não sei se me aproximo das pessoas e perder e ficar sem tempo para estudar ou continuo aqui e tento mudar minhas opções nas redes sociais, o fato é que quando estou sem o celular parece que está faltando algo, que não sou eu, sabe?

Pesquisador: Tudo isso é parte de uma construção que podemos juntos conversar mais sobre isso para poder entender os aspectos subjetivos como bem falei no semestre passado, que está na vida da pessoa, em todos os momentos, sejam eles históricos, sociais e ou culturais. (Entrevista semiestruturada)

Neste trecho do instrumento, apresenta-se **o apego ao celular para se conectar com o mundo das pessoas que estão nas redes sociais**, não diretamente, mas como espectadora da vida das pessoas, bem como o desejo que nutre por ter uma vida diferente, não se esforçando com isso para fazer amizades com elas e nem com os colegas das escolas e/ou de outros lugares presenciais; encontra no aparelho uma zona de conforto segura para viver e viajar pelo o mundo, exibidos nas postagens das mais variadas pessoas das quais admira.

Navegar nas redes sociais tem significados diferentes para as pessoas. Algumas, por exemplo, encontram um espaço de interação, entretenimento e informação; outras procuram lugares ou um grupo que possa se encaixar no seu perfil; e muitas ficam a escolher o tipo de rede social na qual se adaptem, tendo em vista a variedade existente, onde navegam no universo mágico das informações, comunicações e compartilhamentos.

Pesquisador: Que tipo de rede social você mais usa?

TBP: Eu uso o Instagram, e o WhatsApp. No Instagram como já falei para o senhor eu fico vendo a vida das pessoas, curto algumas fotos de gente que nunca falaram comigo na vida real, mesmo sabendo que elas têm uma vida que eu queria ter.

Pesquisador: Como assim?

TBP: Primeiro, eu não gosto deste lugar, aqui é muito pequeno, não tem pessoas bonitas, ninguém fala daqui. Eu queria morar em um lugar como o Paraná, parece que todo mundo lá é bonito rsrsrsrsrs. Eu sigo duas pessoas de lá, duas meninas da minha idade que parece ser tudo de bom a vida delas. Sempre estão em lugares bons, com pessoas bonitas, elas estudam no colégio bonito que prepara para várias

profissões de futuro.

Pesquisador: Olhar a vida delas te deixa triste por quê?

TBP: Eu vejo que por mais que me esforce, não sei se vou passar para medicina, não tenho amigos bonitos e nem feios rrsrrsrs, estudo muito e vejo que não estou aproveitando a vida como deveria ser?

Pesquisador: E para você, o que é aproveitar a vida?

TBP: Seria como essas meninas que sigo no Instagram, o senhor acredita que já passei mais de duas horas olhando os posts delas, o quanto são populares e fiquei imaginando que se eu morasse lá, teria a mesma oportunidade que elas têm e seria mais feliz.

Pesquisador: Então você acha que elas são felizes?

TBP: Pelas fotos sim.

Pesquisador: Mas e você? é feliz?

TBP: Em partes, de um lado tenho meus pais que me dão tudo que quero, estudo em uma escola particular, estudo aqui e me preparo para a vida profissional, de outro, não tenho amigos e fiquei muito presa nas redes sociais e na perfeição da vida das pessoas. (Entrevista semiestruturada)

Neste trecho, há a presença de **um sentimento subjetivo de inferioridade da participante em comparação com a vida das pessoas do Instagram**. Por residir em uma cidade pequena de um Estado do Norte do país, acredita que não seja feliz como deveria ser, pois tem uma idealização sobre uma felicidade que, para si, representa estar em um lugar bonito no sul do Brasil, formado por pessoas predominantemente brancas e com um nível cultural diversificado (em sua identidade, questões raciais, subvalorização de si e da cultura, hierarquias sociais, estéticas e até subjetivas). Em meio ao tempo dedicado a interação nas redes sociais, busca, ininterruptamente, comparar com a realidade vivenciada e sonhada a partir das pessoas que segue pelo Instagram, trazendo com isso um sentimento de tristeza e frustração, a ponto de não saber ao certo se dará certo ou não sua aprovação para o curso de medicina, por mais esforço e dedicação que mostre em todas as atividades escolares.

O papel das redes sociais na vida de muitas pessoas vem auxiliar na reflexão e problematização dos acontecimentos em escalas sociais e/ou individuais pelos quais perpassam em cada experiência que esteja relacionada dentro e fora das mídias sociais. Problematizar essas experiências requer muito mais do que apenas servir de reflexão, mas, antes, demanda um caráter subjetivo de um indivíduo como agente de uma ação pela qual perpassam suas experiências de concretude pela divulgação através das mídias sociais.

Pesquisador: Você acredita que as redes sociais estão te ajudando ou atrapalhando sua vida?

TBP: Atrapalha se eu tivesse mais tempo livre, pois como o senhor sabe eu estudo de manhã no colégio, a tarde aqui e a noite as atividades dos dois. Ainda tenho um tempo de descanso que uso para ver as redes sociais, o que está acontecendo, mesmo que em alguns momentos fico querendo estar lá ou ser elas, mas depois cai a ficha e volto para a minha vida. (Entrevista semiestruturada)

Para este trecho da dinâmica, as redes sociais representam **uma idealização da vida perfeita**, na qual a participante visualiza, através do papel de expectadora sobre o que é propagado nas fotos do cotidiano das pessoas que segue, quase em forma de um diário íntimo, uma realidade que julga favorável à tão sonhada felicidade. Somado a isso, poderia se ter uma visão diferenciada do que se propunha para esta ou aquela situação em uma vivência para além das mídias, fato que não se aplica em sua dinamicidade e contexto real de estudos e determinismo para se chegar aos objetivos acadêmicos, que se encontram na intensidade e influência exercidas pela mãe.

Expressar sentimentos pelas redes torna-se um hábito quase que constante dos famosos diários íntimos, bastante expostos pelos nativos digitais. Nesses diários, uma pessoa pode considerar confortável ou não expor experiências que tenha sofrido na e para além das redes. Com isso, mediante cada situação que direta ou indiretamente afeta o indivíduo no seu convívio social e/ou pessoal, faz-se necessário questionar e levar em discussão como se perpetua o constructo do pensamento para esta ou àquela realidade mostrada diante dos acontecimentos.

Pesquisador: Você vê as redes sociais como algo bom para sua vida e das pessoas que você convive?

TBP: Para minha vida, eu acho neutro, mesmo porque não tenho muito tempo, já para meus colegas de classe, da rua, e do que falam, vejo que atrapalham muito, como o vídeo daquela menina que estuda aqui que todo mundo viu e ela tentou suicídio duas vezes e até não quer mais vir para a escola.

Pesquisador: Essa história teve alguma repercussão para você?

TBP: Precisamente sim, pois fiquei imaginando se fosse eu no lugar dela como seria? Não é fácil você estar numa situação daquela e todo mundo ficar sabendo. Acredito que os pais dela, devem levar ela para a psicóloga daqui, ou do postinho, ela vai ficar doída.

Pesquisador: Mas você culpa as redes sociais por isso ou acha que não ela não é uma vilã?

TBP: Não, sei, ao mesmo tempo em que ela é boa indispensável em nossa vida, ela pode destruir a vida também. Com o curso do ano passado que o senhor fez com a gente e a produção da cartilha, vejo que se tivesse um programa de orientação nas escolas, uma cartilha, uma disciplina ou algo parecido, problemas que nem esse não poderia acontecer. É o que penso. (Entrevista semiestruturada)

Precisamente às redes sociais, neste trecho apresenta **um sentimento de empatia e insegurança com relação à situação vivenciada pela colega de escola**, haja vista que a participante não se mostra dentro do limiar das situações vivenciadas por não fazer uso ativo das redes, mas passivo, como expectadora. No entanto, ao se imaginar detentora dos processos subjetivos pelos quais passou a vítima, essa não imagina o que iria fazer, nem como iria proceder, sendo acometida por um sentimento de tristeza ao se imaginar no mesmo lugar.

Viver uma experiência subjetiva dentro das redes sociais não significa dizer que precisamente irá passar por algo de adoecimento e/ou de frustração, mas que, em muitas

experiências vivenciadas pelo adolescente e jovem, se não problematizadas, podem tomar outra proporção, a ponto de vir realmente a ter consequências que se assemelham a uma doença ou algo parecido. Por isso, não devemos deixar que situações vexatórias ao processo psíquico passem despercebidas e sem uma conexão subjetiva dos sujeitos envolvidos.

Pesquisador: Você já sofreu ou está sofrendo algum problema relacionado às redes sociais?

TBP: Não sei se chega a ser um problema, mas sempre comparo a vida das pessoas a minha e vejo que a delas é melhor, gostaria de não me sentir assim, mas como o senhor falou, não sei quem são essas pessoas e tudo pode ser diferente como agente pense de uma forma, outra pessoa pensa de outra entende. (Entrevista semiestruturada)

Perceber que algo que está acontecendo está sendo problematizado **vincula a uma compreensão do que se está exibindo nas redes sociais** ser ou não verdade, ou que aquilo pode ter várias atenuantes que antes não foram questionadas pela participante, pois com as vidas editadas nas redes e fotos publicadas de momentos bons e felicitações, não necessariamente significa dizer que as fotos fazem jus ao posicionamento do indivíduo, ainda, que as publicações, no geral, possam estar direcionadas para aquilo que represente uma vida feliz e cheia de comemorações, parcialmente editadas para aquilo que realmente se deseja exibir nas redes sociais.

Pensar numa dialética, no campo da orientação educacional, para os principais problemas que acontecem dentro e fora dos muros da escola, é muito mais do que um curso ou uma palestra, é uma ação conjunta que, por meio de um problema de pesquisa, se concretiza em algo sólido para o qual se propõe o indivíduo em todo o seu processo de construção social e individual para o ambiente em que está inserido.

Pesquisador: Em algum momento da sua vida, você teve orientação para o uso das redes sociais por parte de sua família e ou instituição escolar?

TBP: Nunca, só minha mãe quando comprou o celular disse que ia tirar se eu começasse a tirar notas baixas, do mesmo jeito com o computador. Ela fica olhando minhas conversas o tempo todo, como se eu tivesse fazendo alguma coisa de errado, sabe. Mas explicar que nem tudo é errado, nunca houve, a escola falar mais e proibir menos nunca houve. Um dia, estava na hora do intervalo quatro alunos conversando e eu estava sentada ouvindo eles falarem, que não entendiam porque era errado o celular e as redes pois servia para muita coisa e inclusive para manter grupos de estudo com alunos de outras escolas, cidades, daí uma menina disse que se eles tivessem coragem ia até a coordenação falar sobre isso, mas todo mundo amarelou, daí eu fiquei só rindo. (Entrevista semiestruturada)

Neste trecho do instrumento, **há a preponderância de um protagonismo da participante sobre a compreensão de uma participação ativa dos alunos dentro dos**

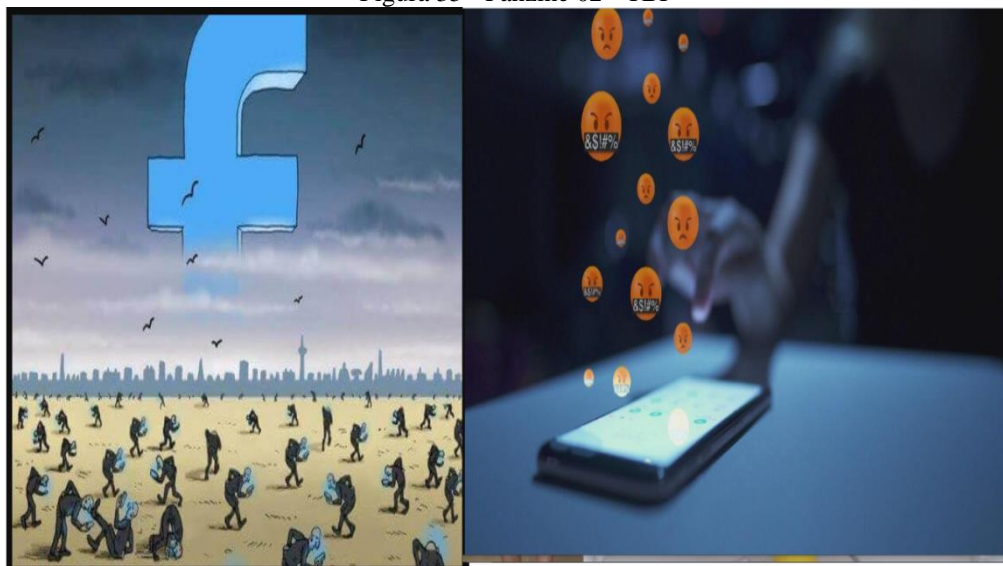
conteúdos ministrados durante as aulas e que, em cada circunstância adversa com as redes sociais, os professores e alunos iriam discutir isso em sala de aula como parte do programa de estudos que valorizam o que o aluno traz consigo, sendo esses oriundos de uma realidade e contexto da geração a qual fazem parte: “geração on-line”.

Figura 34 - Fanzine 01 - TBP



Fonte: TBP (2022).

Figura 35 - Fanzine 02 - TBP



Fonte: TBP (2022).

Figura 36 - Fanzine 03 - TBP



QUANDO PASSO MUITO
TEMPO OLHANDO AS
REDES SOCIAIS E FICO
IMAGINANDO EU EM
OUTRO LUGAR..

Fonte: TBP (2022).

Neste instrumento (Figuras 34 a 36), observa-se como **indicador a forte presença da idealização e comparação nas redes**, na qual a participante se mostra como espectadora em um local rodeado de pessoas. Ao mesmo tempo, é como se elas não a enxergassem, semelhante ao imaginário da participante sobre como poderia ser sua vida e as formas de realizações que estão sendo pautadas em cada postagem de pessoas que diariamente segue. Como aspectos subjetivos, essa comparação destaca que a vida das pessoas, embora editada ou não, sempre parece ser melhor do que a sua, vislumbrando um local e uma cultura midiaticizada positivamente, gerando um sentimento de não valorização da sua própria realidade. Há uma busca incessante para alcançar este ou aquele espaço exibido nas postagens diárias, representando o carácter de satisfação de realidades inerente ao bem estar individual, social e cultural do indivíduo.

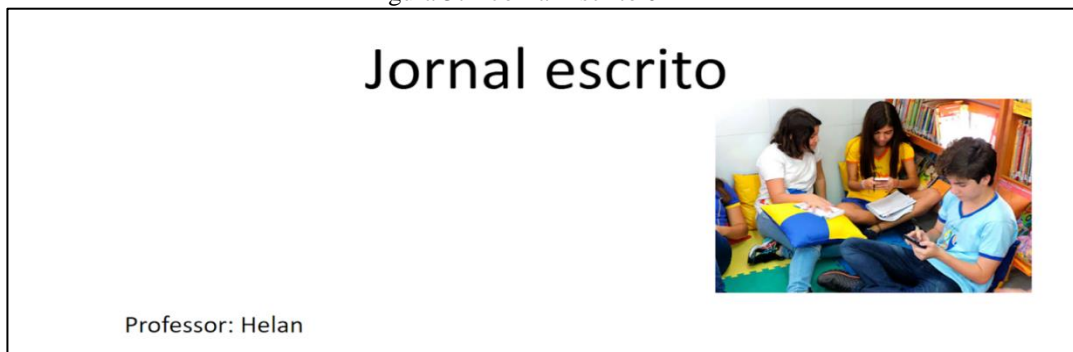
TBP: Olá gente, mais um momento estamos aqui nos encontrando para um bate papo para com a galera que quer falar, interagir e saber o que mandamos na real. Somos adolescentes que interagimos mais com as pessoas de forma virtual do que no presencial, é nós na fita. Precisamos ser ouvidos e olhados não com tantas críticas pelos mais velhos e sim como uma voz que deve e merece ser ouvida.

TBP: Aqui é o recado da nossa rádio favorita da galera (Jornal falado)

Neste instrumento, tem-se como **indicador a representação social dos nativos digitais, por ser uma geração que recebe muitas críticas e dominações por parte dos adultos, em especial da escola**, a participante mostra como fato primordial que deve e

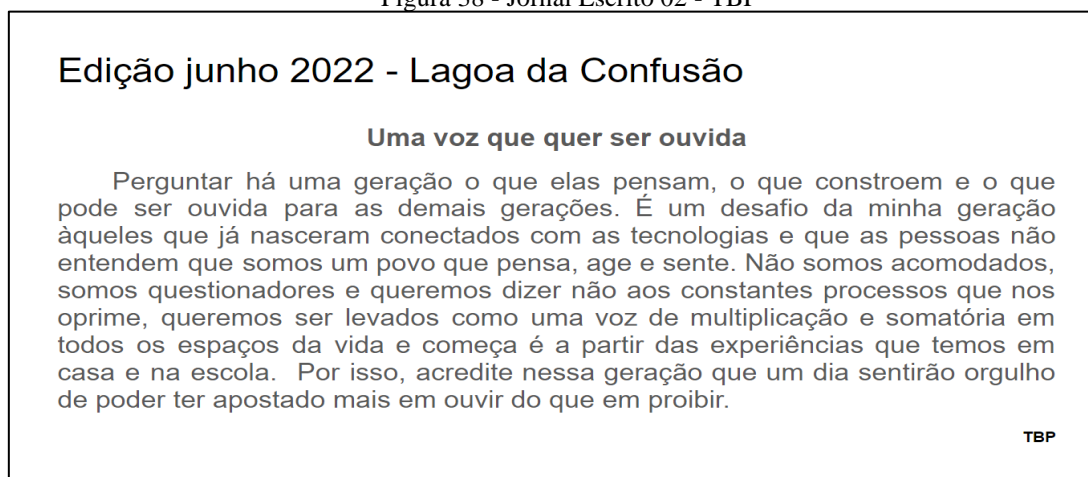
merece ser ouvida, a fim de trabalhar preconceitos que estão arraigados dentro de uma conjectura que mais oprime do que aproxima.

Figura 37 - Jornal Escrito 01 - TBP



Fonte: TBP (2022).

Figura 38 - Jornal Escrito 02 - TBP



Fonte: TBP (2022).

Neste instrumento (Figuras 37 e 38), tem-se como **fator preponderante o indivíduo como agente do processo de formação da geração de conectados digitalmente**, em especial os pais e os professores. Neste ensejo, chama a atenção para o que se predispõe nos mais variados aspectos elencados em sala de aula, em casa e para outros espaços nos quais eles devem e buscam ser ouvidos incessantemente, em uma oportunidade, geralmente, negada, como se eles não existissem e tivessem tudo fora de um contexto real de aplicabilidade social. Por serem de uma geração conectada e mergulhada na midiatização como forma de comunicação, expressão e representação do que pensam, fazem e falam, buscam um novo olhar por parte dos adultos: ao invés de críticas ou proibições, que considerem os saberes que trazem na jovem bagagem; que alinhados com esse perfil, muitas vezes novo e/ou invisível para boa parte dos que proíbem, revejam os reais potenciais que

trazem e como podem melhor ser aproveitados em outros espaços que compõem a sociedade na qual estão inseridos.

Pesquisador: Com as redes sociais me sinto livre para viajar por caminhos antes não percorrido:

TBP: Me sinto com a liberdade de ver as coisas que não vejo no dia a dia

TBP: Aprende a estudar

TBP: Os lugares que não conhecem

TBP: Conhecer pessoas nas redes sociais (Encadeamento de ideias)

Neste trecho do instrumento, há um pensamento **de desbravar para conhecer**, seja uma nova forma de aprender ou lugares que a instigam residir, tal como um processo subjetivo de felicidade atrelada a um clima, povo e cultura sulistas, bem como um emaranhado de pessoas que irão despertar, na participante, um sentimento de empatia para com aquilo que almeja.

Pesquisador: Fico pensativo quando vejo que as pessoas estão deixando de aproveitar belos momentos da vida para ficar preso às redes;

TBP: Muitas pessoas falando mal dos outros

TBP: Muita mentira nas redes.

TBP: Muitas pessoas que não tem bom senso. (Encadeamento de ideias)

Neste segundo momento, **observa-se uma reflexão relacionada ao sentimento de propagação de mensagens que não retratam uma verdade, podendo vir a prejudicar uma pessoa, quer de forma direta ou indireta**. Tal situação pode ocorrer não apenas na sua geração, mas com todos aqueles que se apropriam de uma mídia para divulgar inverdades sobre algo ou alguém.

Pesquisador: Hoje vejo os dois lados da rede e tenho um posicionamento sobre cada um deles.

TBP: Os estudos você pode aprender nas redes sociais e qualquer coisa desfocada.

TBP: Ter preferência para conhecer pessoas só nas redes sociais. (Encadeamento de ideias)

Neste terceiro momento, **observam-se aspectos relacionados ao aprendizado nas redes para além dos muros da escola**, bem como a forte presença de um sentimento no qual a participante vê a rede como o local mais seguro para conhecer pessoas e estreitar uma relação, a ponto de se sentir confortável com a situação virtual para, assim, pensar no momento presencial a posteriori.

Pesquisador: O que me deixa feliz nas redes sociais?

Pesquisador: Quando posso conhecer amigos .. **TBP:** Que seja legal
Pesquisador: Quando tenho a oportunidade de expandir meus conhecimentos ...
TBP: Algo que seja interessante
Pesquisador: Quando vejo que a internet aproxima quem está longe ...**TBP:** Que as pessoas ficam mais contentes
Pesquisador: Quando tenho a oportunidade de viajar sem sair de casa ... **TBP:** Conhecer esses lugares (Complemento de frases)

Neste trecho, observa-se o lado de **uma sensação de felicidade experienciada a partir das curtidas e publicações oriundas de outras pessoas**, e como ela mesma, na posição de expectadora, problematiza um estado de bem estar emocional ao ver as pessoas que tanto admira terem suas vidas bem comentadas e promovidas pelos demais seguidores.

Pesquisador: O que me deixa triste nas redes sociais?
Pesquisador: Quando só tenho amigos online ... **TBP:** Não ter amigos próximos
Pesquisador: Quando as pessoas não aproveitam o tempo comigo ...**TBP:** Que não tem ninguém
Pesquisador: Quando ninguém curte uma postagem minha ... Não
Pesquisador: Quando minha única opção de divertimento é a internet ... **TBP:** Não é minha realidade (Complemento de frases)

Neste outro trecho, **há uma ausência de amizades, sentida pela participante**. A solidão, acometida pela imprecisão daqueles amigos virtuais ou pelo desejo de fazer parte de uma realidade que não seja a sua, deixa a participante pensativa para o que seriam seus espaços nas redes e/ou fora delas caso fosse uma pessoa mais ativa e interativa junto às pessoas que tanto admira em todos os momentos, especialmente, o estilo de vida de cada uma delas. A construção que a participante faz da ausência das amizades, quer em espaços virtuais e/ou presenciais, remete para o fato de sentir-se cada vez mais só e não oportunizar o contato com sua realidade local. O fato de não se permitir uma aproximação das pessoas com sua realidade em ambos os ambientes fortalece o pensamento de que a vida em outro local é melhor do que no atual.

Pesquisador: Como posso equilibrar minha vida?
Pesquisador: Quando entender os dois lados da rede... **TBP:** Considera
Pesquisador: Quando perceber que elas irão permanecer mesmo que eu não goste ...
TBP: Triste
Pesquisador: Quando souber dar o valor que ela tem... **TBP:** Só o valor que ela dar
Pesquisador: Quando a presença física e virtual tiverem os seus devidos valores ...**TBP:** Consegui
Pesquisador: Quando as instituições começarem a ensinar como conviver com elas ... **TBP:** Gastariam (Complemento de frases)

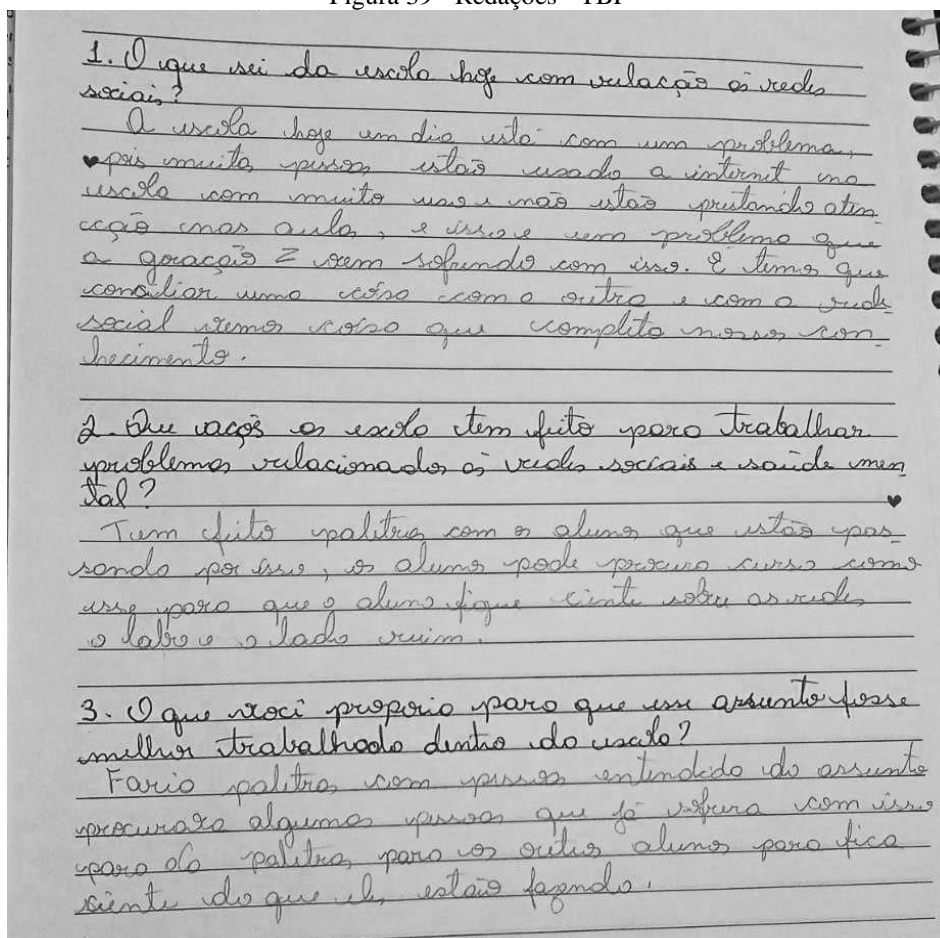
Neste instrumento do complemento de frases, há o indicador **voltado para o sentimento de idealização de uma felicidade através das postagens nas redes** para aquilo

que vivencia. Isso porque, imersa a tantas situações do seu dia a dia, não visualiza uma ação subjetiva para propor um novo olhar para a realidade e cultura da qual faz parte. Mesmo no papel de expectadora de uma cultura diversa da dela, a participante não se permite adentrar nesse espaço com as pessoas que tanto admira e conhecer o seu mundo não mais a partir da visão das postagens, mas da interação dialógica que poderia haver entre ambas.

No instrumento a seguir (Figura 39, abaixo), para a participante, há uma presença marcante **de um indicador de responsabilidade social em formação na e para as redes da instituição de ensino**. Ela aponta a situação dos alunos de uma geração que está conectada diariamente a situações do mundo e para o mundo, bem como à oferta de orientação por parte das instituições educacionais no seu todo, com o objetivo de tornar o aluno protagonista de sua ação, em uma caminhada compartilhada de saberes explanados pela escola através do currículo, sem deixar de valorizar o saber somatizado ao viés das gerações midiáticas, que irá, com certeza, angariar mais benesses não apenas para o processo ensino-aprendizagem, como para a formação do indivíduo ao longo da vida.

Nesta responsabilidade social, a instituição educacional é tida como promotora da mediação entre os nativos digitais e todo o corpo docente, trazendo uma dialética que partilha e participa dos movimentos antes não experienciados para o que se propõem agora com uma nova visão de reconhecimento e desenvolvimento dos saberes discentes, remetidos às redes sociais e sua interação na e para uma sociedade em constante ascensão para os processos informacionais de comunicação e informação em uma nova dialética midiática oriundos desta geração.

Figura 39 - Redações - TBP



Fonte: TBP (2022).

TBP: Projeção de vida

TBP: Ela vai me ajudar muito, pois não tem muita coisa a falar aos amigos, estudos entre outros, mas para apresentar protótipos de possíveis interações dos alunos com os professores partindo não mais de proibições e avisos para a sala da coordenação, orientação, mas de propor modelos que beneficiem a todos. Neste protótipo podemos até a criar aplicativos que previna sobre suicídio e outros problemas ligados as tecnologias e ao processo de comunicação. Penso também em fazer outro que podemos viver em realidades virtuais e que podem ser aplicadas no ambiente presencial. (Dinâmicas)

Neste trecho se manifesta **seu compromisso com a geração de ideias vinculadas à responsabilidade social que anteriormente temos interpretado nela perante os desafios tecnológicos, comunicacionais, de aprendizagem e de saúde mental da comunidade discente**. Assim, ela parece ter subsídios para uma possível proposta que enalteça a participação do aluno dentro do processo de construção do conhecimento, no qual se sinta apto para realizações dentro das redes sociais de protótipos, vislumbrando uma aplicabilidade maior das redes a ponto de serem vistas como facilitadoras para a resolução de problemas complexos, bem como na produção de aplicativos que ajudem a escola a combater situações vexatórias oriundas das redes sociais. Na fala dela, podemos apreciar seu desejo de que o

aluno se torne, pelo menos, agente do seu processo de vida perante todos esses desafios já comentados.

O ambiente educacional nem sempre se mostra seguro para alguns alunos, pois com o passar do tempo e com a evolução tecnológica algumas formas de situações vexatórias, como o *bullying*, ganharam uma nova roupagem e as mídias facilitaram a propagação de acontecimentos e/ou situações nos quais crianças, adolescentes e jovens são expostos a todo instante nos ambientes educacionais.

APA: Pena que vou embora professor, esse semestre terminar o curso né.

Pesquisador: É verdade, mas se precisar de ajuda é só vir à minha sala.

Pesquisador: Como você gostaria que fosse às aulas?

APA: Eu queria que fosse como estava e que a gente viria aqui só para tirar dúvidas com o professor e trabalho em grupo. A escola tem muita coisa que não é legal e aqui me sinto mais protegida.

Pesquisador: Como assim, se sente mais protegida.

APA: Sabe professor, aquela história que aqui posso ser eu mesma, não tem ninguém me enchendo o saco, os meninos zuando e assim é a escola. (Entrevista semiestruturada)

A participante encontra na escola **um desconforto com o ambiente para transitar entre os corredores e/ou espaços de convivência para todos**, motivo pelo qual passava muito tempo na sala dos professores na outra escola e, no Instituto, na sala de orientação ou em outra sala com os servidores. Ela sempre está distante dos outros alunos, por medo e/ou receio do que ocorreu na outra escola, com isso as aulas remotas tornaram-se um ambiente seguro para ela, no qual, mesmo surgindo alguma crítica no grupo, já não existia o fato de estar no presencial e precisar encará-los.

As redes sociais mostram-se em diversos aspectos subjetivos para os seus respectivos usuários. Muitos podem visualizar um mundo mágico de muitas transformações, outros um ambiente propício de interação e comunicação, para uma grande maioria serve como propósito laboral.

Pesquisador: Sabendo que as redes sociais é um local onde as pessoas se comunicam diariamente e de forma instantânea em tempo real. Elas vão das mais diversas (WhatsApp, Instagram, Facebook dentre outras). Desta vez, o que representam as redes sociais em sua vida?

APA Por isso que estava falando pro senhor que não gosto das aulas, nas redes sociais é como se a vida funcionasse como um vídeo que assisti, onde passa um moço e um rapaz no loja como os manequins, tudo é perfeito e se não está logo arrumamos, amo as redes sociais, ninguém me enche, posso fazer o que quiser e falar o que quiser, posso ser eu mesma. (Entrevista semiestruturada)

Neste outro momento do instrumento, a participante encontra nas redes **um ambiente**

acolhedor no qual pode ser quem quiser, editar os perfis que desejar e quando tudo não parece ficar perfeito, basta o uso de alguns filtros para tornar possível uma perfeição que a vida real não dá. Nesse ambiente, consegue interagir com pessoas de outros lugares e encontrar grupos com os quais se identifique.

As redes sociais se multiplicam de uma forma que, a todo instante, trazem um leque de vantagens e desvantagens para o público em geral, ou seja, de acordo com a configuração subjetiva, o indivíduo encontra nas redes características e situações que se mostram convenientes para o seu perfil. Ainda, com o acelerado avanço das tecnologias, surgem outras ou se aprimoram as já existentes para que se fixe cada vez mais a atenção de uma grande quantidade de indivíduos que fazem delas o seu melhor momento do dia.

Pesquisador: Que tipo de rede social você mais usa?

APA: Whatsapp, Instagram e Facebook, e olha professor, se mãe não chama eu perco o tempo olhando as coisas e vendo a vida bonita das pessoas. Fico pensando como deveria ser minha vida se eu morasse em outro país.

Pesquisador: O que te faz pensar que lá seria melhor?

APA: Eu queria ir pro Japão professor, lá é muito bonito, todo mundo e as pessoas são bonitas. Assisto há um monte de series da coreia e do Japão, acho eles tão bonitos. (Entrevista semiestruturada)

Para a participante, as redes sociais apresentam **uma comparação de realidades que parecem ser mais fáceis de ser vivenciadas em se tratando do seu país de origem**, haja vista que, sem o conhecimento das pessoas, dos locais, da cultura, não se pode a priori ter um pensamento assertivo do que seja a real situação de vida das pessoas, bem como a forma de sua cultura encantar e/ou desencantar pelo seu próprio meio de vida. Isso se justifica ou não a depender do que se pretende problematizar junto às várias situações atenuantes que ocorrem dentro e fora das redes, bem como a partir da forma que os indivíduos a veem. Para esse consentimento, faz-se necessário refletir o indivíduo como agente de mudança e/ou transformação do que se preceitua dentro do ambiente virtual e/ou fora dele, para o real potencial que se predispõe a desenvolver.

Nas redes, os indivíduos ganham espaço, notoriedade, fundamentos, conseguem enxergar-se como não se veem no ambiente presencial. Elas também contribuem com o aprendizado intra e extramuros através de grupos de discussões, fóruns, *chats*, dentre outros. Dessa forma, há um aumento significativo de páginas e *links* de mais páginas que dão acesso a muitos outros assuntos de interesse do indivíduo. Nesse ínterim, vislumbramos o potencial enriquecedor das redes e como elas adentram na vida sem uma permissão prévia e/ou um consentimento comensurado, bem como no que assevera Sibilgia (2016, p. 174), com a falsa

ilusão que gera a imagem através do fenômeno da exibição de uma intimidade do seu dia a dia, compartilhamento de informações e dicas sobre quaisquer assuntos.

Pesquisador: Você acredita que as redes sociais estão te ajudando ou atrapalhando sua vida?

APA: Elas me ajudam muito, mas com esforço posso fazer muitas coisas que nem preciso muito delas. Mas se for para falar da vida pessoal elas me ajudam mais, tenho mais amigos e são mais sinceros do que os que tenho aqui nas duas escolas, e na igreja. (Entrevista semiestruturada)

Com esse trecho do instrumento, observa-se que a participante **apresenta maior confiança nos amigos das redes sociais**. A interação, dentro do ambiente virtual no qual as subjetividades modernas se construíram, favorece uma confiança a ponto de os amigos on-line tornarem-se mais sérios e confiáveis do que os do convívio diário e presencial. Não se concretiza com isso um novo modelo de amizade, mas como se formam os laços afetivos dentro das redes sociais e como eles se apresentam em caracteres subjetivos para os que se mostram constantemente conectados a ela.

Entender os lados das redes é muito subjetivo, pois abordam sobre propagações, violência dentre outros assuntos, que não problematizados. Em toda circunstância experienciada pelos autores do universo virtual, muito pouco se discute em grupos, nas escolas e em ambientes não educacionais sobre o que se veicula e como tais fatos tiveram uma maior repercussão.

Pesquisador: Você vê as redes sociais como algo bom para sua vida e das pessoas que você convive?

APA: Eu fico na dúvida, pois tem horas que elas são legais, mas tem horas que a vida vira um inferno, como no caso daquela menina que todo mundo ficou sabendo do vídeo dela, e se espalha rápido, que nem percebemos. (Entrevista semiestruturada)

Neste trecho, ela expressa **empatia com relação ao fato de uma divulgação sobre uma situação vivida por uma menina ter ocorrido nas mídias sociais e que, dependendo da forma em que seja vivido e enfrentado pela pessoa**, poder até ocasionar numa tentativa de suicídio. Com isso, a participante consegue visualizar os dois lados das redes a priori, no entanto não se problematizou ou não se tem esse hábito ainda.

Diversas situações são acometidas em todos os lugares, em especial nos ambientes escolares. Surge, portanto, a necessidade de se problematizar todas as situações que vem acontecendo no processo de formação do indivíduo ao longo da vida, bem como o caráter emergencial de se discutir o que as redes representam e como elas estão agindo em nosso dia

a dia, dentro e fora dos muros da escola.

Pesquisador: Você já sofreu ou está sofrendo algum problema relacionado às redes sociais?

APA: Aqui não, mas na outra escola sim, não tem o senhor lá e os meninos ficam me zutando o tempo todo, já nem quero mais ir para a aula e nem para a educação física, pois não gosto da forma que olham para mim. Já chorei duas vezes por causa disso e ninguém da escola faz nada. Eles já até me chamam de Maria macho. (Entrevista semiestruturada)

Pelo o que a participante exprime nesse contexto, observa-se **como indicador uma fuga ou inquietação dos ambientes presenciais escolares**, pois o comportamento de um aluno dentro da instituição deve ter um olhar geral de todos que nela coabitam, haja vista que a falta de acompanhamento, de uma dialética, de trazer para uma discussão mais acalorada, faz com que muitos abandonem a escola, além de colaborar para outros fatores que podem advir causando sérios problemas na vida de um indivíduo, a ponto de não se sentir mais seguro naquele espaço de formação de sujeitos para o mundo. A participante em questão vem sofrendo com piadas feitas pelos outros alunos nos corredores da instituição e, quando há algum profissional presente, esses mesmos alunos só a olham de forma fixa e utilizam gestos que a deixam desconfortável no momento.

Neste contexto, fez-se necessário uma intervenção da própria instituição de ensino junto a toda comunidade ali presente, não expondo com isso a situação específica de um ou outro caso, mas de vários problemas que surgem tanto dentro do ambiente escolar quanto daqueles que o circundam, nos quais o indivíduo possa não se sentir confortável, semelhante ao caso que a participante tem passado dentro do ambiente do Instituto.

A orientação dentro da escola torna-se, cada vez mais, imprescindível para o processo de formação dos indivíduos ao longo da vida, visando perceber como isso está afetando de forma direta ou indireta não só o processo ensino-aprendizagem, mas os conceitos subjetivos sociais e/ou individuais que fazem parte de cada um, em seus aspectos culturais, sociais e emocionais.

Pesquisador: Em algum momento da sua vida, você teve orientação para o uso das redes sociais por parte de sua família e ou instituição escolar?

APA: Teve uma palestra uma vez com uma professora de Palmas, mas ninguém prestou atenção, acho que se fizer um curso que nem o senhor fez e depois procurar conversar com cada um de nós, de verdade vai ser bom para todos os alunos que iguais a mim sofre com isso. (Entrevista semiestruturada)

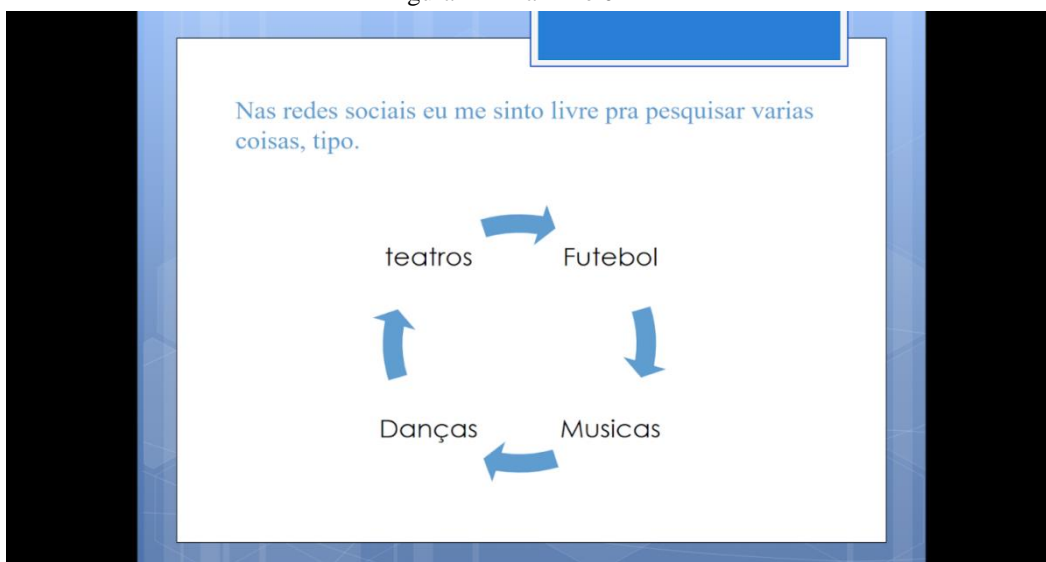
Para a complementação do que diz respeito à orientação, a participante **apresenta um**

indicador de que a escola deve ser responsável pelas discussões de assuntos relacionados aos problemas elencados em todos os ambientes escolares, em especial quando não se está na sala de aula. A proposta vai além de uma palestra, devendo envolver um curso que norteie o papel de todos que fazem do ambiente educacional um espaço de discussão de vários problemas. Destaca-se o que mais está em voga no momento: a relação dos alunos com as redes sociais e como elas estão impactando a vida de cada um, quer de forma positiva ou de forma ainda não problematizada.

Figura 40 - Fanzine 01 - APA

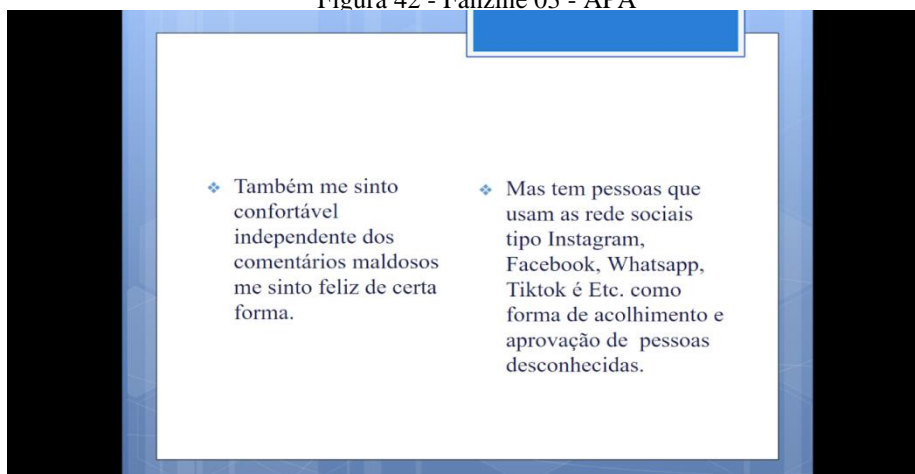


Figura 41 - Fanzine 02 – APA



Fonte: APA (2022).

Figura 42 - Fanzine 03 - APA



Fonte: APA (2022).

Figura 43 - Fanzine 04 – APA

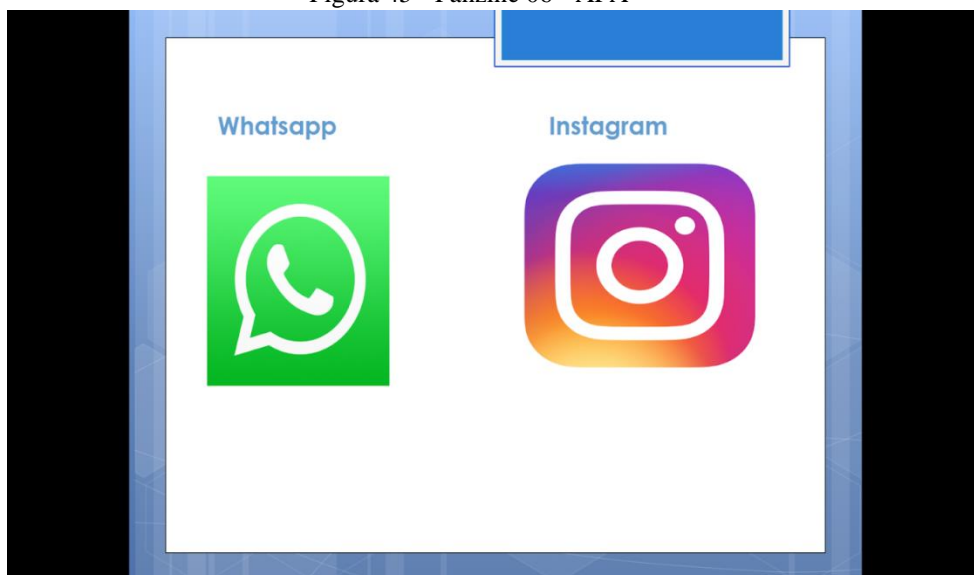


Figura 44 - Fanzine 05 – APA



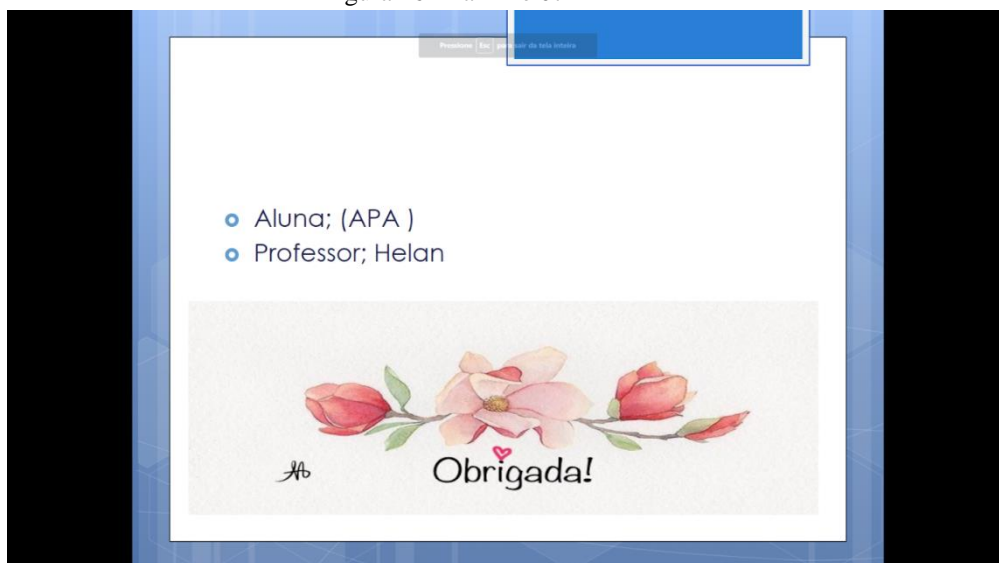
Fonte: APA (2022).

Figura 45 - Fanzine 06 - APA



Fonte: APA (2022).

Figura 46 - Fanzine 07 - APA



Fonte: APA (2022).

A partir das Figuras 40 a 46 acima, a participante mostra nas redes, **nos processos subjetivos, o momento vivido por ela, apresentando oscilações dos sentimentos.** Com isso, observa-se que, em até certos trechos dos instrumentos, a discente não coloca o outro lado da rede, podendo ter como aspecto subjetivo uma justificativa e segurança dentro desse espaço virtual, em comparação com o que se propunha no ambiente presencial. Contudo, neste instrumento, seus dois lados se mostram de forma que, embora prevaleçam os aspectos

positivos elencados em outros momentos dos encontros, há também situações das quais necessariamente precisa de uma maior reflexão sobre as experiências vivenciadas também nas redes.

APA Geração online - o nosso programa de jovem, vem falar da nossa geração, de nossas angústias, de nossos medos.

Geração: Cheia de incertezas, muito apressados e acima de tudo temos muito a oferecer e poucas pessoas nos entendem.

Angústias: nos falta o conhecimento do que queremos, muitos estamos em cima do muro, muitos não se decidem e muitos precisam de uma boa orientação da escola e dos pais.

medos: De não atender às expectativas dos pais, dos professores de atender o currículo e o significado do que somos para o que queremos ser.

Essa é a voz da nova geração. (Jornal falado)

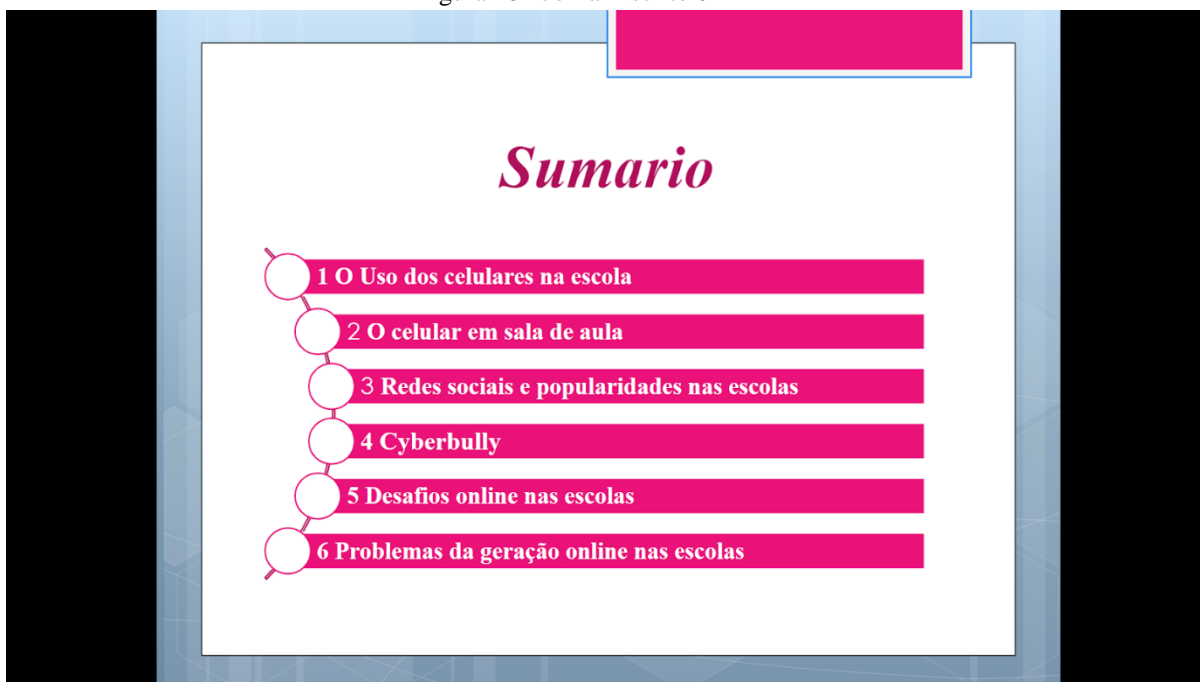
Enxergamos, nesse instrumento, **um indicador relacionado aos conflitos existenciais vivenciados dia a dia**, bem como uma relação deles com o que se é cobrado por todos, como também por um entendimento de que nem sempre se alcança à priori, mas com um pensamento em que a voz da geração on-line tem muito a oferecer, bem como muito a ser trabalhado com uma presença mais ativa daqueles que fazem educação e os prepara para a vida em plena sociedade das constantes transformações, exigências e mudanças.

Figura 47 - Jornal Escrito 01 - APA



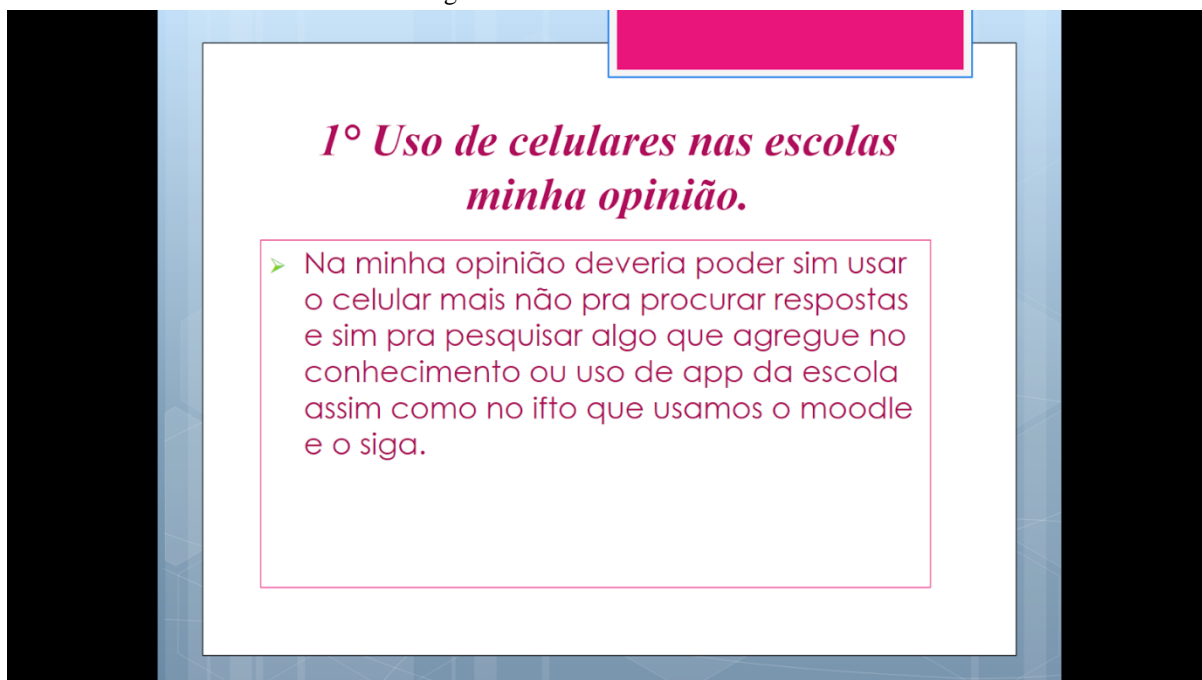
Fonte: APA (2022).

Figura 48 - Jornal Escrito 02 - APA



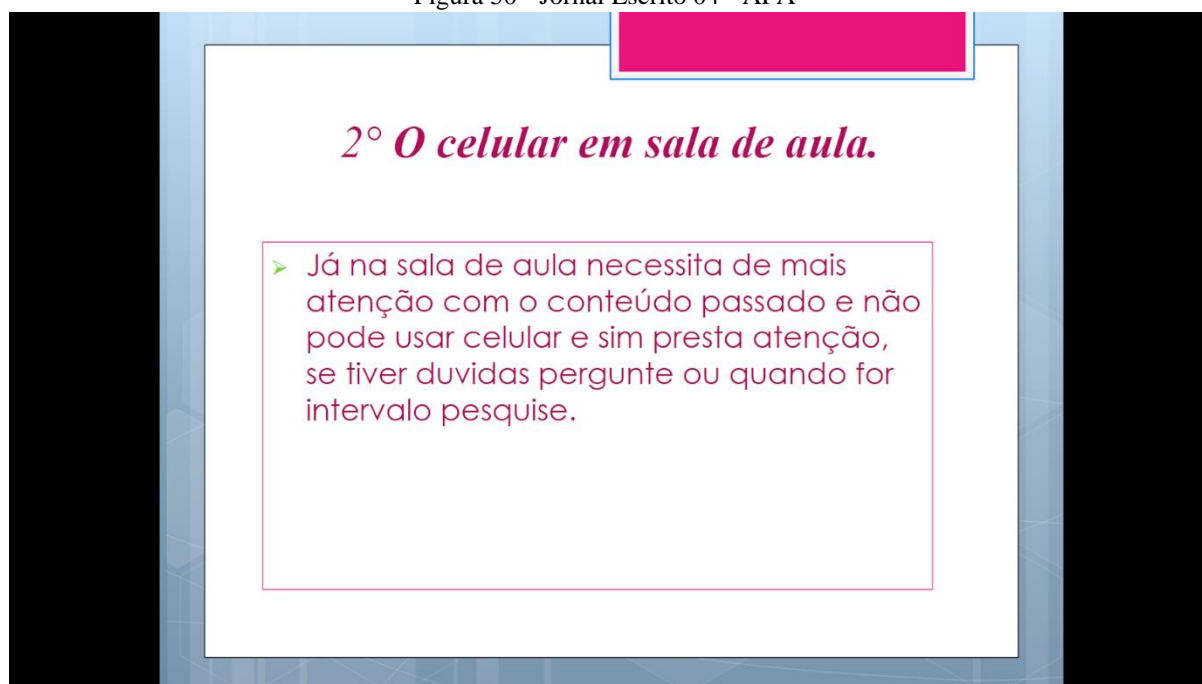
Fonte: APA (2022).

Figura 49 - Jornal Escrito 03 - APA



Fonte: APA (2022).

Figura 50 - Jornal Escrito 04 - APA



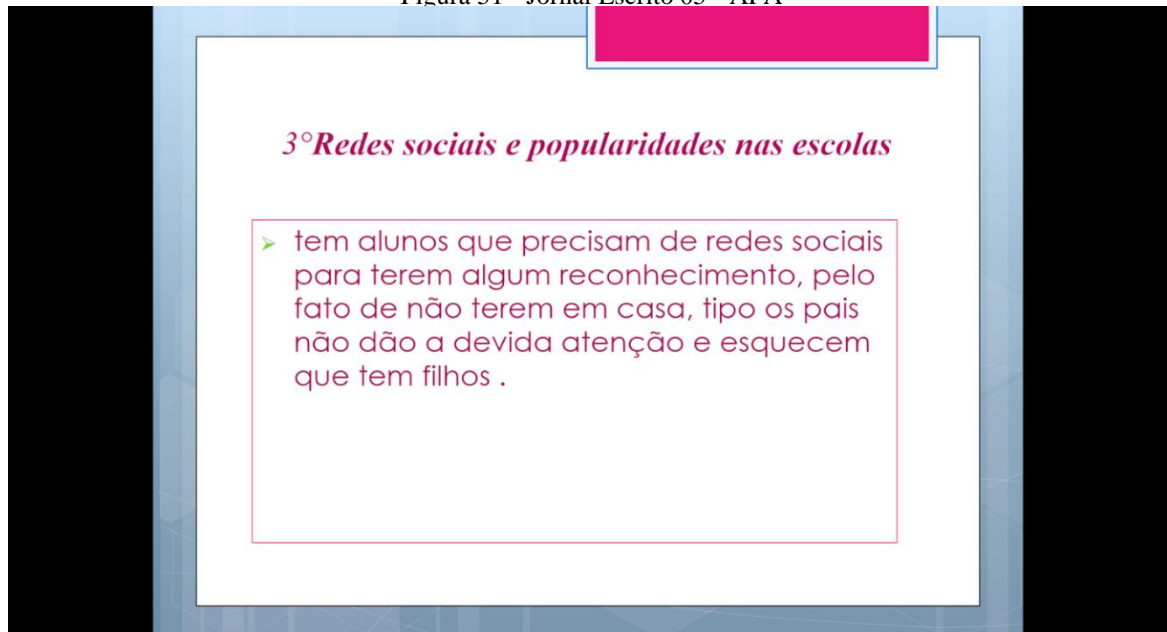
Fonte: APA (2022).

Nesse posicionamento da participante (Figuras 47 a 49, acima), apresenta-se a **responsabilidade assumida pelos alunos em consenso com a instituição sobre o uso do celular**, haja vista que os processos subjetivos não questionados e/ou acordados entre a comunidade escolar vêm gerando problemas os quais visivelmente se apresentam em estruturas disformes. Eles enaltecem problemas oriundos da falta de um olhar prospectivo para os principais protagonistas da escola, configurados nos “alunos”.

Para a participante, o uso do aparelho em sala de aula apresenta, **ainda, uma forma de proibição ao que se pressupõe na problemática da pesquisa**. Isso porque, a dinâmica exposta na instituição ainda se construiu de aula expositiva tendo o profissional docente como o centro das atenções, e colocando o indivíduo como sujeito aprendente do processo de construção dos saberes.

No trecho do instrumento (Figura 51, a seguir), elaborado pela participante, observa-se uma reflexão **relacionada à falta de afetividade e de atenção dos pais em casa**, motivo pelo qual muitos fazem uso da popularidade para suprir essa carência afetiva, ou constituem uma rede de amigos buscando, em muitas situações, uma relação afetiva não existente em casa.

Figura 51 - Jornal Escrito 05 - APA



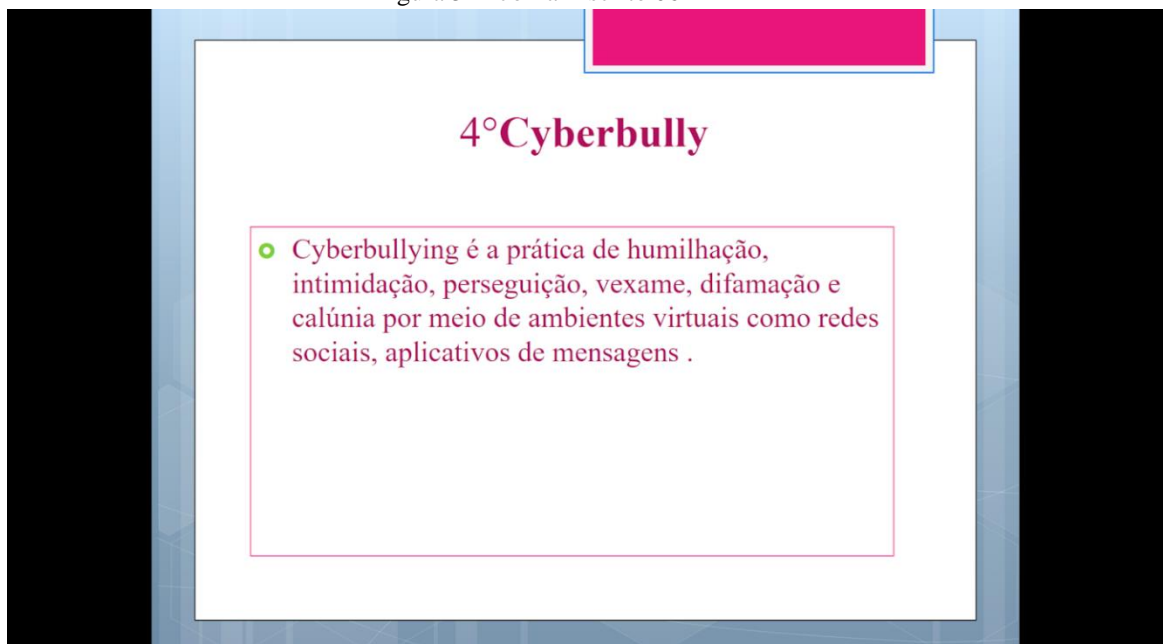
3° *Redes sociais e popularidades nas escolas*

- tem alunos que precisam de redes sociais para terem algum reconhecimento, pelo fato de não terem em casa, tipo os pais não dão a devida atenção e esquecem que tem filhos .

Fonte: APA (2022).

Sobre o *cyberbullying* (Figura 52, abaixo), a participante expõe **a forma de sentir-se mal por tudo o que vem passando na outra escola**, bem como a postura de ser conhecedora do problema em questão, responsabilizando a instituição para uma situação existente e latente dentro dos muros das escolas, mas que, na maior parte das vezes, permanecem invisíveis aos olhos dos profissionais da educação.

Figura 52 - Jornal Escrito 06 - APA

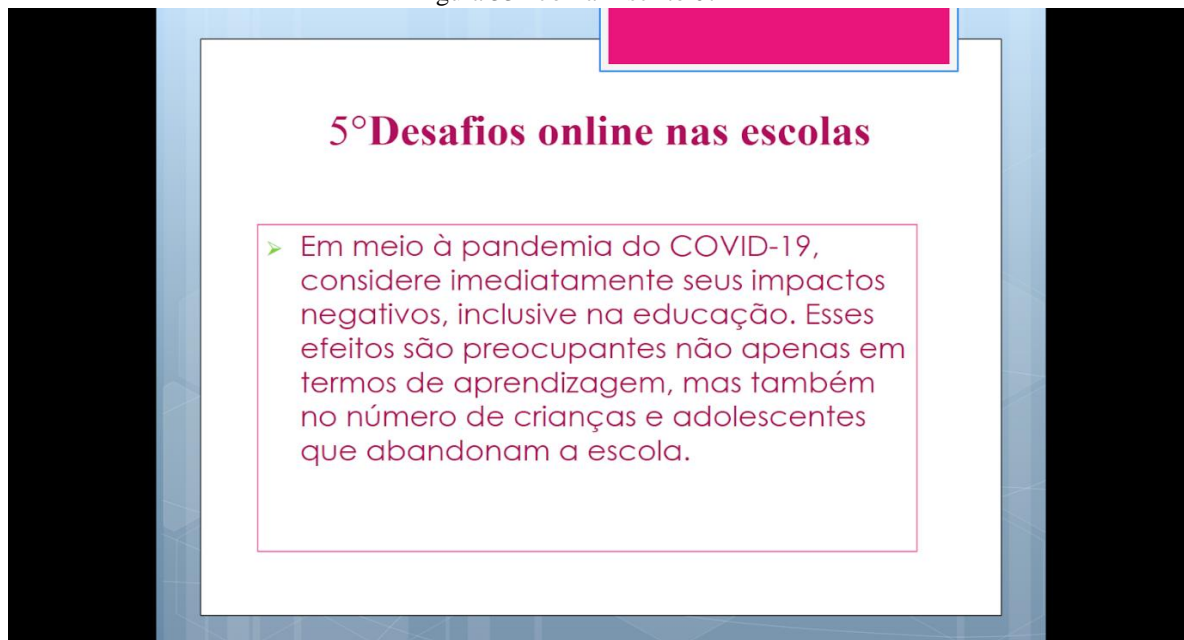


4° **Cyberbully**

- Cyberbullying é a prática de humilhação, intimidação, perseguição, vexame, difamação e calúnia por meio de ambientes virtuais como redes sociais, aplicativos de mensagens .

Fonte: APA (2022).

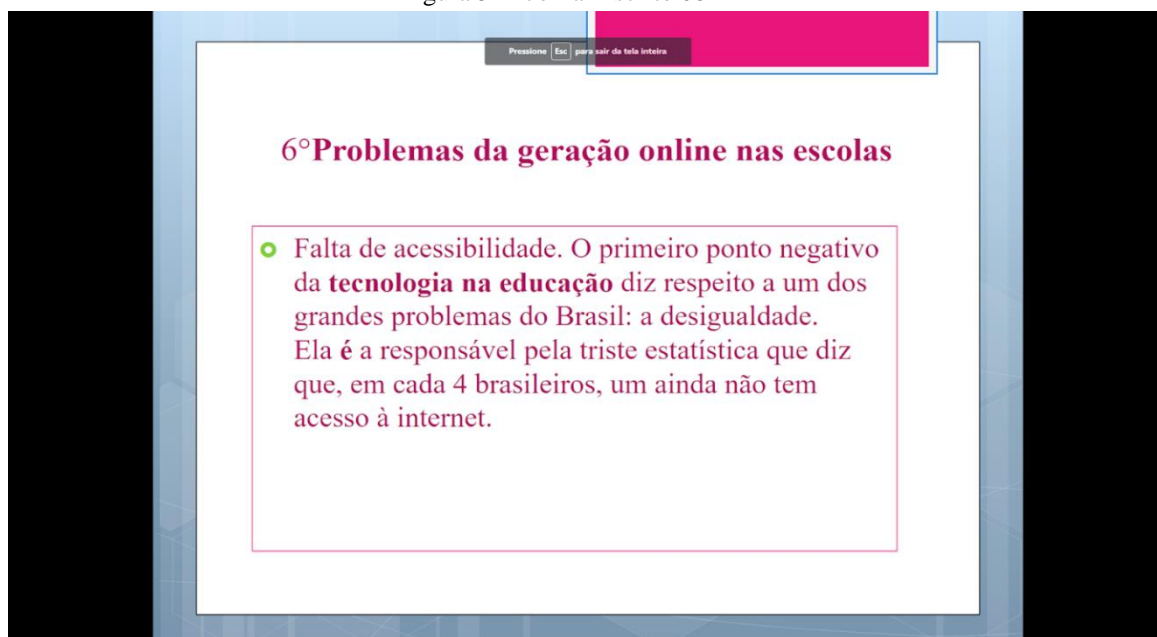
Figura 53 - Jornal Escrito 07 - APA



Fonte: APA (2022).

A participante destaca a pandemia no contexto das relações (Figura 53, acima), mostrando **como o processo deve ser discutido quando relacionado ao ensino-aprendizagem e à evasão**. Por outro lado, não abordou os processos subjetivos relativos ao “sentir-se segura” do outro lado das telas pela falta da presencialidade e dos olhares dos alunos da escola na qual estuda.

Figura 54 - Jornal Escrito 08 - APA



Fonte: APA (2022).

A participante traz, neste instrumento (Figura 54), a problemática da acessibilidade da internet, a qual ainda é para poucos. Há, **como indicador, a empatia social que ela visualiza através das redes como suporte de tecnologia da informação e comunicação**, para a qual não se vislumbra apenas as vidas editadas, mas como se apresentam outros contextos dentro de um grande país desigual, em especial, para os que pertencem à geração on-line.

Pesquisador: O que me deixa feliz nas redes sociais?

Quando posso conhecer amigos ... **APA:** E queria sair das redes para conhecer;

Quando tenho a oportunidade de expandir meus conhecimentos... **APA:** Ser uma pessoa mais conhecida.

Quando vejo que a internet aproxima quem está longe ... **APA:** Fazer com que estas pessoas estejam mais perto

Quando tenho a oportunidade de viajar sem sair de casa ... **APA:** Conhecer lugares novos

Quando tenho uma série de novidades para que deixe meu fim de semana agradável ... **APA:** Me ajudar a agradecer a todos que fizeram o convite (Complemento de frases)

A participante apresenta **a necessidade subjetiva de ter amigos para além das redes sociais**, ou seja, que os mesmos que compartilham experiências e pensamentos de sua vida possam, realmente, estar atrelados ao momento presente, haja vista que, considerando as situações que vem passando, poderia confirmar uma amizade verdadeira através dessa relação interpessoal.

Pesquisador: O que me deixa triste nas redes sociais?

Quando só tenho amigos online ... São todos antissociais

Quando as pessoas não aproveitam o tempo comigo ... Me deixaram de lado por estarem mexendo nas redes sociais

Quando ninguém curte uma postagem minha ... Fica triste

Quando minha única opção de divertimento é a internet ... Quase não saiu de casa (Complemento de frases)

É notório observar que a participante apresenta a **percepção da introspecção de pessoas que fazem parte do seu grupo nas redes sociais**, e que elas estejam juntas por afinidades, ou seja, talvez por sofrerem problemas vexatórios na escola assim como os que ela vem passando esse tempo todo de escolarização.

Pesquisador: Como posso equilibrar minha vida?

Quando entender os dois lados da rede... Os dois lados da rede e conversarem

Quando perceber que elas irão permanecer mesmo que eu não goste. Você gosta e usa muito

Quando souber dar o valor que ela tem... às vezes acontece de dar mais valor as

redes do que aos pais

Quando a presença física e virtual tiverem os seus devidos valores... não conseguir dar atenção a todos

Quando as instituições começarem a ensinar como conviver com elas... deveria sim, desde o ensino fundamental, pois os pais dão telefone para a criança e não o carinho (Complemento de frases)

Neste instrumento, apresenta-se como **indicador uma carência afetiva, que pode ter se iniciado no seio da família, que a participante tenta suprir nos amigos**. Diante da sua aproximação com os profissionais da escola é interessante problematizar o fato de deixar a companhia de pessoas da sua idade para ficar na sala conversando com os servidores, podendo representar uma postura de socialização ou uma fuga de viver experiências vexatórias com pessoas de sua idade.

No instrumento a seguir (Figura 55, abaixo), apresenta-se **o processo de proibição do uso das ferramentas tecnológicas pelos profissionais da educação, causando um sentimento de não fazer ou não poder usar algo que é próprio de sua geração**. Essa realidade reforça o papel do adolescente como protagonista do processo ensino-aprendizagem, e da formação para além dos muros da escola. Olhar para as ferramentas tecnológicas e o conhecimento que os alunos têm acerca das ferramentas midiáticas é mais do que um saber direcionado, é um saber compartilhado aos que já fazem uso desses recursos nas mais diversas atividades e que podem ser acopladas ao processo ensino-aprendizagem, oportunizando maior participação e integração dos discentes junto aos objetivos docentes.

Figura 55 - Redação 01 - APA



**1º O QUE SEI DA ESCOLA HOJE COM
RELAÇÃO ÀS REDES SOCIAIS?**


- ▶ As escolas não costumam usar esses tipos de equipamentos com os alunos, eu mesmo estou vendo só agora no ifto que estou tendo uma noção melhor pois hoje em dia as escolas não tem um funcionamento moderno não se pode usar celular nem computador em sala de aula pelo menos quando eu estudava não podia, que não faz muito tempo.

Fonte: APA (2022).

Figura 56 - Redação 02 - APA

2° QUE AÇÕES AS ESCOLA TEM FEITO PARA TRABALHAR PROBLEMAS RELACIONADOS ÀS REDES SOCIAIS E SAÚDE MENTAL?

- ▶ No momento a única ação que eu estou vendo e a do ifto que esta disponibilizando um curso para aprendermos a ter uma convivência com a internet e usar com moderação.




Fonte: APA (2022).

Para a participante, esse trecho (Figuras 55 e 56, acima) **está relacionado com a necessidade de orientação, por parte das instituições, para a implementação no currículo e/ou nos conteúdos propostos dentro da matriz do curso.** Com isso, a instituição torna-se um espaço no qual a participante e todos os alunos tenham a oportunidade de socialização dos conhecimentos produzidos pelos atores do processo ensino-aprendizagem.

Figura 57 - Redação 03 - APA

3° O QUE VOCÊ PROPORIA PARA QUE ESSE ASSUNTO FOSSE MELHOR TRABALHADO DENTRO DA ESCOLA

- ▶ Deveria ter uma aula especifica para internet hoje em dia a internet esta muito perigosa então eu acho que deveria ter uma disciplina nas escolas sobre como devo me porta ou comporta na internet oque posso fazer e oque não posso tipo isso.



Fonte: APA (2022).

Este instrumento (Figura 57, acima) vem apontando, como **indicador, o interesse pelo conhecimento acerca do uso das redes sociais e como ele está agindo na vida de muitos dessa geração**. Por apresentarem um domínio das tecnologias, essa geração não sabe qual proporcionalidade elas alcançam, bem como carecem do direcionamento de como lidar com situações propostas dentro de inúmeras experiências que podem surgir dentro e fora das redes ou através delas.

Pesquisador: Para você é melhor ficar aqui conversando com os servidores do que ficar com seus amigos?

APA: Eu gosto muito de ficar aqui, porque os meninos não vão mexer comigo, e vão pensar duas vezes para colocar alguma coisa no grupo sobre mim, pois o senhor está no grupo e todo mundo respeita o senhor. Eu queria que o senhor tivesse lá na escola também, sei que a coordenadora falou com os meninos e depois conversou comigo, mas os meninos continuam me aperreando nos intervalos da sala e em outros momentos que não estou na sala de aula, eles criaram outro grupo do WhatsApp que os professores não estão. (Dinâmicas conversacionais)

A participante apresenta, como **postura, uma proteção ao lado dos adultos para que não sofra com situações constrangedoras junto aos colegas da mesma idade**. Isso se aplica diante da construção de uma formação e cultura do medo naqueles que, muitas vezes, não se enquadram no perfil da maioria e, por isso, vêm sofrendo algum tipo de ataque e/ou perturbação, o qual, embora para muitos pareça uma brincadeira, para ela não se configura como tal.

Pesquisador: Aqui você já passou por algo assim?

APA: Não, mas tenho medo de repetir aqui, mas também eu gosto de ficar conversando com vocês, acho a menina da sala de baixo engraçada e o senhor tem muita paciência para me ouvir. (Dinâmicas conversacionais)

Há um receio e uma insegurança que começa a fazer parte do cotidiano da participante, pois, mesmo que a adolescente não esteja em um ambiente inseguro, as situações constrangedoras já fazem com que a mesma busque refúgio e amparo com os servidores do campus, deixando de experimentar e/ou vivenciar experiências positivas com pessoas da sua idade.

Pesquisador: E com relação a sua família, como você se sente?

APA: Minha família, não vai entender essas coisas que passo, na outra escola, nunca se importaram comigo, só querem que eu estude e arrumo o emprego logo. (Dinâmicas conversacionais)

A carência afetiva com relação aos pais mostra-se como indicador que faz com que a participante busque cada vez mais apoio dos adultos. Embora não fale expressivamente com eles, mantem uma postura de querer sempre estar perto. Como nunca fora indagada sobre o porquê dessa atitude, os servidores não caracterizam que a referida atitude possa não ser exatamente um desconforto para falar de assuntos dos quais não diz respeito a sua idade, mas uma forma de permanecer a manhã e/ou a tarde protegida contra possíveis agressões.

Pesquisador: E como é sua relação com seus amigos das redes sociais.

APA: Eu faço parte de um grupo que formei no Facebook e convidei alguns amigos do Instagram, que somos parecidos. Tipo assim, não gostamos de sair muito, gostamos de filme de terror, de lugares mais calmos que ninguém vai incomodar, tipo o cemitério e gostamos de preto, pois tem uma banda que agente chipa “Requiem of the Damned”. Nós nos curtimos muito, mas ficamos só por lá, queria muito que nos conhecesse pessoalmente. Acho que seria legal. (Dinâmicas conversacionais)

O indicador aqui presente está associado ao pertencimento de um grupo que a participante considera como gótico, com o qual passa por situações e experiências compartilhadas e vivenciadas através das redes sociais. Por outro lado, traz uma tristeza por não poder viver isso nas práticas diárias, visto estar imersa em uma cidade na qual não se encontra tal referência e/ou identidade. Assim, fica pensativa nas experiências das quais poderiam viver e torná-la mais visível diante dos colegas que a oprimem.

Pesquisador: Como você se sente com relação às redes sociais?

APA: Eu às vezes fico muito triste, por meus amigos não vir aqui, queria me vestir que nem eles, e fazer uma zoação com os meninos. Fico muito ligada nas redes e quase não tenho tempo para nada e sei lá, acho que nem quero mais amizades aqui nesta cidade. Agora quando cai a internet, fico triste, aborrecida e sempre choro, parece que meu coração vai sair do corpo. Nem penso em ir pro acampamento e fica nem um dia imagina cinco, sempre é uma briga com minha mãe, pois ela não entende e eu não quero explicar isso pra ela. (Dinâmicas conversacionais)

Neste instrumento, **há um indicador relacionado ao bem estar na internet e nas redes sociais,** a ponto de não se permitir viver experiências com seus familiares e pessoas próximas, como a prática de acampamento nos rios do Estado, tida como uma opção de lazer que caracteriza o povo e parte da cultura tocantinense.

Desenvolvimento do eixo teórico:

- A primeira participante vem construindo uma configuração subjetiva, cujo foco está nos estudos e em atender o objetivo de passar no vestibular ou no Enem para ingressar no curso de medicina, o qual acredita ser preponderante para sua vida profissional. Essa configuração subjetiva, que é de natureza motivacional, também se caracteriza pela abertura para aproveitar as oportunidades educacionais que a cidade oferece, o que a motivou a fazer o curso, pois passar em medicina, segundo a participante, não poderá ser algo para esse ano, mas para o ano seguinte;
- Nessa via, podemos interpretar que TBP tem desenvolvido uma projeção de futuro que lhe permite aproveitar condições e possibilidades atuais, ao tempo que vai gerando novos caminhos para sua formação educacional e profissional. Dessa maneira, podemos estar perante a configuração subjetiva do processo de desenvolvimento subjetivo nela, no qual diferentes esferas da vida vão sendo atingidas de forma simultânea;
- Essa configuração subjetiva do desenvolvimento da TBP está relacionada com sua vivência cultural-histórica. Assim, na posição de filha única e como filha de professora, ela desenvolveu configurações subjetivas voltadas para o envolvimento com atividades acadêmicas, quase que preenchendo todo o tempo com dedicação aos programas curriculares e também com a preparação para o Enem;
- No que diz respeito às redes sociais, mostra-se como expectadora da vida das pessoas que segue no Instagram. Gosta muito da região Sul do país e sente-se inferior por morar no Norte, em especial por morar numa cidade pequena, onde muitas pessoas têm preconceito sobre ela, se sentindo mal vista em comparação com a região Sul. Esta configuração subjetiva de inferioridade regional e racial não é só um processo que está atrelado a sua subjetividade individual. Na verdade, atravessa a subjetividade social de muitos tocantinenses e não tocantinenses que têm criado uma hierarquização moral/racial/cognitiva. Dessa forma, muitas pessoas consideram que o tocantinense tem pouca capacidade para aprender e trabalhar, em contraste com culturas falsamente “superiores” que seriam melhores intelectualmente e produtivamente;
- Dentro da configuração da subjetividade de inferioridade, TBP também se subvaloriza com relação às pessoas que estão nas redes sociais e que são originárias dessas supostas regiões “superiores”, por achar que a vida delas é melhor do que a sua, atribuindo uma falsa felicidade como imperativo cultural. Assim, caso ela morasse no Sul ou Sudeste, teria outras amigas, entraria em contato com pessoas “mais bonitas” e se sentiria melhor consigo mesma e com as pessoas à sua volta, haja vista que

expressa um sentimento de beleza em que considera as pessoas do Sul superior às pessoas do Norte (o que sugere também uma valorização estético-racial);

- Podemos também perceber uma forte relevância das redes sociais para a sua própria vida. As redes sociais, como entre a maioria das pessoas que hoje trabalham dentro de sistemas sociais tecnologicizados, são extremamente requeridas, tanto para os assuntos da responsabilidade acadêmica e profissional, quanto para o tempo de lazer e distração. Não pensamos, como algumas perspectivas patologizantes, que seja uma questão necessariamente de apego ou de dependência em um sentido negativo. Mais do que isso, consideramos que se trata de uma geração de conectados, pois em seu tempo vago dá preferência a ficar navegando nas redes e acompanhando a vida dos outros, a ponto de virar rotina diária; e quando fica sem conexão com a internet e/ou quando falta energia é como se perdesse o fôlego e se sentisse sem chão, a ponto de não se ver mais sem esses aparelhos;
- Reconhece que poderia ser mais comunicativa com as pessoas na vida presencial, valoriza muito a educação que possui e a oportunidade de poder vencer na vida, bem como de uma orientação para as redes sociais dentro dos ambientes intra e extramuros escolares, a fim de trabalhar aspectos ainda não vistos pelos alunos, o que os torna exequíveis facilitadores para trabalhar com problemas relacionados às redes sociais, por serem eles os especialistas e os que dominam as tecnologias da informação e comunicação;
- A segunda participante é uma adolescente bem esforçada nos estudos, apesar de não se achar muito inteligente para muitas matérias, fator atribuído à real situação financeira da família, bem como ao grau de escolaridade dos pais. Por outro lado, acredita que vai vencer na vida e almeja crescer dentro da área do curso, chegando a cursar o curso superior em Engenharia Agrônômica;
- Ela estuda em duas escolas públicas, faz o ensino médio em um e o curso no Instituto Federal. Apresenta uma postura muito ligada aos profissionais da educação e foi atendida pelo setor técnico pedagógico a partir de sua própria iniciativa, e não por encaminhamento dos profissionais docentes;
- A adolescente enxerga a vida na Coreia e Japão melhor do que no Brasil, razão pela qual atribui uma felicidade disfarçada por não conhecer o local, cultura, aspectos que apenas compara e conceitua através de séries na Netflix, ou em outros streamings.
- A participante busca ajuda para superar os ataques dos colegas de outras escolas com problemas relacionadas ao *cyberbullying*, dentre outros, bem como uma inserção junto

aos colegas de sua idade, pois percebe estar havendo um distanciamento e um medo com problemas que estejam acontecendo, e deseja que isso não se prolifere em outros campos de sua vida;

- Há uma carência afetiva dos pais com relação ao sentimento de amor e de importância, motivo pelo qual busca na orientação do campus um espaço para conversar e falar de seus problemas, pois se sente segura e não criticada por alguma atitude que os pais não concordariam. Também não sente que a equipe da outra escola dá a mesma importância que tem no Instituto, razão pela qual justifica ainda o comportamento maturacional para querer estar sempre perto dos profissionais da educação no que diz respeito ao acompanhamento do respectivo campus;
- Possui um grupo nas redes sociais, no qual se sente parte do todo, no entanto sente tristeza por ficar apenas lá, visto ser uma pessoa que busca muita socialização, evidencia que o fato de estarem no mesmo ambiente e na mesma cidade torna essa socialização quase impossível, por não poderem compartilhar fora das redes o que o fazem lá com muita maestria, ficando presa ao momento virtual e deixando de buscar conhecer outras pessoas no ambiente presencial;
- Para a relação com a internet e com as redes sociais, apresenta uma postura de segurança dentro delas, haja vista que não sai muito de casa para aproveitar os momentos de lazer que são típicos da região, como também não pensa em ficar desconectada por muito tempo, pois virou um hábito em sua vida e fica muito angustiada na possibilidade de quebra dessa rotina;
- As duas participantes trazem uma relação com o eixo de uma interface alinhada à saúde mental, haja vista que, no campo das redes sociais, ambas encontram situações que exprimem sensações adversas para o processo de formação na e para além das redes. Isso também problematiza os aspectos dos relacionamentos nas redes, os grupos formados, a situações de exibição, ora como expectadoras ora como protagonistas das suas próprias histórias, razão pela qual se faz necessário levar em consideração todas as situações ocorridas dentro e fora da rede, em um universo no qual o aluno tem seu papel ativo para além de um fazer parte da geração de conectados “nativos digitais”, encontra-se imerso no emaranhado de informações e propagações que devem e merecem ser levados a todos para uma construção de um ambiente no qual sintam-se parte do todo e não estranho a ele;
- As escolas por muito tempo tem um papel preponderante de destaque para uma investigação dos muitos problemas que agravam à saúde e sua intrínseca relação com

a saúde mental, o que com o avançar das tecnologias pode se ver que essas doenças antes conhecidas como bullying, foram ganhando uma nova roupagem agora com a nomenclatura de cyberbullying, trazendo com isso um olhar ainda introdutório sobre as novas doenças que tem uma relação direta e ou indireta com as redes sociais e saúde mental , como bem assevera Dashevsky (2013) sendo elas: Síndrome do toque fantasma; Nomophobia; Náusea Digital (Cybersickness); Depressão (Facebook e outras redes sociais); Transtorno de Dependência da Internet; Vício de jogos online; Cibercondria, ou hipocondria digital; O efeito Google; Síndrome de like; Síndrome da Sélfie e Síndrome do pescoço de texto (text neck) ;

- Destaca se que alinhado ao capítulo do referencial teórico com a análise dos dados da dissertação, mostrou indícios subjetivos dessas doenças fortemente presentes em cada eixo e em especial neste último , originárias das tecnologias e sua intrínseca relação com a saúde mental não só dos adolescentes em questão , mas de uma grande parte da população mundial, no qual o autor do referido projeto de pesquisa submeteu um artigo científico específico detalhando sobre cada uma dessas doenças listadas acima para a revista Aturá intitulado "**Redes Sociais e Saúde Mental: O mapeamento das primeiras pesquisas.**"
- No que diz respeito ao campo da comunicação e sua intrínseca relação com a educação, as redes sociais perpassam não apenas o contexto da pandemia, com os constantes casos propagados através delas, vistos de uma forma subjetiva por cada um dos atores ali envolvidos: para uns com um aspecto de culpabilidade, para outros de viralização sem valor real, e, no meio disso, a comunicação, ou seja, no centro de todo esse multiverso que perpassa os muros da escola, da sociedade, do país e do mundo para se chegar a uma informação ou desinformação. Com isso, o papel fundamental da comunidade escolar é contextualizar este ou aquele fato que, embora pareça insipiente a priori, exige uma visão discursiva e problematizadora sobre este ou outro assunto que se propagam na e para além da rede.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A metodologia adotada no projeto de pesquisa trouxe os avanços para a construção do modelo teórico das análises da informação dos participantes, no qual se buscou uma compreensão para os processos subjetivos na ótica e experiência de cada um. Essa realidade foi enaltecida por meio dos eixos teóricos em que os participantes se apresentavam para uma dialética subjetiva nos seus contextos históricos, sociais, culturais e individuais.

Primeiramente, entender a subjetividade nas redes sociais em uma conjuntura dos atores com seus processos subjetivos inerentes a cada indivíduo, não como fator de adoecimento e tratamento, mas como princípio de investigação científica. Nesse sentido, entende-se que os atores envolvidos na problemática da pesquisa estavam atrelados a fatores imbricados em processos subjetivos da vida do indivíduo e sua relação dialógica com a utilização das principais mídias digitais em seus construtos diários.

Em um segundo momento, houve a dialogicidade com as redes sociais pelos atores e suas construções subjetivas num processo de integração e posicionamento, olhando para o viés dos aspectos subjetivos atrelados aos vieses de problematização que ora refletem para o lado de bem estar físico, social e emocional e ora para o lado de dependência dessas redes, sendo tratadas como fator de adoecimento. Daí surge o terceiro momento sobre o qual está a orientação educacional. Esta, por sua vez, norteou os dois primeiros para um embasamento de como se configura o indivíduo a partir das experiências vivenciadas na e para além das redes e que por vários motivos não são problematizados em aspectos intra e extramuros escolares. Atravessando todo o projeto de pesquisa, há um olhar subjetivo mediante a abordagem metodológica do psicólogo cubano Fernando González Rey. Desde a introdução, trazemos a dialética, continuada no primeiro capítulo e ensejando com a metodologia propriamente dita “Epistemologia qualitativa com o método construtivo-interpretativo”, para chegar às análises das informações, por meio do processo dialógico da construção do cenário social, a imersão do pesquisador, os participantes, os instrumentos, a construção dos indicadores e o modelo teórico de cada eixo, buscando compreender a problemática que ensejou o objeto de estudo deste projeto de pesquisa do mestrado acadêmico.

Por meio das informações produzidas, atingimos o objetivo geral da pesquisa, pois, com os instrumentos utilizados pelos participantes, obtivemos uma compreensão de como as redes sociais se articulam na vida de cada um em suas experiências subjetivas, vivenciadas diariamente, desde um simples clique para visualizar uma postagem e/ou publicação até um envolvimento mais complexo com as redes. Ainda, se os problemas enfrentados pelos

participantes e/ou outros alunos atendidos forem problematizados junto aos atores envolvidos, outro desfecho é possível para o problema que ensejou a referida pesquisa.

O primeiro objetivo específico trouxe como contribuição a falta de um olhar atento dos profissionais que estão no contexto escolar e como a ausência de uma abordagem subjetiva pelos profissionais da educação pode ocasionar transtornos entre os discentes em aspectos que não se configuram propriamente um problema de cunho psicológico e/ou psiquiátrico. Pelo contrário, se problematizados de acordo com o contexto subjetivo de cada indivíduo atendido e com o envolvimento de todos, os constantes casos de diagnósticos relacionados com a saúde mental podem ter um novo olhar, sendo possível construir outra abordagem para as constantes queixas discentes/docentes.

Com relação ao segundo objetivo, observa-se a importância de se compreender a trajetória cultural, social, individual e histórica do indivíduo em uma relação dialógica na e para além das redes, sem se perder de vista o protagonismo juvenil, sem desconhecer a geração em que estão inseridos e como se perpetua sua interface comunicacional nos mais diversos processos midiáticos.

No que diz respeito ao terceiro objetivo, houve um trabalho compartilhado da equipe multidisciplinar do campus, no qual se observou, a partir dos dados da pesquisa, como se formam os processos subjetivos para cada indivíduo, com realidades diferenciadas, envolvendo o contexto, social, histórico, familiar, cultural e individual de cada um. Tal postura corroborou para a inclusão desses alunos como parte de um processo que ainda não se trabalha ou se busca alinhar aos objetivos da escola, mas como fatores que, a partir dessa pesquisa, irão ser repensados para melhor atender aos princípios de documentos norteadores que trabalham a formação do indivíduo na e para a vida em sociedade.

Para Graber (2021), os participantes desta pesquisa apresentam capacidades reflexivas e de questões morais que, em sua maioria, não estão expressas no Manual Merk de Diagnósticos. Eles apresentam uma postura de desenvolvimento emocional atrelada aos contextos histórico, cultural, social e individual, no qual trazem em suas configurações subjetivas, traços maturacionais de comportamento e/ou atitudes que se distanciam dos padrões predominantes encontrados, em sua grande maioria, durante todo o período da adolescência.

O processo de construção da tecnologia pelos participantes apresenta aspectos muitas vezes não problematizados em sala de aula e/ou no contexto escolar no todo, haja vista que são oriundos de uma geração de maior domínio e dialogicidade dos meios de comunicação e informação pelas mais diversas plataformas digitais, em especial, as redes sociais.

Trazer um novo repensar sobre o uso dos aparelhos celulares em sala de aula e em contextos que perpassam o processo ensino-aprendizagem é muito mais do que ressignificar o trabalho docente; exige-se também um novo olhar para o que se predispõe no aqui e agora de uma geração que tanto tem para contribuir com uma visão interativa de ser e estar no mundo, não como meros expectadores, mas na posição de agentes de mudança da realidade na qual estão inseridos.

Neste trabalho, os processos dialógicos ganharam um novo formato em sua celeridade e interatividade na comunicabilidade dos nativos digitais, com um compartilhamento próprio para o nível e linguagem mais propícios a eles, por meio de uma visão atrelada não para o novo e, sim, para uma geração que existe e utiliza sua própria forma de interação e comunicação com o grupo no qual pertence.

Perpassar um trabalho científico, atravessando o processo pandêmico que assolava o país e o mundo, tornou-se um desafio superável para a metodologia em questão, bem como para a capacidade criativa do pesquisador, haja vista que houve a necessidade de se reinventar enquanto pesquisador, seja na imersão no mundo dos participantes, seja na forma de aproximação destes através de uma tecnologia na qual não se habilitava o uso da câmera, mas apenas áudio; na utilização de instrumentos diversificados, buscando no leque de possibilidades a que melhor se aplicasse ao participante em questão, criando um grau de confiabilidade do participante para com o pesquisador; E, assim, trabalhar na construção das informações, que geraram hipóteses as quais foram contestadas ou não, para a construção dos indicadores e dos modelos teóricos de cada eixo, alinhados aos objetivos específicos da pesquisa. Dessa forma, foi possível mostrar, em dados fidedignos, que, mesmo com todos esses entraves apresentados pelo cenário mundial, a pesquisa foi realizada e que a capacidade criativa do pesquisador em questão reflete-se para um novo olhar de uma ciência que não para, mesmo quando o contexto pandêmico estabelece “#fiqueemcasa”, não aquietando no pesquisador a necessidade de buscar respostas para os problemas que estão imersos no país e no mundo.

5.1 Contribuições da dissertação

Com a Epistemologia qualitativa de método construtivo-interpretativo do psicólogo cubano Fernando González Rey, podemos observar que, em meio ao estado da arte da pesquisa, voltada a uma pesquisa aprofundada sobre as redes sociais e saúde mental, fundamentada em autores internacionais e nacionais, por meio de uma dialética construída no

decorrer de todo o projeto de pesquisa, particularmente, na análise das informações, obteve-se um novo olhar para o objeto de estudo em questão: saindo de uma culpabilidade, um tratamento e a visão que muitas pessoas têm sobre as redes, sobre um lado subjetivo de quem as utiliza, ensejando não mais para uma realidade com diagnósticos com clínicas e seus respectivos tratamentos, mas chegando a um fator de orientação e problematização do que acontece na vida do indivíduo e como se configura em forma de representatividade social e/ou individual.

Neste viés, abre-se um novo leque para o estado da arte da pesquisa, com esses dados do Mestrado Acadêmico em Comunicação e Sociedade, haja vista que as mídias existem e propagam as notícias das mais variadas formas. A linguagem e a forma de comunicação estão atreladas ao indivíduo de uma geração que faz uso das redes para tudo. Nesse tudo, muitas experiências são vivenciadas como se fossem no presencial e, rapidamente, compartilhadas entre todos de uma forma acelerada. Com isso, poucas delas inspiram a situações positivas, iniciando uma bola de neve entre busca, entendimento e tratamento clínico, não se pensando para isso uma forma de inserção na vida desses sujeitos, para que essas e outras experiências continuem a fazer parte da vida dessa e de outras gerações. Isso porque o processo da conectividade está em evolução e, em cada segundo, a informação que precisamos acessar não necessita de uma mídia específica, pois o acesso a elas pode ocorrer de várias maneiras e com um ritmo acelerado de segundos e atualizações pelos mais diversificados canais de comunicação.

Assim, a partir deste trabalho, trazemos uma nova contribuição científica para o estado da arte da pesquisa por meio de dados concretos gerados no contexto social, cultural e individual da representatividade das redes e de como os participantes vivenciam essas e outras experiências, como também uma dialética que trabalhe a continuidade do estudo através de uma subjetividade que sempre existiu, apesar de ser pouco explorada dentro dos aspectos intra e extramuros escolares. Dessa forma, provocamos outros pesquisadores a trabalharem com e para o ineditismo científico dentro da temática. Desse ponto em diante, problematizar-se-ão as experiências desses atores no ambiente educacional e como enxergar a partir deles, percebendo os aspectos subjetivos imbricados nesse contexto.

5.2 Trabalhos futuros

Essa pesquisa servirá de subsídio para outros pesquisadores que desejam investigar sobre esse assunto, enquanto aporte teórico dentro de uma abordagem investigativa do

indivíduo objeto de estudo. Por isso, durante todo o referencial teórico, procurou-se estabelecer uma dialética com os autores que retratam o indivíduo e os processos vivenciados no decorrer de cada experiência nas redes sociais. Para os profissionais da educação, por meio da justificativa da pesquisa em sua relevância social, científica e acadêmica, é um momento de se refletir sobre o ineditismo da temática, atribuindo a isso uma nova postura de práticas pedagógicas que envolvam o aluno como protagonista de sua formação para além dos muros da escola. Observou-se, através dos instrumentos utilizados durante a pesquisa com os participantes e na construção de indicadores, a carência em se problematizar suas experiências nas redes, bem como enxergar a relação da família com a escola.

Sabendo que isso irá repercutir para uma formação fundada na educação básica e superior, e que os alunos fazem parte dessa geração de conectividade social e individual, trazendo em seu bojo um desafio instigante para o sistema educacional de ensino em todo país, por começar a trabalhar com políticas públicas que comece uma cultura midiática em cada nível e/ou modalidade de escolarização da vida do indivíduo, pois inserir no currículo escolar uma linguagem que faça parte do universo do educando irá trazer benefícios e uma dialeticidade para que, em seu processo de formação, ao longo da vida, perceba que a instituição não só se modernizou com relação à inserção de novas tecnologias na educação, mas oportunizou a participação dos discentes nessa construção, em uma interação e compartilhamentos mútuos não apenas do processo ensino-aprendizagem, mas de todos os campos que contemplam a formação para a vida.

Para o Mestrado Acadêmico em Comunicação e Sociedade da UFT, faz-se necessário a implementação de um laboratório interdisciplinar de orientação digital, voltado para a linha de pesquisa “Jornalismo, Mídias e Cultura”, atrelado aos conhecimentos de profissionais de outras áreas. Dessa forma, elevando a problemática em questão, tornando-se referência de pesquisa científica para o país e o mundo.

Como contribuição ao pesquisador, pretende-se dar continuidade à temática pesquisada com o doutorado acadêmico, fazendo parte do Programa de Orientação Digital do PPGCom, em colaboração ao que foi implementado como resultado dessa primeira pesquisa em forma de Mestrado Acadêmico e tendo como base outros autores que pretendem estender suas contribuições, visto que essa não é uma problemática apenas da instituição pesquisada, mas algo que afeta todo mundo. Com isso, temos a certeza de que esse é apenas um primeiro passo na escala de midiatização das redes sociais não mais como perspectivas de cunho proibitivo, mas partindo de um olhar perspectivo e contributivo o qual só foi possível com a

utilização da Teoria da Subjetividade e suas contribuições, advindas do legado que já ganha notoriedade em outras áreas de pesquisa e, com certeza, servirá de subsídio para a abrangência em pesquisas futuras da temática em questão.

REFERÊNCIAS

ABREU, Cristiano Nabuco de (org.). **Dependência de Internet: e novas tecnologias**. 2015. Disponível em: <https://dependenciadeinternet.com.br/quemsomos.php?panel=#quemsomos>. Acesso em: 08 maio 2021.

ALVES, Lynn; TORRES, Velda. Whatsapp: cenário para discussões e reflexões sobre a permissividade e limite da interação de crianças e adolescentes com o universo digital. *In*: PORTO, Cristiane; OLIVEIRA, Kaio Eduardo; CHAGAS, Alexandre. **Whatsapp e Educação: entre mensagens, imagens e sons**, [S.L.], p. 169-191, 2017. EDUFBA. Disponível em <http://dx.doi.org/10.7476/9788523220204.0010>. Acesso em: 28 abr. 2022

BACCEGA, Maria Aparecida; ROCHA, Camila Rodrigues Netto da Costa. **A importância da inter-relação entre o campo da Comunicação/Educação e os estudos de recepção: um olhar para a comunicação a partir dos sujeitos**. *In*: KUNSCH, Margarida; FIGARO, Roseli (org.). **Comunicação e Educação: caminhos integrados para um mundo em transformação**. São Paulo: Intercom, 2017. p. 71-88.

BARROS, Maurício Pereira; SILVA, Antônio Veimar da.; SILVA, Carla Michelle da.; ROCHA, Eliane de Sousa Oliveira (orgs.) **Pesquisas em Educação: um olhar multidisciplinar no século 21**. Curitiba: Crv, 2021.

BENTO, Maria Cristina Marcelino; CAVALCANTE, Rafaela dos Santos. Tecnologias móveis em educação: o uso do celular na sala de aula. **Educação, cultura e comunicação**, Lorena/SP, v. 4, n. 7, p. 113-120, jan./ jun. 2013. Disponível em: <http://unifatea.com.br/seer3/index.php/ECCOM/article/view/569>. Acesso em: 08 jun. 2020.

BERNETTE, Francisco. **Usos das TIC, relações sociais e mudanças no socialização juvenil**. *Journal of Youth Studies*, v. 88, p. 97-114, 2010.

BITENCOURT, Keli Ramos de Sousa; SOUSA, Carlos Ângelo de Meneses. Juventudes, escola e ciberespaço: um olhar sobre a experiência dos diários de classe virtuais no Facebook. *In*: SOUSA, Carlos Ângelo de Meneses (org.). **Juventudes e tecnologias sociabilidades e aprendizagens**. Brasília: Liber Livro, 2015. Disponível em: https://socialeducation.files.wordpress.com/2016/03/juventudes-e-tecnologias-_site.pdf. Acesso em: 28 abr. 2022.

BORDIGNON, Cristina; BONAMIGO, Irme Salete. Os jovens e as redes sociais virtuais. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del Rei, v.12, n. 2, p. 310-326, maio/ ago. 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ppp/v12n2/06.pdf>. Acesso em: 15. jul. 2020.

BOYD, Danah. **It's Complicated: the social lives of networked teens**. Ney Haven: Yale University Press, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular Brasília**, 2018a. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 07 jul. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 580, de 22 de março de 2018**. Brasília, DF, 2018b. Disponível em: https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/31546309/do1-2018-07-16-resolucao-n-580-de-22-de-marco-de-2018-31546295. Acesso em: 08 maio 2021.

BRASIL. **Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018**. Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais. Brasília, DF, 2018c. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/113709.htm#art65. Acesso em: 08 maio 2021.

BRASIL. Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Tocantins. **Projeto Pedagógico do Curso Técnico Em Agricultura**. Palmas/TO, 2017. Disponível em: <http://www.ifto.edu.br/ifto/colegiados/consup/documentos-aprovados/ppc/campus-avancado-lagoa-da-confusao/tecnico-em-agricultura-concomitante-ao-ensino-medio/ppc-tecnico-agricultura-concomitante-ensino-medio-campus-avancado-lagoa-confusao.pdf>. Acesso em: 08 maio 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016**. Brasília, DF. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 08 maio 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Norma Operacional nº 001/2013**. Brasília, DF. Disponível em: http://www.hgb.rj.saude.gov.br/ceap/Norma_Operacional_001-2013.pdf. Acesso em: 08 maio 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Brasília, DF. Disponível em: https://bvsmis.saude.gov.br/bvsmis/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html. Acesso em: 08 maio 2021.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução CNS Nº 441**. Brasília, DF, 12 maio 2011. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2011/Reso441.pdf>. Acesso em: 08 maio 2021.

BRASIL. Secretaria Nacional Antidrogas, Gabinete de Segurança Institucional. Presidência da República. **II Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país – 2005**. São Paulo: CEBRID/SENAD, 2006. Disponível em: http://www.mds.gov.br/webarquivos/arquivo/cuidados_prevencao_drogas/obid/publicacoes/Livros/II-Levantamento-Domiciliar-sobre-o-Use-de-Drogas-Psicotr%C3%B3picas-no-Brasil.pdf. Acesso em: 14 out. 2021.

BUFFARDI, Laura E. ; CAMPBELL, W. Keith. Narcissism and social networking web sites. **Personality and Social Psychology Bulletin**, v. 34, n. 10, p.1303-1314, jul. 2008. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/5253071_Narcissism_and_Social_Networking_Web_Sites. Acesso em: 08 maio 2021.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CLANDININ, D. Jean; CONELLY, F. Michael. Personal experience methods. *In*: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (Orgs.). **Handbook of qualitative research**, London: Sage, 1994. p. 413-427. Disponível em: <https://sedl.org/pubs/pic02/picbib-output.cgi?searchunIQUEid=4>. Acesso em: 14 out. 2021.

COLÓM, Antoni J. **A (des)construção do conhecimento pedagógico**: novas perspectivas para a educação. Porto Alegre: Artmed, 2004.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. **Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil**. TIC Kids on-line Brasil 2015 / Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR, São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2016. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_Kids_2015_LIVRO_ELETRONICO.pdf. Acesso em: 14 out. 2021.

CORRADINI, Suely Nercessian; MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. Práticas pedagógicas e o uso da informática. **Revista EXITUS**, Santarém/PA, v. 3, n. 2, p. 85-92, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/152/152>. Acesso em: 10 jan. 2021.

DASCHEVSKY, Evan. TechHive.com . doenças novas doenças provocadas pelo uso da Internet. Você tem alguma? Disponível em: <http://idgnow.com.br/internet/2013/10/16/doencas-novas-doencas-mentais-que-atingem-voce-por-causa-da-internet/>. Acesso em 14 out 2021

DÂMASO, Ana; GARCIA, Micaela; PAULAS, Filipa; SILVA, Iolanda; VAZ, Francisco. Quotidiano digital: a influência da internet na saúde das crianças e dos adolescentes. **Revista Percursos**, n. 26, p. 23-29, out./ dez. 2012. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/9261>. Acesso em: 14 out. 2021.

DIAS, Vanina Costa. **Morando na rede**: novos modos de constituição de subjetividades de adolescentes nas redes sociais. Curitiba: Crv, 2020.

ESTANISLAU, Gustavo M.; BRESSAN, Rodrigo Affonseca. **Saúde mental nas escolas**: o que os educadores devem saber. Porto Alegre: Artmed, 2014.

FERRARY, Michel; GRANOVETTER, Mark. **Redes sociais e inovação**. *In*: O companheiro Elgar para inovação e criação de conhecimento. Edward Elgar Publishing, 2017. p. 327-341.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; SOUSA, Francisca Genifer Andrade de. Juventudes e redes sociais: interações e orientações educacionais. **Revista Exitus**, Santarém/PA, v. 9, n. 1, p. 202, jan. 2019. Disponível em: <http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/721>. Acesso em: 05 fev. 2021.

FICHTNER, Bernd. **A internet como prática cultural dos adolescentes**: aspectos, problemas e resultados em uma pesquisa brasileira-alemã. Juiz de Fora/MG: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2001. Disponível em: https://www.academia.edu/28062754/A_Internet_Como_Pr%C3%A1tica_Cultural_Dos_Adoloescentes_Aspectos_Problemas_e_Resultados_De_Uma_Pesquisa_Brasileiro_Alem%C3%A3

_1. Acesso em: 08 jan. 2021.

FONTE, Liliana. A influência das novas formas de comunicação no desenvolvimento sócio-emocional das crianças. **Psicologia.com.pt**. 2008. Disponível em:

https://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?codigo=A0405. Acesso em: 20 ago. 2020.

FRANÇA, Vera Veiga. Paradigmas da Comunicação: conhecer o quê? **C. Legenda**, Rio de Janeiro, n. 5, p. 01-19, 20 jan. 2021. Disponível em:

<https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36784/21359>. Acesso em: 20 abr. 2022.

GENUINO, Simone. **Entre Filtros e Hashtags: Instagram, o novo espelho de Narciso**.

Mossoró, 2013. Monografia (Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais. Departamento de Comunicação social. Disponível em: https://www.uern.br/controldepaginas/depto-comunicacao-social-producao-discente/arquivos/0301entre_filtros_e_hashtags_instagram_o_novo_espelho_de_narciso.pdf.

Acesso em: 04 ago. 2022.

GIACAGLIA, Lia Renata Angeline; PENTEADO, Wilma Millan Alves. **Orientação educacional na prática: princípios-históricos-legislação-instrumento**. 6. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

GIGLI, Susan. Children, youth and media around the world: an overview of trends and issues. *In: WORLD SUMMIT ON MEDIA FOR CHILDREN AND ADOLESCENTS*, 4., 2004, Rio de Janeiro. **Anais [...]**, Rio de Janeiro, UNICEF, 2004. Disponível em:

https://www.academia.edu/8568948/Children_Youth_and_Media_Around_the_World_An_Overview_of_Trends_and_Issues. Acesso em: 08 jan. 2021.

GONZÁLEZ REY, Fernando. A Epistemologia Qualitativa vinte anos depois. *In: MARTÍNEZ, Albertina Mitjás; GONZÁLEZ REY, Fernando; PUENTES, Roberto Valdés (orgs.). Epistemologia Qualitativa e Teoria da Subjetividade: discussões sobre educação e saúde*. 7. ed. Uberlândia: Edufu, 2019. p. 21-46. Disponível em:

<http://www.edufu.ufu.br/catalogo/ebooks-gratuitos/epistemologia-qualitativa-e-teoria-da-subjetividade-discussoes-sobre>. Acesso em: 10 maio 2021.

GONZÁLEZ REY, Fernando. Advances in Subjectivity from a cultural-historical perspective: unfoldings and consequences for cultural studies today. *In: FLEER, Marilyn; GONZÁLEZ REY, Fernando; VERESOV, Nikolai (orgs.). Perekhivanie, emotions and subjectivity: advancing Vygotsky's legacy*. Singapore: Springer Singapore, 2017, v. 1, p. 173-193.

Disponível em:

<http://www.fernandogonzalezrey.com/images/PDFs/capitulosfernando/03Gonzlez-Rey---Advances-in-Subjectivity-from-a-Cultural-Historical-Perspective-.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2021.

GONZÁLEZ REY, Fernando. Advancing the topics of social reality, culture, and subjectivity from a cultural-historical standpoint: moments, paths, and contradictions. **Journal Of Theoretical And Philosophical Psychology**, [S.L.], v. 36, n. 3, p. 175-189, 2016. American Psychological Association (APA). Disponível em:

<https://doi.apa.org/doiLanding?doi=10.1037%2Fteo0000045>. Acesso em: 08 maio 2021.

GONZÁLEZ REY, Fernando. Ideias e modelos teóricos na pesquisa construtiva

interpretativa. *In*: MARTÍNEZ, Albertina Mitjás; NEUBERN, Maurício; MORI, Valéria Mori (orgs.). **Subjetividade contemporânea**: discussões epistemológicas e metodológicas. Campinas, SP: Editora Alínea, 2014.

GONZÁLEZ REY, Fernando. **O pensamento de Vigotsky**: contradições, desdobramento e desenvolvimento. São Paulo: Hucitec, 2013a.

GONZÁLEZ REY, Fernando. La subjetividad en una perspectiva cultural-histórica: avanzando sobre un legado inconcluso. **CS**, Cali, v. 0324, n. 11, p. 19-42, 01 mar. 2013b. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S2011-03242013000100002&script=sci_abstract&tlng=es. Acesso em: 08 maio 2021.

GONZÁLEZ REY, Fernando. A configuração subjetiva dos processos psíquicos: avançando na compreensão da aprendizagem como produção subjetiva. *In*: MARTINEZ, Albertina Mitjás; SCOZ, Beatriz Judith Lima; CARVALHO, Marisa Irene Siqueira de (orgs.). **Ensino e aprendizagem**: a subjetividade em foco. Brasília: Liber Livros, 2012a.

GONZÁLEZ REY, Fernando. O social como produção subjetiva: superando a dicotomia indivíduo-sociedade numa perspectiva cultural-histórica. **ECOS - Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, v. 2, n. 2, p. 167-185, 2012b. Disponível em: <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/1023>. Acesso em: 10 maio 2021.

GONZÁLEZ REY, Fernando. As categorias sentido, sentido pessoal e sentido subjetivo: sua evolução e diferenciação na teoria histórico-cultural. **Psicologia da Educação**, v. 24, p. 155-179, 2007. Disponível em: http://www.fernandogonzalezrey.com/images/PDFs/producao_biblio/fernando/artigos/teoria_da_subjetividade/As_categoridas_de_sentido_pessoal.pdf. Acesso em: 10 set. 2022.

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Pesquisa qualitativa e Subjetividade**: os processos de construção da informação. São Paulo: Thomson Pioneira, 2005a.

GONZÁLEZ REY, Fernando. O valor heurístico da subjetividade na investigação psicológica. *In*: GONZÁLEZ REY, Fernando (org.). **Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005b, v.1, p. 27-51.

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Sujeito e Subjetividade**. São Paulo: Thomson Pioneira, 2003.

GONZÁLEZ REY, Fernando. La subjetividad: su significación para la ciencia psicológica. *In*: FURTADO, Odair; GONZÁLEZ REY, Fernando (orgs.). **Por uma epistemologia da subjetividade**: um debate entre a teoria sócio-histórica e a teoria das representações sociais. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

GONZÁLEZ REY, Fernando. La categoría de sentido subjetivo y su significación en la construcción del pensamiento psicológico. **Contrapontos**, Itajai, v. 1, n.2, p. 13-28, 2001. Disponível em: <https://periodicos.univali.br/index.php/rc/article/view/55>. Acesso em: 10 maio 2021.

GONZÁLEZ REY, Fernando. O emocional na constituição da subjetividade. *In*: LANE, Silvia; ARAUJO, Yara (orgs.). **Arqueologia das emoções**. Petrópolis: Vozes, 2000, v. 1, p. 35-56.

GONZÁLEZ REY, Fernando. **La Investigación cualitativa en psicología: rumbos y desafíos**. São Paulo: Educ.1999

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Epistemología Cualitativa y Subjetividad**. Interamerican Journal of Psychology, v. 32, p. 139-167, 1998.

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Epistemología cualitativa y subjetividad**. São Paulo: EDUC, 1997.

GONZÁLEZ REY, F. A Epistemologia Qualitativa vinte anos depois. In: MARTÍNEZ, A. M.; GONZÁLEZ REY, F.; PUENTES, R. V.(orgs.). **Epistemologia Qualitativa e Teoria da Subjetividade: discussões sobre educação e saúde**. 7. ed. Uberlândia: Edufu, 2019. p. 21-46. Disponível em: <http://www.edufu.ufu.br/catalogo/ebooks-gratuitos/epistemologia-qualitativa-e-teoria-da-subjetividade-discussoes-sobre>. Acesso em: 10 maio 2021.

GONZÁLEZ REY, Fernando; MARTÍNEZ, Albertina Mitjás. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método**. Campinas: Alínea, 2017.

GRABER, Evan G.. **Desenvolvimento do adolescente**. 2021. Disponível em: <https://www.msmanuals.com/pt-br/profissional/pediatria/crescimento-e-desenvolvimento/desenvolvimento-do-adolescente>. Acesso em: 04 ago. 2022.

GRIFFITHS, Mark D. O papel do contexto no excesso e vício em jogos online: algumas evidências de estudos de caso. **Revista Internacional de Saúde Mental e Dependência**, v. 8, n. 1, pág. 119-125, 2010. Disponível em: <https://www.yourbrainonporn.com/pt/relevant-research-and-articles-about-the-studies/internet-video-game-addiction/the-role-of-context-in-online-gaming-excess-and-addiction-some-case-study-evidence-2010/>. Acesso em: 10 maio 2021.

GRIFFITHS, Mark D. A ‘components’ model of addiction within a biopsychosocial framework. **Journal of Substance Use**, v. 10, n. 4, pág. 191-197, 2005. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14659890500114359>. Acesso em: 10 jan. 2021.

GRIFFITHS Mark D. Internet addiction: Fact or fiction? **The Psychologist: Bulletin of the British Psychological Society**, v.12, p. 246-250, 1999. Disponível em: <https://thepsychologist.bps.org.uk/volume-12/edition-5/internet-addiction-fact-or-fiction-0>. Acesso em: 10 jan. 2021.

GRINSPUN, Mírian Paura Sabrosa. **Supervisão e orientação educacional**. São Paulo: Cortez, 2003.

GUEDES, Eduardo. **Na perspectiva Funcional Tecnológica: redes sociais e aplicativos**. In: GONÇALVES, Lucio Lage; KING, Anna Lucia Spear; NARDI, Antonio Egidio (org.). **Novo Humanos 2030: como será a humanidade em 2030 convivendo com as tecnologias digitais?**. Rio de Janeiro: Barra Livros, 2019. Cap. 5, p. 128-138.

GUEDES, Eduardo; NARDI, Antonio Egidio; GUIMARÃES, Flávio Melo Campos Leite; MACHADO, Sergio; KING, Anna Lucia Spear. **Redes sociais, um novo vício online: uma**

revisão do Facebook e outros transtornos de dependência. **Medical Express**, v. 3, 2016. Disponível em : <https://www.scielo.br/j/medical/a/TWMmyCmQ5BbfPSPsVJJvcJr/?format=pdf&lang=en>. Acesso em: 03 set. 2022.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**. Síntese de Indicadores - 2015. Brasília, 2015. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2015/default_sintese.shtm. Acesso em: 10 maio 2021.

IFTO. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins. Edital nº 43, de 19 de julho de 2021. **Seleção de Projetos de Ensino no âmbito do Instituto Federal do Tocantins a serem contemplados com apoio financeiro institucional**. 43. ed. Palmas, TO, 19 jul. 2021. Seção 43, p. 1-13. Disponível em: <http://www.ifto.edu.br/iftoreitoria/pro-reitorias/proen/editais/selecao-de-projetos-de-ensino-no-ambito-do-ifto-a-serem-contemplados-com-apoio-financeiro-institucional/edital-de-abertura.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2021.

JENKINS, Henry; GREEN, Joshua; FORD, Sam. **Cultura da conexão** – criando valor e significado por meio da mídia propagável. Aleph: São Paulo, 2014.

KING, Anna Lucia Spear; VALENÇA, Alexandre Martins; NARDI, Antonio Egidio. Nomophobia: the mobile phone in panic disorder with agoraphobia. **Cognitive and Behavioral Neurology**, v. 23, n.1, p. 52-54, mar. 2010. Disponível em: https://journals.lww.com/cogbehavneurol/Abstract/2010/03000/Nomophobia__The_Mobile_Phone_in_Panic_Disorder.10.aspx. Acesso em: 10 out. 2021.

KING, Anna Lucia Spear; NARDI, Antonio Egidio; SILVA, Adriana Cardoso (orgs.). **Nomofobia**: dependência do computador e/ou internet? dependência do telefone celular? o impacto das novas tecnologias no cotidiano do indivíduo. São Paulo: Atheneu, 2014.

KLEIN, Amarolinda Iara da Costa Zanela; SCHLEMMER Eliane; BARBOSA Jorge Luis Victória. **M-learning e U-learning**: novas perspectivas da aprendizagem móvel e ubíqua. São Paulo: Pearson, 2010.

LORENZO, Eder Maia. **A utilização das redes sociais na educação**: importância, recursos, aplicabilidade, dificuldades. 3. ed. Rio de Janeiro: Clube de Autores, 2013.

MARQUES, Vasco. **Redes sociais 360**: como comunicar online. Coimbra: Actual Editora, 2016.

MARTÍNEZ, Albertina Mitjás. Um dos desafios da Epistemologia Qualitativa: a criatividade do pesquisador. In: MARTÍNEZ, Albertina Mitjás; NEUBERN, Maurício; MORI, Valéria Deusdará (orgs.). **Subjetividade Contemporânea**: discussões epistemológicas etodológicas. Campinas/SP: Alínea, 2014. p. 61-86.

MARTINHO, Luís Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais**: linguagem, ambientes e redes. Petrópolis: Vozes, 2014.

MASSENSINI, Rogério Luís. Inclusão digital: Sob a ótica da cidadania plena. **Data Grama Zero** – Revista de Ciência da Informação, v. 12 , n. 2, abr. 2011. Disponível em:

<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/7359>. Acesso em: 19 mar. 2021.

MERCKLÉ, Pierre (ed.). **La sociologie des réseaux sociaux**. Paris: La Découverte, 2011.

MONTEIRO, Ana Francisca Cunha; OSÓRIO, António José. Mediação no uso da internet por crianças e jovens: contornos do problema. *In*: CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA, 6., 2008. Lisboa. **Anais [...]**. Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2008. Disponível em: <http://www.fcsh.unl.pt/eukidsonline/docs/ComunicacaoAFM-AJO.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2020.

MORAES, Maria Candida Borges de. Conversando sobre ética, tecnologia e novas esperanças: é possível um futuro mais promissor para as novas gerações? *In*: SOUSA, C. A. M. (org.). **Juventudes e tecnologias sociabilidades e aprendizagens**. Brasília: Liber Livro, 2015a.

MORAES, Maria Candida Borges de. Da ontologia e epistemologia complexa à metodologia transdisciplinar. **Revista Terceiro Incluído**, v. 5, n. 1, p. 1-19, 2015b. Disponível em: <https://www.revistas.urticle/view/3fg.br/teri/a6344>. Acesso em: 19 mar. 2021.

MOREIRA, Benedito Dielcio. Os jovens e as tecnologias: entre a poética e o controle técnico. *In*: SOUSA, Carlos Ângelo de Meneses. (org.). **Juventudes e tecnologias sociabilidades e aprendizagens**. Brasília: Liber Livro, 2015. Disponível: https://socialeducation.files.wordpress.com/2016/03/juventudes-e-tecnologias-_site.pdf. Acesso em: 19 mar. 2021.

MORENO, Megan A. Social networking sites and adolescents. **Pediatric Annals**, v. 39, p. 565-568. set. 2010. Disponível em: <https://journals.healio.com/doi/abs/10.3928/00904481-20100825-07>. Acesso em: 08 jan. 2021.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Sintra: Publicações Europa-América, 1994.

NADKARNI, Ashwini; HOFMANN, Stefan G. Why do people use Facebook? **Personality And Individual Differences**, [S.L.], v. 52, n. 3, p. 243-249, fev. 2012. Elsevier BV. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3335399/>. Acesso em: 08 maio 2022

O'KEEFFE, Gwenn Schurgin; CLARKE-PEARSON, Kathleen Maria. The impact of social media on children, adolescents, and families. **Pediatrics**, v. 127, n. 4, p. 800-804, abr. 2011. Disponível em: <https://publications.aap.org/pediatrics/article/127/4/800/65133/The-Impact-of-Social-Media-on-Children-Adolescents>. Acesso em: 10 jan. 2021.

OLIVEIRA, Jaiane Araujo de; ALMEIDA, Rosemary de Oliveira. Juventude e novas tecnologias da informação e comunicação: tecendo redes de significados. **Rev. NUFEN**, Belém, v. 6, n. 2, p. 70-89, 2014. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912014000200006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 19 mar. 2021.

OLIVEIRA, Monique. **Vítimas da dependência digital**. 2016. Disponível em: https://istoe.com.br/326665_VITIMAS+DA+DEPENDENCIA+DIGITAL/. Acesso em: 08 maio 2021.

PALMER, Dayanna de Oliveira Quintanilha; CARDOSO, Renato Bergallo Bezerra. Manifestações Clínicas da Covid-19: o que sabemos até agora? *In: CORONAVÍRUS: Evidências disponíveis para abordagem em diferentes cenários*, Lagoa Barra, v. 2, n. 1, p. 6-10, 08 jul. 2020. Disponível em: https://img.pebmed.com.br/wp-content/uploads/2020/08/05184430/revista-pebmed_2020_coronavirus.pdf. Acesso em: 22 abr. 2022

PAPACHARISSI, Zizi. **Affective publics: sentiment, technology and politics**. New York: Oxford University Press, 2017.

PERINELLI NETO, Humberto (org.). **Ensino e Teoria: diálogos entre epistemologia e ontologia**. 3. ed. Porto Alegre: Editora Fi, 2018.

PRENSKY, Marc. **Digital Natives, Digital Immigrants. On the Horizon**, Bradford, MCB University Press, v. 9, n. 5, p. 2-6, out. 2001. Disponível em: <https://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>. Acesso: 22 abr. 2022.

PRENSKY, Marc. **Don't Bother me, Mom, I'm Learning!:** how computers and video games are preparing your kids for 21st century success and how you can help! St. Paul: Paragon House Publishers, 2006.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira (org.). **Interações em rede**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

PUURA, Kaija; ALMQVIST, Fredrik; TAMMINEN, Tuula; PIHA, Jorma; KUMPULAINEN, Kirsti; RÄSÄNEN, Eila; MOILANEN, Irma; KOIVISTO, Anna-Maija. Children with symptoms of depression -- what do the adults see? **Journal Child Psychol Psychiatry**, v. 39, n. 4, p. 577-585, maio 1998. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/9599785/>. Acesso em: 10 fev. 2021.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

REIS, Marcella; CUNHA, Lidiane; MARQUES, Adália; QUINTELAS, Raqueline Barbosa; BRITO, Jael da Costa; RODRIGUES, Liliana; COSTA, Mirley. O outro lado do Facebook. *In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORTE*, 11., 2012, Palmas/TO, **Anais [...]**. Palmas/TO: Universidade Federal do Tocantins, 2012, Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/norte2012/expocom/EX29-0031-1.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2020.

ROSADO, Luiz Alexandre da Silva; TOMÉ, Vitor Manuel Nabais. As redes sociais na internet e suas apropriações por jovens brasileiros e portugueses em idade escolar: analisando resultados de duas pesquisas convergentes. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, v. 96, n. 242, p. 11-25, jan./abr. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbeped/v96n242/2176-6681-rbeped-96-242-00011.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2020.

ROSSATO, Maristela. Contribuições da Epistemologia Qualitativa na mobilização de processos de desenvolvimento humano. *In: MARTÍNEZ, Albertina Mitjás; GONZÁLEZ REY, Fernando; PUENTES, Roberto Valdés. Epistemologia Qualitativa e Teoria da*

Subjetividade: discussões sobre educação e saúde. Uberlândia: Edufu, 2019. p. 70-91.

RÜDIGER, Francisco. **A escola de Frankfurt e a trajetória da crítica à indústria cultural.** Estudos de Sociologia, v. 3, n. 4, 1998.

SANTAELLA, Lucia. As linguagens como antídotos ao midiacentrismo. **Matrizes**, [S. l.], São Paulo, v. 1, p. 75-98, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38178>. Acesso em: 6 nov. 2021.

SANTOS, Tarcyanie Cajueiro. **A Sociedade do Consumo, Os Mediae A Comunicação nas Obras Iniciais de Jean Baudrillard.** Sorocaba, 2010.

SCHULTZ, Wolfram. Getting formal with dopamine and reward. **Neuron**, v. 36, n. 2, p. 241-263, out. 2002. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/12383780/>. Acesso em: 21 jan. 2021.

SIBILIA, Paula. **O show do eu:** a intimidade como espetáculo. 2. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

SIEGEL, Lee. **Being human in the age of the electronic mob.** Nova York: Random House, 2008.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da Sociologia:** indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SLONJE, Robert; SMITH, Peter K. **Cyberbullying:** Another main type of bullying? **Scandinavian Journal of Psychology**, v. 49, n. 2, p.147-154, 2008. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1467-9450.2007.00611.x>. Acessado em: 20 abr. 2022.

SOUZA, Lídia Ramos Aleixo de; SANTOS, Juçara Maria Montenegro Simonsen; FREITAS, Cesar Bento de. Reflexão sobre a dinâmica do “Mundo VUCA” e seu impacto na educação profissional a distância. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL ABED DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 24., 2018, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: ABED, jul. 2018, p. 1-10. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2018/anais/trabalhos/5036.pdf>. Acesso em: 14 out. 2021.

STRASBURGER, Victor C.; JORDAN, Amy B.; DONNERSTEIN, Ed. Health effects of media on children and adolescents. **Pediatrics**, v. 125, n.4, p. 756-767, 2010. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/20194281/>. Acesso em: 14 out. 2021.

SUMMERS, Amy. **Facebook Addiction Disorder?** Bradford - The 6 Symptoms of F.A.D.: Social Times .2011. Disponível em: adweek.com/performance-marketing/facebook-addiction-disorder-the-6-symptoms-of-f-a-d/. Acesso em: 20 abr. 2022.

TAMIR, Diana; MITCHELL, Jason P. Disclosing information about the self is intrinsically rewarding. **Psychological and Cognitive Sciences**, v. 109, n. 21, p. 8038-8043, maio 2012. Disponível em: <https://www.pnas.org/doi/full/10.1073/pnas.1202129109>. Acesso em: 08 fev. 2020.

TURKLE, Sherry. **En defensa de la conversacion:** el poder de la conversacion en la era

digital. Barcelona: Ático de Los Libros, 2020.

VIEIRA, Marlene Apolinário; ESTANISLAU, Gustavo Mechereffe; BRESSAN, Rodrigo Affonseca; BORDIN, Isabel Altenfelder Santos. Saúde mental na escola. *In*: ESTANISLAU, Gustavo Mechereffe; BRESSAN, Rodrigo Affonseca. **Saúde mental nas escolas**: o que os educadores devem saber. Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 13-25. Disponível em: https://statics-submarino.b2w.io/produtos/documentos/120258428/120258436_1.pdf. Acesso em: 08 fev. 2021.

VYGOTSKY, Lev. **Pensamento e Linguagem**. Tradução: Miguel Serras Pereira. Relógio D'Água Editores, Dezembro, 2007.

YOUNG, Kimberly S.; DE ABREU, Cristiano Nabuco. Dependência de internet: manual e guia de avaliação e tratamento. Artmed Editora, 2011.

KING, Anna Lucia Spear; GUEDES, Eduardo (org.). **DELETE: uso consciente de tecnologias**. Uso consciente de Tecnologias. 2014. Disponível em: <https://www.institutodelete.com/home>. Acesso em: 08 maio 2021.

ZENICOLA, Denise Mancebo. Corpo e Papel. *In*: REUNIÃO CIENTÍFICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS, 2., 2002, Rio de Janeiro. **Anais [...]**, Salvador: UFBA- PressColor, 2002. v. 1. p. 170-181.

APÊNDICE 1 – TCLE (Pais / Responsável Legal)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PALMAS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP-UFT

Av: NS 15 ALC NO 14 – Prédio do Almoarifado -|
77020-210 | Palmas/TO (63) 3232-8023 / 8021 |
cep_uft@uft.edu.br

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
CONFORME RESOLUÇÃO Nº466/2012 CNS/CONEP**

Prezado (a),

O(A) Senhor(a) está sendo convidado(a) a autorizar a participação do menor de idade, por quem é responsável legal, na pesquisa intitulada “Redes sociais e saúde mental: Um olhar para os alunos do Campus Avançado Lagoa da Confusão”, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade (PPGCom), da Universidade Federal do Tocantins - UFT (Campus Palmas), que será desenvolvida por Helan de Sousa, sob a orientação do professor Doutor José Fernando Patino Torres. Por gentileza, leia atentamente as informações e termos abaixo:

1 Objetivo Geral: Compreender que o uso orientado das redes sociais proporciona um bem estar físico, social e emocional desde o contexto familiar ao universo educacional.

2 Participação na pesquisa: Será agendado uma reunião online com todos os participantes da pesquisa, afim de que possa explicar o que é a pesquisa, para que serve e quais as finalidades preponderantes para o Campus. No momento da reunião será agendado em ordem cronológica o cronograma das entrevistas. O segundo momento será realizado uma entrevista online,(Google Meet) onde cada participante terá um link específico para cada entrevista no qual será previamente enviado para o e-mail do mesmo.

3 Direitos do participante: o(a) participante e seu responsável serão esclarecidos(as) sobre a pesquisa em quaisquer aspectos que desejar e têm liberdade para recusar-se a participar ou retirar seu consentimento em qualquer momento. A participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios. O pesquisador irá tratar a identidade do participante com padrões profissionais de sigilo. Além disso, é importante que o senhor(a) saiba que existe um órgão público, o Comitê de Ética, que protege e garante os direitos dos sujeitos de pesquisa.

4 Benefícios e riscos: a participação do discente, por quem o(a) senhor(a) é responsável, trará benefícios à comunidade escolar e à sociedade, uma vez que através dessa pesquisa espera-se contribuir com a compreensão e o devido encaminhamento de que as redes sociais atuam de forma colaborativa na vida dos sujeitos , de forma a influenciar positivamente o processo ensino-aprendizagem, tendo em vista a formação humana integral, assim também como

almeja-se que o resultado dessa pesquisa possa ser útil em outros contextos escolares, guardadas as devidas características destes.

5 Riscos: Os riscos que podem vir a ocorrer estão relacionados ao desconforto em responder alguma pergunta ou desinteresse ou aborrecimento após se defrontar com alguma pergunta da entrevista. Para isso fica assegurada a liberdade de escolha na participação e nas respostas e o sigilo das informações pessoais ou que possam culminar na identificação dos participantes da pesquisa, não tendo sua identidade exposta em nenhum momento, sendo as respostas usadas exclusivamente para essa pesquisa e de posse somente do pesquisador, garantindo assim a confiabilidade e a privacidade de suas informações.

6 Resultados da pesquisa: Serão publicados em revistas científicas e eventos acadêmicos, com total garantia de preservação da identidade dos pesquisados.

7 Dúvidas e esclarecimentos: Entrar em contato com o pesquisador através dos telefones: (63) 99252-6865 / e pelo e-mail: helan.sousa@mail.uft.edu.br; com o orientador, por meio do telefone (63) 9 9221-4000 e pelo e-mail: jfpatinotorres@gmail.com ou com o Comitê de Ética em Pesquisa Humanas, localizado na 109 Norte, Av. NS-15, ALCNO-14, Plano Diretor Norte, Campus Palmas, Prédio do Almojarifado, E-mail: cep_uft@uft.edu.br, através do telefone (63) 3229-4023.

8 Declaração do responsável pelo(a) participante: Declaro que fui informado(a), de maneira clara e detalhada, do objetivo da presente pesquisa, de como será a participação do discente por quem sou responsável, do sigilo dado ao nome deste, dos benefícios e riscos decorrentes deste trabalho, bem como da possibilidade do participante se retirar do mesmo em qualquer momento, sem prejuízo algum, e de buscar os esclarecimentos necessários à elucidação de dúvidas. Declaro, também, que autorizo a participação do discente por quem sou responsável, nessa pesquisa, e que concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (revistas científicas e eventos acadêmicos). Estou ciente de que receberei uma via desse documento.

Palmas, _____ de _____ de 2021

Responsável pelo participante

1ª Testemunha: _____

2ª Testemunha: _____

Helan de Sousa
Pesquisador

Prof. Doutor José Fernando Patino Torres
Orientador

APÊNDICE 2 – TALE (Discente- Menor de Idade)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PALMAS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP-UFT

Av: NS 15 ALC NO 14 – Prédio do Almoxarifado -|
77020-210 | Palmas/TO (63) 3232-8023 / 8021 |
cep_uft@uft.edu.br



TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
CONFORME RESOLUÇÃO Nº 466/2012 CNS/CONEP

Prezado (a),

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “Redes sociais e saúde mental: Um olhar para os alunos do Campus Avançado Lagoa da Confusão”, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade (PPGCom), da Universidade Federal do Tocantins - UFT (Campus Palmas), que está sendo desenvolvida por Helan de Sousa, sob a orientação do professor Doutor José Fernando Patino Torres. Por gentileza, leia atentamente as informações e termos abaixo:

1 Objetivo Geral: Compreender que o uso orientado das redes sociais proporciona um bem estar físico, social e emocional desde o contexto familiar ao universo educacional.

2 Sua participação na pesquisa: Será necessário que você se disponibilize a uma entrevista relacionado ao objetivo da pesquisa que será desenvolvido pelo pesquisador, cujos preenchimentos se efetivarão em um tempo médio de quarenta minutos. Haverá, ainda, a necessidade de participar de reunião com o pesquisador, a qual será previamente agendada, conforme sua conveniência. Sua participação somente ocorrerá com a autorização escrita do seu pai, mãe ou responsável legal, considerando sua condição de sujeito menor de idade.

3 Seus direitos como participante: Você será esclarecido sobre a pesquisa em quaisquer aspectos que desejar e tem liberdade para recusar-se a participar ou retirar seu consentimento em qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios. O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Além disso, é importante que você saiba que existe um órgão público, o Comitê de Ética, que protege e garante os direitos dos sujeitos de pesquisa.

4 Benefícios : Sua participação trará benefícios à comunidade escolar e à sociedade, uma vez que através dessa pesquisa espera-se contribuir com a compreensão e o devido encaminhamento de que as redes sociais atuam de forma colaborativa na vida dos sujeitos , de forma a influenciar positivamente o processo ensino-aprendizagem, tendo em vista a formação humana integral, assim também como almeja-se que o resultado dessa pesquisa possa ser útil em outros contextos escolares, guardadas as devidas características destes.

5 Riscos: Os riscos que podem vir a ocorrer estão relacionados ao desconforto em responder alguma pergunta ou desinteresse ou aborrecimento após se defrontar com alguma pergunta da entrevista. Para isso fica assegurada a liberdade de escolha na participação e nas respostas e o sigilo das informações pessoais ou que possam culminar na identificação dos participantes da pesquisa, não tendo sua identidade exposta em nenhum momento, sendo as respostas usadas exclusivamente para essa pesquisa e de posse somente do pesquisador, garantindo assim a confiabilidade e a privacidade de suas informações.

6 Resultados da pesquisa: Serão publicados em revistas científicas e eventos acadêmicos, com total garantia de preservação da identidade dos pesquisados.

7 Dúvidas e esclarecimentos: Entrar em contato com o pesquisador através dos telefones: (63) 99252-6865 / e pelo e-mail: helan.sousa@mail.uft.edu.br; com o orientador, por meio do telefone (63) 9 9221-4000 e pelo e-mail: jfpatinotorres@gmail.com ou com o Comitê de Ética em Pesquisa Humanas, localizado na 109 Norte, Av. NS-15, ALCNO-14, Plano Diretor Norte, Campus Palmas, Prédio do Almojarifado, E-mail: cep_uft@uft.edu.br, através do telefone (63) 3229-4023

8 Declaração do(a) participante: Declaro que fui informado(a), de maneira clara e detalhada, do objetivo da presente pesquisa, de como será minha participação, do sigilo dado ao meu nome, da necessidade de autorização escrita do meu responsável legal, dos benefícios e riscos decorrentes deste trabalho, bem como da possibilidade de me retirar do mesmo em qualquer momento, sem prejuízo algum, e de buscar os esclarecimentos necessários à elucidação de dúvidas. Declaro, também, o meu consentimento em participar da pesquisa e concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (revistas científicas e eventos acadêmicos). Estou ciente de que receberei uma via desse documento.

Palmas, _____ de _____ de 2021

Participante

Helan de Sousa
Torres
Pesquisador

Prof. Doutor José Fernando Patino
Orientador

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PALMAS
 COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP-UFT

Av: NS 15 ALC NO 14 – Prédio do Almoarifado -|
 77020-210 | Palmas/TO (63) 3232-8023 / 8021 |
 cep_uft@uft.edu.br



- . ENTREVISTA-SEMIESTRUTURADA
- A. FANZINE
- B. JORNAL FALADO
- C. JORNAL ESCRITO
- D. ENCADEAMENTO DE IDEIAS
- E. DINÂMICAS CONVERSACIONAIS
- F. COMPLEMENTO DE FRASES
- G. REDAÇÕES
- H. DINÂMICA
- I. DESENHOS

Prezado (a) participante,

Esta entrevista é parte fundamental da coleta de dados da pesquisa intitulada “Redes sociais e saúde mental: Um olhar para os alunos do Campus Avançado Lagoa da Confusão”, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade (PPGCom), da Universidade Federal do Tocantins - UFT (Campus Palmas), que está sendo desenvolvida por Helan de Sousa, sob a orientação do professor Doutor José Fernando Patino Torres, tendo como foco os alunos de turma de 2021/1.

O objetivo desse estudo é investigar como o uso das redes sociais é tratado no curso Técnico em Agricultura do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Tocantins, Campus Avançado Lagoa da Confusão, e qual sua relação com a formação humana para a promoção de saúde mental. Para isso, solicitamos sua colaboração no sentido de responder algumas questões semiestruturadas em forma de entrevista. Desde já, agradeço por sua valiosa contribuição.

Perfil dos participantes:

1. Qual sua idade?
2. Atualmente você mora com quantas pessoas?
3. Você mora na zona urbana / rural? Se você morar em outro lugar, especifique:
4. Seus pais (pai, mãe e ou responsável legal) tem que grau de instrução?
5. Você concluiu o ensino sua escolaridade em que instituição de ensino?
6. Você ficou reprovado (a) em alguma disciplina durante o período de curso?
7. O que te levou a fazer esse curso?
8. Quais são seus objetivos com o curso?
9. Como você vê o papel do Orientador educacional no Campus?
10. Como você gostaria que fosse as aulas?

Temática de pesquisa: A configuração subjetiva das redes sociais para a saúde mental

11. Sabendo que as redes sociais é um local onde as pessoas se comunicam diariamente e de forma instantânea em tempo real. Elas vão das mais diversas (WhatsApp, Instagram, Facebook dentre outras) . Desta para você o que representam as redes sociais em sua vida?
12. Que tipo de rede social você mais usa?
13. Você acredita que as redes sociais estão te ajudando ou atrapalhando sua vida?
14. Quanto tempo você fica online nas redes sociais?
15. Você vê as redes sociais como algo bom para sua vida e das pessoas que você convive?
16. Como você poderia avaliar o papel das redes sociais dentro do Campus, nas aulas?
17. Você acredita que poderia usar as redes sociais para o processo ensino aprendizagem?
18. Você já sofreu ou está sofrendo algum problema relacionado às redes sociais?
19. Você gostaria que o Campus investisse em aulas com metodologias que utilizariam as redes sociais?
20. Em algum momento da sua vida, você teve orientação para o uso das redes sociais por parte de (sua família e ou instituição escolar)?

Palmas, _____ de _____ de 2021

Helan de Sousa
Pesquisador

Prof. Doutor José Fernando Patino Torres
Orientador

APÊNDICE 4 – Pesquisa I

REALIZAÇÃO: 09/11/2021 a 17/12/2021
AMOSTRAGEM: 16 PARTICIPANTES

